

**UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA**

**Programa de Pós-Graduação em História**

**ANARQUISMO E FORMAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL  
(PCB)**

**Hamilton Moraes Theodoro dos Santos.**

**Niterói**

**2014**

Hamilton Moraes Theodoro dos Santos

**ANARQUISMO E FORMAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL  
(PCB)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Professora orientadora: Prof. Dra. Marly de Almeida Gomes Vianna.

Niterói

Dezembro de 2014

SANTOS, Hamilton Moraes Theodoro dos

Anarquismo e formação do Partido Comunista do Brasil (PCB). / SANTOS, Hamilton Moraes Theodoro dos. – Rio de Janeiro, 2014.

251 f.

Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira em História – UNIVERSO.

Orientação: Prof. Dra. Marly de Almeida Gomes Vianna.

1. História – Brasil. 2. Movimento Operário. 3. Anarquista. 4. Comunismo – Brasil – História. 5. Primeira República. I. Vianna, Marly Gomes. II. Título.

**ANARQUISMO E FORMAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL  
(PCB)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

HAMILTON MORAES THEODORO DOS SANTOS

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Marly de Almeida Gomes Vianna - UNIVERSO

---

Prof. Dr. Alexandre Ribeiro Samis – Colégio Pedro II

---

Prof. Dr. Daniel Aarão Reis Filho - UFF

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Universidade Salgado de Oliveira por proporcionar minha bolsa de estudos integral, sem a qual eu não conseguiria concluir o programa de pós graduação em História. Agradeço igualmente à Professora Marly de Almeida Gomes Vianna, minha orientadora, que se manteve paciente e compreensiva aos inúmeros obstáculos que surgiram durante esses dois anos em que escrevi essa dissertação. Agradeço infinitamente a confiança, os incentivos e as críticas fundamentais para o desenvolvimento e conclusão da dissertação.

Agradeço ao Professor Alexandre Ribeiro Samis, ao Professor Daniel Aarão Reis Filho por participarem da banca e a todos os professores do programa de pós - graduação em História da Universidade Salgado sem os quais jamais teria alcançado os objetivos finais.

Os últimos e principais agradecimentos vão para a minha família. Primeiramente gostaria de agradecer ao meu pai e historiador José Augusto dos Santos (in memoriam) e minha mãe Edna Moraes dos Santos pelo incentivo ao estudo desde meus primeiros anos, pela minha formação enquanto homem e cidadão. Agradeço a minha companheira Elisabete Gomes por todo apoio, estímulo e compreensão nos momentos de grandes dificuldades. Da mesma forma à Vitória Gomes da Costa eterna amiga de todas as horas. Agradeço também minha querida irmã Elba Sophia Theodoro dos Santos, minha amiga de infância e ao meu cunhado Rafael Melo de Oliveira, meu amigo que me incentivou a fazer o mestrado. Agradeço também ao pequenino José Augusto Theodoro Santos Melo que veio nos ensinar a beleza da vida nos gestos mais simples.

Nas sociedades civilizadas somos ricos. Como se explica então tanta miséria ao nosso redor? Para que este trabalho pesado que embrutece as massas? Por que a falta de segurança do dia de amanhã? Têm-no dito e repetido a cada momento os socialistas com argumentos colhidos em todas as ciências. Porque tudo o que é necessário à produção: a terra, as minas, as máquinas, as estradas, o alimento, o abrigo, a educação, a ciência foi açambarcado por alguns, durante a vasta história de pilhagem, de êxodos, de guerras, de ignorância e de opressão, que a humanidade viveu antes de aprender a dominar as forças da Natureza.

KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão.**

**RESUMO**

Através dessa dissertação propomos uma análise sobre o contexto sócio-político em que estão inseridas as ideias anarquistas no Brasil e a gênese do Partido Comunista do Brasil (PCB), compreender como o marxismo chegou em terras brasileiras, seu desenvolvimento inicial e a influência que os movimentos sociais brasileiros sofreram da revolução bolchevique na Rússia. O recorte temporal da pesquisa vai de 1889 até 1923. Em 1889 aconteceu a proclamação da República e com ela surgiu uma nova concepção de relacionamento entre o cidadão e o Estado brasileiro. Em 1917 aconteceu a Revolução Russa, fato que influenciou o movimento operário brasileiro, até então influenciado, principalmente pelo sindicalismo revolucionário de influência anarquista. Em 1923 Antonio Bernardo Canellas, um antigo militante anarquista, convertido ao marxismo, influenciado pela Revolução Russa, assim como inúmeros antigos militantes libertários, foi expulso dos quadros do PCB. Consideramos sua expulsão como um importante fato que representa o desenvolvimento e relacionamento das ideologias anarquista e marxista no Brasil. Sofreu essa severa punição devido à sua postura, como representante do incipiente Partido Comunista do Brasil no IV Congresso da Internacional Comunista (IC) em 1922 e pela consequente não aceitação do partido como membro efetivo da IC naquele ano. Dentro do referido contexto torna-se indispensável analisar a influência da Revolução Russa nos meios anarquistas brasileiros, pois o advento da revolução bolchevique alterou o desenvolvimento e trajetória das lutas sociais no Brasil.

Palavras-chave: Movimento operário, anarquismo, comunismo, Primeira República.

**ABSTRACT**

Through this thesis we propose a social-political context there is composed by anarchist ideas in Brazil and the genesis of the Communist Party of Brazil (PCB), to understand how Marxism arrived on Brazilian soil, its initial development and the influence that Brazilian social movements have experienced with the Bolshevik revolution in Russia. The time frame goes from 1889 until 1923. In 1889 the proclamation of the Republic happened and with it a new conception of relationship between Brazilian citizens and Brazilian State started. In 1917 the Russian Revolution came, a fact that influenced the Brazilian labor movement, mainly influenced by revolutionary syndicalism, an anarchist influence. In 1923 Antonio Bernardo Canellas, a former anarchist militant, converted himself to marxism, influenced by the Russian Revolution, just as numerous ancient libertarian militants, he was kicked out of the board from the PCB. Considering his expulsion an important fact is that the development and relationship of anarchist and Marxist ideologies in Brazil, suffered such a severe punishment due to his position as a representative of the fledgling Communist Party of Brazil at the Fourth Congress of the Communist International in 1922 and as a consequence the rejection of the party as member of the IC that year. Within that context it is important to analyze the influence of the Russian Revolution in Brazilian anarchist organizations since the advent of the Bolshevik Revolution affected the development and trajectory of social struggles in Brazil.

Keywords: Labor Movement, anarchists, communists, First Republic.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. O MOVIMENTO OPERÁRIO NA PRIMEIRA REPÚBLICA.....</b>	<b>16</b>
<b>2. ANARQUISMO E O MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO...53</b>	
<b>3. O MOVIMENTO OPERÁRIO E A REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE.....</b>	<b>116</b>
<b>4. ANARQUISMO E A CRIAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL .....</b>	<b>163</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>240</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>247</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo do presente estudo é analisar e interpretar o contexto sócio-político em que estão inseridas as ideias anarquistas no Brasil e a gênese do Partido Comunista do Brasil (P.C.B.). O recorte temporal da pesquisa vai de 1889 até 1923. Em 1889 aconteceu a proclamação da República e com ela surgiu uma nova concepção de relacionamento entre o cidadão e o Estado brasileiro. Em 1917 houve a Revolução Russa, fato que influenciou o movimento operário brasileiro, até então movido principalmente pelo sindicalismo revolucionário, de influência anarquista.

Em 1923 Antonio Bernardo Canellas, um antigo militante anarquista, convertido ao marxismo, influenciado pela Revolução Russa, assim como inúmeros antigos militantes libertários, foi expulso dos quadros do PCB. Consideramos sua expulsão como um importante fato que representa o desenvolvimento e relacionamento das ideologias anarquista e marxista no Brasil. Sofreu essa severa punição devido à sua postura, como representante do incipiente Partido Comunista do Brasil no IV Congresso da Internacional Comunista (IC) em 1922 e pela consequente não aceitação do partido como membro efetivo da IC naquele ano.

Dentro do referido contexto torna-se indispensável a análise sobre a influência da Revolução Russa nos meios anarquistas brasileiros, pois o advento da revolução bolchevique alterou o desenvolvimento e trajetória das lutas sociais no Brasil.

A Revolução Russa despertou euforia nos grupos libertários que militavam no movimento operário brasileiro. A criação do PCB tornou-se um processo singular, pois foi o primeiro partido comunista criado por anarquistas influenciados pela revolução bolchevique. Segundo Astrojildo Pereira (PEREIRA 2012), foram nove os fundadores do PCB, presentes no congresso de fundação do partido em 25 de março de 1922. Desse grupo, sete eram ex-militantes libertários.

Muitos historiadores brasileiros tem cometido o erro de considerar a trajetória política do PCB um mero reflexo das diretrizes políticas da IC e consequentemente de Moscou. Tais análises historiográficas cometem o erro, a meu ver, de não compreender o fecundo contexto social, político e cultural brasileiro no qual forças políticas e atores históricos atuaram com suas próprias motivações e desenvolveram ricas trajetórias na luta por seus objetivos políticos e sociais. A vida partidária, que sobreviveu à longa

clandestinidade e a períodos de forte repressão, não pode ser analisada como um simples reflexo das diretrizes moscovitas. O surgimento do PCB tornou-se um processo original, com características próprias. E em seus primeiros tempos de vida, tal fato tornou-se um obstáculo para a aceitação do partido pela IC.

A análise do relacionamento das ideias anarquistas e marxistas é importante para entendermos o referido processo de formação do partido comunista. É necessária a definição de alguns limites ideológicos entre anarquismo e marxismo. O anarquismo não seria uma espécie de antessala do marxismo, um prelúdio ideológico do marxismo. São ideologias diferentes, distintas, porém com os mesmos objetivos de libertar a classe operária da dominação burguesa e alcançar uma sociedade igualitária. Para alcançarmos o entendimento a respeito da diferença doutrinária entre essas duas ideologias revolucionárias é importante entendermos seus princípios ideológicos e estratégicos.

No contexto político europeu do século XIX tal embate aconteceu no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores, mas no Brasil o referido relacionamento terá características próprias e nem sempre de oposição política. Inicialmente a maioria dos anarquistas brasileiros viu com bons olhos o surgimento do primeiro governo dirigido pelo proletariado e saudou a revolução russa com entusiasmo, embora algumas lideranças anarquistas pedissem cautela para com o novo governo revolucionário russo.

No contexto político internacional, anarquistas e marxistas também desenvolveram um complexo relacionamento, ora de oposição política, ora de aproximação. Tal relação aconteceu dentro da própria Rússia Soviética, pois Lênin tentou atrair Kropotkin (1842-1921), famoso líder anarquista russo, para trabalhar com o novo governo revolucionário marxista. A primeira tradução internacional de *O Capital* foi para o idioma russo. O militante anarquista russo Bakunin, feroz opositor do marxismo na Associação Internacional dos Trabalhadores, considerou importante a obra marxista, uma eficaz interpretação crítica do capitalismo. Bakunin propôs-se a traduzi-la, mas não o fez, o que lhe rendeu inúmeras críticas, pois havia recebido o dinheiro para isso.

Outro importante fato, que demonstra a aproximação entre as duas ideologias proletárias, foi a participação da milícia anarquista, liderada pelo operário anarquista ucraniano Nestor Makhno (1888-1934) durante a guerra civil russa. A participação militar do exército de Makhno foi muito importante para a vitória do exército vermelho, liderado por Trotsky (1879-1940), sobre o exército branco contrarrevolucionário.

Na Rússia, o enterro de Kropotkin, em 1921, nos primeiros anos do governo bolchevique, foi a última vez que se viram bandeiras anarquistas no país comunista, pois nos anos seguintes ao fim da guerra civil russa, apesar de todo apoio dado pelos anarquistas ao governo revolucionário durante a devastadora guerra civil, a perseguição governamental aos militantes libertários foi intensa. Entender tal relacionamento ideológico é um de meus objetivos.

No Brasil, o embate entre anarquistas e ex-anarquistas, neófitos do marxismo, assumiu características próprias, pois o universo cultural brasileiro proporcionou características singulares para o referido relacionamento entre essas ideologias.

As ideias anarquistas não morreram no Brasil após a fundação do partido comunista. Organizações anarquistas ainda atuaram depois da fundação do PCB, com menor força que tinham no início do século, devido à intensa repressão governamental. Atualmente, nas primeiras décadas do século XXI, grupos anarquistas estão novamente ganhando força política em diversas partes do mundo<sup>1</sup>.

A expulsão de Canellas será analisada e problematizada como exemplo para que possamos entender as raízes anarquistas do PCB, embora fossem negadas pelos seus primeiros fundadores, representantes agora do marxismo no Brasil.

O estudo do anarquismo é bastante complexo quando se faz necessária a definição dos limites teóricos e doutrinários dessa ideologia política. Existem diversas correntes ideológicas dentro do anarquismo, como o mutualismo de Proudhon, o sindicalismo revolucionário de Enrico Malatesta, o coletivismo de Bakunin, o anarco-comunismo de Kropotkin. As posições de tais correntes serão analisadas para a plena compreensão da influência do anarquismo sobre o movimento operário brasileiro. Torna-se fundamental para a presente pesquisa analisar que corrente anarquista influenciou o proletariado brasileiro no início do século XX e os futuros fundadores do PCB. Qual o contexto ideológico em que viviam os referidos militantes anarquistas aqui no Brasil?

Da mesma forma, ganha grande significado no presente estudo, a importância que a Revolução Russa teve inicialmente para o proletariado mundial e brasileiro. Qual foi o

---

<sup>1</sup> REIS FILHO, Daniel Arão – Anarquismos, anarquistas. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 16.

choque ideológico que a revolução comunista na Rússia teve sobre os militantes anarquistas brasileiros? Tal fato mudou a História do mundo e principalmente do século XX. Como o proletariado brasileiro entendeu tal acontecimento? Como a imprensa libertária brasileira entendeu a revolução marxista russa? Como os líderes anarquistas brasileiros a interpretaram?

Analisaremos também as dificuldades encontradas inicialmente pelo PCB em ser reconhecido pela IC. Como, nesse momento, os líderes comunistas internacionais entenderam a formação do PCB e o "passado" anarquista de seus principais fundadores? Os líderes da Internacional Comunista se importavam com um partido comunista recém criado no Brasil? Por que representantes da IC, incluindo Gramsci, analisando a criação do partido e avaliando sua maturidade ideológica, não o aceitaram no IV Congresso da organização em 1922?

Para que seja alcançado o entendimento do complexo processo de aceitação do PCB na Internacional Comunista é importante a análise da postura do representante do partido, Antonio Bernardo Canellas, no referido Congresso.

Como o partido considerou a postura do delegado brasileiro no IV Congresso da IC? Tal julgamento, que culminou com um livreto chamado *O processo de um traidor* e com a expulsão de Canellas do partido que ajudara a criar, seria uma materialização do complexo relacionamento ideológico entre o anarquismo e o marxismo dentro do singular contexto político e social brasileiro.

A análise da formação e surgimento do PCB, dentro do contexto social e político das lutas operárias de 1889 até 1923, é importante dentro da História política e das lutas sociais brasileiras. Trata-se do primeiro partido político de âmbito nacional e em atividade nos dias atuais, com relevante participação na política brasileira do século passado.

Ao analisar o surgimento do Partido Comunista do Brasil e seu relacionamento com o anarquismo, quero entender a trajetória, o relacionamento e influência das ideologias anarquista e marxista no movimento operário brasileiro entre 1917 até 1923 e compreender como o marxismo chegou em terras brasileiras, seu desenvolvimento inicial e a influência que os movimentos sociais brasileiros sofreram da revolução bolchevique na Rússia.

Nessa pesquisa, parti da hipótese, de que inicialmente, a força e a influência da Revolução Russa no Brasil confundiram e fortaleceram as organizações anarquistas que atuavam no país. Também a formação de um efêmero partido comunista em 1919, impregnado da ideologia anarquista, representou a confusão ideológica de muitos militantes libertários que consideraram a possibilidade de conquista de poder pelo proletariado através do modelo revolucionário bolchevique.

Já o sindicalismo revolucionário no Brasil abriu a possibilidade para que muitos militantes anarquistas considerassem a formação de um organismo político organizado, representando os interesses do proletariado nacional, na luta contra o capitalismo. Tal possibilidade ganhou força com a vitória da revolução bolchevique na Rússia em 1917 e vai abrir o caminho para a formação do PCB em 1922. Considero ainda que o declínio do sindicalismo revolucionário no Brasil não se deu por causa da ascensão do marxismo e sim devido à intensa repressão governamental. Anarquistas criminalizados pela grande mídia eram presos, deportados e até mortos constantemente pela repressão governamental. Mais uma vez a militância de Antonio Bernardo Canellas representou a tentativa de militantes anarquistas brasileiros em adaptar o marxismo ao anarquismo.

Consideramos que o materialismo histórico foi importante para me fazer entender o Brasil do início do século XX, o conflito das classes sociais em um país em processo de industrialização recente, onde capitalismo emergente criou um contexto de intensa exploração do proletariado brasileiro.

Para responder às questões levantadas utilizei, além da bibliografia listada no final, fontes primárias importantes como o jornal “*A Plebe*”, a publicação de Astrojildo Pereira “*Crônica Subversiva*” e a revista “*Movimento Comunista*”, publicadas no referido período analisado. São fontes que informam a respeito das mobilizações do proletariado, o que pensavam os líderes anarquistas e os neófitos do marxismo, quais eram as correntes anarquistas que atingiam o proletariado brasileiro do contexto abordado. São duas publicações anarquistas (*A Plebe* e *Crônica Subversiva*) e outra marxista (*Movimento Comunista*) produzidas, em parte, pelos mesmos militantes.

A presente dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro trato do movimento operário na 1ª República. No segundo capítulo, falo da ideologia predominante no movimento operário brasileiro e no terceiro da influência da Revolução Russa no movimento operário e no último sobre a formação do PCB.

## **1. O MOVIMENTO OPERÁRIO NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

O presente capítulo tem por objetivo analisar o desenvolvimento do movimento operário brasileiro na Primeira República, particularmente no Rio de Janeiro, analisar as maneiras pelas quais os trabalhadores do

Distrito Federal se organizaram para reivindicar melhorias materiais e melhores condições de trabalho.

O grupo de indivíduos que fundou o partido político mais antigo em atividade nos dias atuais foi formado por militantes que em sua maioria eram oriundos do anarquismo, da tendência do sindicalismo revolucionário. O sindicalismo revolucionário foi umas das principais e a mais atuante vertente do anarquismo no Brasil e a principal força sindical de resistência ao capitalismo no Brasil. Também esboçarei uma análise da formação da classe operária brasileira, para que possamos perceber por que muitos trabalhadores apoiaram e militaram dentro da concepção do sindicalismo revolucionário. Para alcançar tal entendimento será preciso analisar o surgimento das primeiras atividades industriais no Rio de Janeiro, ainda no século XIX.

No Brasil, as primeiras indústrias surgiram nos anos finais do governo de D. Pedro II. Algumas incipientes fábricas surgiram no início do século XIX e tiveram curto tempo de vida e com elas surgiram também os primeiros operários. A formação do proletariado brasileiro diferiu do modelo clássico de formação de classe operária nas sociedades europeias, particularmente do proletariado inglês, analisado por Thompson em *A formação da classe operária inglesa*<sup>2</sup>.

Em meados do século XVIII, a Inglaterra foi o primeiro país a realizar sua Revolução Industrial, seguida da França que consolidou seu processo industrial no início do século XIX e depois a Alemanha, que iniciou sua industrialização meio século após os ingleses. Um mundo novo estava surgindo na Europa e os europeus se esforçaram para entendê-lo com os meios de análise que dispunham na época. Gradativamente foram sendo desenvolvidas as primeiras análises a respeito da sociedade capitalista e nelas era notória a diferenciação entre os proprietários dos meios de produção, os burgueses, e aqueles que dispunham unicamente da

---

<sup>2</sup> THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

sua própria força de trabalho para vendê-la e assim alcançar a sobrevivência, o proletariado.

Nos países que se industrializaram, foi notório o processo de enriquecimento da minoria que possuía os meios de produção em contraste com a grande massa de trabalhadores que vivia na miséria absoluta, intensamente explorados, obrigados a trabalhar 16 horas por dia em ambientes sem a mínima condição de higiene, escuros e insalubres, onde o risco à integridade física era uma constante. Dentro desse contexto de relação de produção, o único legislador do trabalho era o próprio patrão.

Diferentemente da industrialização europeia, o processo de industrialização no Brasil foi gerado nas entranhas de uma sociedade escravista. O capital adquirido pela venda do café para o mercado internacional, explorando a mão de obra escrava, gerou capital suficiente para que os cafeicultores estimulassem o desenvolvimento das primeiras indústrias, que vão surgir aqui mais de um século após a Revolução Industrial na Inglaterra.

A formação do proletariado brasileiro foi um processo singular, pois surgiu do desenvolvimento de um modelo econômico agrário que se arrastava há séculos dentro de uma estrutura econômica herdada pela colonização portuguesa. A acumulação de capital, gerado pela exportação do café, alcançada graças à intensa exploração da mão de obra escrava, gerou condições para que fossem financiadas as primeiras fábricas no Brasil. Este parágrafo e o de acima dizem a mesma coisa. Escolha um e apague o outro.

A existência das primeiras fábricas no século XIX representou um processo gradativo de transição econômica pela qual o país estava passando.

Os séculos de escravidão em nosso país influenciaram a formação e o comportamento dos trabalhadores brasileiros. Após do fim da escravidão, o comportamento do trabalhador continuou influenciado pelas relações geradas por ela. Exigir melhorias trabalhistas teria como consequência a possibilidade de ser violentamente punido pelos patrões.

Outra consequência da escravidão para o trabalhador assalariado brasileiro foi a marginalização do trabalho. O mercado de trabalho no Brasil se desenvolveu entendendo-se o trabalho como uma atividade negativa e penosa. Dentro dessa realidade, era difícil para o trabalhador desenvolver alguma forma de conhecimento. Filho de trabalhador não estudava, trabalhava. Aqueles que não aceitassem trabalhar sem qualquer tipo de regulação do trabalho, caíam na marginalidade. Eram as únicas alternativas: aceitar a opressão trabalhista do incipiente sistema capitalista no Brasil ou ficar à margem da sociedade. O trabalhador brasileiro entrou por isso em um processo de alienação, não desenvolvendo consciência de classe necessária para lutar por seus direitos.

O Brasil viveu o sistema econômico da escravidão durante quase três séculos, fato que alicerçou o crescimento de uma sociedade capitalista com graves desequilíbrios sociais e econômicos. Nosso país em meados do século XIX, ainda tinha sua produção baseada na exploração do trabalho escravo, do latifúndio de culturas agrícolas extensivas, com seus produtos destinados à exportação, sem centros urbanos desenvolvidos, nem população industrial ativa, com alto grau de adesão ao catolicismo e com altíssimo índice de analfabetismo da população brasileira. Dentro desse contexto é difícil imaginar como complexas ideias socialistas poderiam criar raízes e se desenvolver, como ideias revolucionárias - o anarquismo ou o marxismo, por exemplo - poderiam levar os trabalhadores brasileiros a se entender enquanto classe social explorada dentro de um sistema capitalista mundial.

Na segunda metade do século XIX, os países latino-americanos já haviam deixado de utilizar mão de obra escrava há dezena de anos. Com exceção de Cuba e Haiti, o trabalho escravo nunca foi a base da produção dos países de colonização espanhola e francesa. O Brasil manteve a escravidão enquanto pode, porém a abolição da escravidão era questão de tempo, estando o Brasil inserido em um mundo capitalista, que não abria mais espaço para a manutenção de relações de produção baseadas na escravidão. Antes da abolição, a intensidade da imigração de trabalhadores

européus que vieram trabalhar em nosso país foi pequena, bem menor do que o que o período após a proclamação da República.

O trabalhador brasileiro não desenvolveu inicialmente uma consciência de classe necessária para o surgimento de um movimento operário consistente e inicialmente não possuía meios para se desenvolver dessa forma. A ideologia católica era muito forte e não proporcionava um arcabouço teórico que pudesse mobilizar os trabalhadores enquanto classe. Em algumas regiões dos sertões do Brasil, trabalhadores camponeses desenvolveram uma espécie de catolicismo popular, que lhes permitiu interpretar o mundo, enfrentar o incipiente capitalismo e o governo republicano. Foram os episódios de Canudos na Bahia, as cidades santas do Contestado no Paraná e Santa Catarina, o Caldeirão no Ceará, entre outros. Porém, tais enfrentamentos contra o *status quo* foram focos isolados em regiões distantes dos grandes centros urbano brasileiros. Além do que, eles não criaram condições para o desenvolvimento de uma consciência de classe do trabalhador brasileiro, principalmente por envolver camponeses excluídos e marginalizados.

Dentro do gradativo processo de transição para uma sociedade capitalista, surgiram algumas poucas e efêmeras fábricas, baseadas em manufaturas, que não utilizavam trabalhadores assalariados, mas apenas trabalhadores escravos.<sup>3</sup> No Rio de Janeiro existiu uma fábrica de velas que até 1857 só utilizou escravos. Depois empregou alguns trabalhadores imigrantes que recebiam a mesma alimentação e alojamento destinados aos escravos.

Alguns escravos chegaram a desenvolver alguma especialização em seu ofício.<sup>4</sup> Tal fato representa justamente o processo gradativo de transição do modo de produção escravista para o capitalista.

Também no século XIX existiram algumas poucas fábricas onde trabalhadores assalariados e escravos trabalharam juntos. Essas fábricas utilizavam os operários livres apenas para tarefas que necessitavam de

---

<sup>3</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 90.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 90 e 91.

trabalhadores especializados. Assim, em algumas poucas fábricas que surgiram no referido período, o trabalho pesado ainda era feito por escravos. Tal prática era comum em fábricas pertencentes a grupos nacionais ou estrangeiros no século XIX. A fábrica St. John del Rey Mining Co., constituída com capitais ingleses em 1830, utilizava escravos para trabalhos de perfuração de galerias de propriedade da referida empresa. Na Fábrica São Miguel, em Minas Gerais, 150 escravos trabalhavam com fundição em fornos e forjas no ano de 1867.<sup>5</sup> A convivência de trabalhadores assalariados ao lado de escravos, que não recebiam salários por sua força de trabalho e nem sequer possuíam a liberdade perante a lei, impossibilitava qualquer luta operária por melhores condições de trabalho. Como alguns dos primeiros proletários brasileiros poderiam lutar por melhores condições de trabalho e salários convivendo com trabalhadores escravizados que sequer recebiam pagamento pela exploração de sua força de trabalho?

Algumas das primeiras associações operárias tiveram relevante participação na luta abolicionista, pois a manutenção da escravidão no Brasil era um obstáculo para o proletariado lutar por suas reivindicações. Em 1853 a Imperial Associação Tipográfica Fluminense<sup>6</sup> lutou pela libertação de um escravo tipógrafo do Rio de Janeiro.<sup>7</sup> Fatos como esse aconteceram em diversas regiões do Brasil.

A grande maioria das primeiras indústrias no Brasil utilizava apenas trabalhadores assalariados. A companhia construtora de estradas de rodagens, pertencente a Mariano Procópio não utilizava escravos. Os trabalhadores dessa empresa que estavam na construção da estrada União e Indústria, ligando Petrópolis a Juiz de Fora, entre 1856 e 1861, foram imigrantes portugueses e alemães. Os contratos de produção da estrada proibiam a utilização da mão de obra escrava.

---

<sup>5</sup> Ibid., p. 91.

<sup>6</sup> Em 25-12-1853 foi fundada a Imperial Associação Tipográfica Fluminense, a mais antiga organização profissional e um dos primeiros agrupamentos operários do Brasil.

<sup>7</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 94.

A construção de ferrovias ao longo do século XIX utilizou trabalhadores assalariados, pois em 1852 foi criada a lei que proibia a utilização de escravos na construção de ferrovias. Assim, os milhares de quilômetros de ferrovias, ligando diferentes regiões economicamente estratégicas, utilizaram o trabalho assalariado.

No Brasil, na segunda metade do século XIX, ainda durante a escravidão, a imigração estrangeira foi baixa, pois as denúncias que chegavam à Europa falavam das difíceis condições de trabalho e da escravidão que continuava existindo em nosso país. Preferiam reconstruir suas vidas em outros países latino-americanos e principalmente nos Estados Unidos da América.

A Inglaterra se esforçou para sufocar a escravidão no Brasil, através da imposição do fim do Tráfico Negreiro o que só se deu depois da Lei Eusébio de Queiróz em 1850. A Inglaterra pretendia conquistar novos mercados consumidores ao redor do mundo. Após a abolição da escravidão no Brasil em 1888, o número de trabalhadores imigrantes que vieram para o Brasil aumentou consideravelmente, pois havia necessidade de mão de obra. Houve também uma expressiva expansão urbana. Assim os imigrantes foram substituindo os antigos escravos nas diversas atividades econômicas, até mesmo nas mais árduas e os antigos cativos ficaram à margem da sociedade capitalista, pois careciam de especialização e conhecimento.

Vários dos contratos firmados na Europa para a vinda de trabalhadores imigrantes tinham entre outras cláusulas a indicação para trabalhar nas cidades, principalmente em obras públicas. Era preciso manter os escravos na lavoura, que passava por um período de escassez de capitais e de mão de obra, de acordo com o Congresso Agrícola de 1878.<sup>8</sup>

Inicialmente as elites brasileiras preferiram trazer trabalhadores imigrantes provenientes da Itália, Portugal e Espanha devido à facilidade de aclimação, facilidade com o idioma e religião católica em comum. Outro fator foi a necessidade, por parte das autoridades brasileiras, de

---

<sup>8</sup> CF. Congresso Agrícola. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1988, p. 240.

embranquecer a população, inspiradas nas teorias racistas da época. Em muitos países da América houve tentativas similares. No processo de imigração também vieram trabalhadores de outros países europeus, porém não tiveram tanta representatividade quanto italianos, portugueses e espanhóis.

Entre 1871 e 1920, por aqui chegaram 3.390.000 imigrantes. Desse grupo 1.373.000 eram italianos, 901 mil eram portugueses e 500 mil eram espanhóis.<sup>9</sup> De acordo com os dados fornecidos pelos censos realizados no Rio de Janeiro, de 1838 a 1920, a população de imigrantes estrangeiros cresceu consideravelmente capital da República. O número desses imigrantes, em 1838, foi de 9.530 em uma população de 137.078 pessoas, ou seja: apenas 6,9% da população carioca. Em 1872 eram 73.310 trabalhadores imigrantes, em uma população de 152.723 brasileiros livres na capital e 48.939 indivíduos escravizados. Os estrangeiros já eram quase a metade da população. Em 1890 o número de trabalhadores estrangeiros foi de 155.202 em uma população de 522.651. Esses dados demonstram que a população estrangeira no Rio de Janeiro havia duplicado. Em 1906 o número de imigrantes chegou a 210.515 indivíduos em uma população de 811.443 habitantes. De acordo com os dados fornecidos pelo censo de 1907, os imigrantes eram 25% da população do Rio de Janeiro. Um índice alto levando-se em conta as proibições de emigração para o país e a expulsão de estrangeiros indesejáveis. Em 1920 a população de estrangeiros na capital chegou a 239.129 pessoas em um total de 1.157.873 habitantes<sup>10</sup>.

Durante todo o período imperial, a capital consolidou-se como o centro da vida política do país. Nos primeiros anos da República, o Rio de Janeiro era a capital da República e referência para as demais cidades do país. Nela viviam 500 mil habitantes. Era a capital política, econômica e cultural do país. O Rio de Janeiro como capital da República conheceu um intenso fluxo de indivíduos oriundos de diversas regiões do país e do

---

<sup>9</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 30 e 31.

<sup>10</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade**. Rio de Janeiro: edUERJ, 1996, p. 62 e 63.

exterior Aumentou o número de habitantes e a composição étnica e cada vez chegavam mais trabalhadores imigrantes europeus à capital da República.<sup>11</sup> Com isso surgiu também uma massa de subempregados e desempregados, criando um exército industrial de reserva.<sup>12</sup>

Indivíduos sobreviviam de pequenos serviços, sem vínculos empregatícios permanentes. Em 1890, na capital, a quantidade de trabalhadores com ocupações mal definidas chegava a mais de 100 mil pessoas. Muitas delas viviam entre os mundos da legalidade e da ilegalidade. Em 1906 esse número chegou a mais de 200 mil. Eram desempregados, ladrões, ambulantes, prostitutas, jornaleiros, criados, serventes de repartições pública, desertores do Exército, da Marinha, de navios estrangeiros, engraxates, bicheiros, crianças de rua que já praticavam pequenos furtos, receptadores, capoeiristas etc.<sup>13</sup>

Essas pessoas viviam, atuavam e trabalhavam nas principais ruas do centro da capital. Eram constantemente incriminados nas estatísticas da época. Geralmente incriminados sob acusações de desordem, embriaguez, jogo e vadiagem. Essas acusações condenaram 60% dos detidos na Casa de Detenção em 1890.<sup>14</sup>

Acompanhando o desenvolvimento da classe operária surgiram as primeiras tentativas de organização. A luta dos trabalhadores fluminenses contra a intensa exploração econômica e consequente misérias que os afligiam ganhava visibilidade no restante do país, pois no Rio de Janeiro, o comportamento político da população terminava por refletir em todo país, sendo referência para diferentes regiões.<sup>15</sup>

---

<sup>11</sup> CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987, p. 16.

<sup>12</sup> Conceito desenvolvido por Karl Marx na **Crítica da Economia Política**, analisando o desemprego estrutural na economia capitalista. O exército industrial de reserva corresponde à força de trabalho que excede as necessidades de produção. Para o bom funcionamento do modo de produção capitalista e garantir o processo de acumulação, é necessário que parte da população ativa esteja permanentemente desempregada. Esse contingente de desempregados atua como um inibidor das reivindicações dos trabalhadores e contribui para o rebaixamento dos salários.

<sup>13</sup> CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987, p. 16.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 13.

A grande maioria dos trabalhadores pobres, estrangeiros ou não, carregava consigo o sonho de uma vida melhor, a possibilidade de fugir da pobreza. Os progressos realizados no Rio de Janeiro, em processo de industrialização, no final do século XIX, transformou a capital da República em um possível alvo de imigrantes que tentavam melhorar de vida, mesmo que tivessem de deixar sua terra natal e a família para trás. O desenvolvimento na área de transportes, principalmente com a navegação a vapor e o transporte ferroviário se deu anteriormente pela necessidade de suprir e distribuir a produção. Assim foram diminuídas as distâncias, facilitando o acesso para o Distrito Federal e o local se tornou uma opção para os trabalhadores imigrantes.

O governo brasileiro se empenhava em criar uma falsa visão romântica de que o Brasil era um paraíso a ser explorado por trabalhadores estrangeiros. Entre 1884 e 1903, chegaram ao Brasil mais de um milhão de imigrantes italianos. Esse número é superior à soma dos demais trabalhadores imigrantes do período que vieram trabalhar no Brasil na mesma época.<sup>16</sup> Partiram da Itália fugindo de inóspitas condições de vida, principalmente da região sul daquele país, que era agrária e empobrecida. No Distrito Federal, o grupo de trabalhadores estrangeiros majoritário era de portugueses.

Alguns imigrantes vieram diretamente de seus países de origem, para trabalhar nas primeiras indústrias<sup>17</sup> brasileiras, outros já viviam no Brasil, desiludidos com as péssimas condições de vida e de trabalho nas fazendas de café. Embora inicialmente a imigração europeia tivesse o objetivo de substituição gradativa da mão de obra escrava, principalmente nas fazendas de café, a imigração urbana também aconteceu nesses primeiros anos. No Rio de Janeiro, capital da República, o mercado livre de trabalho aumentou desde a implementação da Lei Eusébio de Queiróz.

18

---

<sup>16</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 17.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>18</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade**. Rio de Janeiro: edUERJ, 1996, p. 64.

Para entendermos a importância do trabalhador imigrante europeu na economia nacional do referido período, no ano de 1900, em São Paulo, 90 por cento do proletariado local era composto de trabalhadores estrangeiros.<sup>19</sup> No Rio de Janeiro, capital da República os portugueses eram 72% dos imigrantes. Os italianos eram 9% e os espanhóis 8%. Muitos deles trouxeram seus sonhos de uma vida melhor e também as ideias anarquistas propagadas principalmente por Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), Mikhail Bakunin (1814-1876), Piotr Kropotkin (1842-1921) e Errico Malatesta (1853-1932).

Vários fatores impulsionaram portugueses a saírem de Portugal para tentar uma nova vida, entre eles: mudanças no tradicional modo de vida de famílias rurais portuguesas, alterações em preços de mercadorias, aumento dos tributos, assim como a decrepitude da indústria artesanal. Outro importante fator que impulsionou o processo migratório português para o Brasil foi a destruição da indústria vinícola do norte de Portugal, principalmente da província do Douro. A imigração para o Brasil acabou se tornando uma possibilidade de sair da miséria em que muitos portugueses se encontravam. Muitos portugueses ouviam falar da melhoria de vida que conterrâneos alcançaram trabalhando no Brasil. Mesmo as notícias das dificuldades que portugueses passavam no Brasil, não diminuíram a esperança de melhorar de vida trabalhando aqui.<sup>20</sup>

O Rio de Janeiro recebeu imigrantes portugueses naturais principalmente das províncias do norte, especificamente de Minho, Douro, Tras-os-Montes. Também chegaram à capital, imigrantes das cidades de Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Vila Real, ou então camponeses pobres de Vila Nova de Foz Coa e Moimenta da Beira. Os portugueses trabalharam em diversas áreas, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento da capital da República. Pouco mais de três séculos fizeram com que eles deixassem de ser encarados como colonizadores e

---

<sup>19</sup> BANDEIRA JÚNIOR, Antonio Francisco. **A indústria no estado de São Paulo em 1901**. São Paulo: Editora Typ. do Diário Oficial, 1901, p. 8.

<sup>20</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade**. Rio de Janeiro: edUERJ, 1996, p. 70.

passassem a ser vistos como um estrangeiro trabalhador em busca de uma vida melhor.<sup>21</sup>

No final do século XIX, os italianos tinham plena liberdade para imigrar. A maioria dos imigrantes italianos eram oriundos de áreas rurais do sul da Itália, principalmente das regiões de Cosenza, Potenza e Salerno. De 1872 a 1890, o número de imigrantes italianos no Rio de Janeiro cresceu de 1.738 indivíduos para 17.789. Chegaram a 20.000 imigrantes italianos no início do século XX. Muitos deles trabalharam como vendedores ambulantes e vendiam de tudo, legumes, peixes, verduras, aves, vassouras, jornais, frutas etc. Representaram a substituição do escravo de ganho que desempenhava justamente esse ofício nos centros urbanos brasileiros. Italianos também desempenharam outras atividades profissionais humildes e além do comércio ambulante, trabalharam de engraxates, jornaleiros, amoladores, sapateiros, varredores de ruas, pedreiros, alfaiates, barbeiros etc. Dedicavam-se a profissões humildes e a subempregos com a esperança de alcançar uma vida melhor. Alguns se dedicavam à atividades marginais. Os italianos provenientes do sul da Itália eram vítimas do preconceito ao imigrante italiano dessa região, pois alguns eram considerados membros da máfia. A máfia italiana surgira justamente no sul da Itália e alguns imigrantes de lá saíram para cruzar o atlântico e desenvolver atividades mafiosas principalmente nos Estados Unidos da América..<sup>22</sup>

Entre os imigrantes espanhóis, os grupos de maior expressão eram oriundos de regiões da Galícia, da qual fazem parte as cidades de La Coruña, Orense e Corrinha. Em 1890 eram 10.750 imigrantes. Em 1906, os espanhóis duplicaram seu contingente, chegando a 20.699 indivíduos. Trabalharam principalmente no comércio, armazéns, restaurantes realizando o ofício de copeiros e garçons. Também trabalharam na exploração de pedreiras, construção civil, marcenaria, alfaiataria, fabricação de sapatos etc. Os galegos, espanhóis naturais da Galícia,

---

<sup>21</sup> Ibid., p. 72 e 73.

<sup>22</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade**. Rio de Janeiro: edUERJ, 1996, p. 77 e 78.

trabalharam em muitos armazéns na capital da República. Imigrantes portugueses e espanhóis sofreram no Rio de Janeiro, os mesmos preconceitos e discriminações de que eram vítimas do outro lado do Atlântico. Os galegos eram discriminados pelos portugueses que residiam na capital do Brasil, assim como em Portugal. Apesar de se referir ao espanhol da Galícia, no Brasil o termo “galego” ganhou uma conotação pejorativa, significando indivíduo rude, sem cultura, ignorante que aceitava as atividades profissionais mais degradantes, laboriosas, aceitando qualquer tipo de remuneração. Esse rótulo terminou por atingir trabalhadores imigrantes que aqui tentavam ganhar a vida, inclusive os portugueses, pois os brasileiros não diferenciavam galegos de portugueses, devido a semelhança da língua, física, cultural, proximidade geográfica.<sup>23</sup>

Entre 1870 a 1920 imigrantes de outras nacionalidades também passaram a viver na capital da República. Ingleses e alemães aqui viviam desde as últimas décadas do Império. Já nos primeiros anos da República, vieram para à capital imigrantes russos, argentinos, uruguaios e turcos<sup>24</sup>. Entre 1850 a 1890, os franceses era o segundo grupo de imigrantes na capital. A imigração francesa na capital estava relacionada aos setores ligados à moda e a empreendimentos ligados ao lazer. Muitos franceses abriram suas lojas na Rua do Ouvidor, ligadas á indústria da moda e também voltaram-se para o comércio ligado à vida noturna do Rio de Janeiro. Algumas francesas trabalharam como prostitutas na boemia carioca e ficaram conhecidas como “especialistas na arte do amor”. Chegaram ao topo da hierarquia da prostituição carioca do período, na qual as mulheres polacas eram a base. A imigração francesa teve relevante participação no desenvolvimento da capital republicana, porém estava restrita a espaços específicos distantes de setores ligados ao incipiente proletariado carioca. Os franceses jamais perderam o domínio nos espaços de luxo e sofisticação da capital, que tradicionalmente eram relacionados à cultura francesa. Como os principais espaços ocupados pela imigração

---

<sup>23</sup> Ibid., p. 78.

<sup>24</sup> Ibid., p. 78.

francesa eram tipicamente femininos, entende-se o número superior de mulheres entre os imigrantes franceses na capital. Esse fato distinguiu a imigração francesa dos demais grupos de imigrantes europeus do período, formado em sua maioria por homens, que viviam sozinhos. Na passagem do século XIX para XX, a imigração francesa caiu para o quarto lugar. Entre 1906 até 1920 tornaram-se o quinto grupo de imigrantes no Rio de Janeiro. No Censo de 1920, viviam 3.538 franceses no Rio de Janeiro. Desse grupo, as mulheres eram a maioria, representando 64,7%.<sup>25</sup>

Porém esses grupos imigrantes não fazem parte do nosso objeto de pesquisa, pois não tiveram uma relevante participação no processo de formação e luta da classe operária no Rio de Janeiro.

A imigração europeia, particularmente de portugueses, italianos e espanhóis é que foi de grande importância na formação e desenvolvimento da classe operária no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro. A incipiente classe operária brasileira, organizou-se também através do sindicalismo revolucionário de inspiração anarquista, para defender os interesses proletários, protagonizando o setor mais combativo do sindicalismo do referido período.

A referência do Centro Galego para os trabalhadores brasileiros representou a relevância e influência dos trabalhadores imigrantes na formação da classe operária. Foi o local do I Congresso Operário Brasileiro (1906), na Rua da Constituição nº 30 e 32, no Centro do Rio. Muitos imigrantes estrangeiros que vieram trabalhar no Brasil trouxeram uma consciência de classe desenvolvida em seus países de origem. Outros imigrantes desenvolveram-na aqui. Nem todos eram anarquistas, embora muitos fossem. Ao chegar no Brasil, nas décadas finais do século XIX, muitos anarquistas tentaram se organizar para combater a exploração capitalista, participando das organizações sindicais que já existiam e criando outras organizações operárias. Partindo do princípio da necessidade de organização da classe operária brasileira para lutar contra as inóspitas relações de produção, grupos anarquistas ligados à vertente

---

<sup>25</sup> Ibid., p. 75 e 76.

do sindicalismo revolucionário, desenvolveram uma importante e frutífera relação com o já referido Centro Galego do Rio de Janeiro. O espaço era cedido para diversas programações sindicais e sociais organizados pelos anarquistas.

Muitos trabalhadores estrangeiros tentavam reconstruir suas vidas em países do Novo Mundo. Se alguns queriam escapar das miseráveis condições de vida que levavam em seus países de origem, outros tinham alguma condição financeira, mas vislumbravam a possibilidade de prosperar em melhores condições do que as que estavam submetidos em seus países. Alguns poucos imigrantes conseguiram se tornar empresários bem sucedidos.

Trabalhadores nacionais conviviam com trabalhadores estrangeiros dentro das mesmas indústrias. Com a chegada dos imigrantes europeus novas maneiras de interpretar o mundo por aqui chegaram, ideologias utilizadas na Europa para lutar contra a opressão do sistema capitalista que se espalhava por todo o mundo.

No final do século XIX cresceu muito o número de trabalhadores urbanos livres no Rio de Janeiro. A cidade tinha o porto mais importante do país, que exportava principalmente café; era a sede da Monarquia e reunia muitos bancos e negociantes estrangeiros. Assim, na capital do Brasil foram criadas condições para o surgimento e desenvolvimento das primeiras fábricas, embora tenham surgido fábricas em diferentes regiões do território nacional. O Rio de Janeiro concentrava capitais provenientes da cafeicultura e do comércio exterior. Muitos latifundiários que enriqueceram com o comércio internacional do café e passaram a investir parte do capital acumulado na instalação de pequenas indústrias na capital e nas principais cidades do Brasil. Empresas estrangeiras também instalaram pequenas fábricas em território nacional. As novas possibilidades de lucro através da industrialização transformou a economia nacional.

Em 1826, no Rio de Janeiro, surgiu no Andaraí Pequeno, atual bairro da Tijuca, uma estamperia que desapareceu em 1848<sup>26</sup>. Em 1841 surgiu uma fábrica de tecidos, também no bairro do Andaraí Pequeno, cujo dono era Frederico Guilherme. Essa fábrica empregou 22 operários assalariados, possuía maquinário movido a energia hidráulica e desapareceu em 1865. Seu maquinário foi utilizado na instalação da Fábrica de Santa Tereza, localizada na cidade de Parati. Essa fábrica empregou 47 operários, entre eles 30 crianças. Produzia 500.000 metros de tecidos anualmente.<sup>27</sup>

Em Petrópolis surgiu a Fábrica São Pedro de Alcântara, de propriedade de Joaquim Diogo Hartley. Essa fábrica utilizava energia a vapor em 1852. Na mesma cidade surgiu também uma fábrica de meias em 1851 de propriedade de Alfredo Solier Gand. A partir de 1850 o número de fábricas no território nacional passou a crescer. Na referida data existiam apenas cinquenta fábricas no país e em 1866 haviam nove fábricas de tecidos em todo o Brasil. Nesse mesmo período, nos Estados Unidos da América existiam 1000 fábricas de tecidos. Em 1882 surgiram 36 novas fábricas de tecidos no Brasil e onze delas estavam instaladas no Rio de Janeiro, capital imperial.<sup>28</sup>

Na mesma época as indústrias metalúrgicas eram pequenas empresas. A primeira fundição do Rio de Janeiro pertenceu a Theodoro de Macedo Freire em 1815. Oficinas do governo também atuavam no ramo da metalurgia, como foi o caso do Arsenal da Marinha e a Estrada de Ferro Pedro II, ambas no Rio de Janeiro.<sup>29</sup>

No ramo de calçados a maior fábrica no capital do Império empregava cem trabalhadores. Pertencia ao Sr. Moriame e tinha a produção de aproximadamente de 50.000 pares de sapatos por ano.<sup>30</sup> Nesse ramo a

---

<sup>26</sup> Relatório apresentado ao Ministério da Fazenda pela Comissão de Inquérito Industrial. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1882, vol. 1, p. 10.

<sup>27</sup> Ibid., p. 21.

<sup>28</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 33.

<sup>29</sup> Ibid., p. 36.

<sup>30</sup> Relatório da Comissão de Inquérito Industrial, 1882, op. cit., p. 120.

produção se dava através da utilização de máquinas e do trabalho artesanal tradicional do ramo no período.<sup>31</sup>

A partir de 1870, o número de fábricas aumentou ainda mais em todo território nacional e a produção passou a alcançar maior importância na economia. Com a abolição da escravidão em 1888, a relevância e crescimento das fábricas brasileiras aumentou ainda mais e alguns historiadores chamaram esse decênio de “primeiro surto industrial brasileiro”.<sup>32</sup>

A proclamação da República não incluiu a participação do cidadão na atividade política. Deveria ter como pré-requisito a consideração legal de que todos os indivíduos seriam cidadãos e estariam incluídos de quaisquer benefícios do regime político. O Império era uma máquina estatal decrépita, enferrujada, que não atendia mais as necessidades governamentais brasileiras nesse período de transição da escravidão para o modo de produção capitalista.

O governo brasileiro gastou grandes quantias financeiras para remodelar seus principais centros urbanos, adaptar as estruturas econômicas do país para ajustá-las às demandas internacionais. A República foi proclamada um ano após indivíduos terem sido libertos dos grilhões do modo de produção escravista. A capital da incipiente República foi idealizada e transformada para materializar esse projeto republicano. Escravos eram mercadorias no ano anterior e não se tornaram cidadãos apenas por que o governo brasileiro colocou uma pá de cal no sistema escravagista. Os antigos escravos eram desprezados até mesmo como mão de obra. Já os imigrantes deveriam ocupar o espaço aberto pela ausência de mão de obra e também não eram considerados cidadãos, dentro do conceito de cidadania inerente a uma República.

Criou-se um contexto político, social e econômico extremamente fértil para o surgimento de ideologias que defendessem os interesses de pessoas exploradas economicamente e excluídas de uma cidadania plena.

---

<sup>31</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: dos origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 36.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 21.

Dentro desse contexto, não é surpresa nenhuma o florescimento e desenvolvimento de ideologias que defendessem uma sociedade igualitária, onde todos seriam iguais, com participação política na organização social, sem miséria e com a inexistência de um estado opressor que atende unicamente aos interesses econômicos e políticos da classe dominante.

O Brasil em fins do século XIX e início do século XX estava em um lento e gradual processo de industrialização e conseqüentemente urbanização. Os operários brasileiros, desprotegidos e sem ter a quem recorrer, reagiram violentamente contra seus supervisores, contramestres e patrões. Gradativamente foram deixando essas reações isoladas e passaram a pensar coletivamente. Sentiam a necessidade de se organizar enquanto classe, para lutar por direitos básicos.

...Cada fábrica tinha um aspecto fosco e hostil de presídio, com seus guardas de portão fardados e armados, operários e operárias submetidos a vexatórias revistas e humilhantes observações, quando não recebiam ameaças de toda a sorte.<sup>33</sup>

Nesse período, a organização dos trabalhadores como classe social estava apenas começando. A consciência de classe do proletariado nacional ainda era incipiente. Alguns fatos demonstram o gradativo processo do desenvolvimento da organização dos trabalhadores e conseqüentemente de sua consciência de classe. Além do que, precisamos entender as especificidades do movimento operário do período analisado. Não podemos analisar a organização de trabalhadores em meados do século XIX, tentando encaixá-los dentro dos padrões sindicais e trabalhistas do século XX e XXI.

É importante, para o entendimento da atuação do movimento operário em nosso país, saber como o socialismo utópico, o anarquismo e o marxismo chegaram ao Brasil. De que forma as referidas ideologias

---

<sup>33</sup> DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Edaglit, 1962, p. 212.

alcançaram e foram incorporadas pelos trabalhadores. O relacionamento entre essas ideologias, que se propunham a defender os interesses do proletariado mundial, influenciou diretamente a organização e desenvolvimento do movimento operário.

No movimento operário internacional o socialismo utópico também se constituiu como a ideologia que influenciou a ação dos primeiros trabalhadores organizados para lutar por melhores condições de vida. Entre os imigrantes italianos que aportaram ao Brasil, também existiam militantes socialistas. Muitos se destacaram na luta contra a implantação de um regime monárquico na Itália, chegando a ser presos ao lado de agitadores anarquistas nos cárceres italianos. Ao lado de intelectuais brasileiros que admiravam o socialismo, socialistas estrangeiros participaram de inúmeras tentativas de organização de um partido para os trabalhadores no Brasil. O número reduzido de proletariado urbano frustrou tais tentativas, assim como a condenação por parte de militantes anarquistas que não acreditavam que um partido político poderia construir uma sociedade justa e igualitária.

O socialismo utópico demorou décadas para alcançar as organizações operárias dos trabalhadores europeus e no Brasil não foi diferente. O *Manifesto Comunista* de 1848 faz claras referências a respeito da importância do legado de várias correntes do socialismo utópico, pois as diferentes vertentes contribuíram para a formação do pensamento político dos teóricos do proletariado após a Revolução de 1848 na Europa. O estudo da presença de socialistas no Brasil, em meados do século XIX, e de suas respectivas atuações, é importante para a formação do proletariado brasileiro em seus anos incipientes.

Em 1835 apareceu no Rio de Janeiro o jornal *o Anarquista Fluminense* com curta duração. Em 1848 foi publicado o jornal *O Grito Anarquial* no Rio de Janeiro. Essas efêmeras publicações foram o prelúdio do que estava por vir. Na capital do Império, foram publicações de pouca

duração que ecoavam ideias socialistas utópicas do período, a influência das ideias socialistas francesas era notória nessas pequenas publicações.<sup>34</sup>

Em Santa Catarina, no ano de 1841, um grupo de intelectuais franceses colocou em prática as ideias de Charles Fourier, criando os falanstérios do Saí e do Palmital. Essas colônias entraram em colapso seis anos após suas fundações. Participaram dela cerca de 250 pessoas. As ideias de Fourier foram propagadas também em Recife, nesse mesmo período, através do trabalho panfletário do engenheiro francês Louis Vauthier, que distribuía em Pernambuco o periódico *Socialista* do Rio de Janeiro e algumas revistas fourieristas francesas. O legado de Fourier não chegou a criar raízes no meio do proletariado brasileiro, embora o socialismo utópico não tenha passado totalmente despercebido por aqui.

As ideias socialistas foram propagadas por intelectuais que tinham a preocupação em transformar e melhorar a sociedade. O jornal chamado *O Socialista da Província do Rio de Janeiro* começou a circular em 1845, propagando as ideias de Fourier. Em seu primeiro número, o editorialista afirmou que o jornal abordaria diversos temas em seus artigos, principalmente o socialismo cujo objetivo a “ensinar os homens a se amarem uns aos outros”<sup>35</sup>. Esse periódico chegava até mesmo publicar constantemente anúncios de escravos fugidos. O Rio de Janeiro e o Recife foram as duas cidades onde o socialismo utópico defendido por Fourier se desenvolveu com alguma relevância, graças aos trabalhos de dois intelectuais franceses, Michel Derrion, além do já citado Luis Vauthier.

Um importante divulgador das ideias socialistas no Brasil foi Antônio Pedro de Figueiredo, também conhecido como Cousin Fusco. Ele era um pregador das ideias socialistas francesas anteriores a 1848 e se esforçou para analisar importantes fatos da sociedade brasileira, afirmando a necessidade de mudança, de transformação da mesma. Denunciava as injustiças sociais do período e a necessidade de consertar a sociedade. Suas ideias eram imbuídas de valores cristãos, como não poderia deixar de acontecer com um homem de meados do século XIX. Ele

---

<sup>34</sup> ROFRIGUES, Edgar. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 57.

<sup>35</sup> O Socialista da Província do Rio de Janeiro (01/08/1845).

não seguia e não criou uma doutrina específica. Utilizava de diversos ensinamentos de filósofos socialistas franceses, dos primeiros santos da Igreja e também dos evangelhos.<sup>36</sup>

Publicou uma revista chamada *O Progresso. Revista Social, Literária e Científica*, que circulou de julho de 1846 até setembro de 1848. Nela aparecem importantes pensadores de diferentes épocas e ideias, surgem os nomes de São Clemente, Fourier, São Gregório, Leroux, Saint-Simon, Santo Ambrósio, Lucas, Lamartine, Lacordaire, Pecquer, Lamennais, Chateaubriand entre outros. Quando eclodem as revoluções de 1848, Figueiredo as saúda como “a luta entre o capital e o trabalho”.

Afirmou que “o mundo não será para sempre o patrimônio de alguns privilegiados; ao passo que a imensa maioria se estorce sob as angústias da miséria...” As ideias sociais de Antônio Pedro de Figueiredo tiveram grande importância no desenvolvimento do pensamento socialista no Brasil do século XIX.

José Inácio de Abreu e Lima (1794-1869), filho do padre Roma, um dos líderes da Revolução Pernambucana de 1817, algumas décadas depois, vivendo em Recife, publicou o livro, *o Socialismo*, em 1855, no qual abordou o tema do título de forma crítica, demonstrando sua aversão ao comunismo de Babeuf, às ideias socialistas de Owen, Saint-Simon, Fourier e sua simpatia pela Monarquia.

O socialismo não é uma ciência, nem uma doutrina, nem uma religião, nem uma seita, nem um sistema, nem um princípio, nem uma ideia: é mais do que tudo isto, porque é designo da Providência.<sup>37</sup>

Pouco mais tarde, na greve de 1858, os tipógrafos fizeram a seguinte análise em um artigo intitulado: “Pesa mais na balança do avaro um punhado de ouro vil do que o futuro de centenas de famílias”:

---

<sup>36</sup> HARDMAN, Francisco Foot. e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 104.

<sup>37</sup> LIMA, J. Inácio de Abreu e. **O socialismo**. Recife, Typ. Universal, 1855, 552 p.; cf. p. 7.

O século que tem presenciado as estupendas e maravilhosas aplicações do fluído elétrico e do vapor, que tem visto as mais arrojadas e temerárias concepções postas em prática pela inteligência do homem, também tem visto os largos passos que esse mesmo homem tem dado na via do mais revoltante egoísmo e da mais detestável indiferença.<sup>38</sup>

O mesmo jornal, poucos dias depois, analisou a evolução econômica da humanidade, mencionou as fases da escravidão, feudalismo e capitalista e afirmou que no capitalismo o assalariado ainda era uma espécie de escravo. O jornalista citou Cabet, Buonarotti, Hegel, Louis Blanc e Babeuf,<sup>39</sup> o que mostra intimidade com o legado de alguns dos principais socialistas utópicos e a relação que o autor faz com a importante greve de 1858.

Na greve de 1858, a Associação Tipográfica Fluminense apoiou o movimento grevista e manteve uma relação amistosa com alguns membros da aristocracia imperial brasileira e com o imperador Pedro II, chegando até mesmo a apoiar a campanha militarista a favor da Guerra do Paraguai, em 1866. Outra importante referência da importância do socialismo utópico sobre o movimento operário na segunda metade do século XIX foi quando o editorialista do *Jornal dos Tipógrafos*, do Rio de Janeiro, no ano da referida greve, assinou seus artigos no com o pseudônimo de Gracchus,<sup>40</sup> usado também pelo revolucionário francês Gracchus Babeuf (1760-1797) que criou a Conspiração dos Iguais dentro de uma prisão francesa no final do século XVIII<sup>41</sup>. O mesmo militante usou o pseudônimo de outro socialista utópico: Cabet<sup>42</sup>, que nos permite tirar essa conclusão.

---

<sup>38</sup> HARDMAN, Francisco Foot. e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 104 e 105.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 105.

<sup>40</sup> Usado também por Babeuf após a Revolução Francesa.

<sup>41</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 26.

<sup>42</sup> Etienne Cabet (1788-1856) nasceu em Dijon na França. Foi um publicista francês que participou do movimento operário europeu entre 1830 e 1840. Dirigiu os jornais *Le Populaire* e *Les publications Du Populaire*. Publicou obras que influenciaram o movimento operário europeu: *Histoire Populaire de La Révolution Française de 1789 a 1830*, *Le Vrai Christianisme* (1846) e *Voyage en Icarie* (1839). Foi um dos ícones do socialismo científico ao propor uma sociedade comunista onde a propriedade privada seria

No dia 1º de agosto de 1892 aconteceu na Capital da República, o Primeiro Congresso Socialista Brasileiro. O segundo em maio de 1902, na cidade de São Paulo. Compareceram no Segundo Congresso Socialista Brasileiro Silvério Fontes e outros 43 representantes de diversos estados do país. Os paulistas eram a maioria, principalmente de origem italiana. Nesse congresso foi aprovada a criação do Partido Socialista Brasileiro. O manifesto publicado no final do evento dizia que o partido seria a representação política do proletariado brasileiro para a tomada do poder político. Esse princípio político contrariava totalmente a doutrina anarquista da “ação direta”. Os socialistas afirmavam que era necessário criar um movimento reformador para emancipar os trabalhadores brasileiros. Contrastavam com a ideologia anarquista que acreditava no fim do capitalismo e em uma transformação radical da sociedade. Os socialistas aprovaram um programa com 36 itens, reivindicando jornada de 8 horas de trabalho diário, criação de tribunais para decidir as disputas entre patrões e empregados, imposto sobre as heranças, adoção do divórcio, fim do Exército permanente, fornecimento gratuito de água e luz para a população e educação gratuita para os menores de 14 anos. Porém o Partido Socialista Brasileiro desapareceu em pouco tempo, assim como outros partidos socialistas que surgiram nesse período. Em 1895, havia sido criado o Partido Socialista Operário no Rio de Janeiro. Em 1902 foi fundado o Partido Socialista Coletivista também na Capital do país. Ambos tiveram uma existência efêmera.

O marxismo chegaria anos depois no Brasil. Inicialmente, a difusão das ideias marxistas foi difícil até mesmo nos países europeus. Durante a vida de Karl Marx<sup>43</sup>, os trabalhadores brasileiros jamais citaram a elaborada ideologia marxista em qualquer jornal ou documento. Não há qualquer registro de que tenham ouvido falar do legado filosófico do pensador alemão até o fim de sua vida. Somente em 1888, cinco anos após a morte de Karl Marx, a escravidão foi abolida no Brasil. Tal fato

---

abolida, um conselho de trabalhadores organizaria a sociedade organizando produção, que deveria estar à disposição dos membros da comunidade conforme suas necessidades. A transição do capitalismo para o comunismo aconteceria de forma pacífica.

<sup>43</sup> Nascido em Trieste na Alemanha em 1818 e falecido em Londres, na Inglaterra em 1883.

representa o distanciamento do marxismo e o Brasil nos primeiros anos após a proclamação da República.

A análise da vida e do legado de Marx nos permite refletir a respeito do relacionamento entre as ideologias marxista e anarquista na Europa. Após terminar os estudos na cidade alemã de Triste, sua terra natal, Marx foi expulso, sendo considerado um perigoso agitador e uma ameaça à ordem burguesa constituída. Na década de 1840, Marx encontrou na França, especificamente em Paris, a sua moradia. Na capital francesa, o pensador e tipógrafo francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) havia difundido com sucesso o anarquismo entre o proletariado francês. A capital francesa chamou a atenção do filósofo alemão pelo movimento social e também por causa dos pensadores que trabalhavam pela causa operária.

Com a publicação do *Manifesto Comunista* em 1848 e a Comuna de Paris em 1871, o nome de Marx e suas ideias se difundiram no meio da classe trabalhadora europeia e depois nos Estados Unidos da América. Já os países do sul da Europa, como Portugal, Espanha e Itália foram profundamente influenciados pelo anarquismo. A ideologia libertária de Proudhon já tinha alcançado raízes dentro do movimento operário europeu. Em 1864 aconteceu a primeira tentativa de reunir os trabalhadores europeus em torno de uma associação internacional que unificasse e consequentemente fortalecesse a luta dos trabalhadores em todo o mundo contra o capitalismo mundial. Essa organização ficou conhecida como Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.). O discurso de fundação da A.I.T. foi redigido por Marx, com base nas ideias do operário francês Henri-Louis Toulain (1828-1897), no dia 28 de setembro de 1864. Nela estavam presentes sindicalistas ingleses, franceses, seguidores de Proudhon, de Blanqui e Marx. A sede ficou em Londres devido a grande adesão dos trabalhadores ingleses, em torno de 25 mil associados.

A redação do discurso de inauguração da famosa associação demonstra a importância das ideias marxistas entre os trabalhadores europeus, embora existissem outras ideologias que tentavam representar

os anseios dos trabalhadores. Em três anos a A.I.T. cresceu consideravelmente na França. Tal crescimento aconteceu devido ao apoio dado pela organização às greves dos mineiros e tecelões franceses. Na França a A.I.T. chegou a 250 mil associados<sup>44</sup>, porém o anarquismo de Proudhon era a ideologia que influenciava os trabalhadores daquele país. Tal número de associados ainda hoje é discutível.

Nos primeiros anos da Associação Internacional dos Trabalhadores o marxismo não era unanimidade. No primeiro congresso, em Genebra, na Suíça, em 1866, o próprio Henri-Louis Toulain chegou a propor à exclusão dos “trabalhadores do pensamento” da organização. Tal possibilidade de exclusão atingiria diretamente Marx, entre outros pensadores que se dedicavam à causa operária. Porém um participante, chamado Cremer, protestou afirmando de ser fundamental importância o trabalho que estava sendo desenvolvido por Marx pela luta dos trabalhadores de todo o mundo, em sua luta contra os grilhões do capitalismo. Foi realizada uma votação e a proposta de exclusão foi derrotada por 25 votos contra 20.<sup>45</sup>

As divergências entre marxistas e anarquistas cresceram consideravelmente depois da entrada de Bakunin na referida instituição, em 1869. Foi o próprio Marx que convidou o revolucionário russo a ingressar na organização. Bakunin estivera preso na Sibéria devido às suas atividades revolucionárias e ingressou na A.I.T. após escapar do exílio siberiano, no qual ficou confinado durante vários anos<sup>46</sup>. Muitos associados da Internacional aderiram à corrente bakuniana, gerando um racha considerado no seio da A.I.T..<sup>47</sup>

Mas foi com a Comuna de Paris que nome de Marx ganhou repercussão entre os trabalhadores de todo o mundo, principalmente devido à extensão do movimento revolucionário, assim como pela intensa violência desferida pelo governo francês contra os comuneiros. Marx

---

<sup>44</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 28.

<sup>45</sup> Ibid., p. 28.

<sup>46</sup> Ibid., p. 28.

<sup>47</sup> WOODCOK, George. **História das ideias e dos movimentos anarquistas**. Vol. II. Porto Alegre: L&PM, 2002, p.13.

trabalhava ativamente em prol dos interesses do proletariado. O renome que ganhou com a Comuna deve-se mais às invenções da reação, que afirmavam que a Internacional e ele eram incendiários e terroristas do que a participação ou influência direta de Marx nela.

O pensador alemão dedicou 40 anos de sua vida à emancipação dos trabalhadores, através de um elaborado sistema de ideias na qual se destaca uma profunda análise da história da humanidade, da sociedade capitalista, propondo a chegada dos trabalhadores ao poder, constituindo gradativamente uma sociedade sem classes e justa. O pensamento de Marx foi fruto de sua formação internacional, desenvolveu o marxismo influenciado pelas três principais ideias do século XIX: a filosofia clássica alemã, a economia política clássica inglesa e o socialismo francês.

Os movimentos revolucionários europeus que eclodiram em 1848, mesmo ano da publicação do *Manifesto Comunista*, não foram inspirados pela incipiente doutrina marxista. Os socialismos utópicos de Fourier, Saint-Simon, Leuroux e o anarquismo de Proudhon foram as principais fontes de inspiração dos referidos movimentos revolucionários que varreram a Europa naquele ano. No próprio *Manifesto Comunista*, seus autores referenciaram e destacaram a importância do socialismo utópico e seus autores para o proletariado mundial. Marx e Engels enfatizaram a dívida do marxismo para com o socialismo utópico em temas como a análise da sociedade industrializada, a luta de classes, a importância e os desdobramentos da industrialização. Fourier denunciou de forma enfática a sociedade de classes.

Com o tempo, a designação “socialismo utópico”, abordando os socialismos pré-marxistas em contraste com o termo “socialismo científico”, adotado para designar o socialismo marxista, gerou uma ideia pejorativa em relação aos socialismos pré-marxistas. Dá a impressão para o leitor neófito de que as doutrinas socialistas anteriores à Marx seriam um conjunto de ideias imaturas, incompatíveis com a transformação da realidade material, por não possuírem um método científico que proporcionasse o alcance do objetivo real.

Dentro do contexto econômico industrial brasileiro do respectivo período, que proporcionava exploração, miséria e violência contra o trabalhador, não foi surpresa o surgimento de trabalhadores indignados e insatisfeitos com suas condições de trabalho, que assimilaram as ideias anarquistas e as propagaram em diversas regiões do país, principalmente na Capital da República. No Brasil, a luta de classes terminou se manifestando de diferentes formas durante o processo de industrialização brasileira. Os patrões, capitalistas, pertencentes à elite do país, proporcionavam privilégios a funcionários federais para que estes trabalhassem de acordo com os interesses da classe dominante. A máquina estatal, com seus tentáculos, existia para defender os interesses da burguesia, favorecendo a intensa exploração do proletariado.

O convívio desses trabalhadores em episódios de socialização num mesmo bairro ou fábrica fez com que fossem ouvidas ideias que defendiam a luta do proletariado contra a exploração capitalista. Ouviram ideias anarquistas e socialistas que os operários imigrantes traziam consigo de seus países de origem. Jornais anarquistas e encontros sociais também foram ferramentas de fundamental importância para espalhar as ideias libertárias entre os trabalhadores brasileiros.

Assim como no sul do continente europeu, o anarquismo encontrou terreno fértil entre os trabalhadores do Brasil e dos países sul americanos. Inicialmente, no Brasil, o anarquismo ganhou muito mais adeptos do que o socialismo. Nas primeiras fábricas brasileiras, principalmente as de tecidos no Rio de Janeiro e em São Paulo, os trabalhadores, entre eles muitas mulheres, imigrantes e crianças, trabalhavam por horas intermináveis, sendo ameaçados por seus patrões, surrados e sem qualquer legislação trabalhista. O anarquismo oferecia aos trabalhadores brasileiros justiça social, o fim da exploração, da miséria, da fome, uma vida com dignidade conforme as necessidades de cada um, liberdade e autonomia individual, combate ao governo, a Igreja, à propriedade privada e os partidos políticos.

Sendo os meios de produção obra coletiva da humanidade, devem regressar à coletividade humana. A apropriação pessoal não é justa nem proveitosa. Tudo é de todos, visto que todos precisam de tudo, visto que todos tem trabalhado na medida de suas forças, e que é materialmente impossível determinar a parte que poderia pertencer a cada um na produção atual das riquezas...<sup>48</sup> (Kropotkin).

Os trabalhadores imigrantes chegavam ao Brasil, se instalavam e começavam a ganhar a vida percebendo que o Brasil estava longe de ser o país das oportunidades, onde poderiam melhorar de vida e ajudar suas famílias. As condições de trabalho dos imigrantes e ex-escravos nas fábricas<sup>49</sup> eram tão ruins, que não foram poucas as queixas de trabalhadores estrangeiros a seus governos sobre as inóspitas condições de vida no Brasil em fins do século XIX e início do século XX.

Foram os trabalhadores do sul da Europa, da Espanha, Itália e Portugal que trouxeram a ideologia anarquista consigo. Nos seus países de origem, entre os operários europeus, o anarquismo era mais representativo do que o marxismo, na luta por um mundo mais justo.

Os governos dos países de onde vinha a grande maioria dos trabalhadores imigrantes consideravam as ideias anarquistas perigosas e viam com bons olhos a possibilidade de se ver livre desses indivíduos agitadores que influenciavam e revolucionavam os trabalhadores locais. Alguns anarquistas europeus, inspirados pelo lema “propaganda pelo fato” participaram ativamente da organização do proletariado local, de greves, de insurreições armadas, revoltas de trabalhadores, deram vida ao sindicalismo revolucionário, em seus respectivos países.

O principal temor das elites europeias era que revoltas de trabalhadores pudessem se transformar em uma revolução. Assim, o êxodo de trabalhadores para os países da América, entre eles militantes anarquistas, foi estimulado e praticado por alguns governos europeus, o

---

<sup>48</sup> KROPOTKIN, Piotr Alexeyevich. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 2011, p. 24.

<sup>49</sup> HARDMAN, Francisco Foot. e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 94.

que resolvia também a questão do crescimento demográfico dentro de suas fronteiras.

Na Inglaterra e Alemanha o socialismo era mais forte. Já Barcelona, a maior cidade industrial da Espanha, era conhecida como a “capital do anarquismo”.<sup>50</sup>

Famosos militantes anarquistas espanhóis, portugueses e italianos vieram tentar ganhar a vida nos países da América, muitos deles foram expulsos pelos governos de seus países. O importante líder anarquista italiano Errico Malatesta saiu da Itália em 1878 rumo ao Egito, por causa da intensa vigilância e perseguição policial, após amargar anos de confinamento por causa de suas atividades revolucionárias em solo italiano. De 1885 até 1889 viveu na Argentina, sobrevivendo com o trabalho em uma oficina mecânica. Nesses anos em que viveu na América continuou sua militância anarquista publicando jornais na língua italiana e espanhola com o objetivo de propagar a ideologia libertária no país portenho. Não chegou a viver no Brasil. Malatesta foi um dos mais destacados militantes libertários e o fixar moradia por tantos anos no continente americano mostra a importância do continente americano na vida desses imigrantes

Outro militante anarquista italiano que desempenhou importante papel em solo latino-americano foi Oreste Ristori. Uma importante fonte de estudo sobre a vida de Ristori e conseqüentemente de parte do movimento anarquista é a biografia “*Oreste Ristori, uma aventura anarquista*” de autoria de Carlo Romani. Assim como Malatesta, foi para a Argentina inicialmente, depois para o Uruguai e dali seguiu para o Brasil. Em São Paulo, criou em 1904 o jornal em italiano *La Battaglia*, com objetivo de expor suas ideias libertárias. Participou de inúmeras conferências por todo o Brasil, expondo o anarquismo, mobilizando e agitando os trabalhadores. Era excelente orador e homem pronto para ação.

---

<sup>50</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 19.

Em 1911, Ristori usou o referido semanário para analisar a situação do trabalhador em terras brasileiras:

A jornada de trabalho, aqui, como em qualquer país, vai de 10 a 13 ou 14 horas por dia; os salários não são melhores do que os da Europa, quando se considera os preços dos gêneros e da moradia é aqui mais alto. A vida horrorosa, infernal das fazendas é desconhecida na Europa. O trabalhador dos campos aqui trabalha quatorze a quinze horas por dia e vive em imundas pocilgas de barro.<sup>51</sup> (Oreste Ristori).

Tal análise feita pelo imigrante italiano Oreste Ristori, nos permite encontrar algumas semelhanças entre a intensa exploração que o trabalhador estava submetido nos países do sul da Europa, com aquela que o anarquista encontrou no Brasil. Assim como nos países europeus de origem de muitos militantes anarquistas o anarquismo no Brasil também criou raízes e se desenvolveu, tornando-se a principal e mais combativa ideologia a defender os interesses dos trabalhadores que tentavam sobreviver.

Em 1889, chegou em terras brasileiras, ainda jovem, outro imigrante italiano, que seria um dos mais importantes militantes anarquistas no Brasil: Gigi Damiani, que já havia amargado penas de prisão na Itália. Ficou seis anos no Paraná, onde exerceu o ofício de pintor. Fundou em Curitiba o jornal proletário *O Direito* com objetivo de influenciar os trabalhadores curitibanos, em sua grande maioria de origem alemã e polonesa. Foi depois para São Paulo, onde, durante vários anos, colaborou com Ristori em seu jornal *La Battaglia*, e com outros semanários anarquistas. Foi um homem conhecido por suas poucas palavras e intensa atividade militante.

Everardo Dias e Florentino de Carvalho (pseudônimo de Primitivo Raimundo Soares) foram dois importantes imigrantes espanhóis, que

---

<sup>51</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 20.

chegaram no Brasil ainda crianças e aqui tornaram-se destacados militantes libertários. Em 1887, Everardo Dias tinha apenas dois anos de idade quando chegou no Brasil. Ao constatarmos a tenra idade de ambos quando chegaram às terras brasileiras, fica evidente que adotaram o anarquismo aqui no Brasil. Tal fato demonstra que o anarquismo encontrou aqui condições específicas para se desenvolver, a ponto de se tornar uma ideologia de enorme combatividade na luta da defesa dos interesses do proletariado. Não é demais ressaltar que nem todos os imigrantes que vieram para o Brasil eram anarquistas.

Florentino de Carvalho chegou bem novo e cresceu no Brasil. Alistou-se na Força Pública de São Paulo, onde chegou a cabo. Encontrou por acaso, em uma livraria de São Paulo, um exemplar do livro *A Conquista do Pão*, de Kropotkin. O livro influenciou a sua vida a ponto de pedir baixa na Força Pública e ir trabalhar nas docas como estivador e também como tipógrafo, como Proudhon. Tornou-se um importante líder anarquista, sindicalista, intensamente perseguido pela polícia. A ligação desses imigrantes anarquistas com o Brasil foi tão intensa que mesmo depois de terem sido expulsos pelo governo brasileiro, considerados perigosos agitadores, regressaram para o Brasil, como foi o caso de Oreste Ristori, Gigi Damiani, Everardo Dias e Florentino de Carvalho

Enquanto os militantes anarquistas tentavam organizar o proletariado nas duas principais cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo, um grupo de imigrantes italianos tentou criar uma colônia anarquista no interior do Paraná, em 1890. Ainda na Itália, o anarquista italiano Giovanni Rossi solicitou ao governo de D. Pedro II uma autorização para que um grupo de imigrantes italianos colonizassem terras no interior do Paraná. O governo brasileiro permitiu a empreitada. A experiência de colonização anarquista na referida região ficou conhecida como Colônia Cecília. Em 20 de janeiro de 1890, partiu do porto de Gênova o navio *Cittá di Roma*, com vários imigrantes. Foram liderados por Giovanni Rossi, agrônomo de 35 anos e tiveram por objetivo de criar uma comunidade anarquista no interior do Brasil. O navio, ao entrar nas águas do Rio de Janeiro, causou bela impressão a eles:

Entramos na baía majestosa do Rio de Janeiro. O espetáculo é tão imponente pela elevada cadeia de montanhas que rodeia o espelho amplo das águas, tão pitoresco em virtude das belas construções espalhadas sobre as costas e nas pequenas ilhas, tão gentil por todos matizes de verde que oferecem à vista os morros ornados por elegantes palmeiras, tão fulgurantes graças ao sol que resplandece entre o azul do céu e o verde claro do mar, tão eloquente em sua linguagem universal que cada passageiro, seja qual for sua condição e cultura, levanta o rosto e exclama: -Ah! Como é lindo! (Giovanni Rossi).<sup>52</sup>

Errico Malatesta desaprovou esse tipo de experiência libertária, e em uma carta enviada ao amigo Vito Panzacchi, escreveu:

Quanto à empresa de Rossi, eu a deploro, porque oferece aos oprimidos a vã esperança de se emanciparem sem a necessidade de revolução. Se Rossi quer fazer sua experiência, que a faça, mas deixe em paz os revolucionários, recolha os trabalhadores mais pobres, embrutecidos, e faça a nobre tentativa de elevá-los à dignidade. Vá portanto, Rossi ao Brasil repetir tardiamente, quando o problema tornou-se gigante e reclama soluções urgentes, a experiência de diletantes com as quais precursores do socialismo encheram a primeira metade do século. Os revolucionários continuem em seu posto de luta.<sup>53</sup>

Imigrantes anarquistas portugueses também desempenharam importante papel no Brasil. O principal deles foi Neno Vasco (Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós e Vasconcelos). Formado advogado pela Universidade de Coimbra e filho de pai rico, chegou no Brasil em 1901 e logo se juntou a um grupo de anarquistas italianos que viviam em São Paulo. Em 1902 dirigiu o jornal anarquista *O Amigo do Povo*, publicado quase todo em português, com uma página em italiano para a qual Gigi Damiani colaborava do Paraná.

---

<sup>52</sup> LOPES, Milton. **Crônica dos primeiros anarquistas no Rio de Janeiro (1888-1900)**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 2013, p. 23.

<sup>53</sup> La Riveudicazione (18/03/1891). Apud. SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 31.

Além de dirigir o jornal *O Amigo do Povo*, Neno Vasco fundou e dirigiu o jornal *A Terra Livre* ao lado de Manoel Moscoso e Edgard Leuenroth, publicou uma revista chamada *Aurora* e escreveu peças teatrais. É o autor da letra em português de *A Internacional*. Sua produção literária e militância política lhe renderam a fama de ser o anarquista mais culto do Brasil. Seu jornal *A Terra Livre* circulou entre 1905 até 1910, primeiramente em São Paulo e depois no Rio de Janeiro e novamente em São Paulo. Quando Neno Vasco voltou para sua terra natal, o jornal deixou de circular.

No Brasil, as primeiras manifestações de organização dos trabalhadores aconteceram ainda na época do Império. Na década de 1830 surgiram as primeiras associações de trabalhadores influenciadas pelo mutualismo. Nelas os trabalhadores passaram a se organizar por conta própria, praticando ajuda mútua. Essas associações mutualistas foram surgindo em várias regiões do território nacional.

Em 1833 surgiu a Sociedade de Oficiais e Empregados da Marinha. Também surgiram a Sociedade Mecânica Aperfeiçoadora das Artes Beneficientes (1836), Sociedade de Auxílio Mútuo dos Empregados da Alfândega (1838), Associação Tipográfica Fluminense (1853), a Sociedade de Bem-Estar dos Cocheiros (1856), a Associação Protetora dos Caixeiros (1858), a Associação de Auxílio Mútuo dos Empregados da Tipografia Nacional (1873) e a União Beneficente dos Operários da Construção Naval (1884).<sup>54</sup>

As organizações mutualistas atuavam através da ajuda mútua entre seus associados, auxílio aos necessitados, socorro mútuo em caso de doenças e de acidentes, ajuda financeira na velhice ou em enterros de parentes próximos ao associado. Eram objetivos muito mais econômicos do que políticos. Essas primeiras organizações operárias inauguraram um longo e gradual processo de desenvolvimento como classe, embora não fosse seu objetivo primordial. Faltava a elas uma ideologia que

---

<sup>54</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 101.

organizasse a mobilização dos trabalhadores, proporcionasse uma interpretação do mundo ao qual estavam inseridos e lhes fornecesse uma estratégia de luta.

Organizações mutualistas também se desenvolveram na Europa. Surgiram como as primeiras formas de organização dos trabalhadores do Velho Mundo. O tipógrafo e pensador anarquista, o francês Pierre Proudhon, desenvolveu uma forma de mutualismo na qual os trabalhadores deveriam se organizar, ajudando-se mutuamente e utilizando essas associações de ajuda mútua como mecanismos de organização da sociedade.

A partir da década de 1870 surgiram as Ligas Operárias, uma nova forma de organização que se desenvolveu visando a resistência dos trabalhadores frente a seus patrões. Também ficaram conhecidas como associações de resistência. A ajuda mútua deixava de ser o foco principal dos trabalhadores, era necessário organizar-se coletivamente para reivindicar melhores condições de trabalho. Os trabalhadores começaram a paralisar suas atividades até que suas reivindicações fossem atendidas, em outras palavras, passaram a fazer greve. Algumas associações mutualistas passaram a agir conforme as associações de resistência, e essas duas formas de organização operária atuaram juntas durante todo o século XIX<sup>55</sup>. Os trabalhadores europeus também se organizavam através de associações de resistência. nova concepção de organização do anarquista russo Mikail Bakunin.

Em 1857, trabalhadores acendedores de lampião no Rio de Janeiro tentaram se mobilizar para realizar um movimento grevista. Porém a primeira greve operária que se tem registro no Brasil foi realizada pelos gráficos de três jornais do Rio de Janeiro, em 1858. Os trabalhadores do *Correio Mercantil*, *Jornal do Comércio* e *Diário do Rio de Janeiro* eram obrigados a trabalhar até quinze horas por dia nas oficinas dos referidos jornais, em condições inóspitas de trabalho. Os galpões onde funcionavam as gráficas eram mal iluminados, prejudicando a visão dos trabalhadores

---

<sup>55</sup> HARDMAN, Francisco Foot. e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 108.

que exerciam seu ofício durante a noite e os salários eram baixos, para o alto custo de vida. Exigiram aumento salarial, mas não foram atendidos, sendo que não recebiam aumento há anos. No dia 9 de janeiro os gráficos dos três jornais cruzaram os braços. Durante os dias de greve, o único jornal que circulou no Rio de Janeiro foi o *Jornal dos Tipógrafos*, utilizados pelos grevistas para explicar a população fluminense os motivos da paralisação<sup>56</sup>.

A *Associação Tipográfica Fluminense* apoiou o movimento e os patrões recorreram à polícia para por fim à greve. O ministro da Fazenda, Souza Franco, colocou as oficinas da Imprensa Nacional à disposição dos donos dos jornais paralisados, mas os operários gráficos do jornal governamental se recusaram a imprimi-los em solidariedade aos grevistas. Apesar de ter envolvido oitenta operários, o movimento não alcançou sucesso.

Em 1863 houve uma greve dos ferroviários na *Estrada de Ferro Pedro II*, no Rio de Janeiro. Em Barra do Piraí, operários que trabalhavam na construção da referida ferrovia aderiram à greve que ganhou tamanha amplitude que o governo enviou para a cidade quatrocentos soldados da Guarda Nacional para acabar com o movimento.

O movimento operário desenvolveu inúmeras ferramentas para atrair e conscientizar os trabalhadores sobre a necessidade do desenvolvimento da consciência de classe e também a respeito das condições de trabalho a que eram submetidos

O principal veículo de propaganda do movimento operário nesses primeiros anos foram os jornais. Uma quantidade relevante de jornais operários começou a circular. Os principais deles, que circularam no Rio de Janeiro nas décadas seguintes à greve de 1858 foram: *Echo dos Artistas* (1861), *Revista Tipográfica* (1864), *Gazeta dos Operários* (1875) e *O Proletário* (1878). Eram jornais pequenos, com tiragem reduzida e curto tempo de circulação, mas sua importância não pode ser desprezada.

---

<sup>56</sup> Ibid., p. 103.

Apesar da predominância do mutualismo nos anos iniciais de formação do proletariado brasileiro, havia também as Ligas Operárias de Resistência, ligadas ao proletariado mundial. Em 1871 surgiu a *Liga Operária do Rio de Janeiro*, que se tornou uma sociedade mutualista em 1878.<sup>57</sup> Surgem outros jornais operários nesse período, porém o processo de formação da classe operária, antes de 1888, se desenvolvia muito lentamente.

Volto a lembrar que o trabalhador no Brasil era intensamente explorado, e o governo italiano alertava seus conterrâneos sobre essas difíceis condições. Assim que os imigrantes desembarcavam no Brasil, recebiam nos portos de chegada um guia chamado “*Avvertenze per l'emigrante italiano*”, de dezesseis páginas, produzidos pelo *Commissariato Generale dell'Emigrazione*. Em suas primeiras páginas, alertava os conterrâneos sobre os perigos que os rondava em terras brasileiras. Nele havia uma lista de representações diplomáticas italianas em diversas regiões do Brasil e mundo afora:

Mantenha sua dignidade de trabalhador e de italiano: não aceite ocupação humilde demais ou pagamento inferior ao do trabalhador em nosso país.<sup>58</sup>

Em março de 1902 o governo italiano proibiu a imigração de seus cidadãos para o Brasil, através do Decreto Primitti, alegando maus tratos aos seus cidadãos, por parte de patrões e cafeicultores brasileiros. Tal proibição se deu após muitas queixas de imigrantes italianos e também da percepção de que o governo brasileiro em nada se esforçava para frear a intensa exploração a que estavam submetidos os trabalhadores estrangeiros.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> Relatório da Comissão Executiva do Partido Operário do Brasil. São Paulo, 1893.

<sup>58</sup> MAGALHÃES, Mário. **Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo**. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2012, p. 34.

<sup>59</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p17.

Tal fato nos permite entender como os trabalhadores eram tratados no Brasil. Esse tratamento criou as condições para o surgimento de um forte movimento anarquista, principalmente através da vertente do sindicalismo revolucionário, nas duas primeiras décadas do século XX. Entender esse período é fundamental para a compreensão sobre o surgimento do Partido Comunista do Brasil em março de 1922, justamente no início da década que se seguiu às duas décadas de apogeu do movimento libertário.

Esse foi o contexto político, econômico e social no qual a classe operária brasileira estava se formando. Analisando-o é possível entender como o anarquismo ganhou grande força e se tornou a principal ideologia proletária. No entanto não podemos cair na armadilha de considerar o anarquismo como a única ideologia capaz de unir o proletariado brasileiro. Podemos sim, entender como ele se tornou tão forte no Brasil, a ponto de assombrar as autoridades que temiam a emancipação dos trabalhadores.

## **2. ANARQUISMO E O MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO**

Durante o processo histórico de formação da classe operária, nas três primeiras décadas do regime republicano, o anarquismo protagonizou um importante papel. Foi a única corrente ideológica que se propôs e conseguiu organizar o movimento operário no Brasil. Enraizou-se na classe operária brasileira em formação, elaborou uma consistente crítica radical dos fundamentos da sociedade burguesa e do Estado capitalista. Criou e propôs um projeto de sociedade imbuído da necessidade de construção de uma sociedade igualitária, justa, livre, sem classes, sem exploração, sem Estado e sem dominação. Para alcançar tal objetivo criou mecanismos que culminaram em práticas culturais e sociais de

grande vigor e autonomia com a importante característica de estarem marcados por uma identidade de classe.<sup>60</sup>

## 2.1 SOCIALISMO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

O movimento operário na Primeira República não foi organizado somente por ativistas libertários. Os anarquistas, organizados através do sindicalismo revolucionário, apesar de serem majoritários no movimento operário, não foram os únicos a se associar para defender os interesses dos trabalhadores brasileiros. Ainda nos últimos anos do século XIX militantes socialistas também tentaram se organizar com o intuito de melhor representar e lutar pelos interesses do proletariado nacional. Ao contrário dos anarquistas, os socialistas procuraram lutar pelo proletariado através da conquista de reformas das instituições da sociedade. Esses reformistas ganharam alguma evidência antes que os libertários se destacassem na luta pelos interesses operários. A proclamação da República abriu a possibilidade para grupos reformistas alcançarem alguma evidência no novo cenário político, defendendo os trabalhadores. Foram criados vários partidos operários a partir de 1890, não constando de seus programas o combate ao capitalismo e sim reformas nas instituições republicanas, com o objetivo de melhorar a inóspita situação da classe trabalhadora por meio da luta política. Todos tiveram curto tempo de existência. No Rio de Janeiro se formaram três importantes partidos socialistas operários, que alimentavam alguma rivalidade entre si. Apoiavam candidatos trabalhistas que aparentemente eram solidários com os interesses dos trabalhadores.<sup>61</sup>

O jornalista Gustavo Lacerda (1843-1909) liderou o *Partido Operário*. Lacerda havia sido expulso das Forças Armadas por causa de suas tímidas ideias socialistas. Era um opositor das greves, pois achava que poderiam causar violência contra os trabalhadores e trazer algum tipo de privação econômica para os mesmos. Acreditava que mesmo a greve trazendo aumentos salariais para os operários, haveria aumento dos preços de produtos essenciais, anulando gradativamente essas conquistas. As greves só deveriam ser realizadas quando estivessem esgotadas todas as possibilidades de negociação entre trabalhadores e os patrões. O partido lançou seu jornal oficial a *Voz do Povo*, que terminou

---

<sup>60</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 25.

<sup>61</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 103.

falindo por causa das discordâncias entre seus editores. Maurício José Velloso insistia em uma orientação política burguesa para o jornal, porém o restante da equipe discordava dessa linha de atuação. Velloso era o dono de todos os equipamentos de impressão utilizados para rodar o periódico e o jornal parou de circular. Com a derrota nas eleições de 1890, o partido desapareceu. Dos três principais partidos operários foi o menos importante. Surgiu um segundo *Partido Operário* criado por Luís França e Silva, editor do jornal operário *Echo Popular*. Também compartilhava a visão de Lacerda referente às greves e da ação política como o meio necessário para resolver as contradições de interesses dos trabalhadores e dos burgueses. Acreditava que as greves prejudicavam a produção industrial nacional. Para resolver os problemas sociais, os antagonismos entre as classes sociais, propunha a criação de um tribunal composto por trabalhadores e patrões. Um anglo-brasileiro chamado Roberto Kinsman Benjamim foi eleito presidente do partido. Curiosamente era o representante brasileiro da empresa norte-americana *New York Life Insurance Company*, que era anunciante no *Echo Popular*. O partido também foi derrotado nas eleições de 1890. A derrota eleitoral trouxe o fim do partido e do seu jornal.<sup>62</sup>

O mais importante partido socialista do período foi liderado pelo maranhense José Augusto Vinhaes e também ficou conhecido como Partido Operário. Vinhaes era filho de um comerciante português e quando ingressou na política, era primeiro tenente da Marinha. Atuou como deputado federal de 1890 a 1893 e era apoiado por servidores civis e funcionários públicos da Estrada de Ferro Central do Brasil. Em 1890 intercedeu junto ao presidente Deodoro da Fonseca e conseguiu diminuir o rigor de uma lei federal antigreve daquele ano. No ano seguinte tentou criar a imagem de um líder do proletariado nacional junto aos estivadores grevistas de Santos. Na luta por melhores salários, os estivadores santistas impediram a movimentação do café no porto de Santos. Foram trazidos indivíduos para furar a greve e a Polícia, o Exército e alguns navios da Marinha foram mobilizados. Augusto Vinhaes se impôs como um mediador entre trabalhadores e empregadores e conseguiu que os policiais se retirassem do local onde os grevistas estavam, recebendo a incumbência de acalmar os estivadores. Os patrões recusaram qualquer tipo de acordo e Vinhaes conseguiu uma ajuda financeira para os grevistas,

---

<sup>62</sup> Ibid., p. 104.

aconselhando-os a continuarem em greve. O patronato pediu ao delegado para expulsá-lo de Santos.<sup>63</sup>

Vinhaes esteve à frente de uma greve da Estrada de Ferro Central do Brasil e liderou outras que contribuíram para a queda de Deodoro da Fonseca. Dois anos depois liderou greves também contra Floriano Peixoto. Em 1899 e 1900 envolveu-se com monarquistas e republicanos insatisfeitos com o governo, em uma tentativa de deflagrar greve geral dos trabalhadores em transportes. O movimento fracassou e seus líderes foram presos. Após confessar sua participação no levante, Vinhaes foi libertado, pois provavelmente o governo federal estivesse mais preocupado em punir os monarquistas que participaram do levante. Em 1903 foi eleito para a diretoria do Centro Doméstico, que antecedeu o Centro Cosmopolita. Em suas atividades, presidiu a reunião do Centro das Classes Operárias com objetivo de organização do Primeiro de Maio. Ali conheceu Pinto Machado, que havia ganho alguma projeção entre os trabalhadores do setor têxtil em fins de 1902. Em 1903 trabalhou na organização dos operários ligados a União dos Operários em Engenho de Dentro (UOED) tornando-se um dos seus líderes. Na União, a principal categoria era a dos ferroviários.<sup>64</sup>

O tenente Vinhaes era republicano, considerava-se socialista, embora não concordasse com a luta de classes. Alcançou alguma popularidade entre os ferroviários do Rio de Janeiro. Havia tentado transformar o Partido Operário em uma instituição de apoio a alguns setores dominantes, diminuindo a participação direta dos trabalhadores nos rumos do partido. Mantinha ligações com setores do governo. Em novembro de 1891, quando o Congresso fora fechado em um golpe do Marechal Deodoro, Vinhaes tentou manipular uma greve dos ferroviários da Central do Brasil, que fora deflagrada contra a ditadura que acabara de ser instaurada. Poucos dias após o golpe aconteceu a reação do Marechal Floriano Peixoto, que teve participação ativa de Vinhaes. Estava sempre ao lado da oposição burguesa e dos militares, utilizando com certa habilidade sua influência sobre os trabalhadores. Colocava-se como representante de algumas categorias operárias, para alcançar interesses que convergiam com os da burguesia brasileira.<sup>65</sup> Acreditava que o proletariado alcançaria suas demandas atuando dentro do próprio sistema, através de uma

---

<sup>63</sup> Ibid., p. 105.

<sup>64</sup> Ibid., p. 105 e 106.

<sup>65</sup> HARDMAN, Francisco Foot. e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 187.

união política dos trabalhadores que proporcionaria a eleição de líderes operários para o Poder Legislativo, onde estes atuariam, pressionando para a realização de reformas sociais. A greve geral revolucionária, defendida por militantes adeptos do sindicalismo revolucionário e do anarco-sindicalismo seria impraticável, pois o Brasil não reuniria as condições necessárias para a realização de tal intento, por causa da composição étnica e cultural dos brasileiros. Acreditava na criação de uma organização operária a nível nacional, voltada para a política eleitoral, para a eleição de líderes operários. Sua base deveria ser o proletariado e os funcionários públicos, principalmente do setor ferroviário. Era adepto do diálogo com os representantes políticos da burguesia. Envolveu-se com diversos grupos operários, que tinham entre seus objetivos convencer imigrantes a conseguir a cidadania brasileira para que se tornassem eleitores e possivelmente curral eleitoral desses grupos. Muitos sindicatos não viam com bons olhos esse tipo de postura. Esses partidos não duraram muito tempo.<sup>66</sup>

Durante os primeiros anos da República, surgiram grupos socialistas em diversas regiões do país, como em São Paulo, Rio de Janeiro, Estados da região sul, Nordeste e Norte. A maioria das capitais tinha algum grupo socialista organizado como um partido. Esses agrupamentos socialistas de diversas partes do país entraram em contato uns com os outros, através de correspondências e resolveram realizar um congresso socialista no Rio de Janeiro em agosto de 1892. O objetivo desse encontro era formar um partido operário centralizado que atuasse a nível nacional. O congresso aconteceu de 1 de agosto a 6 de setembro e em algumas situações os delegados trabalharam de 8 horas da manhã até meia noite. Foram aprovados um programa e um estatuto para o novo Partido Operário Brasileiro. O periódico *O Socialista* era o principal instrumento de propaganda do partido, embora tenha tido uma vida efêmera. O partido também não teve vida longa e não conseguiu representar os interesses do proletariado. O programa do partido reflete algumas reivindicações dos trabalhadores no final do século XIX: ensino gratuito, liberdade de expressão, proibição de trabalho para menores de doze anos de idade, salário mínimo estipulado por uma comissão eleita pelos operários em cada fábrica, jornada de trabalho para oito horas diárias, direito de organização entre outras reivindicações. O

---

<sup>66</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 103-107.

partido elegeu uma comissão executiva nacional para enviar um relatório para o III Congresso da Internacional Socialista realizado em Zurique.<sup>67</sup>

Assim, em 1893, o relatório enviado em nome do incipiente *Partido Operário do Brasil* à referida organização internacional proletária, analisou-se a situação nacional do período e conclamou-se a eliminação de “todos os elementos autoritários da sociedade atual, para evitar a sorte da revolução de 1889, de onde saiu a burguesia que nos oprime”. O documento foi assinado por membros da comissão executiva do partido, em que todos eram imigrantes de origem alemã. José Winiger, Augusto Lux, Otto Bendix e Nicolau Schneider são alguns dos que assinaram o referido documento. Esse relatório, enviado por esses primeiros socialistas brasileiros ao III Congresso da Segunda Internacional, é uma importante fonte que demonstra essas primeiras tentativas de criação de partidos socialistas.<sup>68</sup>

Em 1895 foi fundado o Centro Socialista de Santos. O jornal *A Questão Social* tornou-se seu veículo oficial de propaganda. Na teoria esse periódico era voltado para a classe operária, porém suas matérias se voltavam para outros grupos interessados em questões intelectuais e reflexivas a respeito do socialismo. Um dos intelectuais mais importantes da organização foi Silvério Fontes. Acreditava no modelo marxista, porém não aceitava a violência revolucionária como meio do proletariado alcançar seus objetivos. A violência deveria ser evitada. Em 1896 o Centro Socialista de Santos criou o *Partido Operário-Socialista* com objetivo de mudar a sociedade através de reformas e jamais provocar violência e ódio entre as pessoas. Os trabalhadores não deram muita importância para o seu surgimento, muito menos para a sua atuação política. Existiu durante pouco tempo, mas seus membros continuaram ativos na propagação do socialismo.<sup>69</sup>

Outra importante documentação comprovando a atuação de grupos socialistas no Brasil está datada de 1896, mostrando o surgimento de núcleos socialdemocratas em São Paulo. No referido documento a crise social e econômica pela qual passava a República foi analisada com certa elaboração teórica pela Associação Geral dos Operários de São

---

<sup>67</sup> HARDMAN, Francisco Foot. e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 188 e 189.

<sup>68</sup> Ibid., p. 180 e 181.

<sup>69</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 109.

Paulo. Esse núcleo era dirigido pelo socialdemocrata alemão Peter Konen. Outro importante núcleo socialista foi o Círculo Socialista de Leitura da Vila Mariana. A cidade de São Paulo se tornou o maior centro de influência do socialismo no país e vários grupos socialistas se unificaram, em 1896, e criaram o Partido Democrata Socialista<sup>70</sup>. Foi uma das organizações socialistas que durou mais tempo, conquistando uma sólida base operária. Publicou seu jornal chamado *O Socialista* que durou dois anos. Cada número lançado continha artigos de Marx, Engels, Bebel, Turatti, Lafargue, Plekhanov e outras importantes referências para a Segunda Internacional.<sup>71</sup>

No dia 28 de maio de 1902 aconteceu em São Paulo, o congresso do Partido Socialista Brasileiro, sendo criado um partido político homônimo. Silvério Fontes foi um dos líderes do congresso, que durou de 28 de maio até 1 de junho. Compareceram 44 delegados que provavelmente representavam diversos grupos socialistas. A maioria dos congressistas era oriunda de São Paulo. Do Rio de Janeiro não compareceu ninguém. As resoluções que foram aprovadas conseguiram alguma penetração nos meios operários<sup>72</sup>.

O Partido Socialista Brasileiro foi criado baseado no Partido Socialista Italiano. O programa do partido convocava seus membros para criar Ligas de Resistência para fortalecer as greves e alcançar o apoio de grupos que não faziam parte do partido. Afirmava que seu objetivo era a luta por melhores condições de trabalho. Utilizava o jornal socialista *Avanti!*, publicado em italiano, como veículo de propaganda do partido. O jornal fora fundado em São Paulo, no ano de 1900 e durou muito mais tempo do que o Partido Socialista Brasileiro, que existiu por apenas um ano. O jornal *Avanti!* foi editado por ativistas socialistas de destaque no Brasil, entre eles o italiano Antonio Piccarollo.<sup>73</sup>

Foi um jornal socialdemocrata que durou mais de 15 anos, sofrendo algumas interrupções. Sua importância é grande, pois foi o principal instrumento de organização e propaganda socialistas no referido período. Foi dirigido por Alcebiábes Bertolotti, Piccarollo e o jornalista italiano Vicente Varcica.<sup>74</sup>

---

<sup>70</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 180 e 181.

<sup>71</sup> Ibid., p. 191.

<sup>72</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 79.

<sup>73</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 109 e 110.

<sup>74</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 193.

Ainda em 1902, em 28 de agosto, foi fundado por Vicente de Sousa e Gustavo Lacerda, no Rio de Janeiro, o Partido Socialista Coletivista, que também desapareceu rapidamente. Nas três primeiras décadas republicanas, os partidos socialistas tiveram uma vida efêmera<sup>75</sup> e sem uma atuação relevante ou algum protagonismo dentro do movimento operário brasileiro. No referido período, os setores mais combativos dentro do movimento operário se identificaram com a ideologia e as estratégias anarquistas.

## **O ANARQUISMO E SUAS ESTRATÉGIAS NO BRASIL**

Para alcançarmos o entendimento a respeito de como a ideologia anarquista influenciou o movimento operário brasileiro nas primeiras décadas do século XX, precisamos analisar a ideologia anarquista e como os militantes proletários a implementaram. Precisamos identificar o que representou a ideologia anarquista para os brasileiros e como eles a praticaram, ou seja: a estratégia utilizada.

Mesmo nos dias atuais, historiadores divergem a respeito da definição e do surgimento da ideologia anarquista. Historicizar o conjunto de princípios políticos e ideológicos que compõem o anarquismo, não é tarefa fácil. Muitos pesquisadores do tema chegaram a afirmar que existem diversos anarquismos, o que não é correto. O que há, na verdade, são estratégias dentro do anarquismo e daí a confusão feita por alguns historiadores. Para entender como o anarquismo organizou parte do movimento operário brasileiro, vamos primeiro conceituar o anarquismo, entender o que era essa ideologia e analisar qual estratégia anarquista foi utilizada pelos militantes proletários no início do século passado.

De início nos confrontamos com a polêmica a respeito do surgimento da ideologia anarquista. Alguns historiadores e pesquisadores do tema, como o canadense George Woodcock<sup>76</sup>, tentaram buscar as raízes do anarquismo em movimentos que criticavam o Estado e a Igreja Católica, ainda na época das Revoluções Inglesas (1640), Revolução Francesa (1789) e do Iluminismo (século XVIII). Afirmam que o antiestatismo e as convicções individualistas de Willian Godwin e Max Stirner já seriam correntes do

---

<sup>75</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 356.

<sup>76</sup> WOODCOK, Geroge. **História das ideias e dos movimentos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

pensamento anarquista. No entanto, autores como os sul africanos Michael Schmidt e Lucien van der Walt afirmam que o início do anarquismo se deu na década de 1860 com Bakunin e a Aliança Democrata Socialista (ADS) dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT).

Acredito que o anarquismo tenha começado na Europa, no seio do movimento operário, com Proudhon no decênio de 1840. O tipógrafo francês criou e desenvolveu uma doutrina de luta dos operários contra o capitalismo, baseada na experiência do mutualismo lionês, e essa ideologia se desenvolveu com Bakunin. Dessa forma, é notório o desenvolvimento, maturidade e consolidação da ideologia libertária com Bakunin e a Aliança Democrata Socialista<sup>77</sup>. O próprio modo de produção capitalista gerou, além do lucro burguês, o anarquismo, que foi se espalhando pelo mundo, ganhando os corações de trabalhadores fartos do cotidiano inóspito de intensa exploração que o capitalismo lhes causava.

O anarquismo defende os interesses do proletariado, interpretando o capitalismo como um sistema político baseado na desigualdade e na exploração econômica. Reconhece a luta de classes, analisando racionalmente as relações de exploração e dominação do sistema capitalista, que termina se manifestando em várias áreas da sociedade: economia, política, cultura. O anarquismo é uma ideologia internacionalista, pois aqueles que são explorados pelo modo de produção capitalista possuem interesses em comum, independente das fronteiras nacionais, da cultura ou de diferentes línguas. O anarquismo interpreta o capitalismo e o Estado como as bases da dominação burguesa. Assim, existe uma necessidade dos trabalhadores construírem meios que façam com que o capitalismo seja destruído e que seja construída uma sociedade sem classes sociais e sem Estado. Enfatiza a necessidade da participação popular no processo de combate à sociedade burguesa. Esse enfrentamento deve ser realizado por quem é explorado, através da ação direta, sem pessoas e nem instituições que estabeleçam relações autoritárias, que imponham métodos ou estratégias de atuação aos indivíduos no enfrentamento contra o Estado burguês. A ação direta é um princípio que surge da base operária, de baixo para cima, sem direções que terminam se tornando autoritárias e tiram o protagonismo do operário no processo revolucionário. A solidariedade e o apoio mútuo são fundamentais

---

<sup>77</sup> CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011, p. 41.

na organização e fortalecimento do proletariado, sendo necessária uma associação permanente entre as diversas classes exploradas. No anarquismo, a transformação social é revolucionária e não pode acontecer dentro do capitalismo e muito menos mantendo o Estado. O federalismo e a autogestão são as formas de organização política da futura sociedade libertária, articulando os trabalhadores e suas associações de forma igualitária, horizontal, utilizando o mecanismo da democracia direta e não a democracia representativa burguesa, nas escolhas de suas decisões. A liberdade e a igualdade são as bases das relações entre os indivíduos nessa forma de organização social. Um sistema que prevê a propriedade coletiva associada à propriedade individual, funcionando através da posse e não da propriedade privada, o que impediria a exploração e a dominação de um grupo por outro. A definição dos africanos, Schmidt e van der Walt, considera o anarquismo como uma ideologia, um tipo de socialismo revolucionário, que surgiu no século XIX<sup>78</sup>:

(...) Em nossa opinião o termo anarquismo deve ser reservado a uma forma particular, racionalista e revolucionária, de socialismo libertário que surgiu na segunda metade do século XIX. O anarquismo era contra a hierarquia econômica e social, assim como a desigualdade – e especificamente, capitalismo, o poder dos proprietários de terra, e o Estado – e defendia uma luta de classes internacional e uma revolução desde baixo por uma classe trabalhadora e um campesinato auto-organizados, com o objetivo de criar uma ordem social autogerida, socialista e sem Estado. Nesta nova ordem, a liberdade individual estaria em harmonia com as obrigações comuns por meio da cooperação, da tomada de decisões democrática e da igualdade econômica, social e a coordenação econômica aconteceria por meio de formas federais. Os anarquistas enfatizaram a necessidade de meios revolucionários (organizações, ações, ideias) para prefigurar os fins (uma sociedade anarquista).<sup>79</sup>

Outra relevante questão a respeito do estudo sobre o anarquismo e que também mostrou algumas controvérsias foi a confusão feita entre a ideologia e estratégias anarquistas. As estratégias utilizadas pelos anarquistas trouxeram alguns problemas para alguns historiadores dos movimentos libertários em diferentes regiões do planeta. O erro de interpretação se deu em relação às diferentes estratégias adotadas pelos militantes

---

<sup>78</sup> CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Fásca Publicações Libertárias, 2011, p. 48 e 49.

<sup>79</sup> SCHMIDT, Michael e VAN DER WALT, Lucien. **Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009, p. 71.

anarquistas, consideradas como se fossem diversos tipos de anarquismos. A visão clássica de que existiriam diferentes anarquismos, divididos em anarco-sindicalismo, anarco-comunismo e anarco-individualismo, não é correta. O que existe é uma doutrina anarquista definida por princípios políticos e ideológicos, já citados acima, com estratégias distintas. Uma estratégia é a escolha e adoção de meios que levem os indivíduos a alcançar um objetivo determinado. Entender essas diferenças, delimitar definições a respeito da ideologia e da estratégia adotadas pelos militantes anarquistas dentro do movimento operário brasileiro é fundamental para o objetivo do nosso trabalho.<sup>80</sup>

Segundo Schmidt e van der Walt seriam duas as estratégias anarquistas: o “anarquismo insurrecionalista” e o “anarquismo de massas”.

A primeira estratégia, o anarquismo insurrecionalista afirma que as reformas são ilusórias e que os movimentos de massa organizados são incompatíveis com o anarquismo, dando ênfase à ação armada – a propaganda pelo fato – contra a classe dominante e suas instituições, como o principal meio de despertar uma revolta espontânea revolucionária.<sup>81</sup>

A referida estratégia se opõe aos movimentos sociais organizados. O sindicalismo seria um movimento burocrático, sem os meios necessários para deflagrar um processo revolucionário que consequentemente proporcionasse o fim do modo de produção capitalista. Proporcionaria no máximo algumas conquistas parciais de certas categorias de trabalhadores. Tais êxitos seriam considerados supérfluos e terminariam distanciando os trabalhadores da revolução. Dentro dessa estratégia, as lutas das massas seriam inúteis para o processo de uma real transformação social. A única solução para se alcançar tal objetivo seria a revolução. O anarquismo não deveria ser propagado por livros e panfletos e sim pela violência revolucionária contra burgueses e membros do Estado. Assassínatos, atentados a bombas, insurreições deveriam ser realizado, mesmo sem respaldo popular, seria a “propaganda pelo fato”. Esses atos individuais despertariam a revoltas populares entre camponeses e operários, gerando a transformação social. Porém essa estratégia foi

---

<sup>80</sup> CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011, p. 50.

<sup>81</sup> SCHMIDT, Michael e VAN DER WALT, Lucien. **Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009, p. 123.

historicamente minoritária dentro do movimento anarquista. No entanto, foi a que mais chamou a atenção das pessoas e contribuiu para se criar uma imagem de que todo militante anarquista era terrorista, que fossem mal vistos por pessoas conservadoras e pelas autoridades. Porém até mesmo um socialista reformista era mal visto por conservadores e autoridades. Foram os principais seguidores da referida estratégia: Nicola Sacco, Emile Henry, Marius Jacob, Severino DiGiovanni, os russos do Chërnoe Znamia, do Beznachalie, e os franceses do Bando de Bonnot.<sup>82</sup>

A segunda estratégia – a qual nos referimos, por falta de um termo melhor, como anarquismo de massas – é muito diferente. Ela enfatiza a visão de que somente os movimentos de massa podem criar uma transformação revolucionária na sociedade, que tais movimentos são normalmente construídos por meio de lutas em torno de questões imediatas e de reformas (em torno de salários, brutalidade policial ou altos preços etc.), e que os anarquistas devem participar desses movimentos para radicaliza-los e transforma-los em alavancas da transformação revolucionária.<sup>83</sup>

Trata-se de uma estratégia totalmente favorável à organização dos trabalhadores, que defende que a transformação social acontecerá através dos movimentos populares, podendo ser construída nos sindicatos e outras organizações proletárias. A luta por melhorias para os trabalhadores deve ser travada através da mobilização popular, fortalecendo a solidariedade entre eles e conseqüentemente aumentando a consciência de classe do proletariado. Os militantes anarquistas adeptos dessa estratégia também acreditam na propaganda pelo fato e que nesse caso, os fatos seriam as mobilizações populares e não atos isolados de violência que desencadeariam forte repressão sobre os trabalhadores. O anarquismo de massas também pode utilizar a violência revolucionária, empregada pelos trabalhadores organizados, devendo ser desencadeada pelos movimentos populares com amplo apoio e conseqüentemente com legitimidade popular.

Organizações operárias que conseguissem mobilizar grande número de trabalhadores e populares, de maneira organizada, para lutar pelas reivindicações de uma categoria, por reformas e melhorias proletárias poderiam, em um determinado contexto político, econômico e social desencadear revoltas populares, insurreições que

---

<sup>82</sup> CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011, p. 51.

<sup>83</sup> SCHMIDT, Michael e VAN DER WALT, Lucien. **Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009, p. 124.

inflamassem os trabalhadores mobilizados para a violência revolucionária, uma revolta social que poderia dar fim ao sistema capitalista. Dessa forma, lutar por conquistas parciais, reformas e melhorias trabalhistas não estaria em contradição com a luta revolucionária e, conseqüentemente, com o surgimento de uma nova ordem social. Reformas e revolução seriam complementares, pois seria na luta por essas conquistas trabalhistas que seriam construídas as condições para a revolução. Essa estratégia foi majoritariamente adotada pelo movimento anarquista internacional. Importantes militantes libertários adotaram essa estratégia, entre eles: Elisée Reclus, Bakunin, Rudolf Rocker, Buenaventura Durruti, Osugi Sakae, Volin, Ricardo Flores, Fernand Pelloutier, Ba Jin etc. Nestor Makhno foi adepto do “anarquismo de massas” no maior período de sua militância, embora tenha adotado o “anarquismo insurrecionalista” antes de sua prisão em 1908. Kropotkin e Malatesta também foram adeptos do “anarquismo de massas”, porém adotaram o “anarquismo insurrecionalista” entre 1870 e 1880<sup>84</sup>.

O “anarquismo de massas” foi adotado por Bakunin e a ADS na fase de desenvolvimento e maturidade do pensamento anarquista. Para o revolucionário russo a AIT poderia ser a mais eficiente representação internacional dessa estratégia anarquista, mas Bakunin e seus seguidores foram expulsos da organização internacional no Congresso de Haia ocorrido, em setembro de 1872. Bakunin enfatizava a necessidade de movimentos sociais com amplo respaldo popular, construídos em torno das necessidades de trabalhadores oprimidos, que poderiam se radicalizar e se transformar-se em um grande movimento revolucionário. Para Bakunin a AIT era o melhor instrumento para desencadear a revolução.

Podemos, por isso, dizer que Bakunin foi o pai do sindicalismo revolucionário, pois a estratégia do “anarquismo de massas” desenvolvida pelo famoso militante russo, criou as condições para o surgimento do chamado sindicalismo revolucionário. Portanto o sindicalismo revolucionário não poderia existir sem o “anarquismo de massas”, sem estar desvinculado da ideologia anarquista.

O verdadeiro fundador do sindicalismo revolucionário foi Bakunin. Eis o que ignoram em demasia, ou que silenciam não sei por qual motivo, pois, nas construções teóricas e táticas quanto ao objetivo e às tarefas históricas do

---

<sup>84</sup> CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011, p. 52.

sindicalismo, Bakunin contribuiu com um conjunto de pensamentos de uma riqueza e de um dinamismo que não só não foram superados, como jamais foram iguados por qualquer pensador.<sup>85</sup>

Com a morte de Bakunin em 1876, o movimento anarquista internacional se inclinou mais para a estratégia do “anarquismo insurrecionalista”, com o Congresso de Londres endossando essa posição, em 1881. No final do século XIX, os anarquistas voltaram-se para os movimentos populares, adotando novamente a estratégia do “anarquismo de massas”, utilizando os sindicatos com intenções revolucionárias. A gênese de um sindicalismo com intenções revolucionárias é a corrente bakuniana dentro da própria AIT, na década de 1860. Tal estratégia se desenvolveu gradativamente nos anos de 1870 e 1880, espalhando-se pelo mundo, chegando a influenciar de maneira relevante o movimento sindical em Cuba, México, E.U.A e alguns anos depois na França, com a Confédération Générale Du Travail (CGT). Foi no movimento sindical francês, durante os últimos anos do século XIX, através da CGT, que se utilizou o termo sindicalismo revolucionário pela primeira vez. Portanto o surgimento do termo não pode ser confundido com a gênese de organizações operárias mobilizadas através de sindicatos, com intenções revolucionárias, que já existiam antes da CGT. Através da referida instituição sindical francesa, o termo sindicalismo revolucionário espalhou-se pelo mundo.<sup>86</sup>

Acredito que o sindicalismo revolucionário não era autônomo, desvinculado do anarquismo dentro do movimento operário e sim um desdobramento da estratégia do “anarquismo de massas”, que no Brasil vai ser a principal estratégia adotada pelos anarquistas. Atuaram através de uma estratégia sindical revolucionária, na qual militantes de diversas ideologias militavam independente de serem libertários, porém as estratégias eram oriundas do anarquismo e em sua maioria seus militantes adeptos do anarquismo. Grande número de trabalhadores e do movimento operário apoiou e militou no sindicalismo revolucionário. Sem o apoio de diversas categorias de operários, independentemente de serem anarquistas, o sindicalismo revolucionário não teria

---

<sup>85</sup> LEVAL, Gaston. **Bakunin: fundador do sindicalismo revolucionário**. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2009, p. 19.

<sup>86</sup> CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011, p. 50-61.

alcançado a força e o protagonismo em território nacional. Na prática, essa estratégia sindical consistia em organizar os trabalhadores através de sindicatos com o intuito de lutar por conquistas parciais, direitos trabalhistas, podendo organizar até mesmo greves gerais que pudessem levar os trabalhadores a findarem o sistema capitalista e o estado burguês. Criando em seu lugar uma organização proletária que pudesse realmente dar os trabalhadores o controle dos meios de produção. Para tal intento a ação direta seria a principal ferramenta da luta sindical. Consideramos que o sindicalismo revolucionário é uma consequência do “anarquismo de massas”. Podemos afirmar que o sindicalismo revolucionário, foi uma estratégia utilizada pelos anarquistas para alcançar os trabalhadores, conscientiza-los, uni-los através das demandas por conquistas trabalhistas que deveriam ser alcançadas através dos sindicatos em uma ampla luta proletária com o intuito de derrubar o capitalismo.

No sindicalismo revolucionário, os trabalhadores, organizados através de sindicatos, com o objetivo de resolver as necessidades imediatas do proletariado, equacionar questões de curto prazo, iriam se radicalizar em um amplo processo revolucionário, com greves generalizadas, para superar o Estado, consequentemente o capitalismo e assim construir uma sociedade justa e igualitária, onde os trabalhadores teriam controle sobre os meios de produção. Podemos concluir que o sindicalismo revolucionário não era unicamente anarquista, ou uma estratégia voltada somente para militantes anarquistas, embora seja um desdobramento do “anarquismo de massas” desenvolvido por Bakunin na década de 1860.

Schmidt e Vander Walt assim definiram sindicalismo: uma forma de anarquismo de massas que ilustrava a visão de que os meios deveriam prefigurar os fins e que as lutas diárias poderiam gerar um contra-poder revolucionário, e a grande maioria dos anarquistas o abraçou..<sup>87</sup>

Em um país no qual o modo de produção capitalista se desenvolvia, os trabalhadores brasileiros, em sua maioria, assimilaram gradativamente essa combativa ideologia, fato que preocupou as autoridades da época. Como vimos no capítulo anterior, o anarquismo chegou ainda no final do século XIX, com os imigrantes, que vinham ao Brasil tentar ganhar a vida. As principais influências do anarquismo internacional em

---

<sup>87</sup> SCHMIDT, Michael e VAN DER WALT, Lucien. **Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009, p. 170.

nosso país foram do russo Kropotkin e do italiano Errico Malatesta<sup>88</sup>. Muitos imigrantes eram militantes libertários ativos em seus países de origem, outros eram simpatizantes e alguns chegaram crianças, conheceram e desenvolveram a ideologia anarquista no Brasil.

Aqui, a estratégia majoritária entre os militantes anarquistas foi a do “anarquismo de massas”, que por aqui ficou conhecida também como “organizacionismo”. No entanto, também houve militantes adeptos do “anarquismo insurrecionalista” que foi intitulado como “antiorganizacionismo”.

Um famoso militante anarquista italiano, que chegou no Brasil em 1904, apologeta dessa estratégia, foi Oreste Ristori, que se opunha a qualquer tipo de sindicalismo. Em 1903, Ristori passou a dirigir e a publicar em São Paulo o jornal *La Battaglia*<sup>89</sup> de orientação antiorganizacionista. Oreste Ristori chegou ao Brasil oriundo do Uruguai. Foi um dos maiores agitadores anarquistas em território brasileiro, com atividade militante intensa e sofreu várias prisões e deportações. Foi expulso do Brasil por duas vezes, sendo a última em 1936. Morreu na Espanha em 1937 comandando uma coluna guerrilheira que defendia a cidade de Madri contra o fascismo do general Franco na Guerra Civil Espanhola.<sup>90</sup>

Gigi Damiani foi outro importante militante anarquista adepto da referida estratégia, que trabalhou na redação e administração do *La Battaglia* ao lado de Tobia Boni. Era sustentado por uma rede de assinantes que se sentiam representados pela linha editorial antiorganizacionista. Damiani foi um notório militante anarquista italiano, nascido em 1876, que iniciou sua militância na cidade de Roma nos anos de 1890. Viveu no Brasil entre 1898 e 1919. Em São Paulo, no ano de 1899, conheceu a militante anarquista italiana Emma Menocchi, nascida em Lucca, na Toscana em 1867, com quem se casou. Foi expulso do Brasil em 1919, retornando para a Itália, onde deu prosseguimento à sua militância libertária. Com a vitória do fascismo italiano precisou buscar exílio em países como França, Bélgica, Espanha e Tunísia, onde nunca deixou de

---

<sup>88</sup> CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011, p. 43.

<sup>89</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 356.

<sup>90</sup> *Ibid.*, p. 356.

participar ativamente do movimento anarquista internacional. Faleceu em um hospital de Roma em 1953.<sup>91</sup>

Os adeptos do “organizacionismo” atuavam de acordo com a concepção do sindicalismo revolucionário. Entendiam o sindicato como seu principal e mais eficiente espaço de atuação. Os seguidores de ambas as estratégias acreditavam no “educacionismo”, ou seja: os trabalhadores deveriam ser educados e doutrinados dentro dos princípios políticos e ideológicos do anarquismo para promoverem a derrubada do sistema capitalista. Entre os militantes de ambas as estratégias havia discussões e debates internos a respeito das táticas a serem implementadas.

Um importante militante anarquista, adepto da estratégia “organizacionista”, foi o português Neno Vasco.<sup>92</sup> Veio ao Brasil ainda criança, na década de 1880, mais tarde voltou para Portugal, onde se formou advogado e em 1901 retornou ao Brasil. Relacionou-se com militantes anarquistas da Argentina e foi apresentado à obra de Errico Malatesta. O próprio Malatesta viveu na Argentina - chegou em Buenos Aires em 1885 e ali viveu durante quatro anos. Não viveu no Brasil.

(...) Malatesta reconhecia a necessidade das lutas populares de massas, que deveriam se constituir sobre interesses materiais e imediatos - ou seja, sobre a necessidade - , a justiça das conquistas de curto prazo (reformas) e sua utilidade para os trabalhadores, a importância dessas mobilizações para o ganho de consciência e a compreensão para a luta de classes. Ainda assim, para ele, os sindicatos não seriam naturalmente revolucionários, justamente por estarem fundamentados sobre as lutas de curto prazo. Daí a necessidade da atuação anarquista, propondo uma metodologia e um programa determinados: a abertura dos sindicatos a todos os trabalhadores, autonomia em relação aos partidos e interesses eleitorais, ação direta, descentralização, livre iniciativa e autogestão – o que impulsionaria os sindicatos para a revolução social. Assim, pode-se afirmar que Malatesta, apesar das reticências, incentivava os anarquistas a adotar a estratégia do sindicalismo revolucionário, propondo, para isso, uma função específica a ser desempenhada pelo anarquismo.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> Biondi, Luigi – Na construção de uma biografia anarquista: os anos de Gigi Damiani no Brasil. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 161 e 162.

<sup>92</sup> CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011, p. 79.

<sup>93</sup> Ibid., p. 92.

Neno Vasco se tornou um dos principais nomes do anarquismo “organizacionista” no Brasil. No ano de 1902, em São Paulo, passou a editar o famoso periódico anarquista *Amigo do Povo*, de orientação “organizacionista”.

Internamente o grupo de Neno Vasco destacava-se em um debate que colocaria em evidência duas tendências no interior do movimento anarquista. Uma primeira, defendida pelo *Amigo do Povo*, a organizacionista, buscava uma relação entre os libertários, com vistas ao estabelecimento da tese malatestiana de partido. Em conformidade com esta perspectiva viam no sindicato um excelente meio para unir os trabalhadores e fazer a necessária propaganda, objetivando criar uma organização anarquista com base operária sólida. (...) Em oposição, a tendência antiorganizacionista suspeitava da aproximação excessiva entre anarquistas e sindicalistas. Pensavam os dessa vertente que a constituição de grupos estáveis, com relações sólidas e permanentes, alheios muitas vezes à efemeridade de determinados objetivos, era um desvio da essência mesma do anarquismo. No ano de 1905, o periódico *La Battaglia*, reduto dos antiorganizacionistas, sintetizava suas teses no grupo La Propaganda.<sup>94</sup>

Assim dentro da militância anarquista “organizacionista” existia uma divisão a respeito da estratégia a ser adotada, entre os anarco-sindicalistas e os sindicalistas revolucionários. Muitos historiadores consideram que a estratégia utilizada pelos militantes anarquistas que atuaram no movimento operário brasileiro, na Primeira República, foi o anarco-sindicalismo. Essa visão está equivocada, pois não existiu anarco-sindicalismo no Brasil e sim o sindicalismo revolucionário. É comum ler várias obras historiográficas sobre o movimento operário brasileiro nos primeiros decênios do século passado que se referem à militância sindical de orientação anarquista como anarco-sindicalista. Por isso considero importante diferenciar o sindicalismo revolucionário do anarco-sindicalismo. Entre os militantes anarquistas que defendiam a militância nos sindicatos havia um debate sobre qual seria a melhor estratégia de atuação dentro desses organismos de defesa dos interesses do proletariado. Qual deveria ser a relação entre anarquismo e sindicato? A diferença entre sindicalismo revolucionário e anarco-sindicalismo estaria justamente nesse vínculo. O anarco-sindicalismo seria a vinculação direta e consciente do sindicato com o anarquismo. O sindicato seria uma organização explicitamente anarquista. Importantes organizações anarco-sindicalistas foram a Federação Operária Regional Argentina (FORA) e a Confederação Nacional de Trabalho

---

<sup>94</sup> SAMIS, Alexandre. **Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos**. Lisboa: Letra Livre, 2009, p. 161.

(CNT) na Espanha. A FORA se tornou anarco-sindicalista a partir de 1905, conforme as decisões do seu V Congresso. A CNT espanhola em seu congresso de 1919, que aconteceu em Madri, aprovou o vínculo direto da organização à ideologia anarquista.<sup>95</sup>

Diferentemente do anarco-sindicalismo, no sindicalismo revolucionário não existe uma vinculação do sindicato somente com militantes da ideologia anarquista. Os mecanismos de atuação do sindicalismo revolucionário são oriundos do “anarquismo de massas”, desenvolvido por Bakunin no seio da AIT. O sindicato e seus militantes atuam dentro da estratégia do sindicalismo revolucionário, independentes de serem anarquistas, embora a maioria o fosse. Dentro do sindicalismo revolucionário, a organização sindical tem o objetivo de defender os interesses de uma categoria de trabalhadores, radicalizar a luta sindical para greve geral e a partir dela revolucionar a sociedade. A prática sindical do sindicalismo revolucionário é uma das estratégias da ideologia anarquista, sendo a mais proeminente e combativa nas três primeiras décadas do regime republicano aqui no Brasil. Podemos afirmar que existiu aqui o sindicalismo revolucionário, e os documentos produzidos nos dois primeiros congressos operários brasileiros de 1906 e 1913 comprovam nossa afirmação.

## **SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO NO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO**

Como foi mencionado no capítulo anterior, no Brasil, na segunda metade do século XIX, os trabalhadores tentaram se organizar através de diversos modelos de associações trabalhistas, a maioria delas com objetivos beneficentes de ajuda mútua, promovendo atividades educacionais e culturais. Essa forma de organização dos trabalhadores urbanos brasileiros ficou conhecida como mutualismo. Esse tipo de organização proletária foi importante até 1888, pois a partir dessa data os trabalhadores iriam aprimorar sua maneira de se organizar com o objetivo de alcançar melhorias materiais através da ajuda mútua, melhores condições de trabalho. Dessa data em diante, até 1919, as organizações operárias brasileiras se propunham resistir de forma direta ao capitalismo, utilizando a ideologia anarquista para alcançar essa mobilização. Surgiram ligas de trabalhadores inspiradas nas associações em que os trabalhadores europeus se

---

<sup>95</sup> CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011, p. 81-86.

organizavam para atrair a participação de trabalhadores na luta contra o capitalismo. A ideologia anarquista era a principal influência dessas organizações.

No final do século XIX e início do XX aconteceram intensas transformações nas principais capitais do Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, capital da República. Era a maior cidade do país, centro cultural, político, econômico. Era a capital de um país que estava em pleno processo de transformação, visando sua inserção ao capitalismo internacional.

As turbulências política, econômica e social que se seguiram à proclamação da República, estavam em gestação ainda nas últimas décadas do Império. A mudança de modelo político, como o advento republicano, trouxe à tona, com intensidade, as referidas contradições dos últimos anos do governo de D. Pedro II.

Não seria exagero dizer que a cidade do Rio de Janeiro passou, durante a primeira década republicana, pela fase mais turbulenta de sua existência. Grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural, que se gestavam há algum tempo, precipitaram-se com a mudança do regime político e lançaram a capital em febril agitação...<sup>96</sup>

Conforme foi analisado no capítulo anterior, o proletariado brasileiro foi formado gradativamente em um longo processo. Após a proclamação da República, principalmente nos Estados do Rio de Janeiro e em São Paulo, a força de trabalho estrangeira cresceu consideravelmente. A imigração estrangeira foi fundamental para o processo de formação da classe operária no país. O processo de industrialização iniciado de maneira efêmera e tímida nas últimas décadas do século XIX, se desenvolveu nas duas primeiras décadas do século XX. Tal processo acarretou um fortalecimento das relações de produção capitalistas e conseqüentemente um crescimento da classe operária. Os censos oficiais comprovam o aumento quantitativo da classe operária, pois em 1889 os operários industriais eram aproximadamente 0,4% da população brasileira e em 1919 esse percentual já era 1%. O operário fabril passou de 54 mil para 275 mil no referido recorde temporal.<sup>97</sup>

---

<sup>96</sup> CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987, p. 15.

<sup>97</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 146.

A base da sociedade capitalista, o processo de exploração do proletariado, sustentava a formação do capitalismo brasileiro. E, tal como na Europa, o proletariado nascente é vítima de uma exploração intensiva, com condições de vida e trabalho precárias, jornadas de trabalho extensas e uso da força de trabalho feminina e precoce com salários baixos. A luta de classes na esfera da produção marca o grau de exploração do operário e isto interfere não somente nos salários, na produtividade etc. A classe capitalista deixada ao seu bel-prazer, aumenta a exploração aos limites suportáveis pela força de trabalho, e, às vezes, ultrapassa este nível, apostando na reserva de força de trabalho existente e desprezando até mesmo a destruição física dos proletários.<sup>98</sup>

A repressão política começou logo no início da República, o que fez com que parte da imprensa qualificasse o novo regime como uma ditadura. As críticas de parte da imprensa, confrontavam o novo regime com as esperanças depositadas no fim da Monarquia, por diversos segmentos da sociedade brasileira, como os professores, estudantes, jornalistas, parte do movimento republicano e profissionais liberais. Esses segmentos apoiaram a mudança de regime, por acreditar que ele proporcionaria maior participação na política e servisse aos interesses da democracia.

Com a proclamação da República foi formado um Governo Provisório chefiado pelo marechal Deodoro da Fonseca. Seu primeiro decreto dizia que enquanto não ocorressem as eleições para o Congresso Constituinte somente seriam acatadas as decisões do novo governo. Inexistia um poder Legislativo. A força e atuação do novo poder Executivo era legitimado pela suposta necessidade de manutenção da ordem e da segurança pública. Na realidade, a nova forma de governo era uma ditadura militar. E o novo regime não poupava esforços para impedir a atuação de dissidentes, opositores do novo governo e principalmente indivíduos que militassem na luta contra o capitalismo.

Nos primeiros anos do regime republicano, as classes dominantes não tardaram em mostrar seu lado mais violento, sua força na repressão a grupos que não aceitassem as relações de produção desses primeiros anos da República. A instituição que fazia o papel de repressão aos populares que se rebelassem contra o *status quo*, atuando para impedir a eclosão de revoltas populares era a polícia, em alguns casos com colaboração das Forças Armadas. Tinham o compromisso de manter a incipiente ordem burguesa. No

---

<sup>98</sup> Viana, Nildo – A aurora do anarquismo. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 27 e 28.

Distrito Federal, os capoeiristas fluminenses sentiram logo a força da repressão, a mão pesada da elite brasileira, sendo perseguidos pelo chefe de polícia Sampaio Ferraz, presos e deportados para a distante, paradisíaca e incomunicável Ilha de Fernando de Noronha. Gradativamente os capoeiristas foram sendo incorporados pelo sistema, porém de maneira repressiva e brutal.

Não foram somente os capoeiristas que sentiram inicialmente a implacável perseguição do novo sistema político instaurado no Brasil. Logo nos primeiros anos da República, os militantes anarquistas estrangeiros foram intensamente perseguidos pelas autoridades fluminenses. Há documentação policial de repressão ao anarquismo em São Paulo e Rio de Janeiro desde 1893. A vigorosa repressão ao movimento anarquista no final do século XIX e início do XX, representou justamente o período de maior resistência e combatividade do movimento sindical ao capitalismo no Brasil. A ação governamental se manifestou juridicamente na elaboração de leis que criminalizavam o movimento operário, o direito de liberdade de expressão e livre manifestação. Foram criadas leis de expulsão de militantes estrangeiros, realizadas prisões arbitrárias, ação de intensa violência policial para dispersão de concentrações e manifestações de trabalhadores. Constantes invasões e destruições das redações de jornais operários e de sedes de organizações proletárias.<sup>99</sup>

Os imigrantes libertários sentiram logo a face brutal da repressão. As classes dominantes consideravam a influência dos trabalhadores imigrantes anarquistas sobre os operários brasileiros como perigosa. Eram mal vistos por causa da militância ácrata, por condenar o Estado e o sistema capitalista e pelo perigo de organizar, mobilizar e revoltar os trabalhadores. Não por que eram estrangeiros e sim por serem anarquistas. A ideologia libertária foi constantemente reprimida e condenada pelas autoridades políticas e patrões. Nas primeiras décadas da República, foram constantes as perseguições policiais aos ativistas anarquistas.

O imigrante anarquista ou não, já muito antes da república, vinha sendo observado pelo poder constituído como passível de engrossar os tumultos e ‘mazorcas’ das ruas. Nas cidades, em particular, passou a figurar como elemento

---

<sup>99</sup> NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino – Florentino de Carvalho, um professor indisciplinado!. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 113 e 114.

‘comburente’ pronto a servir de suporte e expandir as chamas da rebelião social.<sup>100</sup>

Logo nos primeiros anos de República, no governo de Floriano Peixoto, foram expulsos 76 trabalhadores estrangeiros. Desse grupo, 36 imigrantes foram acusados de crimes políticos e 19 saíram do país sob acusação específica de militância anarquista. Um simples decreto presidencial, precedido de uma solicitação do chefe de polícia era suficiente para expulsar qualquer trabalhador imigrante. Não existia um processo legal de expulsão de imigrantes, que proporcionasse alguma chance de defesa aos acusados. Não existiam quaisquer possibilidades de um julgamento, em que um militante libertário tivesse alguma chance de ser inocentado das acusações e continuar vivendo no Brasil. O imigrante expulso não tinha a quem recorrer juridicamente. Assessoria jurídica para um anarquista era impensável, pois sequer existiam leis que regulassem as relações trabalhistas, ainda mais para defender um trabalhador. A primeira expulsão de um trabalhador imigrante aconteceu ainda em 1893, logo nos primeiros anos da República.<sup>101</sup>

Em notícia publicada pelo *Jornal do Comércio* de 1/12/1892, no dia 1º de dezembro de 1892 diz-se que a polícia prendeu vários imigrantes anarquistas no Rio de Janeiro, acusados de fazerem discursos radicais na sede do Centro do Partido Operário no dia 11 de novembro. Foram presos: Lázaro Laguna, Juan Villa, Antonio Fontana, Jules Pecave, Bonifácio Minor, entre outros. Os detidos assumiram a militância anarquista e afirmaram que estavam em guerra contra o capitalismo. O chefe de polícia responsável pelo inquérito solicitou a deportação imediata desses imigrantes.

Através de outra reportagem do *Jornal do Comércio*, de 25/11/1892, o delegado Dr. Vaz Pinto, da 8ª Circunscrição Urbana, anunciou pela imprensa, a prisão de alguns ativistas anarquistas, entre eles estava Antônio Thabio, chefe dos revolucionários. A polícia invadiu a casa de Thabio em Niterói, na rua Visconde do Uruguai, nº 9, onde encontrou fortes indícios da militância anarquista. No ano seguinte, a declaração do

---

<sup>100</sup> Samis, Alexandre – Desvio e ordem: o anarquismo e a polícia na República Velha. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 58.

<sup>101</sup> CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987, p. 23 e 24.

estado de sítio por causa da Revolta da Armada, legitimou a repressão aos imigrantes, principalmente libertários.<sup>102</sup>

Duas importantes revoltas marcaram os primeiros anos do período republicano, gerando desdobramentos que atingiram o proletariado. No ano de 1893 eclodiram a Revolta da Armada no Distrito Federal e a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul. Ambos eventos acarretaram um reforçamento das forças estatais. O movimento operário terminou sendo atingido e muitas de suas organizações foram reprimidas chegando até mesmo a desaparecer.<sup>103</sup>

Entre 1897 a 1915, foram criadas duzentas ligas de resistências, associações ou união de operários de acordo com os modelos organizacionais criados pelos trabalhadores europeus, influenciados pelo Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores em Balê, na Suíça, no ano de 1869. Seriam células de uma futura célula da sociedade socialista, que representariam um eficaz potencial de luta e propaganda.<sup>104</sup>

Em janeiro de 1898 realizou-se o primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Foi organizado por remanescentes da Colônia Cecília e da Comuna de Paris, com a participação de dois centros anarquistas. Nele ficou decidido que os operários deveriam se organizar através de ligas, associações ou uniões operárias.<sup>105</sup> Em 20 de setembro desse mesmo ano foi assassinado o militante anarquista italiano Polenice Mattei, em São Paulo devido repressão à militância operária, tornando-se o primeiro mártir do anarquismo no Brasil.

Na virada do século se desenvolveram no Brasil as organizações de trabalhadores com o intuito de resistir à exploração capitalista, principalmente entre os operários do setor fabril e da construção civil, surgindo assim os primeiros sindicatos. Defendiam os interesses operários e condenavam a intensa exploração no trabalho. A organização sindical era permitida na lei, existia juridicamente, porém o Estado não os reconhecia como representantes legítimos dos interesses dos trabalhadores. As organizações sindicais que realmente reivindicavam os interesses dos trabalhadores eram perseguidas pelo governo brasileiro, enquanto que o Estado tinha um bom relacionamento com as

---

<sup>102</sup> Samis, Alexandre – Desvio e ordem: o anarquismo e a polícia na República Velha. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 62 e 63.

<sup>103</sup> HARDMAN, Francisco Foot. e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 189.

<sup>104</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p 34.

<sup>105</sup> Ibid., p 36.

organizações sindicais que afirmavam representar os trabalhadores, mas na prática nada faziam. O direito de livre reunião e organização nos locais de trabalho também não era aceito pelo governo. A questão social era caso de polícia. O movimento operário na Primeira República travou uma árdua e intensa luta pelo direito de livre organização sindical.

Em 1898 aconteceu a importante greve dos cocheiros e condutores contra a Cia. Carris Urbana no Rio de Janeiro. Esse movimento paralisou toda a Capital da República e ficou marcado pela violência policial contra os grevistas que resistiram conforme suas possibilidades.

Na capital da República, no ano de 1900, o ministro da Justiça e Negócios Interiores, Epitácio Pessoa, orientava constantemente o chefe de polícia sobre o perigo de desembarque de imigrantes anarquistas no porto do Distrito Federal. Existiam listas com nomes de estrangeiros indesejáveis que deveriam ser proibidos de desembarcar no Brasil. Essas listas circulavam entre os governos de vários países. Assim foi sendo construído um rótulo de anarquista como alguém contrário à ordem pública. Dependendo das circunstâncias, qualquer estrangeiro, independente de ser um ativista libertário, poderia ser rotulado como anarquista. O termo anarquista ganhou uma carga pejorativa, ruim, significando um desajustado na sociedade<sup>106</sup>. O anarquismo foi comparado como uma planta exótica, que nada tinha em comum com o povo brasileiro e nem com o país. Os imigrantes anarquistas eram retratados como pessoas de índole ruim, delinquente com problemas de adaptação ao sistema. Eram encarados como dinamiteiros, praticantes de atentados à bomba e terroristas. Essa visão preconceituosa difundida na sociedade pelos meios de comunicação da época e a intensa repressão policial demonstraram a incompatibilidade do capitalismo com qualquer conjunto de ideias que criticasse a ordem capitalista e vislumbrasse qualquer outro tipo de organização econômica e social. Para a burguesia, qualquer ideologia que ameaçasse as relações de produção capitalistas deveria ser combatida e reprimida.

A famosa greve dos cocheiros de 1898 contribuiu para a mobilização de mais trabalhadores contra as difíceis condições de trabalho e de sobrevivências a que estavam submetidos. Essas organizações de trabalhadores, antes isoladas, começaram a pensar em

---

<sup>106</sup> Samis, Alexandre – Desvio e ordem: o anarquismo e a polícia na República Velha. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 64.

melhor se organizar. Em 1901 aconteceram algumas greves esparsas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

No primeiro governo de Rodrigues Alves (1902-1906)<sup>107</sup>, terceiro presidente civil, aconteceram inúmeras greves e mobilizações proletárias que culminaram com a realização do emblemático Primeiro Congresso Operário (1906). Os trabalhadores continuavam a se organizar, fazendo crescer a militância sindical. Só no Rio de Janeiro foram criadas as seguintes organizações operárias: União dos Foguistas da Marinha Mercante e Lanchas do Porto, Associação dos Operários da Indústria Mobiliária, União dos Alfaiates e Classes Anexas, União dos Operários em Padarias, União dos Operários em Fábricas de Tecidos, Associações dos Marinheiros e Remadores, União dos Operários em Pedreiras, União Protetora dos Chapeleiros, Liga das Artes Gráficas (mais tarde denominada União dos Trabalhadores Gráficos), União dos Trabalhadores da Estiva e Carvão Mineral, União dos Empregados da Estrada de Ferro Central do Brasil, União dos Operários em Construção Civil, Aliança dos Operários em Calçados, Centro Cosmopolita (hotéis, bares e restaurantes), União dos Operários do Engenho de Dentro, Associação de Resistência dos Cocheiros e Carcereiros.<sup>108</sup>

Em janeiro de 1903 o prefeito Pereira Passos contribuiu para o aumento da indignação popular com uma política de modernização urbanística na Capital Federal, que gerou aumento de impostos, remoções de famílias pobres, demolições de casas e cortiços. A indignação tomou conta cidade. Em março do mesmo ano eclodiu uma grande greve das categorias dos setores têxteis. Ainda nesse ano aconteceu uma greve generalizada no Distrito Federal envolvendo 25 mil trabalhadores, entre eles: tecelões, ourives, alfaiates, carpinteiros, chapeleiros, sapateiros, ferroviários, motorneiros entre outras categorias de trabalhadores. O relevante crescimento das organizações operárias e conseqüentemente, das mobilizações operárias, preocupou os governantes e os burgueses. Inúmeras tentativas foram feitas com o objetivo de desunir o incipiente proletariado, que crescia na justa medida em que o capitalismo ia se desenvolvendo nas principais cidades do país. No Distrito Federal, 12 mil trabalhadores se manifestaram publicamente como adeptos do sindicalismo revolucionário e se solidarizando com os Mártires de Chicago.

---

<sup>107</sup> O primeiro governo de Rodrigues Alves foi cumprido integralmente de 1902 até 1906. Porém faleceu antes de cumprir o seu segundo mandato que iria de 1918 até 1922.

<sup>108</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 85 e 86.

Outra vez a polícia agiu com violência na repressão ao movimento grevista, e o chefe de polícia Cardoso de Castro prendeu os líderes na Casa de Detenção. Nos meses seguintes a repressão continuou. Em maio saiu uma portaria proibindo concentração de trabalhadores, e o receio de uma revolta popular contra a elite era constante. Muitos líderes operários ganharam a alcunha de anarquistas, outros trabalhadores eram presos, acusados de agitação anarquista, de incendiários ou bombistas. Além dos grevistas encontravam-se presos também os famosos anarquistas espanhóis Antônio Escaño e Simão Salgueiro por causa da agitação grevista em frente à Fábrica Carioca. Mas o objetivo da repressão de manter o proletariado passivo, não foi alcançado.<sup>109</sup>

Com o crescimento das associações operárias, em 1903 foi criada a Federação das Associações de Classe no Rio de Janeiro, organizada de acordo com os princípios da CGT francesa e que em 1906 viria a se chamar Federação Operária Regional Brasileira, com sede na mesma cidade, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, através de federações operárias. A mudança de nome se deu após seus líderes terem sido orientados por sindicalistas argentinos da FORA.

As greves operárias deflagradas nesse ano alcançaram seu apogeu na greve dos tecelões. O clima generalizado de insatisfação do proletariado, associado com as reformas do prefeito Pereira Passos contribuíram para a eclosão da Revolta da Vacina em 1904. Trabalhadores e cidadãos empobrecidos do Distrito Federal se revoltaram e travaram batalhas campais, com barricadas levantadas em toda cidade, contra o governo. Em 1904 eclodiu a greve dos marinheiros e catraieiros em Fortaleza, movimento marcado por violentos confrontos entre policiais e grevistas. No mesmo ano aconteceu a greve dos sapateiros em Curitiba. Em 1905 aconteceram greves nas docas de Santos.

Os meios repressivos do capitalismo brasileiro usaram de violência governamental para tentar diminuir a militância sindical. Por mais que a violência governamental atingisse vários militantes anarquistas, a ideologia continuava influenciar a organização sindical dos trabalhadores brasileiros.

Temendo um recrudescimento do movimento operário de influência anarquista, governo e burguesia se mobilizaram para reprimi-lo. Foi feito grande esforço para a aprovação de uma lei que legitimasse a expulsão de imigrantes considerados agitadores

---

<sup>109</sup> Samis, Alexandre – Desvio e ordem: o anarquismo e a polícia na República Velha. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 68 e 69.

do movimento operário brasileiro, principalmente os estrangeiros anarquistas. As autoridades recrutaram assassinos portugueses refugiados no Brasil para compor quadros policiais.<sup>110</sup> Em Santos, cidade com forte movimento operário, vários policiais se destacaram na repressão aos trabalhadores por causa dos seus métodos sádicos, sanguinários e extremamente violentos com grevistas.<sup>111</sup> O objetivo era atingir as supostas lideranças libertárias do movimento operário que crescia nas principais cidades brasileiras. O governo mobilizou-se de todas as formas possíveis, legais e ilegais para reprimir a crescente mobilização e revolta operária.

Aconteceram protestos contra a violência policial e o governo precisou criar um mecanismo jurídico para dar legitimidade aos espancamentos promovidos pela polícia contra os militantes anarquistas. Rodrigues Alves enviou para a Câmara dos Deputados um projeto de lei que ficou conhecido em todo o país como lei Adolfo Gordo. Ganhou esse nome por causa do deputado que apresentou à casa legislativa esse projeto de lei que tinha como objetivo controlar a liberdade de pensamento dos militantes operários, impedir movimentos grevistas e as organizações proletárias. Essa lei dava liberdade de atuação para a polícia na repressão ao movimento operário, estimulava a delação entre os trabalhadores e a espionagem nos sindicatos. Uma simples denúncia patronal, ou de um trabalhador avesso à militância operária era o suficiente para o trabalhador nacional ser enviado para os inóspitos seringais do Acre, ou para o trabalho nos sertões do Nordeste. Caso o trabalhador fosse estrangeiro seria expulso sumariamente do país. Assim procederam as autoridades republicanas e democratas do Brasil no trato com a militância operária que buscava melhores condições de trabalho e de vida.

Os militantes anarquistas expulsos do Brasil voltaram compulsoriamente para seus países de origem, acusados de delitos conhecidos como delito de opinião, problemas políticos e ideológicos. Até o ano de 1922, os principais alvos de perseguição do governo, dentro do movimento operário, foram os militantes anarquistas. Após essa data, os comunistas somaram-se aos anarquistas como alvos da repressão policial e política.<sup>112</sup>

---

<sup>110</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 96.

<sup>111</sup> *Ibid.*, p. 96.

<sup>112</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade**. Rio de Janeiro: edUERJ, 1996, p. 94.

Em São Paulo, sapateiros, padeiros, marceneiros e chapeleiros fundaram a Federação Operária de São Paulo (FOSP) em 1905. No ano seguinte na Capital Federal foi criada a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ). Assim foram forjadas as condições para o surgimento de um organismo sindical centralizado, organizado a nível nacional baseado no sindicalismo revolucionário, que seria criado por meio do Primeiro Congresso Operário. O referido congresso, realizado em abril de 1906, no Centro Galego do Rio de Janeiro foi fundamental para entendermos como os operários brasileiros se organizaram através do sindicalismo revolucionário. Foi promovido pela Federação Operária Regional do Rio de Janeiro e contou com a participação de delegados dos sindicatos de vários estados, principalmente de São Paulo. No congresso foram lançadas as bases para a criação uma central sindical inspirada na CGT francesa, criando as condições para a organização do movimento operário brasileiro a nível nacional. Dessa forma foi criada, dois anos depois, em 1908, a Confederação Operária Brasileira (COB). O congresso aprovou a orientação de transformar as associações operárias em sindicatos, com o intuito de promover a autonomia do trabalhador no sindicato, deste na federação e por último na confederação, que seria a COB. Somente dessa forma o domínio do movimento operário por alguns poucos líderes seria impedido. Integraram a COB cerca de 50 associações sindicais dos vários Estados da federação.

Florentino de Carvalho foi outro militante anarquista estrangeiro que se destacou no movimento operário brasileiro durante as primeiras décadas do século XX. Seu nome verdadeiro era Primitivo Raymundo Soares. Teve atuação relevante nos dois primeiros congressos operários (1906-1913). Nasceu em 3 de maio de 1883 na Espanha. Veio para o Brasil quando a Monarquia estava sendo substituída pelo regime republicano, ainda criança, oriundo de Oviedo. Sua formação ideológica aconteceu no Brasil, contrariando a ideia de que os imigrantes estrangeiros que atuaram no movimento operário brasileiro chegaram de seus países de origem com sua formação política pronta, doutrinando os trabalhadores brasileiros. O mesmo aconteceu com outros muitos militantes anarquistas estrangeiros, que atuaram em território nacional. Florentino de Carvalho tornou-se anarquista em 1901. Era sargento da Força Pública do Estado de São Paulo, quando leu o livro *A conquista do pão* de Piotr Kropotkin. Saiu da polícia paulista e passou a trabalhar com estivador nas docas de Santos com seu pai. Depois passou a trabalhar em tipografias operárias e continuou a estudar sobre anarquismo. Participou do coletivo de redatores de algumas revistas e jornais operários, tornou-se um importante ideólogo anarquista,

chegando a escrever oito livros de análise social. Foi constantemente preso, espancado e expulso do Brasil. Em 1910 foi deportado para Argentina e de lá seria enviado para a Europa. Porém o navio onde estava preso rumo à Argentina passou por Santos e ali foi abordado por trabalhadores que conseguiram resgata-lo. Após esse episódio, passou a usar o pseudônimo Florentino de Carvalho para driblar a repressão governamental. Em 1912 foi deportado novamente, dessa vez para Portugal, porém retornou clandestinamente para o Brasil.<sup>113</sup>

Outra questão importante debatida no Primeiro Congresso Operário foi a possibilidade de os operários se organizarem através de partidos políticos. Caminhando em direção contrária ao sindicalismo revolucionário, se manifestou uma corrente com o objetivo de aprovar a possibilidade de criação de um partido político de cunho socialista para organizar os trabalhadores. A proposta não foi aprovada, pois a corrente predominante no congresso foi a do sindicalismo revolucionário.

A presença de Pinto Machado no Comitê de Preparação ao Primeiro Congresso Operário perturbou a maioria das lideranças sindicais, mas ao perceberem que as propostas socialistas não tinham muita penetração junto à classe operária, despreocuparam-se e assistiram as seguidas derrotas dos socialistas nas votações do referido congresso. A principal proposta dos socialistas era sobre a possibilidade do proletariado se organizar através de um partido político operário, pois os partidos políticos poderiam também participar dos sindicatos, mas, como vimos, foi derrotada. Pela influência anarquista, recomendou-se ao proletariado que se distanciasse do marxismo, considerado um socialismo autoritário e centralizador.

Esse foi um dos temas abordados na I Internacional, que no Brasil ganhou cores próprias. Pinto Machado afirmou que a União dos Operários no Engenho de Dentro não participaria da COB, pois acreditava que era um reduto de anarquistas e um centro de ideias europeias que não tinham condições de serem aplicadas no Brasil.<sup>114</sup> Astrojildo Pereira, que militou no anarquismo e posteriormente se tornou um dos primeiros nomes do marxismo no Brasil, analisou as causas que levaram ao fato de os trabalhadores não

---

<sup>113</sup> NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino – Florentino de Carvalho, um professor indisciplinado!. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 181-183.

<sup>114</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 107.

se sentirem representados inicialmente pelo socialismo e rejeitarem a representação política de um partido socialista nas resoluções do Primeiro Congresso Operário:

Parece claro, porém, que ele se deve principalmente à própria estrutura econômica semifeudal do país e, em consequência, à própria formação do proletariado nacional, aliás, quase todo de imediata origem camponesa e artesanal, inclusive o que provinha de correntes imigratórias, facilmente influenciável pela ideologia pequeno burguesa do anarquismo. A par disso, no entanto, havia certa tradição de luta operária (já não falando das lutas seculares dos escravos), que vinha desde meados do século passado – por exemplo, a grande greve dos tipógrafos do Rio de Janeiro, em 1858. Creio que este último fator explica em grande parte até que ponto o espírito de revolta reinante nas massas trabalhadoras – e, produzido, obviamente, pelas duras condições de trabalho a que estavam sujeitos – viria a favorecer entre nós o surto do anarquismo, uma vez que o socialismo – confuso e vago socialismo – se apresentava aqui quase sempre sob as vestes do mais frouxo reformismo, que apenas de nome ouvira falar de Marx e do marxismo.<sup>115</sup>

Assim, o ano de 1906 foi emblemático para o movimento operário, pois aconteceu o Primeiro Congresso Operário, que proporcionou uma melhor organização do movimento operário a nível nacional e consequentemente um importante aumento das lutas dos trabalhadores.<sup>116</sup>

Uma das decisões do Primeiro Congresso Operário foi a recomendação de que os operários brasileiros lutassem para impor as oito horas diárias de trabalho, sem diminuição salarial. Com esse intuito diversas categorias de trabalhadores paulistas entraram em greve em maio e junho de 1906. Assim no 1º de maio trabalhadores participaram de comícios em praças públicas das principais cidades do país, os quais exigiam a diminuição da jornada diária de trabalho para oito horas. No Rio de Janeiro, seguindo as orientações do Primeiro Congresso Operário, o proletariado local comemorou a data pela primeira vez em praça pública, milhares de operários saíram às ruas para prestar homenagens aos cinco mártires anarquistas enforcados em Chicago. Muitos discursos foram feitos com enfoque na necessidade da luta para conquistar as oito horas de trabalho.

Foi em Santos que o sindicalismo revolucionário marcou posição. Na praça Teles, em frente à sede da União Operária Internacional foram realizados importantes comícios

<sup>115</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p. 38.

<sup>116</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 269 e 270.

tendo participado importantes lideranças anarquistas como Oresti Ristori, Valentin Diego e Constantino Vasques<sup>117</sup>. Everardo Dias discursou em Campinas, Edgard Leuenroth explicou as decisões do Primeiro Congresso Operário, do qual participou, para os trabalhadores de Jundiaí. Campinas e Jundiaí foram palcos de greves no setor ferroviário. A empresa Companhia Paulista de Estrada de Ferro prestava o serviço de transporte ferroviário para ambas as cidades. Em Jundiaí cerca de 600 tecelões também entraram em greve, pois eram obrigados a trabalhar 13 horas por dia. A Força Pública foi enviada para reprimir com violência a greve dos ferroviários e tecelões. Em Jundiaí, vários operários e um policial perderam a vida durante os enfrentamentos gerados pela repressão policial. Em São Paulo um protesto estudantil terminou em violência novamente por causa da ação policial. O poeta anarquista Ricardo Gonçalves foi ferido no braço. Outro comício ocorrido em frente à sede da Federação Operária de São Paulo foi dispersado com violência policial. As oficinas dos jornais operários *Avanti!* e *La Battaglia* foram invadidas pela polícia, fato que impediu a circulação desses jornais por algum tempo.

Em janeiro de 1907, alguns meses após o Primeiro Congresso Operário, foram promulgadas duas leis que permitiram as autoridades tentar obstruir a influência anarquista dentro do movimento operário: o Decreto 1637, que exigia que os sindicatos apresentassem seus estatutos documentados em cartório, com listas dos nomes dos membros de suas respectivas diretorias, nas quais só poderiam fazer parte, brasileiros natos, cidadãos naturalizados ou residentes há mais de cinco anos no país. De outra forma, os sindicatos não seriam considerados representantes legais de uma categoria específica de trabalhadores. Outro golpe certeiro contra o movimento operário foi o Decreto 1641, também conhecido como lei Adolfo Gordo, que regularizava a expulsão de qualquer estrangeiro do território nacional que fosse considerado uma ameaça à segurança nacional ou à tranquilidade pública. A lei não tinha alcance sobre estrangeiros casados com brasileiras, viúvos que tivessem filhos brasileiros ou estrangeiros que tivessem moradia fixa no Brasil durante dois anos ininterruptos. A imprensa operária reagiu contra essa lei, que legitimava a expulsão de qualquer imigrante que tentasse lutar por melhorias em suas condições de trabalho e de vida.<sup>118</sup>

---

<sup>117</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 141.

<sup>118</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 29.

O proletariado enfrentou toda ameaça e repressão governamental, criando ainda mais organizações operárias por todo o país, mesmo após a lei Adolfo Gordo entrar em vigor. A repressão jurídica não alcançou o objetivo desejado, pois apesar da legitimar a expulsão de vários militantes estrangeiros, acusados de anarquistas, das prisões abusivas, espancamentos, prática de torturas contra trabalhadores e suas lideranças, as organizações operárias e sua militância cresceram ainda mais<sup>119</sup>.

O resultado não foi o almejado. O recrudescimento da repressão teve como consequência o aumento das organizações operárias. Os trabalhadores perceberam que a superação da exploração a qual estavam submetidos nas relações de produção capitalistas só viria através da mobilização e da luta através do movimento operário de inspiração do sindicalismo revolucionário. Era a força majoritária do movimento operário brasileiro.

Seguindo as orientações decididas no Primeiro Congresso Operário para que os trabalhadores alcançassem as oito horas diárias de trabalho, ficou decidida a deflagração da primeira greve geral em território nacional, no dia 1º de maio de 1907. Ficou decidido também que a Federação Operária de São Paulo (FOSP) faria uma manifestação pública que seria o estopim do movimento grevista. Porém as autoridades impediram a realização da manifestação, ocupando a Praça da Sé em São Paulo. Porém a concentração do proletariado aconteceu na própria sede da FOSP. A polícia tentou intervir e reprimir a manifestação a qualquer custo. Militantes foram presos e a violência policia aconteceu sem alcançar o seu objetivo de impedir a eclosão da greve geral. Em São Paulo, diversas categorias começaram a entrar em greve, uma após a outra, como em um efeito dominó. Em seguida a greve se espalhou para outros estados. A greve começou com os operários metalúrgicos, em seguida trabalhadores da construção civil, serrarias, canteiros, fabricação de pentes e barbantes, lavanderias, pintores, sapateiros, jardineiros, encanadores, tecelões, marceneiros, chapeleiros, entre outras profissões aderiram à greve geral. No Rio de Janeiro entraram em greve os ladrilheiros, tecelões, ferreiros, torneiros, ferreiros e outras categorias de trabalhadores.<sup>120</sup> As autoridades precisaram recorrer à polícia para reprimir com violência a greve geral e também à imprensa, para interpretar a greve como um ato de militantes fanáticos e desesperados. Muitos trabalhadores

---

<sup>119</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 85.

<sup>120</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 196-197.

terminaram presos, sob a acusação de que importunavam os trabalhadores que queriam trabalhar. Qualquer um que a polícia considerasse ser um líder do movimento era preso. Jornais operários foram invadidos. Rapidamente, a notícia de que as autoridades estavam agredindo trabalhadores se espalhou. Estas se apressaram em justificar tais abusos. O Chefe de Polícia de São Paulo afirmou que: “a greve foi provocada por alguns anarquistas, agitadores de ofício, pagos por governos estrangeiros para matar a nossa indústria”. Ironicamente boa parte das indústrias brasileiras pertencia a estrangeiros.<sup>121</sup>

A greve geral durou mais de trinta dias. Mesmo com o grande número de trabalhadores presos, sindicatos invadidos, trabalhadores espancados, os trabalhadores alcançaram vitórias totais e parciais. Os pedreiros, carpinteiros, chapeleiros, canteiros, gráficos, limpeza pública e marceneiros conseguiram a vitória total. Outras categorias conquistaram uma diminuição das horas diárias da jornada de trabalho como foi o caso das costureiras que conseguiram 9,5 em vez de 11 horas de trabalho diário, dos metalúrgicos e sapateiros. Assim podemos concluir que a greve geral de 1907 alcançou importantes conquistas e abriu um precedente para que outras categorias pudessem se organizar para conquistar as almeçadas oito horas diárias de trabalho.<sup>122</sup>

Na Capital da República, em junho, os carvoeiros também deflagraram uma greve. Trabalhavam de 4 da manhã até às 21h. Conseguiram aumento salarial e redução das horas de trabalho para 11 horas diárias.<sup>123</sup> Os sucessos alcançados por essas categorias em São Paulo e no Distrito Federal estimularam a eclosão de diversas greves na segunda metade de 1907 e no ano seguinte. Em 1907, tecelões entraram em greve na cidade de Niterói, por causa da morte de dois aprendizes devido a um acidente de trabalho<sup>124</sup>. Porém a repressão policial foi intensa contra tais movimentos. Muitos trabalhadores foram presos, sedes dos sindicatos foram invadidas.<sup>125</sup> Em Pau Grande, cidade do Rio de

---

<sup>121</sup> Ibid., p. 197.

<sup>122</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 28 e 29.

<sup>123</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 218.

<sup>124</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 274.

<sup>125</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 29.

Janeiro, trabalhadores tecelões entraram em greve. O imigrante Antônio Brucarti foi expulso do país acusado de ser o líder do movimento<sup>126</sup>.

Em 1908 foi criado o periódico a *Voz do Trabalhador*, com o objetivo de promover as orientações e atividades da COB. No referido periódico ficou comprovada a influência do sindicalismo revolucionário com o objetivo de organizar a luta dos trabalhadores contra o modo de produção capitalista em todo o país. Logo em seu primeiro número, os leitores foram informados de que a tiragem do jornal seria inicialmente quinzenal, sendo cobrados 100 reis para aquisição do jornal avulso. Sua redação era na rua do Hospício, nº 156, sobrado. A referência ao sindicalismo revolucionário está registrado em seu primeiro número, publicado em 1 de julho de 1908:

Iniciamos com o presente número a publicação periódica de A Voz do Trabalhador, órgão de uma coletividade formada com a intenção de agremiar e reunir as associações que tenham uma orientação nitidamente revolucionária, e com um programa claro e preciso, elaborado no Congresso Operário, exposto e difundido sempre que apresentou oportunidades e não faltaram meios. O que desejamos, e havemos de conseguir, custe o que custar – é a emancipação dos trabalhadores da tirania e exploração capitalista, transformando o atual regime econômico do salariado e do patronato num regime que permita o desenvolvimento de organizações de produtores-consumidores, cuja célula inicial está no atual sindicato de resistência ao patronato. Como meio pratico, como método de luta para alcançar tal *desiratum*, adotará e usará o sindicalismo revolucionário. (...) É preciso não descansar um instante, o verdadeiro revolucionário só descansa no tumulto. Só pedimos uma cousa: atividade, atividade e sempre atividade.<sup>127</sup>

Segundo estatísticas oficiais, no primeiro ano de vigência da lei Adolfo Gordo foram emitidos 132 processos de expulsão de estrangeiros. No ano seguinte o jornalista italiano Vicente Vacirca, diretor responsável pela publicação do periódico socialista *Avanti!* foi expulso do Brasil.<sup>128</sup> Essa comprometedora expulsão foi registrada no terceiro número do periódico *A Voz do Trabalhador*, de 1 de agosto de 1908. Logo na capa do jornal está estampada a matéria intitulada “*A expulsão de um jornalista*” sobre a expulsão do jornalista italiano. Vacirca, que havia registrado e denunciado as precárias condições de vida em que estavam submetidos os trabalhadores imigrantes nas fazendas do Brasil.

---

<sup>126</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 218.

<sup>127</sup> A Voz do Trabalhador nº 1 (01/07/1908).

<sup>128</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 29.

No referido artigo do importante jornal da COB ficou registrada a tentativa de autoridades brasileiras de enquadrar até mesmo esse jornalista italiano e socialista, dentro da lei Adolfo Gordo. Porém enquadrá-lo nessa lei não foi tarefa fácil, por não se tratar de um estrangeiro militante operário, um sindicalista. Para ser expulso do território nacional, ele deveria ser enquadrado como um agitador, porém seu “crime” foi levar tais informações aos seus conterrâneos e assim:

(...) provocou as iras dos senhores do capital, que lançaram contra o importuno ‘hospede’ a matilha de cães famintos que ao seu serviço, dispostos a tudo para obedecer *all dio d’ellor* pululam pela imprensa. E estes avançam furiosos contra o ‘caluniador’, tentando enterrar-lhe os dentes, mas ... tiveram que recuar sempre, contentando em latir ruidosamente, clamando contra o homem e pedindo a intervenção do poder. Quando não há razões, apela-se para a força... O poder interviu, mas como expulsar o homem? O que ele disse era a pura realidade, o que ele contou são verdades tão divulgadas, que não se podem desmentir, mesmo apelando para os mais grosseiros sofismas. Espreitaram uma ocasião para agir e ela não tardou em apresentar-se. Realizava-se em S. Paulo um comício de protesto contra os frequentes acidentes de trabalho. A ele assistia Vicente Vacirca, a polícia provocou e houve conflito... Eureka! A pátria estava salva. O homem seria expulso como desordeiro. E foi. O caso fez barulho. Chegou até a câmara dos deputados, e a imprensa toda se ocupou dele. Foram sondadas algumas opiniões e quase todas, inclusive do sr. Ruy Barbosa, concordaram que a lei é inconstitucional. Mas o habeas-corpus foi negado... Protestar contra a lei? Para que si apesar de os próprios que a fabricaram não saberem se está dentro da Constituição, ela é aplicada! Em 1893 não havia lei de expulsão e diversos anarquistas foram deportados. E, ainda há poucos meses, foi expulso de Santos um homem como anarquista. Mas tratava-se dum operário e não houve gritaria. Nós protestamos contra o fato, indigno de homens que se dizem amantes da liberdade, e incitamos a classe proletária e todos os homens que amam a justiça a reagir contra os ataques dos que querem amordaçar o pensamento, contra os que querem que impere o silêncio em volta das façanhas dos bandidos e assassinos legais que nas fazendas dispõem da vida e dos interesses dos colonos.<sup>129</sup>

Em setembro de 1908 os trabalhadores das Docas de Santos entraram em greve pela tão almejada jornada de 8 horas diárias de trabalho. Novamente autoridades à serviço da burguesia precisaram recorrer à repressão violência policial para desmobilizar os trabalhadores rebeldes. Aconteceram conflitos entre policiais e grevistas. Desembarcaram na cidade trens com tropas do exército oriundas de São Paulo. Foram contratados centenas de trabalhadores fura-greves para substituir os trabalhadores que haviam cruzado os braços. A situação ficou tão crítica, que no sexto dia de greve os navios

---

<sup>129</sup> A Voz do Trabalhador n° 3 (01/08/1908).

de guerra Deodoro, Floriano e Riachuelo desembarcaram suas tropas na cidade rebelde. No entanto o tiro saiu pela culatra e aconteceu justamente o contrário do que planejaram as autoridades: no dia 21 de setembro a greve se espalhou por toda a cidade. A intervenção policial se transformou em conflitos violentos com os trabalhadores. Para se defender, os grevistas chegaram ao ponto de ter que utilizar armas contra algumas unidades da cavalaria. Contra a desproporcional atuação da polícia e em solidariedade aos grevistas de Santos, a FOSP convocou uma greve geral, porém os trabalhadores paulistas não aderiram ao movimento. A violenta repressão aos poucos foi enfraquecendo o movimento grevista. O ministro dos Transportes precisou intervir na questão santista e sugeriu que o governo de São Paulo se responsabilizasse pelo reajuste salarial da Companhia. Assim, os grevistas decidiram encerrar a greve. Em 1909 os trabalhadores das Docas de Santos tiveram a audácia de proclamar o dia 1º de maio como feriado, fazendo com que o porto fechasse naquele dia.<sup>130</sup>

No mesmo ano aconteceu uma greve dos trabalhadores da Light no Rio de Janeiro. No Nordeste houve alguns movimentos grevistas relevantes. Em Recife eclodiu a greve dos marítimos do Loyd Brasileiro e foguistas das embarcações da Cia. Pernambucana. Na Bahia os ferroviários cruzaram os braços. O movimento grevista com maior destaque foi a greve geral deflagrada pelos ferroviários da Great Western no Nordeste. Ainda nesse ano aconteceram greves nas fábricas de tecidos no bairro de Vila Isabel no Distrito Federal. Porém de 1909 a 1912 o movimento operário brasileiro entrou em declínio. Alguns fatores explicam esse período de dificuldades para o movimento sindical: o aumento sistemático da repressão policial imbuída de intensa violência, fazendo com que o sindicalismo se transformasse em caso de polícia; as leis que foram criadas para limitar a atuação dos sindicatos, principalmente a lei Adolfo Gordo, que teve como consequência o grande número de trabalhadores estrangeiros deportados; o desemprego que atingiu o Brasil em 1908 afetando a classe trabalhadora, aumentando o desemprego e consequentemente o contingente do exército industrial de reserva.

Em 1910 ocorreram eleições presidenciais. Disputaram o cargo máximo do Poder Executivo o Marechal Hermes e Rui Barbosa. Durante seu governo (1910-1914), o marechal e seus assessores tentaram atrair o apoio do proletariado. Foi o primeiro candidato à Presidência da República a incluir a questão operária em sua plataforma

---

<sup>130</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 129 e 130.

política, embora de forma vaga e genérica. Novas relações entre o Estado e o movimento operário tentaram ser construídas. Hermes da Fonseca reconhecia os problemas das condições de trabalho dos trabalhadores urbanos, mas não apresentava uma proposta para resolver tais problemas. Durante sua administração tentou construir moradias operárias a baixo custo, mas poucas foram entregues aos trabalhadores. Seus sucessores não deram continuidades ao projeto residencial.

No entanto o governo de Hermes da Fonseca logo mostrou sua face violenta ao reprimir com extremo vigor a Revolta da Chibata em 1910, a revolta do Contestado em 1912 e na repressão violenta às greves do movimento operário. Também se empenhou para ampliar e tornar mais rigorosa a lei Adolfo Gordo, porém o Supremo Tribunal Federal a declarou ilegal em 1914, o que não impediu de estrangeiros militantes do movimento operário fossem expulsos do país. A tentativa de recrudescimento dessa lei foi uma resposta à retomada do movimento operário, visava principalmente atingir os portuários da cidade de Santos. No ano de 1912 aconteceram várias greves, encerrando o período de refluxo do movimento operário. Alguns fatores ajudam a entender o retorno da utilização de movimentos grevistas como ferramentas para a melhoria de vida dos trabalhadores. O agravamento das condições de vida dos operários influenciou o retorno dos embates de classes. O custo de vida havia aumentado, as condições de trabalho eram péssimas, escassez de moradia e baixos salários.

No Rio de Janeiro, o 1º de maio de 1912 ficou marcado por manifestações e protestos denunciando a violência policial contra o movimento operário e manifestações de rua. Sindicato dos Educadores, Gráficos, Canteiros, Marceneiros, Alfaiates, Marmoristas e outros marcaram uma reunião no dia 19 com o objetivo de reabrir a Federação Operária do Rio de Janeiro que havia sido reprimida e fechada pelas autoridades. Esse encontro aconteceu na rua Marechal Câmara, 335. A federação foi reaberta no dia 2 de junho e promoveu protestos contra a violência da polícia paulista. O movimento operário foi se fortalecendo no ano de 1912.<sup>131</sup>

Em 13 de outubro de 1912, o jornal *A Lanterna* publicou um número especial sobre o terceiro aniversário da morte de Ferrer. Esse referido número contém um artigo assinado por José Rodrigues Leite e José Oiticica no qual o conhecido intelectual, professor, poeta, crítico literário se declarou anarquista pela primeira vez. Oiticica então

---

<sup>131</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 312 e 313.

com 30 anos de idade era considerado um professor renomado. Dez anos antes, Oiticica se formara em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Decepcionado com sua profissão decidiu se tornar professor. Em 1906 fundou o Colégio Latino-Americano no Leme.<sup>132</sup>

Ao contrário de outros destacados militantes que aderiram ao anarquismo lendo importantes obras libertárias, Oiticica se ‘converteu’ ao anarquismo através do desenvolvimento e amadurecimento de suas próprias ideias.<sup>133</sup> Foi um militante anarquista brasileiro com destacada atuação no movimento operário. Era um defensor convicto do sindicalismo revolucionário, do princípio da ação direta, colaborou com jornais anarquistas, *A Lanterna* em 1912, participou ativamente de reuniões em sindicatos operários, de algumas tentativas revolucionárias, o que lhe rendeu meses de prisão. Foi um importante conferencista, levando o ideal libertário para diferentes grupos proletários.

134

Seu primeiro contato com o movimento operário organizado pelos anarquistas se deu em 1913, quando procurou a modesta sede da Federação Operária do Rio de Janeiro, no antigo Largo do Capim. Ali seus militantes estavam planejando a reorganização da COB. O conhecido professor subiu as escadas e foi recebido por um operário carpinteiro a quem perguntou pelo presidente da entidade. O carpinteiro lhe explicou de que ali não existia presidente, só comissões administrativas que executavam decisões das suas assembleias. A resposta agradou Oiticica e a partir desse momento até o fim de sua vida, em 1957, se dedicou à causa operária.”<sup>135</sup>

Em 1912, o governo federal patrocinou a Liga do Operariado no Distrito Federal e apoiou a preparação de um congresso operário que ficou conhecido como Quarto Congresso Operário pelos seus organizadores e também como o “congresso pelego” pelos militantes anarquistas. Seus organizadores consideravam os primeiros congressos operários realizados pelos socialistas em 1892 e 1902. Assim o congresso de 1906 seria o terceiro congresso, mas essa interpretação não foi aceita pela maioria dos historiadores.

---

<sup>132</sup> OITICICA, José. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Econômica, 1983, p. 2.

<sup>133</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 34 e 35.

<sup>134</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 313.

<sup>135</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 35.

Desde o início esse congresso trouxe muita polêmica e discórdia no movimento operário. Havia sido elaborado pelos tenentes do exército Pálmiro Serra Pulquério e Mário Hermes, também deputado federal e filho do presidente da República. Apesar de ser filho do presidente, não é correto afirmar que o Poder Executivo tenha patrocinado o congresso, apesar das várias facilidades oferecidas.

O congresso foi realizado no Rio de Janeiro, entre os dias 7 e 15 de novembro, no Palácio Monroe, cedido pelo governo para a realização do evento. O prédio havia sido construído nos primeiros anos do século XX e havia recebido a Conferência Pan-Americana de 1906. Foi oferecido transporte gratuito na Estada de Ferro Central do Brasil e nos navios do Loyd Brasileiro e para que os delegados de diferentes regiões pudessem chegar ao Rio de Janeiro. Estiveram presentes 187 delegados, representando 68 organizações trabalhistas. Do Distrito Federal apenas sindicatos sem importância compareceram. Nenhum sindicato de São Paulo e de Santos compareceu, alegando que tal congresso não tinha nenhum compromisso com os trabalhadores, tratando-se unicamente de usá-los politicamente. A única organização operária importante que compareceu foi a Federação Operária do Rio Grande do Sul, que rapidamente se retirou alegando que tal congresso era mera politicagem. Foi um congresso repudiado pela Federação Operária do Rio de Janeiro e pela Comissão Reorganizadora da Confederação Operária Brasileira.

Os participantes abordaram o progresso econômico e a elevação moral, social e intelectual do proletariado. Os delegados não abordaram, entretanto, questões importantes para o sindicalismo revolucionário tais como: distribuição de propriedade, doutrinas antimilitarista, antiestatais e internacionalistas. Ficou decidida a criação da Confederação Brasileira do Trabalho (CBT) com o objetivo de realizar um programa com reivindicações operárias, entre elas: condenação da lei Adolfo Gordo, a jornada diária de 8 horas de trabalho incluindo um dia de descanso semanal, indenização por danos causados à saúde no trabalho, direito à pensão para idosos e inválidos, condenação da lei de expulsão de estrangeiros, limitação de trabalho de mulheres e menores, construção de vilas operárias, seguro obrigatório para casos de doenças, criação do salário mínimo, obrigatoriedade de educação primária, reforma dos impostos públicos entre outras. De maneira unânime os delegados aprovaram as propostas e também a formação de um partido político operário com o nome de Confederação Brasileira do Trabalho. Mário Hermes da Fonseca foi declarado presidente de honra da CBT. O operário italiano Donato Donati foi o redator

das resoluções do congresso. O periódico *A Época*, que circulou de 1912 a 1919, foi o jornal que fez propaganda do Quarto Congresso Operário e publicou as decisões aprovadas.

Esse congresso não conseguiu alcançar o proletariado brasileiro. Mesmo com o governo se oferecendo para pagar os gastos com as despesas dos delegados, poucos representantes dos sindicatos considerados importantes compareceram. Para o sindicalismo revolucionário, força majoritária do movimento sindical da época, os trabalhadores jamais poderiam se aliar ao Estado na luta por melhorias trabalhistas. O congresso ainda foi acusado de ser organizado por policiais, o que gerou a revolta dos sindicatos de resistência que se recusaram a comparecer.<sup>136</sup> Podemos entender o “congresso pelego” como uma tentativa do Estado burguês de aparelhar o movimento sindical, fato que terminaria se consolidando com o declínio das ideias anarquistas nos sindicatos e o fim da Primeira República.

No final de 1912, com o intuito de renovar a COB, e por iniciativa da Federação Operária do Rio de Janeiro, foi criada uma comissão para organizar um novo congresso operário nacional, intitulada Comissão Reorganizadora da Confederação Operária Brasileira. Com esse intuito reapareceu o periódico *A Voz do Trabalhador*, em uma quarta feira, dia 1º de janeiro de 1913, passando a ser uma publicação quinzenal e alcançando a espantosa tiragem de quatro mil exemplares, o que foi considerado um feito para a época e demonstrou a força do sindicalismo revolucionário dentro do movimento operário. O número 22 do jornal *A Voz do Trabalhador*, publicado em 1º de janeiro de 1913, descreve o reaparecimento desse importante periódico na matéria intitulada “*Aqui estamos*”:

Reaparece, hoje, a Voz do Trabalhador. Para que a luta iniciada com este ressurgir seja mais profícua, fecunda e duradoura é mister quer todos que vivem esmagados, tolhidos em suas liberdades, pelo patronato odioso, e por toda a quadrilha de verdugos, se dediquem com ardor, com amor verdadeiro, à causa que é de nós todos, auxiliando cada qual na altura de suas posses, o periódico que se propõe, continuando a sua publicação, por um lapso de tempo interrompida, ser o eco vibrante, como já o foi, das nossas aspirações, o veículo da nossa revolta e o semeador criterioso que levará em todos os recantos onde houver um oprimido a seiva do sindicalismo para que ele o compreenda e possa preparar-se, organizar-se e dar combate ao seu opressor fazendo o recuar, titubear o alfim tombar dando margem a uma vida nova e uma sociedade equitativa, sem amos e sem leis! A

---

<sup>136</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 30 e 32.

Voz do Trabalhador agora reaparecendo continua o seu programa traçado por ocasião do 1º Congresso Operário de 1906 e ao qual durante o tempo em que pode ser publicada conservou-se sempre fiel.<sup>137</sup>

A retomada do movimento operário no combate às relações de produções capitalistas foi a realização do Segundo Congresso Operário no ano de 1913, realizado também no Rio de Janeiro, assim como o anterior - desta vez no Centro Cosmopolita, que abrigava o Sindicato de Trabalhadores em Hóteis, Cafés, Restaurantes e Similares, localizado na rua do Senado, 215. Compareceram no congresso 59 associações operárias e quatro jornais anarquistas fizeram a cobertura. Foram eles: *A Voz do Povo* de Myev Feldmann, *Germinal* e *A Lanterna* de Edgard Leuenroth e *O Trabalho* de Astrojildo Pereira. O congresso condenou as agitações de partidos políticos entre aos trabalhadores organizados, por confundi-los e retirarem-nos do movimento de resistência à opressão burguesa. Da mesma forma, ficou decidido que os operários deveriam fazer propaganda libertária para combater o capitalismo através do teatro, cartazes, conferências, excursões e principalmente jornais. O congresso afirmou que a imprensa operária era o meio mais eficaz para doutrinar e organizar os trabalhadores brasileiros.

Delegações do Uruguai e da Argentina marcaram presença nesse importante congresso. Nele foram confirmadas as orientações do sindicalismo revolucionário com grande influência anarquista e novamente foi negada qualquer possibilidade do proletariado se organizar através de partidos políticos. Outra resolução do referido congresso foi contrária ao cooperativismo e associações beneficentes, pois somente os sindicatos operários de resistência teriam reais condições de representar os interesses do proletariado e conseqüentemente abolir o capitalismo e o Estado burguês. Foram elaboradas estratégias para a luta pela fixação de um salário mínimo e para a conquista das 8 horas diárias de trabalho que ainda não haviam sido alcançadas por muitas categorias de trabalhadores. Foram votadas moções contra a lei Adolfo Gordo e o serviço militar obrigatório. Decidem que em caso de guerra internacional, o proletariado brasileiro deveria deflagrar uma greve geral revolucionária. Tal decisão foi importante para o sindicalismo revolucionário, de influência anarquista, marcar posição em contraponto com a socialdemocracia europeia que passou a apoiar as rivalidades europeias fazendo coro com as respectivas burguesias beligerantes. O importante evento

---

<sup>137</sup> A Voz do Trabalhador n°22 (01/01/1913).

se encerrou com o hino revolucionário “A Internacional”. Entre os dois congressos operários aconteceram diversas greves, gerais em algumas cidades, generalizadas em certos Estados, greves em alguma fábrica.<sup>138</sup>

José Elias da Silva e Astrojildo Pereira foram dois importantes militantes libertários que participaram desse congresso e que foram fundamentais para o surgimento do mais antigo partido político em atividade do país. José Elias da Silva era pernambucano. Havia trabalhado em uma fábrica de tecidos no Nordeste e depois ingressou na Marinha Mercante, de onde foi expulso por causa da sua militância anarquista e de sua propaganda das ideias libertárias entre os marinheiros. Em seguida trabalhou como sapateiro para senhoras. Era um homem modesto e autodidata. Tornou-se um importante organizador do movimento operário e se destacou pela excelente oratória, ferramenta fundamental para convencer e educar os trabalhadores. De acordo com uma das resoluções do Segundo Congresso Operário, a COB ficou incumbida de designar delegados para regiões onde o movimento operário tivesse alguma dificuldade de atuação. Foi indicado para organizar uma campanha de sindicalização e também pela jornada de trabalho com oito horas diárias no Nordeste. José Elias foi enviado para seu estado natal Pernambuco. Ao chegar, impactou os operários nordestinos por causa de sua cultura, eloquência, sinceridade e abnegação. Conseguiu transformar as associações beneficentes em sindicatos de luta por aumento salarial e pelas oito horas de trabalho diárias e foi o fundador da Federação dos Trabalhadores de Pernambuco. Porém a organização sindical alcançada em Pernambuco, através do trabalho de José Elias, foi destruída pela violenta repressão do governador Emídio Dantas Barreto após a greve dos condutores de veículos de tração animal. A polícia acabou com comícios utilizando intensa violência, invadiu as sedes dos sindicatos destruindo móveis, arquivos e prendendo vários diretores sindicais.<sup>139</sup>

Astrojildo Pereira, nascido na cidade de Rio Bonito, no Rio de Janeiro, era filho de um próspero comerciante e cacique político da cidade.<sup>140</sup> A vida de Astrojildo (1890-1965) representou a penetração, o apogeu, o declínio das ideias anarquistas no Brasil, e a

---

<sup>138</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 272 e 273.

<sup>139</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 34.

<sup>140</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 37 e 38.

ascensão do marxismo. Sua trajetória é curiosa, pois foi durante muitos anos um militante anarquista atuante, editor de periódicos libertários e rompeu com os anarquistas, chegando ao ponto de combatê-los. Foi o principal fundador do Partido Comunista do Brasil. Nasceu dois anos depois do fim da escravidão e um ano depois da República. Em 1906, abandonou seus estudos e aos 16 anos de idade começou a militar em organizações anarquistas. Em 1913, aos 23 anos de idade foi um dos promotores do II Congresso Operário Brasileiro. Astrojildo Pereira se destacou na cobertura da imprensa operária no referido congresso. Trabalhou como gráfico, jornalista engajado e militante do movimento operário de tendência do sindicalismo revolucionário. Participou ativamente de várias publicações de oposição à ordem liberal oligárquica e contra a Primeira Guerra Mundial.

Os anarquistas estiveram na liderança dos dois primeiros congressos operários. Tal fato nos permite afirmar a hegemonia da estratégia do “anarquismo de massas” dentro do movimento operário na Primeira República, atuando dentro do modelo do sindicalismo revolucionário. Da mesma forma, precisamos tomar cuidado, para não cair na armadilha de afirmar que somente os anarquistas atuaram na organização do proletariado brasileiro nesse período, embora fossem a principal força na organização do proletariado.

Um ano após o II Congresso Operário eclodiu a Primeira Guerra Mundial, em agosto de 1914. O conflito bélico gerou consequências desastrosas para o comércio internacional do Brasil e aumentou ainda mais a recessão econômica que atingiu o Brasil em 1913. No entanto o Vice-Governador de São Paulo atribuiu parte da crise econômica ao intenso desenvolvimento industrial brasileiro nos últimos anos, principalmente da indústria têxtil, que teria excedido a capacidade de consumo do mercado. Dentro dessa realidade econômica inóspita, exacerbada pela Primeira Guerra Mundial, o proletariado se viu desempregado, sem meios de subsistência. O conflito mundial mobilizou intensamente os sindicatos e jornais libertários em uma campanha contra o conflito imperialista.

Oiticica se tornou um habitual conferencista em diversas reuniões de sindicatos operários. Afirmou que “tão intensa foi a campanha que era rara a noite em que não falávamos em algum sindicato”. Nesse contexto de realização de conferências de falar aos operários, apresentar-lhes a doutrina anarquista e organização sindical, Oiticica conheceu o médico Fábio Luz. Era um escritor romancista, formado em Medicina e ocupava o cargo de Inspetor Escolar no Distrito Federal. Luz estava na Bahia quando leu

a famosa obra *Palavras de um Revoltado* de Piotr Kropotkin, se convencendo da necessidade do anarquismo e se tornando um importante apologista do anarquismo no Brasil. Em 1914 foi fundado o Centro de Estudos Sociais, no Rio de Janeiro. Oiticica e Fábio Luz realizaram frequentemente palestras e conferências no local. Em algumas noites de sexta feira aconteciam animados debates entre anarquistas e socialistas. A militância de Oiticica na Federação Operária do Rio de Janeiro e no movimento anarquista lhe trouxe dificuldades na busca por emprego. Mesmo passando em primeiro lugar em diversos concursos públicos, nunca era nomeado para o cargo. Somente em 1916 foi aprovado em primeiro lugar para se tornar professor de português do renomado Colégio Pedro II. Tal nomeação aconteceu devida a intervenção do próprio Oiticica que convidou o ministro da Justiça, Carlos Maximiniano para acompanhar o seu exame de admissão. Curiosamente chegou ao ponto de reprovar o filho do presidente da República Wenceslau Brás (1914-1918), por causa dos erros de português no processo de avaliação. Foi advertido de que estaria reprovando o filho do presidente da República, porém exclamou: “deveria estudar mais, para honrar o nome a família ilustre que representa.”.

141

Muitos militantes anarquistas estrangeiros tinham experiência de guerras em seus países de origem e interpretando o conflito através da ideologia libertária, desenvolveram uma campanha pacifista contra a entrada do Brasil na guerra. Foi criada em março de 1915 a Comissão Popular de Agitação contra a Guerra. Num contexto de fecunda produção de periódicos anarquistas, em declarada campanha contra o conflito mundial, se destacou Antonio Bernardo Canellas, que se tornou um dos militantes mais jovens e com maior produção de jornais operários, como analisaremos mais adiante. Em outubro de 1915 realizou-se o I Congresso Internacional pela Paz no Distrito Federal, que decidiu por uma greve geral e revolucionária se o Brasil participasse da I Guerra Mundial. Fato que comprova que o setor mais combativo do movimento operário brasileiro se organizou através do sindicalismo revolucionário. Sua realização seria inicialmente em Ferrol na Espanha, no mês de agosto de 1915. No entanto, o evento terminou acontecendo no Rio de Janeiro, por causa da repressão do governo espanhol contra organizações do

---

<sup>141</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 36.

proletariado. Florentino de Carvalho destacou-se na organização e realização do Congresso Internacional da Paz.<sup>142</sup>

## O TEATRO E OUTRAS ATIVIDADES SOCIAIS ANARQUISTAS

Os núcleos de organização proletária criaram um importante espaço de convivência e sociabilidade para os trabalhadores. Ali se reuniam para debater a respeito de formas de luta e mobilização, greves, cursos de alfabetização para crianças, jovens e adultos; faziam conferências sobre os mais diversos temas onde todos podiam participar. Os temas e os conferencistas eram os mais variados possíveis, conforme Edgard Rodrigues registrou em seu livro *Alvorada Operária: Carlos Dias falou sobre “Os males do trabalho noturno”*. Ambos pertenciam à União dos Metalúrgicos. O famoso professor libertário José Oiticica realizou a conferência “*Nova Era*”. O médico anarquista Fábio Luz fez um debate intitulado “*A Comuna de Paris*”. Domingos Passos, também conhecido como o Bakunin brasileiro, palestrou sobre “*De como o sindicalismo conduz à felicidade humana*”.

Domingos Passos era natural do Rio de Janeiro. A data de seu nascimento é incerta, provavelmente nos últimos anos do século XIX. Anarquista, neto de avós índios, carpinteiro de profissão, um dos mais ativos e mais respeitados sindicalistas no ramo da construção civil do Rio de Janeiro. Era um intelectual autodidata, voraz leitor, ficava por toda a madrugada lendo os livros da biblioteca de Florentino de Carvalho que morava na mesma casa da rua Barão de São Félix, próxima à sede do sindicato onde militava. Era constantemente procurado pela polícia e passou anos de sua vida preso por causa de sua militância no sindicalismo revolucionário. Sua trajetória militante esteve diretamente ligada à União dos Operários da Construção Civil (UOCC) que havia sido fundada como União Geral da Construção Civil (UGCC) em 1915, embora tivesse tido uma existência efêmera e refundada em abril de 1917.<sup>143</sup>

---

<sup>142</sup> NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino – Florentino de Carvalho, um professor indisciplinado!. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 182.

<sup>143</sup> SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. **Domingos Passos: o Bakunin brasileiro**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009, p. 4.

Essas atividades sociais e doutrinárias, organizadas por associações operárias, foram importantes instrumentos para um processo gradativo de desenvolvimento de consciência de classe<sup>144</sup>. Muitos dos nomes dessas associações foram copiados da experiência europeia: Cultura Proletária, Terra Livre, Os Sem Pátria, Libertário Suburbano, Núcleo Nova Era etc.<sup>145</sup>

O teatro anarquista foi outra importante ferramenta de conscientização dos trabalhadores. Segundo Edgard Rodrigues, em uma verdadeira história do teatro brasileiro deve constar a fecunda contribuição do teatro amador anarquista das primeiras décadas do século XX. Maria Nazareth Ferreira afirmou que o teatro operário foi a ferramenta que permitiu uma verdadeira participação dos trabalhadores no processo de transmissões de informações a respeito da realidade econômica e social do trabalhador e de conceitos ideológicos libertários.<sup>146</sup>

A cidade de Santos, também chamada de “pequena Barcelona”, por causa do significativo movimento operário que ali se desenvolveu, testemunhou o surgimento de uma fecunda estratégia para alcançar os trabalhadores: o teatro anarquista, que conseguiu chamar a atenção de muitos operários da cidade. Criou-se um centro de artes cênicas amador, chamado Grupo Teatral Amor e Arte. Dele fez parte o ator e cantor Vicente Celestino, que alcançou grande sucesso em meados do século XX. Filho de imigrantes italianos da região da Calábria, iniciou sua carreira atuando no referido grupo teatral anarquista. Ali eram encenadas peças que retratavam as dificuldades de sobrevivência dos operários dentro da sociedade capitalista, sobre o cotidiano dos trabalhadores, mostrando suas mazelas, a necessidade de organização e de luta à luz da interpretação anarquista. Eram dramas e comédias, entre eles: *Sangue Fecundo*, *Cristo Moderno*, *Infanticídio*, *Filhos do Povo*. Uma figura que se destacou foi a filha do famoso militante libertário Krup, conhecida como Sofia, por causa da brilhante atuação ao representar a personagem de mesmo nome na peça *Sangue Fecundo*.

O teatro operário anarquista difundiu-se entre as associações de trabalhadores, tornando-se uma eficaz ferramenta dos ideais anarquistas e das denúncias das injustiças sociais e econômicas provocadas pelo capital. A mensagem chegava ao entendimento de pessoas com idade avançada, de crianças e analfabetos. Era muito comum após uma

---

<sup>144</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 34 e 35.

<sup>145</sup> RODRIGUES, Edgard. **Novos rumos**. Rio de Janeiro: Ed. Mundo Livre, 1979, p. 92.

<sup>146</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil, 1880-1920**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978, p. 60.

exaustiva jornada de trabalho, os operários se reuniram para assistir uma peça, confraternizar, debater assuntos importantes de seus cotidianos. O principal objetivo dessas peças era a doutrinação libertária. Eram doutrinados de forma simples e divertida, através de esquetes em que trabalhadores representavam o seu dia a dia. Os temas encenados eram os mais variados.<sup>147</sup> A peça *O Filho da Canalha* contou com Procópio Ferreira, que mais tarde tornar-se-ia o ator mais famoso do país. Outra importante encenação foi a *Primeiro de Maio*, do italiano Pietro Gori, que retratava a luta de classes e da exploração capitalista do trabalho humano. Peças do renomado anarquista Fabio Luz também eram apresentadas, como *Língua de fora*, *Ninete* e *A vovózinha*.

Diversas atividades sociais eram realizadas com o intuito de levantar fundos para ajudar algum companheiro em dificuldade, como foi o caso do cocheiro José Paulo Ferreira, que havia ficado cego, ou para o sustento dos filhos do importante advogado anarquista português Neno Vasco, que havia falecido. Nos círculos sociais organizados por essas associações ocorriam encontros nos finais de semana, festas de propaganda, bailes nos sábados à noite, também com o objetivo de arrecadação de fundos para financiar a propaganda anarquista. Durante esses encontros, nos intervalos das atividades, eram vendidos textos de importantes pensadores como Bakunin, Elisée Reclus e Sébastien Faure.<sup>148</sup>

Publicações de livros de importantes pensadores críticos do capitalismo foram outra importante ferramenta de conscientização do proletariado e de levantamento de fundos. É surpreendente o número de publicações com temática social no final do século XIX e início do século XX. Ainda mais se levarmos em conta que o público alvo dessas publicações eram os trabalhadores urbanos, 10% da mão de obra do país. De acordo com o jornal *A Plebe*, de 22 de maio de 1922, o catálogo da editora *A Inovadora* oferecia mais de uma centena de publicações em português, italiano e espanhol. A maioria dos autores era de anarquistas, como Bakunin, Giovanni Rossi, Reclus, Kropotkin, Faure, Malatesta. O clássico *O Capital* de Karl Marx também era oferecido a dois mil réis. Livros de propaganda contra a Igreja e o cristianismo, como *A peste religiosa* de Most e *Não creio em Deus* de Timotheen também eram oferecidos. O jornal *A Plebe*, de 7 de outubro de 1922, anunciou, sob o título de *Biblioteca social 'A Inovadora'*:

---

<sup>147</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 251 e 252.

<sup>148</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 35.

Os camaradas, simpatizantes e amigos do estudo da literatura social devem visitar a sede desta biblioteca (A Inovadora), situada na ladeira do Carmo, 3, e que se acha aberta das 8 da manhã até as 9 da noite. Os companheiros do interior podem pedir os seus catálogos, que serão prontamente atendidos, a Rodolpho Fellippe, Caixa Postal, 195, S. Paulo.<sup>149</sup>

As organizações operárias se esforçavam para doutrinar elementos da classe trabalhadora. Realmente muitos se “converteram” ao anarquismo lendo as obras divulgadas e distribuídas, como foi o representativo caso, já citado, do imigrante espanhol Florentino de Carvalho.

## **A ESCOLA MODERNA NO RIO DE JANEIRO**

Os anarquistas sempre consideraram a educação e o convencimento estratégias fundamentais para ganhar o proletariado e acumular forças para acabar com o capitalismo. Os trabalhadores tinham dificuldades para ler, pois muitos não tiveram acesso à formação escolar. Algumas correntes do pensamento anarquista divergiam a respeito sobre o momento e o contexto para se investir na educação. Alguns acreditavam que o trabalho de educação e convencimento das massas deveria ser anterior à revolução. Não descartavam a violência revolucionária, ao contrário, mas antes seria necessário preparar os trabalhadores. Essa era a posição do famoso pensador anarquista Elisée Reclus, por exemplo.

Havia outros que acreditam que o processo de educar e convencer os operários aconteceria em meio à luta dos anarquistas contra a opressão capitalista. A luta teria um caráter pedagógico importante. Essa era a posição de Bakunin. Não significava só focar na luta revolucionária e esquecer o processo educacional. Aconteceria dentro de um mesmo contexto de lutas proletárias. A posição de Bakunin terminou sendo majoritária entre os movimentos anarquistas ao redor do mundo, inclusive no Brasil.<sup>150</sup>

Nossa primeira tarefa deve ser, portanto, persuadir as pessoas. É necessário atrair a atenção dos homens para os males que sofrem, e para a possibilidade de destruí-

<sup>149</sup> A Plebe n° 192 (07/10/1922).

<sup>150</sup> CÔRREA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011, p. 45 e 46.

los. É preciso que suscitemos em cada um a simpatia pelos sofrimentos alheios, e o vivo desejo pelo bem de todos. A quem tem fome e frio, mostraremos que seria possível e fácil assegurar a todos a satisfação das necessidades materiais. A quem é oprimido e desprezado, diremos como se pode viver de modo feliz em uma sociedade de livres e iguais. A quem é atormentado pelo ódio e pelo rancor, indicaremos o caminho para encontrar o amor por seus semelhantes, a paz e a alegria de coração. E quando tivermos obtido êxito em disseminar na alma dos homens, o sentimento de revolta contra os males injustos e inevitáveis, dos quais se sofre na sociedade atual, e em fazer compreender quais são suas causas e como depende da vontade humana elimina-las; quando tivermos inspirado o desejo vivo e ardente de transformar a sociedade para o bem de todos, então os convictos, por impulso próprio e pela persuasão daqueles que os procederam na convicção, se unirão, desejarão e poderão por em prática o ideal comum.<sup>151</sup>

Como já foi dito, eram poucos os trabalhadores que liam fluentemente um texto. A razão dessa limitação era principalmente a condição miserável à qual estavam submetidos, e a inexistência de escolas em muitos bairros operários. Muitos frequentavam o sindicato por causa da necessidade de reivindicar algo, mas a dificuldade de leitura o atrapalhava a ler um periódico, se informar e entender sua realidade, embora não o impedisse de reivindicar. O governo e a burguesia não tinham a menor preocupação com a formação do trabalhador, especializar a mão de obra, pois a massa de operários incultos era mais fácil de ser manobrada e enganada. O analfabetismo proporcionava maiores dificuldade para o trabalhador conquistar direitos trabalhistas e melhores condições de trabalho. Assim, muitos operários, devido às suas limitações de leitura, de conhecimento de seus próprios direitos, tornavam-se dependentes de seus patrões, do governo e de outros tipos de autoridades. Porém muitos operários analfabetos, ou com grande dificuldade de leitura, foram importantes militantes, conscientes da situação econômica e social em que estavam submetidos.

Os anarquistas logo perceberam que se o proletariado tivesse acesso ao ensino primário, aquisição de conhecimento e possibilidade de leitura, seria muito mais fácil organizar um movimento operário através do sindicalismo revolucionário. Entenderam que o governo não proporcionava escolas suficientes e de qualidade para a formação dos trabalhadores e de seus filhos. Quando alguns operários passavam por um processo de aprendizagem, era devido a necessidade de uma formação que o proporcionasse a manusear algumas máquinas na fábrica, no entanto não era suficiente para que alcançar

---

<sup>151</sup> MALATESTA, Errico. **Escritos revolucionários**. São Paulo: Novos Tempos Editora, 1989, p. 22 e 23.

informações e ferramentas investigativas que o fizesse entender o processo de exploração do sistema capitalista no Brasil.<sup>152</sup>

A Escola Moderna fora fundada na Espanha pelo catalão Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), em 8 de setembro de 1901. Rompeu paradigmas do sistema educacional da época. Trouxe um novo entendimento do sistema pedagógico do período ao romper com os preconceitos raciais, de classes sociais, de religião, de cor, de sexo que vigoravam em muitos sistemas educacionais, dominados quase que totalmente pela Igreja. Tal visão pedagógica interessava à realidade dos trabalhadores em qualquer sociedade industrializada em diferentes regiões do planeta. Com as prisões do pedagogo catalão a Escola Moderna entrou em crise na Espanha. Porém sua pedagogia libertária foi se espalhando para fora de seu país. Chegou a Portugal levada por Dr. Campos Lima. Chegou também na França. Em outubro de 1905 foi fundada a “La Ruche” pela iniciativa do famoso militante anarquista Sebastião Faure. Em 1º de maio de 1906, foi fundada L’Avenir Sociale através da iniciativa de Madeleine Vernet. Ainda na França foi fundada, em 1908, a “Liga Internacional para Educação da Criança”. Em Roma foi criada La Scuola Laica.<sup>153</sup>

As ideias de Ferrer chegaram ao Brasil no final da primeira década do século XX. Militantes anarquistas, entre eles Florentino de Carvalho e Adelino Pinho, criaram várias escolas baseadas na prática pedagógica de Francisco Ferrer. Influenciado por esse legado, Florentino de Carvalho criou escolas baseadas nas ideias pedagógicas libertárias de Ferrer y Guardia. Dirigiu com sua irmã, Maria Antônia Soares, a Escola Nova no Brás.<sup>154</sup>

No Rio de Janeiro foi fundada a Escola 1º de Maio, em Vila Isabel. Também foi criada a Associação Escola Moderna, na Rua do Senado, 63. Em São Paulo surgiu a Escola Moderna em 1909, na Avenida Celso Garcia, 262. No Rio Grande do Sul foi criada a Biblioteca Sociedade Pró-Ensino Racionalista, por Lopoldo Bettiol. Muitas das organizações proletárias criaram escolas operárias influenciadas pela pedagogia libertária de Ferrer. Era importante alfabetizar, exercitar a leitura e doutrinar os trabalhadores brasileiros. Essas escolas libertárias, em sua grande maioria, eram chamadas de Escolas

---

<sup>152</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 254.

<sup>153</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 254.

<sup>154</sup> NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino – Florentino de Carvalho, um professor indisciplinado!. In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 182.

Modernas pelos próprios anarquistas, por causa do livro homônimo de Ferrer, publicado após a sua morte.<sup>155</sup>

O legado de Ferrer assustou as elites dos países onde foram criadas escolas baseadas nos princípios libertadores do pedagogo catalão, principalmente na Espanha. Seus ensinamentos foram acusados de serem a causa do atentado contra o rei espanhol Afonso XIII, de ser o mentor intelectual dos protestos conhecidos como Semana Trágica. O termo Semana Trágica refere-se aos protestos dos catalães em julho de 1909, contra a guerra entre Espanha e Marrocos. A população de Barcelona se revoltou, queimou igrejas, conventos e levou as autoridades fugirem da cidade. Após os protestos, a repressão prendeu e condenou dezenas de pessoas, entre elas Francisco Ferrer. As penas foram de prisão perpétua e de condenação à morte.

A notícia da condenação de Ferrer à penal capital mobilizou os anarquistas brasileiros. Foram criadas comissões de solidariedade no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santos. No Distrito Federal a comissão fora composta por Carlos Dias, Manuel Moscoso, Máx'mo Soares e Luiz Magrassi. Protestos foram programados na cidade em solidariedade ao pedagogo catalão. A Federação Operária organizou manifestações e comícios públicos com esse intuito e conseguiu reunir mais de 10 mil trabalhadores na Capital da República. Intelectuais e diversas organizações operárias aderiram ao movimento de protesto. Foram elas: Confederação Operária Brasileira, Centro dos Cozinheiros, Sociedade dos Empregados em Padarias, Grupo Teatro Livre, União dos Alfaiates, Sindicato dos Sapateiros, Sindicato dos Carteiros, Sindicato dos Ofícios Vários, Sindicato dos Operários em Fábricas de Tecidos, Sindicato dos Ladrilheiros, Sindicato dos Pintores, Centro dos Operários Marmoristas, Centro Cosmopolita, União dos Empregados do Comércio, Sociedade dos Pedreiros, União Tipográfica de Resistência, Centro dos Empregados em Ferrovias (empregados das Companhias de Bonde), Grupo Variedades, Centro Republicano Espanhol do Rio de Janeiro, Grêmio Republicano Português, Centro dos Estudantes, Centro dos Acadêmicos do Rio de Janeiro e a Escola 1º de Maio.<sup>156</sup>

---

<sup>155</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 255.

<sup>156</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 256.

O importante pedagogo libertário foi fuzilado nos fossos do castelo Montjuich, no dia 13 de outubro de 1909. Todo dia 13 de outubro, organizações anarquistas homenageavam esse importante pensador. Os jornais anarquistas anunciavam com alguma antecedência quando seria a homenagem a algum importante militante. O periódico anarquista *A Plebe* publicou uma homenagem a Ferrer y Guardia e anunciou que seria realizada em uma assembleia popular na rua Brigadeiro Machado, número 47, às 20 horas, com a participação de vários oradores e com entrada franca. *A Plebe*, número 192, de 7 de outubro de 1922 publicou uma segunda nota “*Francisco Ferrer y Guardia*”:

Passado hoje mais um aniversário da morte do mestre inigualável, o grande libertário Francisco Ferrer, a quem o reacionário governo espanhol mandou fuzilar pela soldadesca ignara e inconsciente defensora da Ordem e da Civilização burguesa... Mas um ano que passa... Recordar-se com horror o inominável crime de Afonso XIII, o rei jesuíta, autômata, de quem Maura fez seu instrumento de vingança, mas também se comemora com grande alegria a perpetuação da grandiosa obra – a Escola Moderna – cujas raízes se alastram por todo o mundo, brotando vigorosamente, num constante crescer de valor e de invencibilidade! No dia de hoje, em todos os recantos da Terra onde o pensamento humano seja desabrochado para a luta, se efetivam atos de comemoração: relembra-se o nome glorioso do mestre e a importância grandiosa de sua obra.<sup>157</sup>

As escolas libertárias eram financiadas por redes de apoio entre os próprios trabalhadores, baseadas na prática da autogestão das instituições anarquistas. Existiram muitas dessas escolas no interior paulista, principalmente na grande São Paulo e em algumas cidades do interior. Essas escolas influenciaram a formação de muitos filhos dos trabalhadores. É possível entender a essência da Escola Moderna no Brasil, através da leitura de um resumo dos estatutos da Liga Internacional da Educação da Criança:

Art. 1º - Uma liga é constituída com o intuito de: Liga Internacional para Educação Racional da Criança.

Esta Liga repousa sobre os seguintes princípios:

1º - A educação dada à criança deve ser racional e baseada na ciência e na experiência. Deve-se dela afastar qualquer noção mística ou sobrenatural;

2º - A instrução faz parte da educação, a educação deve compreender também, ao mesmo tempo, que a formação da inteligência, o desenvolvimento do caráter, a cultura da vontade, a formação dum ser moral e fisicamente bem equilibrado, no qual as faculdades estejam harmoniosamente associadas e elevadas ao seu máximo de poder;

---

<sup>157</sup> *A Plebe* n° 192 (07/10/1922).

3° - A educação moral, muito menos teórica que prática, deve sobretudo resultar do exemplo e apoiar-se na grande lei natural da solidariedade;

4° - É necessário, principalmente no ensino da primeira infância, que os programas e os métodos estejam adaptados tão exatamente quanto possível à psicologia da criança;

5° - É preciso também que, em toda a parte, o educador digno deste nome, que se faz o redentor das crianças confiadas a seus cuidados, adquira e conserve por seu turno a inteira liberdade profissional.

Art. 2° - Inspirando-se nos princípios supracitados, a Liga Internacional para a Educação Racional da Criança se propõe:

1° - Pesquisar os métodos de educação e de ensino, mais bem custo de menor esforço;

2° - Criar e aperfeiçoar o material pedagógico correspondente aos fins;

3° - Estudar e pôr em prática os meios susceptíveis de facilitar e generalizar a aplicação em todos os países os métodos adotados;

4° - Secundar ou provocar a iniciativa dos educadores e preceptores, apoiar seus esforços com o fim de fazer penetrar efetiva e praticamente esses métodos na educação e ensino da criança.

Art. 3° - Para ser membro da Liga basta aderir aos presentes Estatutos e pagar uma cotização anual.

Art. 4° - A Liga compõe-se do conjunto de seus contribuintes no mundo inteiro. Ela se subdivide em tantas seções quanto forem a existência dos países representados.

Art. 5° - A administração geral da Liga cabe a um comitê de direção, composto de delegados das seções nacionais, etc.

Esse resumo aqui exposto era referente para o Setor Internacional da Liga. No Brasil, a já citada Associação da Escola Moderna, no Rio de Janeiro, tinha seu próprio estatuto composto de oito artigos.<sup>158</sup>

## A IMPRENSA OPERÁRIA

A imprensa operária foi um meio eficaz de propaganda anarquista. Os jornais anarquistas, panfletos, livretos circulando com alguma periodicidade ou de forma esporádica também tiveram importante função na formação ideológica dos trabalhadores e serviram de estímulo às lutas operárias. Antes da publicação de periódicos anarquistas, os tipógrafos brasileiros foram famosos, pois além de fundar a primeira organização profissional do Brasil, em 1853, a Associação Tipográfica Fluminense em Niterói, também publicaram os dois primeiros jornais de trabalhadores: *O Trabalho* em São Paulo

---

<sup>158</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 264 e 265.

no ano de 1876 e o *Jornal dos Tipógrafos* no Rio de Janeiro em 1898.<sup>159</sup> Esses primeiros periódicos não eram jornais panfletários da ideologia anarquista.

O período mais fértil na produção de jornais operários foi da segunda metade do século XIX até a terceira década do século XX. De 1858 até 1927 foram publicados 343 títulos, 60 escritos em língua estrangeira. Em 1892 surgiram os primeiros jornais anarquistas ainda não redigidos na língua portuguesa, mas em italiano. Esses jornais, voltados para os trabalhadores imigrantes na sua língua natal, foram editados no Paraná, Rio Grande do Sul e em São Paulo. Os imigrantes anarquistas logo perceberam a necessidade de se propagar o ideário libertário na língua portuguesa. Foram editados 97 periódicos no idioma português só no Rio de Janeiro e em São Paulo foram 94, sendo os primeiros: *O Despertar*, de José Sarmiento Marques, no Rio de Janeiro e *O Libertário* em São Paulo, sob direção de Benjamim Mota, ambos em 1898.

Muitos dos primeiros periódicos libertários continham seções em espanhol, italiano e muitos jornais, em língua italiana, continuaram circulando até 1920. A circulação de jornais anarquistas, especificamente na língua portuguesa, teve início em 7 de março de 1901 quando foi fundado *A Lanterna* em São Paulo. Foi fundado pelo advogado e jornalista Benjamin Motta, sendo um dos jornais de orientação ácrata, mais perseguido pelas autoridades. Era um periódico anticlerical, que pretendia iluminar a mente dos trabalhadores contra as trevas da ignorância que a religião produzia no proletariado. Em suas edições constavam matérias com duras críticas aos padres, ao Vaticano e sua Igreja. É necessário esclarecer que as igrejas protestantes estavam chegando gradativamente ao Brasil. Cultos de candomblé eram extremamente reprimidos pelas autoridades. *A Lanterna* passou por várias fases de publicação. Inicialmente circulou até 1904, sendo publicados 60 números. Sob direção de Edgard Leuenroth passou a ser publicado novamente no dia 17 de outubro de 1909, com 293 edições e encerrando suas atividades em 1916. Ressurgiu em 1933, novamente sob direção de Leuenroth e findando definitivamente sua circulação em 1935.<sup>160</sup>

---

<sup>159</sup> FÜCHTNER, Hans. **Os sindicatos brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1980, p. 28.

<sup>160</sup> SILVA, Rodrigo Rosa da – As ideias como delito: a imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945). In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 116.

O anticlericalismo foi uma importante bandeira levantada pelos anarquistas. Pois acreditavam que a religião levava o ser humano à alienação que o impedia de perceber as relações de produção que o levavam à exploração e conseqüentemente à pobreza. Autoridades eclesiásticas defendiam a obediência cega, dogmas, a subserviência, o respeito á hierarquia e estimulariam fantasias como Deus, diabo, salvação e paraíso eternos criadas para controlar o fiel e legitimar o injusto *status quo* no qual o indivíduo explorado se encontrava no sistema capitalista. Pobreza e exploração seriam naturais, portanto parte da vontade divina. A Igreja, burguesia e governo reprimiram como puderam, muitas vezes com violência, o anticlericalismo. Acusavam de ser uma concepção estrangeira de desajustados, sem raiz alguma com a cultura brasileira, gerada sob a matriz cultural e religiosa católica. O brasileiro seria católico por natureza e portanto não deveria dar ouvidos para esse tipo de ideia. No entanto os anarquistas afirmavam que o catolicismo também era uma ideologia estrangeira trazida por padres jesuítas a partir do século XVI, ainda no período colonial e elaboravam críticas contundentes contra o clero.<sup>161</sup>

Em 1º de junho de 1902 foi fundado em São Paulo, o jornal anarquista *O Amigo do Povo* pelo importante militante anarquista português Neno Vasco (1878-1920). Esse importante sindicalista português também redigiu a revista *Aurora*, em 1905, e também o periódico *A Terra Livre*, de 1905 a 1910. Os periódicos anarquistas em língua portuguesa foram aparecendo principalmente nas duas maiores cidades do Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro, acompanhando o crescimento e desenvolvimento da classe operária. Um importante propagandista dos ideais libertários no Rio de Janeiro do início do século foi Elísio de Carvalho, que lançou *A Greve* em 1903 e a revista *Kultur* em 1º de março de 1904. Também dirigiu a revista *Asgarda* ao lado de Mota Assunção. O companheiro de Elísio de Carvalho na publicação de *Asgarda* dirigiu e publicou o periódico *O Protesto*, que foi substituído pelo *O Golpe*.<sup>162</sup>

O mais famoso e prolífico dos editores anarquistas foi Edgard Leuenroth (1881-1968), nascido em Mogi Mirim. Começou sua trajetória literária publicando, em 1899, *A Folha do Brás* e durante sua vida editou um total de sete jornais. Foram eles: *A Folha do Brás* (1899), *Terra Livre* (1905), *Folha do Povo* (1908), *A Vanguarda* (1911), *A Plebe* e *A*

---

<sup>161</sup> Ibid, p. 119.

<sup>162</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 355 e 356.

*Patuleia* (1920). Leuenroth publicou também *A Lanterna*, um jornal anti-clerical, iniciado em São Paulo, no dia 7 de março de 1901. Apresentava ao leitor com um artigo do Dr. Benjamin Motta, um dos primeiros divulgadores da ideologia anarquista em São Paulo, diretor do referido jornal, que atacava o poder econômico da Igreja, considerada um empreendimento financeiro e um dos suportes da exploração capitalista, dividindo os trabalhadores, pregando a ignorância, o misticismo e fazendo-os aceitar a exploração como vontade do Todo-poderoso:

Formidáveis exércitos invasores, armados com as mais aperfeiçoadas máquinas de guerra, fabricadas pela nossa falsa civilização para semear a morte e a ignorância nos campos verdejantes do trabalho, são muitas vezes repelidos por um pequeno grupo de homens, munidos de armas de defesa mais baratas e até mais frágeis, mas que se batem com arrojo do que as tropas mercenárias do invasor. É poderoso e formidável o exército clerical que se pôs em marcha para conquistar esta terra e já está alvejando-nos com seus golpes: O dinheiro e a hipocrisia. Nós somos, apenas, um punhado de homens. Somos dez? Somos vinte? Que importa! Seremos legião amanhã quando todos que sabem quanto o clericalismo é prejudicial, quanto o jesuitismo é nefasto, quanto o beatório embrutece os povos, decidirem-se a vir engrossar as nossas fileiras, fortalecendo o nosso campo.<sup>163</sup>

O segundo maior editor de jornais proletários foi o niteroiense Antonio Bernardo Canellas (1898-1936?), que editou seis periódicos. No livro *A imprensa operária no Brasil 1880-1920*, Maria Nazareth Ferreira afirmou que Canellas foi o editor de apenas três jornais operários: *A Semana Social* (publicado em Maceió), *A Patuleia* (Porto Alegre) e *Tribuna do Povo* (Recife). Porém a referida autora deixou de citar outros três periódicos publicados por Antonio Bernardo Canellas: *A Tribuna do Povo de Viçosa* e duas publicações distintas do jornal *Cinco de Julho*, uma inicialmente publicada de forma clandestina nos anos 20 e a outra na legalidade, no início dos anos 30, ambas quando já havia sido expulso do Partido Comunista do Brasil.<sup>164</sup> Antonio Bernardo Canellas nasceu na cidade de Niterói em 18 de abril de 1898.

Não era alagoano mas fluminense praiano da Ponta da Areia, onde os pais ou os tios tinham um pequeno estaleiro. Morou, isso sim, em Alagoas e Pernambuco

<sup>163</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 80.

<sup>164</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 36.

algum tempo, onde se dedicou, com outros companheiros, a organização sindical do proletariado nesses estados.<sup>165</sup>

Era tipógrafo, coincidentemente a mesma profissão do fundador do anarquismo Proudhon, e especialista linotipista. Ainda novo havia abandonado os estudos. Em 1915, com apenas 17 anos, estava vivendo no Nordeste. De acordo com Everardo Dias, Canellas estava no nordeste com outros militantes do movimento operário com o objetivo de organizar sindicatos em Alagoas e Pernambuco. Canellas atuou no interior de Alagoas, em Viçosa, uma cidade que possuía 4 mil de habitantes na época. Ali publicou o periódico intitulado *A Tribuna do Povo de Viçosa*.<sup>166</sup>

São poucos os relatos documentados que sobreviveram ao tempo sobre a vida de Canellas. Everardo Dias foi um militante que tentou registrar valiosas informações sobre aqueles com quem militou no movimento operário. Em seu livro *História das lutas sociais no Brasil* registrou importantes informações a respeito de Canellas:

Era muito inteligente, irrequieto, comunicativo, pilhérico, mordaz, voluntarioso, independente, abnegado, estudioso dos problemas sociais de seu tempo, e dotado de uma franqueza que às vezes beirava à ingenuidade.<sup>167</sup>

Outro importante militante que traçou um perfil de Antonio Bernardo Canellas foi Cristiano Cordeiro. Trabalharam juntos em Recife na publicação de outro jornal operário de 1919, que também se chamava *Tribuna do Povo*. Cristiano Cordeiro, um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil (PCB), afirmou que Canellas era “um asceta moderno, encarapintado na água furtada de um sobrado antigo, pálido, franzino, entregue de corpo e alma ao incansável labor de redator e tipógrafo da Tribuna”. Também era famoso pela dedicação ao trabalho, por sua excentricidade e dificuldade nos relacionamentos.<sup>168</sup>

Outra interpretação a respeito de Antonio Bernardo Canellas foi feita em 1924 pela liderança do PCB. O partido publicou um livreto chamado *O processo de um traidor*,

---

<sup>165</sup> DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1977, p. 189.

<sup>166</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 39 e 40.

<sup>167</sup> Dias, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Ed. Alfa&Omega, 1962, p. 189.

<sup>168</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 82.

no qual foi descrito como “Patife, velhaco, traidor, indigno, vil, presunçoso, pernóstico, ignorante, desnorteado, falso, ridículo, delirante, neurastênico e descontrolado”.<sup>169</sup> Analisando tais relatos é notória a diferença entre os adjetivos que descrevem Canellas. Quando voltou da Rússia relatou sua experiência no IV Congresso da IC no *Relatório da Delegacia à Rússia*. Nele deu pistas sobre sua formação:

Nunca me preveniram que um congresso da Internacional Comunista era uma justa de laureados. Pelo contrário, foi-me dito que era uma assembleia de representantes unidos de iguais prerrogativas, com o mesmo direito de expressão, quer se tratasse de doutores de filosofia - como lá havia alguns - ou de simples operários sem cultura superior ou mesmo secundária, como era o meu caso.<sup>170</sup>

Os tipógrafos se destacaram no movimento operário brasileiro por possuírem os meios necessários para fazer publicar suas ideias através de jornais operários. Em 1915, Canellas era um adolescente, com 17 anos, dedicado intensamente na luta dos trabalhadores. Estava longe de casa, no interior de Alagoas, no Nordeste brasileiro, contribuindo para a organização do movimento sindical em Alagoas e Pernambuco. Além da fecunda produção de periódicos libertários, foi um dos mais jovens editores e ativistas sociais do Brasil. Publicou na cidade alagoana de Viçosa seu primeiro jornal operário: *Tribuna do Povo de Viçosa*. O jornal *A Plebe*, editado por Leuenroth, em 26 de abril de 1919, descreveu a militância de Canellas na cidade alagoana da seguinte forma:

... Antonio Canellas, nascido em Niterói, foi no Rio e em Niterói tipógrafo de alguns jornais e de oficinas de obras. Do Rio partiu para Alagoas, depois de ter convivido com Astrojildo Pereira. Passou pela imprensa alagoana como operário, fundando depois um periódico em que iniciou a propaganda do anarquismo...<sup>171</sup>

O periódico *Tribuna do Povo de Viçosa* durou um ano e teve 18 edições. O primeiro número do jornal foi lançado em 17 de janeiro de 1916. Nele o editor chefe apresentou as intenções do jornal: “Somos socialistas, amigos da liberdade, filhos do

<sup>169</sup> PEREIRA, Astrojildo. **O processo de um traidor**. Rio de Janeiro: PCB, 1924. Apud. SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p 42.

<sup>170</sup> CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido**. Rio de Janeiro : [s.n.], 1923, p. 71.

<sup>171</sup> *A Plebe* n° 10 (26/04/1976).

povo, vimos pugnar pelos direitos dos oprimidos”. O título do artigo principal desse primeiro número foi: “*Serviço militar obrigatório: lei inoportuna, contraproducente e má*”<sup>172</sup>. Os principais temas do referido jornal eram a campanha contra a Primeira Guerra Mundial, denúncias de injustiças locais e a divulgação dos principais autores anarquistas. No número 7 publicou um artigo de Sebastien Faure contra a Primeira Guerra Mundial. No número 9, de 09/10/1916, Canellas atacou Olavo Bilac, um dos defensores da participação do Brasil no conflito:

Graças à campanha caserneira do Sr. Bilac, o Estado terá, no momento preciso, bastante carne para canhão. Com quanto estará marchando o Estado-Maior para encorajar a campanha ‘desinteressada’ do patriota Bilac?<sup>173</sup>

Ainda no número 14, publicado em 07/12/1916, o editorial chamado “*Pátria, guerra e caserna: afastem esses males*” é uma resposta ao apelo do poeta que convocava os jovens para a guerra:

Moços! Não vos deixeis iludir pelo vibrar dos clarins, pelo rufar dos tambores, pela beleza marcial das marchas cadenciadas, pela simetria das formas rígidas e por todo esse culto que cerca o ídolo bebedor de sangue que se chama Pátria! Sabeis o que é Pátria? A Pátria é um vírus que contamina vossos cérebros e vos leva, loucamente, ao extermínio dos vossos semelhantes...<sup>174</sup>

Nos 18 números do jornal, foram publicados artigos de Neno Vasco, Kropotkin, Sebastien Faure, Elisée Reclus. Fazia questão de se apresentar nos editoriais como apolítico, pois não apoiava partido algum. O principal objetivo do jornal era denunciar as injustiças sociais, como qualquer jornal anarquista do período. No segundo número da *Tribuna do Povo de Viçosa*, publicado em 24/08/1916, o tipógrafo mostrou a questão dos meninos menores de idade, abandonados á própria sorte para sobreviver, chama atenção da sociedade para tais crianças ao afirmar que precisavam de proteção e não repressão. Canellas os descreve como os “pequenos larápios do mercado municipal”. No quinto número, datado em 21/09/1916, escreve a respeito da mendicância, afirmando que é furto

---

<sup>172</sup> A *Tribuna do Povo de Viçosa* n°1 (17/01/1916).

<sup>173</sup> *Tribuna do Povo de Viçosa* n°9 (09/10/1916).

<sup>174</sup> *Tribuna do Povo de Viçosa* n°14 (07/12/1916).

da miséria e que para acabar com ela era necessário resolver o problema nas suas origens. No número nove, publicado a 09/10/1916, Canellas analisou a situação dos camponeses no Brasil. Afirmado enfaticamente: “Basta de servidão!”

Canellas exercia quase todas as funções no jornal, era o redator-chefe, linotipista, redator de propagandas, contato publicitário etc. Não é de se estranhar que um jornal dirigido por um editor anarquista de pouca idade passasse por dificuldades financeiras. O jornal de número 10, datado de 16/10/1916, anunciou uma das principais dificuldades na manutenção do jornal: a sobrevivência financeira do redator-chefe e faz-tudo do jornal:

Todos os viçosenses sabem que este periódico é um produto exclusivo do esforço de seu redator tipógrafo; todos sabem quão poucos são os recursos pecuniários com que pode contar um modesto periódico antipolítico, antibajulatório, de feição independente. Portanto, o humilde redator-tipógrafo da Tribuna foi obrigado a procurar outras ocupações para satisfazer suas necessidades de subsistência. Devido a isso nos é impossível continuar a publicação semanal... apoiados na simpatia dos amigos, na benevolência dos assinantes e do Cinema Aliança, prosseguiremos tranquilamente no caminho que traçamos.<sup>175</sup>

O jornal passaria ser publicado mensalmente, pelas necessidades de sobrevivência de Canellas. O tipógrafo precisava trabalhar para garantir meios concretos de subsistência. No décimo número do jornal, Bernardo Canellas escreveu uma matéria sob o título de “*O crime do Mercado ou os Frutos do Regime Autoritário*” e nela o autor analisou os motivos e as causas que teriam levado um sargento reformado matar a punhaladas um cobrador de impostos. Em sua análise afirmou que ambos eram vítimas do Estado capitalista, pois o sargento vivia de uma miserável aposentadoria que o obrigava a sobreviver de uma barraca e um cobrador de que vivia de cobrar impostos em troca de um pequeno salário.

No número 12, publicado em 23/11/1916 defendeu o domingo como dia necessário para o descanso dos trabalhadores do comércio. Mostrou-se um administrador habilidoso, abrindo espaço no jornal para a arrecadação de finanças visando a sobrevivência do jornal e do próprio editor. Diz no número 15, datado de 16/12/1916: “Não obstante isso, publicaremos na seção ‘Ineditoriais’, a 160 réis a linha, as comunicações dos comitês políticos dirigentes a seus comitentes”<sup>176</sup>.

---

<sup>175</sup> Tribuna do Povo de Viçosa n°10 (16/10/1916).

<sup>176</sup> Tribuna do Povo de Viçosa n°15 (16/12/1916).

Ainda na mesma publicação analisou de forma irônica um crime cometido por dois rapazes ao roubarem um bacalhau. Um distraiu o caixeiro de um armazém enquanto o outro roubava o peixe seco. Os jovens foram presos. Um dos meliantes tinha o nome de Francisco Leite, sendo preso e processado por violar o Código Penal<sup>177</sup>. Canellas assim interpretou o ocorrido:

Uma fome imensa, atroz, atormentava Francisco Leite e seu companheiro... E lá se foi Francisco Leite para o xilindró, aprender que o Código Civil não proíbe suicídio e que, portanto, teria um meio de livrar-se da fome sem violar o código.<sup>178</sup>

O periódico *Tribuna do Povo de Viçosa* foi sobrevivendo da ajuda de seus assinantes, anunciantes e leitores. São vários os anunciantes no jornal, o que nos leva a concluir que o jornal tinha alguma penetração entre a população da pequenina cidade. O farmacêutico alagoano Manoel Brandão foi o primeiro anunciante do jornal. Vendia “O Elixir do Guardião”, que prometia a cura do reumatismo e da sífilis. O filho do referido farmacêutico era Octávio Brandão, também militante anarquista, que conheceu Canellas em Maceió, o acompanhou na militância durante alguns anos e depois se tornou um de seus principais algozes em seu processo de expulsão do PCB. Também anunciaram no jornal: Fábrica de Bebidas Medeiros e Campos, o Cinema Aliança, O Bazar Dois Irmãos, o Atelier Royal, a Loja Attractiva.<sup>179</sup>

A décima oitava publicação da *Tribuna*, datada de 08/01/1917, foi o último número do jornal em Viçosa. Nele, Canellas informou o motivo do fim das publicações para seus leitores:

Nossa seção ‘Canhenho Policial’ deixa de sair hoje por motivo forte, fortíssimo. Há dias fomos, como de costume, ao comissariado indagar das ocorrências e tivemos ciência do conflito no Engenho Bonito. Procuramos saber detalhes do caso e, das versões, nos pareceu mais exata a dos presos. Publicamos a versão dos presos e a polícia não gostou. Vai daí que o comissariado nos chamou para nos dizer, muito policialmente, que não quer mais reportagens.<sup>180</sup>

<sup>177</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 45.

<sup>178</sup> *Tribuna do Povo de Viçosa* n° 15 (16/12/1916).

<sup>179</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 43.

<sup>180</sup> *Tribuna do Povo de Viçosa* n° 15 (08/01/1917).

Canellas forneceu mais uma razão para o fim da circulação do jornal: os grupos dominantes da cidade estavam descontentes com a campanha que o jornal protagonizava contra a Primeira Guerra e avisou que continuaria sua luta em algum outro lugar. No editorial de despedida, o jovem editor afirmou que cumpriu com suas promessas de defender os interesses do povo e confessou-se vencido por causa das limitações e das dificuldades materiais para fazer, sozinho, circular um jornal. Escreveu que os interesses do povo não seriam conquistados pela política partidária, mas somente pela ação direta. Ainda nesse número reproduziu um artigo de Elisée Reclus e outro de Neno Vasco.<sup>181</sup>

O pacifismo e a campanha contra a Primeira Guerra Mundial também estiveram presentes nas 18 edições do jornal. O jornal durou um ano, de janeiro de 1916 até janeiro de 1917. O novo ano foi emblemático para o movimento operário brasileiro e mundial, marcado por greves que marcaram a sociedade brasileira e também trouxe novas possibilidades de organização dos trabalhadores, a nível mundial, em luta contra a opressão capitalista.

---

<sup>181</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 46.

### **3. O MOVIMENTO OPERÁRIO E A REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE**

Como vimos no capítulo anterior, a República em seus primeiros anos também mostrou sua face repressiva contra os segmentos explorados, e opositores do sistema capitalista. Não existia tolerância para atuação de um movimento operário que tinha por objetivo final a derrubada do capitalismo, através da estratégia do sindicalismo revolucionário. A repressão burguesa foi violenta, inicialmente, contra militantes anarquistas, nacionais ou estrangeiros e a partir de 1922, se estendeu também a militantes comunistas e jovens tenentes do exército descontentes com o governo.<sup>182</sup>

O ano de 1917 proporcionou novas possibilidades para o movimento operário de todo o mundo, contribuiu para novas concepções e estratégias de luta contra o modo de produção capitalista, inclusive no Brasil. Porém os militantes operários que atuavam em território nacional não faziam ideia do que aconteceria naquele ano, como seriam influenciados pela Revolução Russa. Muitos operários se confundiram sobre o seu legado. Para entendermos como o movimento operário interpretou o legado bolchevique russo, precisamos analisar como a ideologia marxista, parte dela, ou apenas referências, chegaram no Brasil.

#### **PRIMEIRAS REFERÊNCIAS AO MARXISMO NO BRASIL**

A ideologia marxista demorou bastante tempo para criar raízes e se desenvolver em solo brasileiro. Com a revolução bolchevique, aumentou o interesse por Marx. A criação do PCB foi fundamental para que os brasileiros conhecessem o legado marxista,

---

<sup>182</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade**. Rio de Janeiro: edUERJ, 1996, p. 94.

porém referências a Karl Marx e a Friederich Engels apareceram antes de 1917 em território nacional. Em 1871, com os desdobramentos da Comuna de Paris, o nome de Marx se tornou conhecido mundialmente. Nesse mesmo ano, seu legado apareceu pela primeira vez no Brasil, mas de forma confusa, sem ter seu nome diretamente citado. Em 22 de março o então diretor do Instituto dos Meninos Cegos, Benjamin Constant, enviou um relatório para a Câmara explicando sua administração e as necessidades do instituto, em um documento imbuído de suas convicções positivistas. Misturou as doutrinas positivista, comunista e evolucionista colocando-as em oposição ao pensamento predominante da sociedade brasileira de então: o cristianismo. Quando o relatório chegou às mãos dos legisladores, o deputado baiano Benevenuto Augusto de Magalhães Taques recriminou Benjamin Constant por não se dar conta das perigosas doutrinas políticas presentes em seu relatório. O deputado baiano Benevenuto Augusto afirmou:

Foram os socialistas, os comunistas e outros que perverteram em França as ideias do povo, ensinaram que todos os impulsos da natureza são bons, que o prazer é a nossa primeira lei. Nascidas do materialismo, essas doutrinas destruíram a base moral, elevaram as paixões vulgares, e de mãos dadas com o cosmopolitismo e espírito de independência que se tem desenvolvido, produziram o governo comunal de Paris, em que se viram todas as atrocidades, entregue, como foi a um bando de homens que, perdidos em seu delírio, desconhecera Deus, a pátria, a família e a propriedade. Dentre estas escolas há uma conhecida com o título de positivista, cujo oráculo e chefe foi um homem de talento superior, Augusto Comte, muito apreciado pelos cultores das ciências matemáticas, às quais é dedicado o diretor do Instituto de Meninos Cegos (...). Eu não desejo que semelhantes doutrinas corram entre nós, sejam favorecidas pelo governo. Os resultados das doutrinas subversivas da moral são infalíveis, elas produziram os delírios da Comuna, a qual tudo o que disse e decretou achou ensinado nos livros, até aquela declaração de que os macacos eram os nossos irrecusáveis antepassados.<sup>183</sup>

É notória a incapacidade do político baiano em conhecer e analisar as doutrinas políticas e evolutivas que citou, misturando-as e colocando-as como se todas fossem uma única doutrina. A formação intelectual deficitária do referido deputado, não era nenhuma novidade entre a elite política brasileira. Para o deputado baiano, a teoria da evolução de Charles Darwin tornou-se sinônimo de positivismo e comunismo. Interpretou o legado da Comuna de Paris como sinônimo de comportamento hedonista. E claramente tinha horror

---

<sup>183</sup> FILHO, Evaristo de Moraes. A proto-história do marxismo no Brasil. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **História do marxismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991, p. 21.

à ideia de trabalhadores se governando. Na sessão de 11 de abril, o ministro imperial João Alfredo defendeu Benjamin Constant e distinguiu positivismo do comunismo. Porém não se referiu ao nome de Karl Marx. Afirmou que:

Há, finalmente, no discurso do nobre deputado uma injustiça e é quando ele chama minha atenção para o diretor do Instituto dos Meninos Cegos, que, disse S. Exa., se achava imbuído das ideias perigosas da escola filosófica positivista, e que por isso podia perverter os meninos confiados ao seu cuidado. Sr. Presidente, se o nobre deputado lesse com mais atenção o relatório do digno diretor do Instituto dos Meninos Cegos, veria que esse funcionário, longe de ser aderente à nova filosofia do materialismo alemão, a essa escola perigosa, de que o nobre deputado supõe sectária da comuna de Paris, tratando de ciências positivistas, aproveitou a ocasião para dar-lhes mais importância do que às outras. Se ele tivesse desenvolvido as ideias que o nobre deputado lhe atribuiu, certamente nenhuma dúvida eu teria de observar-lhe o erro de suas crenças. Mas incidentalmente tratou da filosofia positiva, que não é propriamente a escola a que se referiu o nobre deputado, e assim creio que não aproveitou uma peça oficial para nela exhibir ideias perigosas.<sup>184</sup>

Em 1871 Joaquim Serra, iniciador do movimento abolicionista no Parlamento, foi o primeiro a se referir nominalmente a Karl Marx no Brasil, através do periódico *A Reforma*, jornal oficial do Partido Liberal:

O Sr. Karl Marx, chefe da Internacional, cuja a sede é em Londres, acaba de escrever ao Times, declarando que a asserção apresenta ao Daily News de que a Associação recomendou aos rústicos franceses que incendiassem os palácios é de todo o ponto falsa, afirmando, outrossim, que todas as proclamações contendo infames sugestões, publicadas em Paris em nome da Internacional, depois de 18 de março, são apócrifas.<sup>185</sup>

O jornal *Echo Americano* dirigido por Luís Bivar e Morais Filho, publicou duas páginas sobre Karl Marx, no número 20, em 29 de fevereiro de 1872:

Tal é esse homem, que muita gente considera ser um ente intratável e um revolucionário emperdenido; mas que não é senão um filósofo e um pensador, temível, é certo, pelas suas faculdades organizadoras e admiravelmente sintéticas, pela sua larga experiência das revoluções, sua vasta ciência, sua tenacidade

<sup>184</sup> FILHO, Evaristo de Moraes. A proto-história do marxismo no Brasil. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **História do marxismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991, p. 20-22.

<sup>185</sup> Jornal do Brasil (01/06/1958).

característica, pela afabilidade de suas maneiras, pelo conhecimento de todos os idiomas europeus, e uma infatigável aptidão para os trabalhos mais áridos.<sup>186</sup>

Ainda em 1872 o jornal *Seis de Março*, de Recife, transcreveu durante alguns dias, a doutrina marxista, sob o título *As doutrinas do Dr. Carlos Marx*. Seus editores usaram como fontes comentaristas espanhóis.<sup>187</sup>

Lúcio de Mendonça citou o comunismo em um artigo publicado em 1879, no qual criticou os opositores da Comuna de Paris e do comunismo. Lúcio de Mendonça citou Manes de Platão, de Proudhon, de Fourier, denunciou o desconhecimento de ideias fundamentais do comunismo e afirmou que a doutrina santifica o trabalho diminuindo o egoísmo, a acumulação de propriedade, a ambição do dinheiro. Lúcio de Mendonça afirmou que o dinheiro havia deixado de existir na economia da Comuna de Paris. Elogiou o regime comunista, provavelmente associando o termo à Comuna de Paris. Não temos meios de concluir que Lúcio de Mendonça tivesse algum conhecimento a respeito do marxismo, pois não encontramos nenhum fundamento marxista em seus artigos.<sup>188</sup>

Em 1874 Tobias Barreto fez a primeira citação no Brasil sobre *O Capital* de Marx, na edição alemã. Ao descrever Marx e seu legado, o fez com certa admiração, embora não fosse um apologeta. Citou o nome de Marx ao sugerir uma Internacional crítico-literária com sede na Alemanha: “(...) não por causa de Karl Marx e Bebel, mas por amor dos Lindau ou dos Frenzel, dos Zarncke ou dos Schmidt (...)” Afirmou que a Associação Internacional dos Trabalhadores era “uma organização de loucura”<sup>189</sup>. Em 1879, nas notas ao “Discurso em mangas de camisa”, criticou os franceses citando Marx. Referiu-se ao embate entre Marx e Proudhon utilizando uma simples frase de efeito, não demonstrando conhecimento algum a respeito das duas obras.

(...) a França que sabe filosofar de *omnibus et quibusdam aliis*, e tanto que lhe devemos até uma Filosofia da miséria, que aliás somente serviu para pôr em relevo, como mostrou Karl Marx, a miséria da Filosofia.<sup>190</sup>

<sup>186</sup> Echo Americano n° 20 (29/02/1872).

<sup>187</sup> FILHO, Evaristo de Moraes. A proto-história do marxismo no Brasil. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **História do marxismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991, p. 23.

<sup>188</sup> Ibid., p. 24-25.

<sup>189</sup> Ibid., p. 25 -27.

<sup>190</sup> Ibid., p. 26.

Em 1882 Tobias Barreto, professor no Recife, era um admirador de Marx, porém um crítico do socialismo. Afirmou que o comunismo era o “mais alto grau de servidão”.<sup>191</sup> Citou o filósofo alemão em um discurso para a abertura de um curso de economia:

E ainda a esta hora não se sabe qual seja a verdadeira função do trabalho, qual a verdadeira função do capital (...). Pelo menos é certo que todo suor caído da fronte pensante de Bastiat e quejando economistas anões, na frase de Karl Marx, só tem chegado para descobrir que o trabalho é uma mercadoria e o capital um privilégio. Grande descoberta que seria ridícula, se não fosse muito funesta!” Em 1887, ao analisar um trecho do prefácio `a segunda edição alemã de *O Capital*, de 1873, colocado pelo próprio Marx antes do prefácio à terceira edição de 1883, Barreto descreveu o pensador alemão como “(...) o terrível crítico do capitalismo, e o mais valente pensador do século XIX, no domínio da ciência econômica.”<sup>192</sup>

Outro renomado intelectual brasileiro a se referir a Karl Marx, na penúltima década do século XIX, em 1886, foi Clóvis Beviláqua. Também era oriundo da Escola do Recife:

A escola socialista germânica de Marx e Lassalle pretende que o governo deve estabelecer uma taxa progressiva sobre os proprietários em proveito dos operários. Ambos estes escritores se impõem à nossa simpatia, não tanto pela vida aventureira que levaram quanto pelo seu fervor em prol do proletário e pelo cunho científico que (principalmente Karl Marx) procuraram imprimir a seus escritos. Marx queria um socialismo científico, tomando por base os trabalhos de Darwin, a anatomia, a antropologia, etc., e distanciando-se muito das doutrinas anteriores de Saint-Simon, Fourier, Cabet, Proudhon e Louis Blanc. Infelizmente suas doutrinas parecem que têm mais um caráter revolucionário do que construtor.<sup>193</sup>

Acredito que entre os intelectuais brasileiros, a maior contribuição para a propagação do marxismo, no final do século XIX e início do seguinte, foi feita por Euclides da Cunha. Expôs a doutrina de Marx com algum conhecimento da doutrina marxista, se posicionou a favor de Marx e participou de movimento social dos trabalhadores. Publicou três artigos no jornal *O Estado de São Paulo*, utilizando o pseudônimo de Proudhon, em 1892, homenageando o Primeiro de Maio. Em 1900 foi fundado o Clube Internacional dos Filhos do Trabalho, em São José do Rio Pardo, no qual entre seus participantes estava Euclides da Cunha, Francisco Escobar e Honório de Silos. O programa de *O Proletário*, de 1901, com 21 itens refletiam algumas das

---

<sup>191</sup> Ibid., p. 26.

<sup>192</sup> Ibid., p. 26.

<sup>193</sup> Ibid., p. 27.

reivindicações de proteção dos trabalhadores, que poderia ser considerado um embrião de um modelo de legislação social.<sup>194</sup> Na emblemática data dos trabalhadores, no ano de 1904, Euclides publicou um artigo intitulado “*Um velho problema*” em *O Estado de São Paulo*. Nele, Euclides da Cunha demonstrou explicitamente conhecimento sobre o marxismo, citando Marx, analisando historicamente o desenvolvimento político da Europa desde o absolutismo francês, destacando as conquistas sociais alcançadas pela Revolução Francesa:

Assim ela (a questão social) chegou até meados do último século – até Karl Marx -, pois foi realmente com este inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico começou a uma linguagem firme, compreensiva e positiva. (...) A fonte única da produção e do seu corolário imediato, o valor, é o trabalho. Nem a terra, as máquinas, o capital, ainda que coligados, a produzem sem o braço do operário. Daí uma conclusão irredutível: a riqueza produzível deve pertencer toda aos que trabalham. É um conceito dedutivo: o capital é uma espoliação. Não se pode negar a segurança do raciocínio. (...) Neste confronto se expõe a pecaminosa injustiça que o egoísmo capitalista agrava, não permitindo, mercê do salário insuficiente, que se conserve tão bem como os seus aparelhos metálicos, seus aparelhos de músculos e nervos; e está em grande parte a justificativa dos socialistas no chegarem todos ao duplo princípio fundamental: socialização dos meios de produção e circulação; posse individual somente dos objetos de uso. (...) a revolução não é um meio, é um fim; embora, as vezes, lhe seja mister, um meio, a revolta. Mas esta sem a forma dramática e ruidosa de outrora. As festas do Primeiro de Maio são, quanto a este último ponto, bem expressivas. Para abalar a terra inteira, basta que a grande legião em marcha pratique um ato simplíssimo cruzar os braços... Porque o seu triunfo é inevitável. Garantem-no as leis positivas da sociedade que criarão um reinado tranquilo das ciências e das artes, fontes de um capital maior, indestrutível e crescente, formado pelas melhores conquistas do espírito e do coração.<sup>195</sup>

O militante socialista italiano Antonio Picarollo, professor, que publicou o livro *o Socialismo no Brasil* em 1908, fundou o Centro Socialista Paulistano. Colaborava com periódico socialista *Avanti!*, fundado por socialistas italianos em 1900 e também contribuiu para a difusão do socialismo e indiretamente de Marx, citando-o de vez em quando em seus artigos, apesar de defender um socialismo reformista.<sup>196</sup>

Outro que citou Marx no início do século XX e se destacou no movimento operário foi Evaristo de Moraes. Com tenra idade, aos 18 anos, se considerava socialista

---

<sup>194</sup> Ibid., p. 30.

<sup>195</sup> O Estado de São Paulo. (01/05/1904).

<sup>196</sup> FILHO, Evaristo de Moraes. A proto-história do marxismo no Brasil. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **História do marxismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991, p. 43.

e atuava como orador do Partido Operário fundado por França e Silva em 1890. Anos depois apoiou Gustavo Lacerda e participou ativamente nas principais greves ocorridas na primeira década do novo século. Inclusive trabalhou na estiva, tendo carteira de estivador. Escreveu a respeito de Karl Marx na coluna que tinha no periódico *Correio da Manhã* desde 1903 e reuniu algumas delas em *Apontamentos de direito operário* de 1905. Assim escreveu:

O grande organizador do socialismo científico, Karl Marx, já havia dito que, não obstante parecer que o trabalhador vende livremente seu trabalho, bem se percebe, afinal, que ele não é um agente livre; que o tempo pelo qual ele empenha seu esforço lhe é imposto pelas circunstâncias; e o capitalismo devorador não abandona a presa enquanto tem a sugar uns restos de sangue e de músculo!...<sup>197</sup>

Nesses primeiros anos de regime republicano, a doutrina marxista não foi apresentada plenamente pelos pensadores e militantes socialistas, apesar das citações a Marx. A maioria desses primeiros socialistas teve acesso a livros franceses de comentaristas e propagandistas de Marx, mas poucos tiveram acesso a leitura dos livros originais de Karl Marx e Friederich Engels. As obras clássicas desses autores não são citadas, pois no início do século XX os livros dos pais do socialismo científico não estavam sequer traduzidos para a língua portuguesa no Brasil. Apesar das análises superficiais desses primeiros socialistas a respeito do legado marxista, serão eles os primeiros a difundir o nome do filósofo alemão em território nacional. São as primeiras referências a respeito dos pais do marxismo. Podemos concluir que na incipiente República, poucos intelectuais brasileiros conheciam Marx e referências sobre o pensador alemão, pouquíssimo leram realmente as obras marxistas.<sup>198</sup> Tal fato demonstra a dificuldade dos líderes do movimento operário no Brasil utilizarem o marxismo como ferramenta para interpretação da realidade material, mobilização operária e estratégia de luta. Essas primeiras organizações socialistas e os efêmeros partidos operários do período, tinham cunho reformista e não revolucionário conforme a doutrina marxista.

Convém ressaltar que em fins do século XIX e início do XX, o termo comunista não era sinônimo de marxismo, pois muitos grupos que defendiam uma sociedade sem

---

<sup>197</sup> Apontamentos de direito operário. Apud. FILHO, Evaristo de Moraes. A proto-história do marxismo no Brasil. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **História do marxismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991, p. 35.

<sup>198</sup> *Ibid.*, p. 44.

classes, justa e igualitária, eram chamados de comunistas. A partir da revolução bolchevique, o termo foi apropriado pelos marxistas russos ao organizarem a Internacional Comunista em 1919 e ninguém contestou o uso bolchevique do termo. Não existiam partidos marxistas com o título de comunista antes de novembro de 1917. A maioria dos marxistas militavam em partidos socialista ou social-democrata, fazendo parte de suas frações mais radicais.<sup>199</sup>

Historicamente, até a Revolução de Outubro, o termo comunismo teve várias acepções, sempre conectadas com o ideal de uma sociedade sem classe, igualitária, justa, livre. A partir da revolução, o termo é requisitado pelo partido e a ideologia que protagonizam essa revolução. O comunismo passa a ser da Internacional Comunista e seus herdeiros, os atuais partidos comunistas.<sup>200</sup>

No Brasil do final do século XIX, o termo comunismo esteve presente em alguns artigos publicados e documentos, ora criticando-o, ou defendendo-o. É notório como a elite brasileira não fazia ideia dos conceitos básicos da doutrina marxista. Podemos concluir que não se entendia o termo comunismo como sinônimo de marxismo e sim como um legado da Comuna de Paris. O desconhecimento da doutrina marxista é notório durante a maioria dos anos da Primeira República, embora o movimento operário tenha utilizado o termo comunista de maneira confusa, no clima de euforia causado pela vitória da Revolução Bolchevique. Na época o termo usado para se referir ao marxismo era maximalismo ou bolchevismo.

## ANTONIO BERNARDO CANELLAS NO ANO DA REVOLUÇÃO

Antonio Bernardo Canellas, dinâmico militante operário da segunda década do século XX, encerrou as atividades do jornal *Tribuna do Povo de Viçosa* em janeiro de 1917, deixou a cidade homônima e passou a residir em Maceió. Não demorou muito e passou a editar o jornal *A Semana Social* ao lado do amigo Octávio Brandão, que tinha 21 anos. Era três anos mais velho que Canellas. Brandão era estudante de farmácia e tinha a pretensão de se tornar escritor. *A Semana Social* passou a ser publicada a 30/03/1917, foram colocados em circulação 26 números até meados de novembro do mesmo ano.

<sup>199</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 54.

<sup>200</sup> El País (26/02/1982).

Assim o periódico não chegou a noticiar as novidades ocorridas na Rússia, em novembro de 1917. A sede do jornal ficava na Praia da Pajussara, especificamente na rua Araçá, 82. Uma das marcas dos editoriais de Canellas era o bom humor. Em seu primeiro número, afirmou que o jornal seria semanal, porém o leitor deveria compreender, que as dificuldades poderiam fazer com que o periódico não tivesse dia certo para circular: “sai dia 10, 20, 30 ou semanalmente, logo que o material tipógrafo estiver pronto”.<sup>201</sup>

Somente a partir do 8º número é que o jornal teve circulação semanal, antes disso era publicado a cada dez dias. O primeiro número saudou entusiasticamente a revolução de fevereiro na Rússia que derrubou o secular governo czarista. Seguindo a mesma linha editorial de seu jornal anterior, Canellas continuou sua campanha contra a Primeira Guerra Mundial. O jornal foi se mantendo graças aos anunciantes. Assim como no periódico *Tribuna do Povo de Viçosa*, o Elixir Guardião do Dr. Manoel Brandão continuava anunciando no jornal de Canellas. A Alfaiataria Gracindo, Alfaiataria Tombo de Maceió, o Ateleier Gráfico e a Alfaiataria da Loja Progresso também tinham seu espaço de propaganda no periódico.<sup>202</sup>

No segundo número o fato internacional abordado continuou a ser a revolução de fevereiro na Rússia. No terceiro número a campanha contra o conflito bélico mundial continuou:

Povo simples e influenciável, sabes o que é a guerra? É o frenesi da loucura, o naufrágio de todo o progresso moral realizado pela humanidade.<sup>203</sup>

No quinto número do periódico, Canellas perguntou em mais um artigo contra a Primeira Guerra: “*Quem quer a guerra? Certamente não é o povo, que está mais preocupado com a carestia de vida.*” Um poema de Juca d’Athayde, pseudônimo de José Carneiro Duarte, criticando o nacionalismo materializado na veneração à bandeira social causou inúmeros protestos do povo alagoano contrário ao ataque contra o símbolo nacional. O sentimento nacionalista em torno do papel do Brasil no conflito mundial, gerou revolta de parte da população alagoana que refutou a campanha pacifista de vários artigos de *A Semana Social*.<sup>204</sup>

<sup>201</sup> A Semana Social n°1 (30/03/1917).

<sup>202</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 47.

<sup>203</sup> Ibid., p. 49.

<sup>204</sup> A Semana Social n°5 (10/05/1917).

Ao mesmo tempo em que publicou artigos a respeito da revolução de fevereiro na Rússia e críticas à Primeira Guerra Mundial, o jornal publicou os capítulos do primeiro livro de Octávio Brandão: *Canaes e Lagoas*, que pretendia descrever Alagoas e a sua descoberta pelos portugueses.<sup>205</sup> No jornal *A Plebe*, de 26 de abril de 1919, editado por Edgard Leuenroth, encontramos informações a respeito da pesquisa de Brandão para escrever seu livro na nota “*Um propagandista que preocupa os dominantes alagoanos*”:

Octávio Brandão é um moço que prende a atenção de quantos viajantes ilustres passam por Alagoas. Um espírito lúcido, dedicou-se ao estudo da mineralogia, da paleontologia, da história daquele Estado, e tem em elaboração um livro sobre canais e as lagoas, que mereceu já elogios de Rocha Pombo, de Oliveira Lima e várias autoridades. A erudição desse moço, aos vinte um anos, destaca-o do meio em que vive. Agora enveredou-se pela sociologia, apaixonou-se pela doutrina de Kropotkin e prega em crônicas e versos a repartição de terras entre os trabalhadores. O mais interessante é que a família a que ele pertence é uma das mais ricas de Alagoas e possui léguas e léguas de terras.<sup>206</sup>

Na nota seguinte do mesmo jornal anarquista, com o título “*Nas malhas da polícia*”, foi relatada uma prisão de Brandão:

Foi preso um anarquista conhecido pelo pseudônimo de Ariel. Octávio resolveu fazer-lhe uma visita, sendo então colhido pela malhas policiais. Enquanto estava detido, procediam as autoridades uma busca em sua casa, carregavam-lhe todos os papéis, inclusive algumas notas por ele colhidas em trabalhosas pesquisas, feitas em pântanos, nas lagoas, nas proximidades dos canais e dos rios onde se encontravam os fósseis e os sambaquis que proporcionavam ao estudioso o conhecimento de uma época a ser tratada em seu livro.<sup>207</sup>

A participação de José Oiticica em greves e tentativas revolucionárias lhe proporcionou o contato com Octávio Brandão. A militância anarquista de Oiticica o levou à prisão e a uma viagem para Alagoas. No litoral nordestino continuou propagar a ideologia ácrata para pescadores em encontros noturnos à luz de velas. Esses encontros atraíram Octávio Brandão e proporcionaram uma amizade entre os dois militantes libertários. O livro de Brandão, *Canaes e Lagoas*, foi prefaciado por Oiticica.<sup>208</sup> No

<sup>205</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 47.

<sup>206</sup> *A Plebe* n° 10 (26/04/1919).

<sup>207</sup> *A Plebe* n° 10 (26/04/1919).

<sup>208</sup> OITICICA, José. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Econômica, 1983, p. 5.

mesmo número do jornal *A Plebe*, de 26 de abril de 1919, temos outras informações a respeito desse relacionamento militante de ambos em uma pequena nota intitulada “*Uma carta de José Oiticica*”:

O camarada José Oiticica não tinha tomado até então parte em nenhuma reunião dos anarquistas alagoanos, mas nem por isso deixou de aparecer nos noticiários dos jornais da terra. No bolso de um operário a polícia encontrou uma carta firmada por ele e dirigida a Octávio Brandão, recomendando a este que prosseguisse na campanha em prol do ideal anarquista.<sup>209</sup>

O estilo literário de Brandão atraiu críticas de leitores de *A Semana Social*, que sentiram-se incomodados com sua maneira de escrever. Foram várias cartas criticando o jovem escritor. As críticas dos leitores contra a campanha pacifista do jornal ou contra o estilo literário de Brandão, demonstram que o periódico era lido por vários cidadãos de Maceió. O jornal estava conseguindo alguma atenção de parte da sociedade local que, no entanto, não estava disposta a acolher as ideias libertárias do periódico.<sup>210</sup>

Desde o 8º número do jornal *A Semana Social*, Astrojildo Pereira também colaborava com o periódico, enviando do Rio de Janeiro, artigos e notícias da capital da República. Octávio Brandão e Astrojildo Pereira, amigos e colaboradores de Canellas, tornar-se-ão seus inimigos seis anos depois, já membros do PCB. Astrojildo Pereira, em um artigo, estimulou a deserção em massa dos soldados brasileiros, afirmou que o desertor é um herói comparado ao soldado e criticou a transformação do ser humano que a máquina de guerra transforma, aniquila e absorve. Denunciou a essência do estado burguês ao afirmar que não há ordem possível em uma organização autoritária da sociedade, pois a repressão governamental seria o indício de que a ordem sustentada pelo Estado é uma ordem absolutamente falsa.<sup>211</sup>

No número 23, os editores demonstraram a possibilidade real do Brasil participar do conflito mundial, no editorial: “*Os militares brasileiros não sossegam enquanto não desencadearem uma guerra.*”<sup>212</sup> No número 24 desferiram um ataque contra a Liga da Defesa Nacional, fundada em 1916 por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon. A

<sup>209</sup> *A Plebe* n° 10 (26/04/1919).

<sup>210</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 50.

<sup>211</sup> *Ibid.*, p.50.

<sup>212</sup> *A Semana Social*, n° 23. Apud. SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 50.

Liga foi presidida por Rui Barbosa e era favorável do apoio do Brasil à Tríplice Entente. O serviço militar obrigatório era estimulado pela instituição e o Exército Brasileiro a apoiava. Os ataques contra a Liga da Defesa Nacional e conseqüentemente contra personalidades nacionais como Olavo Bilac e Rui Barbosa, contribuíram para um clima de repúdio popular contra o periódico de Canellas e Brandão. Assim estava escrito o editorial: “*anda por aí uma tal Liga da Defesa Nacional, com um tinir de esporas e uma mão cheia de morrão e pólvora seca.*”<sup>213</sup>

Em 27 de outubro de 1917, o presidente Venceslau Brás, assinou a declaração de guerra do Brasil contra os países da Tríplice Aliança. Equipes médicas brasileiras foram enviadas para a França, marinheiros foram patrulhar os mares de Dacar e Gilbratar e foram fornecidos alimentos e matérias primas para os países da Tríplice Entente.

A declaração de guerra por parte do governo brasileiro provocou forte reação nos editores de *A Semana Social*. No número 26 do jornal, o último, os editores reagiram com um enérgico editorial contra a guerra intitulado: “*Abaixo a Guerra Imperialista e com o subtítulo Atentado contra a vida e o sossego do Povo. Bruscamente e contra a vontade unânime da nação os dirigentes levam o país à guerra*”:

A declaração de guerra à Alemanha foi a mais imoral canalhice da quadrilha republicana organizada desde 1889 e reformada a cada quatro anos. A quadrilha de malfeitores viu agora esgotadas todas as fontes de onde extrai fraudulentamente os recursos da nação. (...) Era lá possível que neste país não houvesse mais nada para roubar? Pois bem: vender-se-ia o povo. Mais tarde vender-se-á todo o país.<sup>214</sup>

O último número do jornal revoltou parte da população alagoana que apoiava a participação do Brasil no conflito mundial. A sede do jornal foi cercada por manifestantes radicais que queriam agredir Canellas e Brandão. A sede do jornal na Praia da Pajussara foi invadida e suas instalações foram destruídas. Os dois militantes anarquistas tiveram que fugir para o interior de Alagoas com a ajuda de amigos e depois deixaram Maceió rumo a Recife.<sup>215</sup> Assim registrou Edgard Leuenroth, editor do jornal *A Plebe*, sobre o ocorrido:

<sup>213</sup> *A Semana Social*, n° 24. Apud. SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 50.

<sup>214</sup> *A Semana Social* n° 26 (03/11/1917).

<sup>215</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 51 e 52.

... Quando do decreto do governo brasileiro aceitando o estado de guerra com a Alemanha, Antonio Canellas fez uma edição que escandalizou os pacatíssimos comedores de sururu. Era a condenação da guerra em termos severos, o que lhe valeu uma carta de Oliveira Lima, aplaudindo sua atitude. Canellas era, nesse tempo, moço de 18 anos. Uma série de manifestações de patriotas maceioenses resultou no apedrejamento de *A Semana Social*, sendo ele ameaçado de morte. Poucos dias antes fora instaurado contra Canellas um processo por crime de injúria, promovido por um comerciante. Uma coisa auxiliou a outra, e ele teve de retirar-se para o Recife, onde trabalhou na revisão de *Diário de Pernambuco*. Não tardou, porém fundar a *Tribuna do Povo*, que tem hoje grande circulação em Pernambuco, em Alagoas e na Paraíba.<sup>216</sup>

Mesmo depois de fugir da confusão em Maceió, com grandes riscos à sua integridade física, Antonio Canellas retornou para Maceió, foi até o bairro da Pajussara, para a sede do seu jornal. Porém uma multidão cercou a sede de *A Semana Social*, gritando “Morra Canellas!” O jovem editor escapou novamente do linchamento público e fugiu para o Recife. Octávio Brandão afirmou esse fato em entrevista para Foster Dulles anos depois.<sup>217</sup>

No mês de novembro, mesmo período que Canellas e Brandão estavam escondidos no interior de Alagoas, fugindo da agressão de alguns violentos patriotas alagoanos, as agências de notícias internacionais transmitiram para o mundo notícias sobre uma nova revolução na Rússia, dessa vez protagonizada pelos militantes bolcheviques.

## **A GREVE QUE PAROU O PAÍS**

O ano de 1917 foi emblemático para o movimento operário no Brasil. Em meados do ano, o movimento operário organizado através do sindicalismo revolucionário organizou greves se transformaram em greves gerais. O recrudescimento do movimento operário trouxe grande preocupação para as autoridades e burguesia. Vários fatores explicam a eclosão daquela que foi considerada a maior greve geral da História do país: As inóspitas condições de trabalho, baixos salários, ausência de direitos trabalhistas que regulasse as relações de produção, exaustivas jornadas diárias de trabalho, péssimas

<sup>216</sup> A Plebe n° 10 (26/04/1919).

<sup>217</sup> DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 62.

condições de vida, principalmente de moradia, entre outros. O aumento dos preços dos alimentos também deve ser considerado como um dos fatores que contribuiu para a subelevação dos trabalhadores tanto em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Em junho aconteceram algumas greves em fábricas têxteis no Mooca e no Ipiranga. Baixos salários, condições de trabalho inóspitas e a luta contra a contribuição “pró-pátria” mobilizaram os trabalhadores dessas fábricas. A contribuição “pró-pátria” foi iniciada por burgueses italianos que queriam ajudar financeiramente seu país no conflito mundial. As quantias eram adquiridas através de descontos salariais dos seus funcionários. Os baixos salários ficaram ainda mais inexpressivos por causa do referido desconto provocado pelo conflito mundial. No dia 7 de julho, a greve se espalhou para a Cia. Antártica no Mooca. Dois dias depois a Força Pública reprimiu com violência uma concentração de trabalhadores na porta da Tecelagem Mariângela que pertencia ao grupo Matarazzo. O sapateiro anarquista Antonio Martinez foi morto durante a repressão e sua morte revoltou os operários paulistas. O enterro do militante anarquista aconteceu no dia 11 de julho, tornando-se um catalisador de toda revolta operária contra as condições de trabalho e intensa repressão governamental. O cortejo fúnebre saiu do Brás, acompanhado de milhares de trabalhadores, foi até o Aterro do Carmo, caminhando pelo centro da cidade, onde aconteceram enfrentamentos com as forças de repressão e chegou ao cemitério do Araçá. A greve se generalizou por toda a cidade.<sup>218</sup>

O movimento operário organizou o Comitê de Defesa Proletária, liderado pelos anarquistas Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho, Gigi Damiani, Antonio Candeias e pelo socialista Teodoro Monicelli, diretor do jornal *Avanti!*. A greve geral foi se espalhando por várias cidades do interior paulista e ganhou a solidariedade da Federação Operária do Rio de Janeiro. No dia 15 de julho o número de grevista era de 50 mil. A cidade de São Paulo ficou completamente paralisada. O movimento operário enfrentou abertamente a classe dominante, organizada através de um forte e violento aparato repressivo governamental. O governo paulista solicitou reforços repressivos para o governo federal, temendo a organização do movimento grevista e o avanço da greve geral. Foram deslocadas tropas do interior e dois navios de guerra para a cidade de Santos. Os trabalhadores estavam revoltados, deflagrados em uma revolta popular. Lutas de rua, ataques contra autoridades, piquetes, comícios aconteceram por todo o canto. Homens,

---

<sup>218</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 280.

mulheres e crianças se organizaram através das Ligas Operárias de seus bairros, em uma outra forma de organização popular criada pelos anarquistas. Bairros operários se tornaram baluartes de resistência grevista com formação de barricadas, esconderijos nos cortiços e becos dos bairros da Lapa, Brás, Ipiranga, Belenzinho, Cambuci, Barra Funda e Mooca. Assim registrou Everardo Dias: “São Paulo é uma cidade morta: sua população está alarmada, os rostos denotam apreensão e pânico, porque tudo está fechado, sem o menor movimento. Pelas ruas, afora alguns transeuntes apressados, só circulavam veículos militares requisitados pela Cia. Antártica e demais indústrias, com tropas armadas de fuzis e metralhadoras. Há ordem de atirar sobre quem fique parado na rua. Nos bairros fabris do Brás, Mooca, Barra Funda, Lapa, sucedem-se tiroteios com grupos populares; em certas ruas já começaram a fazer barricadas com pedras, madeiras velhas, carroças viradas e a polícia não se atreve a passar por lá, porque dos telhados e cantos partem tiros certos. Os jornais saem cheios de notícias sem comentários quase, mas o que se sabe é sumamente grave prenunciando dramáticos acontecimentos.”<sup>219</sup>

No Rio de Janeiro a União dos Operários em Construção Civil, havia sido refundada como União Geral da Construção Civil (UGCC) em abril de 1917. A organização cresceu consideravelmente no ano de 1917. Apenas dois meses após sua refundação já contava com 500 operários filiados. A trajetória militante sindical de Domingos Passos esteve diretamente ligada à União dos Operários em Construção Civil. Alcançou grande notoriedade após reunir 20 mil trabalhadores no sepultamento dos 13 operários mortos no desabamento do New York Hotel. O enterro se transformou em uma manifestação de protesto dos trabalhadores da construção civil contra a falta de condições de trabalho e de vida.<sup>220</sup>

A greve geral se espalhou e chegou no Rio de Janeiro. No dia 18 de julho o marceneiro Flávio dos Santos abandonou o serviço em um ato de solidariedade ao movimento grevista de São Paulo. De todos os seus 180 companheiros de trabalho, apenas três o acompanharam em sua atitude solidária. No entanto em uma fábrica de móveis, 150 trabalhadores entraram em greve. Em seguida, outras cinco fábricas entraram em greve. A Federação Operária do Rio de Janeiro atuou junto aos trabalhadores grevistas e juntos decidiram que os mesmos só retornariam ao trabalho quando os patrões instituíssem oito

---

<sup>219</sup> DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1977, p. 56 e 57.

<sup>220</sup> SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. **Domingos Passos: o Bakunin brasileiro**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009, p. 4.

horas de trabalho diárias, salário de oito mil réis, abolição de trabalho de menores e a responsabilidade patronal sobre os acidentes de trabalho. A Federação Operária do Rio de Janeiro se preparou para deflagrar uma greve geral no dia 22 de julho.<sup>221</sup>

A União Geral da Construção Civil juntamente com a Federação Operária do Rio de Janeiro e outras associações de resistência declararam a greve geral na capital no referido dia. A repressão foi imediata. A polícia fechou várias sedes de sindicatos, destruindo-as. Porém a repressão não conseguiu impedir a eclosão da greve geral.<sup>222</sup>

No dia 23 de julho 50 mil operários estavam em greve. Cerca de 20 mil metalúrgicos abandonaram o serviço. Alfaiates e entregadores de pão também decidiram aderir ao movimento. Sapateiros criaram, no dia 24, a União dos Cortadores de Calçados exigindo oito horas de trabalhos diários e 20 por cento de aumento salarial. Trabalhadores da companhia de tecidos América Fabril também entraram em greve exigindo 30 por cento de aumento salarial e escola para seus filhos. Os operários da Fábrica de Tecidos Aliança cruzaram os braços e exigiram aumento de 30 por cento e o fim dos castigos corporais.

Os locais de trabalho eram infectos, sem bebedouros ou chuveiros; existia apenas um buraco no chão que servia de privada, deixando que se espalhasse pela oficina um mal cheiro que nos dias de calor provocava náuseas... Certa vez, numa oficina da rua do Rosário, 109, vi um crioulinho que decepara o dedo fugir apavorado em direção à Santa Casa, com medo de ser punido pelo mestre. Não havia trabalho para operários idosos nem para quem usasse óculos. Vívamos atormentados pela ideia de perdermos o emprego ou ficarmos doentes, apavorados com a proximidade da velhice, imensa fábrica de mendigos.<sup>223</sup>

Grupos de trabalhadores tomaram as principais ruas da capital convencendo trabalhadores de diversas categorias a entrarem na greve geral que estava em crescimento. No dia 24 de julho a polícia atacou com violência os grevistas. A multidão de trabalhadores se revoltou contra a violência policial e caminhou para o Largo de São Francisco, tradicional local de concentração de protestos populares do período. As forças

---

<sup>221</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 56 e 57.

<sup>222</sup> SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. **Domingos Passos: o Bakunin brasileiro**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009, p. 4.

<sup>223</sup> RODRIGUES, Edgard. **Alvorada operária**. Rio de Janeiro: Ed. Mundo Livre, 1979, p. 206-207, depoimento de Álvaro Côrrea..

de repressão impediram a entrada de operários e a realização de comícios no largo. A massa de trabalhadores amotinados se dirigiu para a sede da Federação Operária do Rio de Janeiro, no antigo Largo do Capim, e ali discursaram e analisaram o movimento grevista e sua conjuntura. Alguns achavam que o movimento grevista deveria ser prudente, outros consideravam que a violência policial exigia uma radicalização do movimento. Ao mesmo tempo, em alguns lugares da cidade, outros grupos realizaram depredações. Na Avenida Marechal Floriano Peixoto aconteceu outro confronto de policiais contra populares.

No dia 25 de julho o chefe de polícia, Aurelino Leal, foi categórico em afirmar que a polícia usaria de maior violência repressiva para acabar com os distúrbios na capital.<sup>224</sup> Na prática, a burguesia temia o pior: a deflagração de um processo revolucionário, conforme os princípios do sindicalismo revolucionário. O Estado passou a reprimir com violência qualquer anormalidade à ordem burguesa. Aurelino Leal afirmou que:

as autoridades não podem assistir impassíveis os acontecimentos desta ordem, agravados ontem pelos gritos subversivos e depredações... A polícia proíbe manifestações tendenciosas pelas ruas da cidade, em que já se sente atmosfera de pânico.<sup>225</sup>

Ainda no dia 25 de julho, seguindo a orientação governamental para o recrudescimento da repressão governamental contra a greve geral, a polícia reprimiu com violência uma manifestação dos grevistas que acontecia em frente à Central de Polícia. A cavalaria atacou os populares com violência, porém a massa de operários reagiu com pedradas. Trabalhadores foram brutalmente atingidos, o comandante da cavalaria foi gravemente ferido na cabeça, muitos grevistas foram presos e outros se dispersaram. No dia seguinte as autoridades anunciaram que o exército estava vigiando e protegendo a sede da Companhia Light & Power e as docas. Afirmaram que onze policiais da brigada policial estavam sendo medicados no pronto-socorro municipal devido aos violentos

---

<sup>224</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 58.

<sup>225</sup> Correio da Manhã (25/07/1917).

enfrentamentos entre policiais e operários nos dias anteriores. Não ficou registrado o número de operários atingidos pelas forças policiais.<sup>226</sup>

Na sede da Federação Operária do Rio de Janeiro foi anunciado que todos os operários da capital, independente de classe, estavam em greve. O chefe de polícia Aurelino Leal informou ao presidente Venceslau Brás que havia solicitado o fechamento da sede da Federação Operária e do Centro Cosmopolita, pois serviam de base para os operários insurgentes e estes haviam recebido a polícia a tiros. A solicitação foi atendida. Aurelino explicou que tal medida atendia a uma necessidade, pois a maioria dos operários eram estrangeiros, baseados no Centro Cosmopolita e teriam atingido as autoridades com pedradas e tiros. Afirmou que:

Não convém esquecer que foi na Federação Operária que, em maio desse ano, se pregou o assassinato do chefe de polícia; que foi uma comissão desta mesma entidade que se portou inconvenientemente no palácio presidencial, dizendo que ia mais impor do que pedir ao chefe do Estado uma determinada providência...<sup>227</sup>.

A Federação Operária era e é o centro dos anarquistas do Rio de Janeiro, de organização dúbia, se não escusa, e onde, na opinião de vários operários honestos, se explora a boa fé dos trabalhadores incautos.<sup>228</sup>

O movimento grevista continuou se fortalecendo no Rio de Janeiro, com a adesão de vários operários e também de trabalhadores da limpeza pública. Percebendo que somente a repressão não acabaria com a revolta operária, vários patrões resolveram negociar com representantes dos operários de diferentes categorias. Assim o proletariado alcançou vitórias parciais referentes aos aumentos salariais, horas diárias de trabalho e que nenhum trabalhador poderia ser desempregado por ter participado do movimento grevista.<sup>229</sup>

Foi a maior greve geral da história do país. Assustou as autoridades e a burguesia da capital da República e de São Paulo. Os resultados alcançados foram diferenciados de acordo com cada categoria com vitórias parciais alcançadas. A greve geral de 1917

---

<sup>226</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 58.

<sup>227</sup> Correio da Manhã (26/07/1917).

<sup>228</sup> Ibidem, (26/07/1917).

<sup>229</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 59.

proporcionou grandes possibilidades organizacionais para o movimento operário, novos sindicatos surgiram e os antigos alcançaram grande crescimento. Em São Paulo a Federação Operária foi reconstituída, unindo-se a ela dezesseis sindicatos e oito Ligas Operárias.<sup>230</sup>

A greve geral coincidiu com o clima de xenofobia que estava se desenvolvendo devido ao conflito mundial. Muitos estrangeiros eram alvos em potencial de perseguição e preconceito, principalmente o imigrante alemão, pois alguns meses antes, em abril de 1917, o governo brasileiro tinha rompido relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha. As autoridades usaram o clima de guerra para criminalizar parte do movimento operário, pois muitos líderes operários foram acusados de serem marionetes da máquina de guerra alemã. Aproveitando o clima patriótico a favor da guerra, o governo de São Paulo se empenhou para punir as lideranças do movimento operário. Com a declaração do estado de sítio por causa da entrada do Brasil na Primeira Guerra, os governantes utilizaram a situação para agir de forma contundente contra o movimento operário.<sup>231</sup>

Já em agosto, as autoridades paulistas se empenharam para esmagar o movimento e seu vertiginoso crescimento. Os governantes do Rio de Janeiro procederam da mesma forma. Sindicatos foram ameaçados de fechamento caso seus militantes anarquistas não fossem expulsos. As sedes dos sindicatos foram invadidas, fechadas a cadeado, as cadeias ficaram cheias de operários atuantes no movimento sindical. No final desse ano, foi aprovado um aumento de 16% na verba destinada ao exército estadual e foram contratados mil novos soldados. A greve geral levou as autoridades a investir e aprimorar as forças policiais e militares.<sup>232</sup>

Edgard Leuenroth foi preso, acusado de ser o mentor do movimento grevista. Somente seis meses depois foi liberto, após exaustiva atuação dos advogados Evaristo de Moraes e José Adriano Marrey Júnior. Da mesma forma o governo paulista se mobilizou para expulsar 20 imigrantes militantes anarquistas. Evaristo de Moraes atuou novamente, em favor dos líderes anarquistas. Alegou que o decreto de 1907 garantia o direito de

---

<sup>230</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 136.

<sup>231</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 59-61.

<sup>232</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 137.

ambos continuarem no Brasil, pois aqui viviam há dois anos interruptos e assim estariam em situação legal no Brasil. Mesmo assim o governo paulista se preparou para deportar vários militantes anarquistas a bordo do navio Curvello, que estava em Santos. Entre eles estavam Florentino de Carvalho. Curiosamente Gigi Damiani não estava entre os deportados. O navio tinha como destino Nova York, porém ao chegar na Ilha de Barbados os prisioneiros foram desembarcados. Em novembro de 1917, o Supremo Tribunal Federal julgou o caso em segunda instância dando ganho de causa para os operários.<sup>233</sup>

## A REVOLUÇÃO QUE ABABLOU O MUNDO

Acredito que o contexto internacional tenha influenciado o movimento operário brasileiro em sua luta contra a burguesia, nas primeiras décadas do século XX. Dois fatos históricos de grande relevância para a história da humanidade, influenciaram a política e consequentemente os movimentos sociais no Brasil na segunda década do século XX: o desfecho da Primeira Guerra Mundial com suas respectivas consequências políticas, econômicas, sociais para o mundo da época e a Revolução Russa, de novembro de 1917, protagonizada pelos revolucionários russos marxistas chamados bolcheviques.

No contexto internacional, o desfecho da Primeira Guerra Mundial anunciou o que seriam os anos 20. Um novo mundo surgiu após o conflito: a crise das velhas democracias liberais era uma verdade ao redor do mundo, impérios seculares desapareceram, novos países foram criados, novas possibilidades surgiram para o homem, as demandas pela extensão dos direitos políticos e sociais cresceram, ocorreram greves, e inúmeras agitações urbanas. A guerra causou uma extensa mortandade e uma revolução tecnológica. Os velhos modelos políticos, econômicos e sociais passaram a ser questionados. O Império Austro-Húngaro e o Império Turco-Otomano desapareceram com o desfecho da Guerra, novos países e novas relações coloniais surgiram no lugar das antigas possessões territoriais desses antigos impérios extintos. Consequentemente floresceu:

---

<sup>233</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 59-61.

... uma imperiosa necessidade de reorganização de ideias se impõe, seja para se compreender melhor o que aconteceu, seja para se poder planejar o futuro, que se anunciava perceptível e inevitavelmente como novo.<sup>234</sup>

A Revolução Russa, ocorrida em 1917, revolucionou o mundo da época. Novas possibilidades de emancipação, de luta do proletariado e de justiça social passaram a ser vislumbradas após os bolcheviques conquistarem o poder. Sentimentos nacionais surgiram ou ressurgiram com maior força. As elites mundiais passaram a alimentar mais ainda a fobia para com a revolução proletária e marxista. O legado bolchevique alcançou o proletariado de diversas regiões do planeta. *Os trabalhadores haviam derrotado o capitalismo.* Os bolcheviques russos construíram algo inédito para o mundo ao transformarem o marxismo, do campo filosófico para o campo político. A Revolução Russa foi o catalisador que estendeu o marxismo do campo da filosofia para o campo político, econômico e social. Segundo Eric Hobsbawm:

Se houve um momento em que o ‘princípio de nacionalidade’ do século XIX triunfou, esse momento foi o final da Primeira Guerra Mundial, mesmo que isso não fosse nem previsível nem intencional por parte dos futuros vencedores. Na verdade foi o resultado de dois fatores não intencionais: o colapso dos grandes impérios multinacionais da Europa central e oriental e a Revolução Russa ...<sup>235</sup>

Nas vésperas da Revolução de Outubro, foi publicado o livro *O Estado e a Revolução* de autoria de Vladimir Ilitch Ulianov, o Lênin. Nele, o líder bolchevique fez suas considerações sobre o caráter da revolução proletária, direcionando seus argumentos contra os diversos grupos socialistas e anarquistas que lutavam, à sua maneira, contra a incipiente ordem burguesa na Rússia.

A questão das relações entre a revolução socialista do proletariado e o Estado adquire, por conseguinte, não só uma significação política prática, mas também um caráter de palpitante atualidade, pois fará as massas compreenderem o que devem fazer para se libertarem do jugo capitalista em futuro próximo.<sup>236</sup>

---

<sup>234</sup> GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade. In: Vários autores. **História da vida privada no Brasil (vol. 4): contrastes da intimidade contemporânea.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998, p. 491.

<sup>235</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismos.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1990, p. 159.

<sup>236</sup> LÊNIN, Vladimir Ilitch. ***O Estado e a revolução.*** São Paulo: Ed. Hucitec, 1978, p.3.

A chamada Revolução de Outubro de 1917 acabou se transformando na vanguarda de todo projeto revolucionário marxista. No Brasil a conquista de poder bolchevique é datada no mês de novembro, pois eram calendários diferenciados. Em ambos existe uma diferença cronológica a respeito da data da Revolução Russa. De acordo com o calendário czarista, baseado no calendário Juliano, a revolução bolchevique aconteceu em 25 de outubro de 1917, porém no calendário gregoriano, adotado pelo Ocidente está datada em 7 de novembro de 1917.<sup>237</sup>

Partidos comunistas começaram a surgir em vários países do mundo e com o Brasil não foi diferente. Os três principais partidos comunistas europeus eram o russo, alemão e francês. Na América do Sul o partido comunista era o mais importante. A vitória do bolchevismo na Rússia transformou a mentalidade combativa do proletariado mundial, pois mostrou ao mundo que um grupo de homens determinados e disciplinados poderiam protagonizar um processo revolucionário para extinção do Estado burguês e consequentemente da opressão capitalista. Os marxistas russos lideraram uma revolução visando a construção de um Estado proletário nunca antes construído na história da humanidade, porém inicialmente poucas pessoas em diversas partes do mundo entenderam com clareza a essência da revolução bolchevique. Inicialmente até Ruy Barbosa saudou a revolução russa, considerando-a liberal por causa da derrubada do czar meses antes. Poucos foram capazes de entender a magnitude do advento bolchevique. Essa falta de entendimento também atingiu parte do movimento operário brasileiro.

## **OS EFEITOS DA REVOLUÇÃO RUSSA NO BRASIL**

Os acontecimentos na Rússia, durante o ano de 1917 tiveram importantes reflexos no Brasil. As informações a respeito da conquista de poder bolchevique chegaram em nosso país de maneira confusa e influenciaram os importantes acontecimentos que se

---

<sup>237</sup> O calendário Juliano tem sua origem em 46 a.C. No referido ano, o imperador romano Julio César (102 - 44 a.C.), orientado pelo astrônomo Sosígenes (90 - ? a.C.) reformou o antigo calendário romano. Tal reforma era necessária devida à necessidade do Estado romano de uniformizar os diferentes calendários dos territórios que compunham o Império Romano. O calendário Juliano vigorou por 1600 anos. Porém o calendário Juliano acumulava um atraso em relação ao ano solar real. Em 1582, o papa Gregório XIII reformou o calendário Juliano, criando o calendário Gregoriano. É o atual calendário adotado pelo ocidente. A reforma gregoriana de 1582 encontrou grande resistência de políticos, das nações protestantes, das pessoas comuns e até mesmo de alguns meios católicos da época. Assim sendo, alguns países demoraram adota-lo, conservando o calendário Juliano.

sucederam por aqui. Justamente no período em que Canellas e Octávio Brandão estavam escondidos no interior de Alagoas para escapar da fúria patriótica alagoana, no qual Edgar Leuenroth continuava preso, acusado de ser o ideólogo da maior greve geral do país e estavam os operários do Rio de Janeiro e de São Paulo respirando os efeitos da mesma, começaram a chegar ao Brasil as primeiras notícias sobre a revolução bolchevique. Foram noticiadas através da agência de notícias internacional Havas, que emitia telegramas através de Londres, Paris e Amsterdã.<sup>238</sup>

Os meios de comunicação criaram uma áurea de confusão e proposital desinformação a respeito da Revolução Bolchevique na sociedade brasileira. O objetivo era desinformar a população sobre a chegada do proletariado ao poder na Rússia. Era necessário acalmar o movimento operário que assombrara a burguesia com a maior greve geral já vista em território nacional. A partir de abril de 1917 o nome de Lênin já aparecia nos noticiários brasileiros com grande teor pejorativo. Foi noticiado como agente da espionagem alemã. Guilherme II teria o infiltrado na Rússia com objetivo de espionagem. O jornal *O Combate* noticiou:

Telegramas de Petrogrado dizem que está apurado que o verdadeiro nome de Lênin é Leão Uliadov<sup>239</sup> e que ele pode ser considerado como chefe da espionagem alemã na Rússia, tendo gasto nos últimos meses vários milhões de rublos. (...) Lênin comunicava-se continuamente com o governo de Berlim, por intermédio do contrabandista Ganedski, que foi preso, e ainda de outros indivíduos que iam a Estocolmo levar e buscar correspondência.<sup>240</sup>

Muitos exilados russos bolcheviques passaram por Estocolmo, antes de chegar na Rússia. O governo alemão ao introduzir os bolcheviques exilados na Rússia, os fez de Berna na Suíça, onde Lênin estava exilado. Foram para Zurique de trem. Depois foram para Gottmadingen. Viajaram para Frankfurt, Berlim e Sassnitz. Uma balsa os levou para Trelleborg na Suécia. Foram de trem para Estocolmo e finalmente para a Rússia. Foi uma viagem de grande dificuldade por causa das operações militares da Primeira Guerra Mundial. Pois a Suíça estava cercada pela França, Alemanha, Áustria-Hungria e Itália. Já

---

<sup>238</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 63.

<sup>239</sup> O verdadeiro nome de Lênin era Vladimir Ilitch Uliánov. Durante os anos de sua militância na clandestinidade, Lênin adotou vários pseudônimos. Porém em 1902 passou a usar Lênin. Uma referência ao rio Lena da Sibéria, onde passou algum tempo exilado.

<sup>240</sup> *O Combate* (25/07/1917).

os mares eram vigiados pela poderosa e eficaz marinha britânica. Estocolmo não era uma base de espiões russos a serviço da espionagem alemã. Ganedski, era na verdade Ganetski. Não foi um contrabandista russo e sim o tesoureiro do partido bolchevique.<sup>241</sup>

A desinformação da população era o objetivo. Várias notícias eram vinculadas nos principais jornais e meios de comunicação do Brasil. Até mesmo a morte de Lênin foi anunciada pelos periódicos brasileiros. O periódico *A Noite* afirmou :

Em certos pontos, porém, trabalhadores dirigidos por agentes alemães quiseram fazer demonstrações contra a guerra, os demais operários protestaram, travando-se conflitos de certa importância que exigiram a intervenção da polícia. Em três pontos da cidade explodiram bombas durante os comícios, sendo presos vários suspeitos, entre os quais alguns conhecidos ácratas. (...) O correspondente de um jornal norueguês, na fronteira da Finlândia, anunciou também que foi assassinado em Petrogrado, ontem de manhã, o socialista Lênin, apontado como agente alemão e que fazia propaganda a favor da paz.<sup>242</sup>

O objetivo da imprensa burguesa não era informar e sim desinformar. Notícias a respeito do processo revolucionário bolchevique, misturavam anarquistas, bolcheviques e agentes espiões da Alemanha. Como poderiam militantes libertários atuar a favor do governo alemão? A prática da desinformação aconteceu também em periódicos internacionais. A revolução bolchevique trouxe um legado revolucionário para o movimento operário mundial. Portanto esse legado deveria ser esvaziado, caluniado, confundido para não servir de inspiração para o proletariado.

O jornal *A Época* colocou uma notícia falsa sobre Lênin com a seguinte legenda: “*O governo russo prende o traidor Lenin.*”:

Os despachos de ontem recebidos referiam a prisão de Lenin por ordem do governo russo. Lenin, como é sabido, foi denunciado publicamente como agente a soldo da Alemanha.<sup>243</sup>

Lênin não esteve preso nesse período. Porém tal detalhe não interessava para os indivíduos que decidiam quais tipos de notícias seriam espalhadas. O que realmente

---

<sup>241</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 19.

<sup>242</sup> *A Noite* (02/05/1917).

<sup>243</sup> *A Época* (01/10/1917).

importava retratar o líder bolchevique como traidor e agente alemão.<sup>244</sup> Assim os meios de comunicação, além de usarem o contexto bélico da Primeira Guerra Mundial para gerar sentimentos contrários à Alemanha e estimular-los, aproveitaram o clima de xenofobia para desacreditar Lênin e seus seguidores como agentes do imperialismo germânico. Assim tirava-se o foco da luta contra a burguesia, interpretando o movimento bolchevique como traidor do povo russo e relacionando-o com a espionagem alemã internacional. A traição dentro da matriz cultural judaico-cristã, tão forte no Brasil, nunca foi considerada um sentimento nobre. Assim interpretar o líder dos bolcheviques como traidor alemão, em um contexto de clima de ódio à Alemanha foi uma manipulação deturpada das informações sobre o que acontecia na Rússia, para confundir a população brasileira e jogar-la contra os bolcheviques.

Assim quando os bolcheviques conquistam o poder em novembro de 1917, as notícias a respeito foram disseminadas propositalmente incompletas, desconstruídas e confusas. Os periódicos brasileiros seguiam um mesmo padrão, tinham como únicas fontes as agências de notícias *Havas* e *Americana*.<sup>245</sup> Não existia um correspondente brasileiro na Rússia bolchevique, ou qualquer outra fonte de informação. Assim as notícias já chegavam deturpadas no Brasil.

Os jornais brasileiros se referiam aos bolcheviques por maximalistas e os mencheviques por minimalistas.<sup>246</sup> O jornal *O Estado de São Paulo* publicou um artigo intitulado “*Os partidos políticos na Rússia*” com o objetivo de esclarecer o significado desses termos, baseado em uma reportagem publicada na França.<sup>247</sup> Nele foi descrita a diferença entre os termos maximalistas e minimalistas. A simples tradução dos termos trouxe uma confusão a respeito de ambas facções do Partido Operário Social Democrata Russo. O termo bolchevique significa “maioria” e menchevique “minoria”. Porém segundo o referido artigo, tais termos não tinham a significação literal da tradução.

... já não significam maioria e minoria, como no início; ao contrário, os que hoje se chamam maximalistas, na realidade, não são mais do que uma pequena minoria, ao passo que a grande maioria dos social-democratas russos é

<sup>244</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 128.

<sup>245</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 141 e 142.

<sup>246</sup> Em 1903 os marxistas russos do Partido Operário Social Democrata Russo realizaram seu II Congresso. Foi realizado inicialmente em Bruxelas e encerrado em Londres. Nele os marxistas e socialistas russos se dividiram e se organizaram em duas facções políticas: os bolcheviques e os mencheviques.

<sup>247</sup> Matéria publicada no periódico francês *Mercure*, de autoria de J. W. Bienstock.

minimalista. Atualmente, os minimalistas são os que se contentam com o ‘mínimo’ de realização do programa social-democrata, e maximalistas são os que reclamam o ‘máximo’ de realização desse programa.<sup>248</sup>

Circularam notícias informando sobre o fracasso bolchevique como um fato. O jornal *O Estado de São Paulo* informou que “o fracasso do movimento bolchevista (leninista) é questão de dias. (...) os cossacos e os minimalistas estão prestes a dominar Petrogrado”.<sup>249</sup> Já o jornal *A Noite* afirmou que:

Um despacho de última hora anuncia que o Sr. Kerenski foi deposto. O fato vem ainda agravar mais a situação e levará, sem dúvida, o país à guerra civil. A Rússia desde hoje está dividida em dois vastos campos, que se tornarão, talvez, em campos de sangrentas batalhas. Por mais cansado que esteja o Exército, é de acreditar que ainda se conserve imune ao suborno dos agentes alemães. E, de outra parte, os elementos conservadores que são, incontestavelmente, a esmagadora maioria da nação, também devem reagir contra os teóricos, anarquistas que se acumularam em Petrogrado e se apoderaram agora do governo da Rússia. E diante destes acontecimentos, cuja gravidade é inútil esconder, só nos resta esperar pela reação, na certeza de que ela virá ainda a tempo de salvar a Rússia.<sup>250</sup>

Atuando de acordo com as orientações burguesas da elite que dirigia o país, os periódicos insistiam em chamar a Revolução Russa de anarquista. Deturpavam, criminalizavam o legado bolchevique e assim atingiam indiretamente o sindicalismo revolucionário no Brasil. Confundia-se marxismo com anarquismo e assim qualquer revolução tornava-se anarquista e sinônimo de destruição da ordem e de interesses imperialistas estrangeiros. Como os setores mais combativos do movimento operário eram anarquistas, qualquer possibilidade de enfrentamento à ordem burguesa, inclusive a Revolução Bolchevique, tornava-se sinônimo de anarquismo, de destruição da harmonia social e da liberdade. O jornal *O País* afirmou que:

... a cidade tomou-se, ontem à tarde, de uma inesperada sensação. A notícia da vitória da anarquia russa sobre a ação enérgica e destemerosa do grande Kerenski abateu o ânimo popular, tão habituado estava á bravura com que o grande ditador dominava os mais sérios e grandes levantes contra a situação que vai recompondo a Rússia moderna sobre os escombros do tsarismo asfixiante, libertando-a a um

<sup>248</sup> O Estado de São Paulo (23/11/1917).

<sup>249</sup> O Estado de São Paulo (12/11/1917).

<sup>250</sup> A Noite (08/11/1917).

tempo de embriaguez da liberdade súbita, após o secular cativo das consciências na Rússia e o castigo do degredo contra os liberais que ousavam até um simples gesto de revolta. Kerenski deposto e os maximalistas senhores do poder. A primeira preocupação dos triunfadores é propor imediatamente a paz com os impérios centrais.<sup>251</sup>

Um artigo publicado pelo periódico *O País*, intitulado “*O desastre moscovita*”, continuou com a confusão a respeito do advento bolchevique. Em um trecho afirmou que:

(...) a hidra (a anarquia russa) tinha tantas cabeças que a um só homem era impossível domina-la. Acabou pelo golpe do Soviete de Soldados e Operários que depôs Kerenski e agora suplicava à Alemanha uma paz humilhante, inspirada na covardia fatal de uma nação que se desagrega aos pedaços e que, de fato, há muitos meses não passa de uma simples expressão geográfica da Europa”.<sup>252</sup>

É notório em muitos artigos vinculados pelos periódicos brasileiros a interpretação negativa dada à estratégia da Rússia de retirada do conflito mundial, promovida pelos bolcheviques russos. No Brasil a campanha pela paz, contra o conflito mundial e a participação do Brasil, ficou a cargo do movimento operário de orientação do sindicalismo revolucionário. É curioso perceber que nos periódicos tradicionais da época, a campanha pela promoção da paz é retratada como uma covardia, um tipo de traição à nação, aos valores patrióticos impostos pelos meios de comunicação, como necessários para a sobrevivência dos trabalhadores. Noticiavam apenas as repercussões políticas internacionais sob o ponto de vista dos interesses das elites dos países da Tríplice Entente.

O jornal *O País* tinha grande influência na política nacional. Representava os interesses das classes dominantes. Até mesmo Ruy Barbosa, apologeta da participação brasileira no conflito mundial, escrevia no jornal<sup>253</sup>. O *Jornal do Brasil* reproduziu uma advertência da agência de notícias internacionais *Havas* sobre uma possível parcialidade das informações oriundas da Rússia. A elas não deveriam ser dados créditos pois: “As notícias da Rússia são suspeitas porque o telégrafo está em poder dos maximalistas.”<sup>254</sup>

---

<sup>251</sup> *O País* (09/11/1917).

<sup>252</sup> *O País* (09/11/1917).

<sup>253</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 146.

<sup>254</sup> *O Jornal do Brasil* (10/11/1917).

A advertência do *Jornal do Brasil* inverteu propositalmente o processo de fabricação das notícias sobre os acontecimentos na Rússia e afirmou que seriam os bolcheviques que estariam manipulando as informações e não os meios de comunicação burgueses. Assim as informações que foram vinculadas após a Revolução Bolchevique, informando a adesão de diversos segmentos sociais russos aos bolcheviques seriam interpretadas como uma manipulação de informações para florear uma revolução popular na Rússia.

Os jornais operários estavam suspensos devido ao estado de sítio decretado por causa da entrada do Brasil no conflito mundial. Somente o periódico *O Cosmopolita*, representando os garçons do Rio de Janeiro, apresentou nesses primeiros dias, a vitória da revolução bolchevique como “uma vitória do proletariado mundial”.<sup>255</sup>

O movimento operário brasileiro também se confundiu a respeito da natureza da revolução de novembro de 1917. Os anarquistas vibraram com a revolução, considerando que tivesse um caráter libertário. Finalmente a classe operária teria conquistado o poder na Rússia. Nos primeiros anos, posteriores ao advento bolchevique, os principais jornais anarquistas a saudaram entusiasticamente. Em 1919, os jornais anarquistas *A Plebe* e *Spartacus* publicaram alguns artigos, empolgados com a Revolução Russa. No jornal *A Plebe*, em 01 de março de 1919, Astrojildo Pereira escreveu um poema saudando a Revolução como uma conquista dos trabalhadores anarquistas russos:

Traze-me, sol esplêndido, as boas novas do estupendo fragor da revolução, que agita e convulsiona as massas: bendito sejas, sol amigo, sol camarada, ó sol anarquista.<sup>256</sup>

No número seguinte de *A Plebe*, Oiticica também escreveu um poema derramando elogios à anarquia:

Para a anarquia vai a humanidade, que da anarquia a humanidade vem. Vêde como esse ideal de acordo, invade as classes todas do mundo além. Que importa que a fração dos ricos brade, vendo que a antiga lei não se mantém? Não de ruir as muralhas da cidade, que não há fortalezas contra o bem. Façam das ações dos subversivos crimes. Persigam, matem, zombem, tudo em vão... A ideia

<sup>255</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 147.

<sup>256</sup> *A Plebe* (01/03/1919).

perseguida é mais sublime. Pois nos rudes ataques á opressão, a cada herói que morra ou desanime dezenas de outros bravos surgirão.<sup>257</sup>

Ambos poemas demonstram uma aceitação inicial dos anarquistas brasileiros à revolução bolchevique. Nesses primeiros anos anarquismo e marxismo estão em sintonia nesses jornais anarquistas. No entanto a confusão provocada pelos meios de comunicação, ao desinformarem o advento bolchevique, pode ter colaborado para a dificuldade dos militantes libertários em interpretarem a revolução protagonizada por marxistas russos.

A *Plebe* de 29 de março de 1919, publicou um artigo intitulado "A grandiosidade do trabalho criador realizado pela revolução". Nele foram publicadas as informações do capitão francês Jacques Sadoul, que fora enviado á Rússia a pedido do então ministro Alberto Thomaz com o encargo de informar o governo da França sobre os acontecimentos políticos da Rússia. Assim ficou registrado em *A Plebe*:

Eu tive dos ministros Thomas e Soncheurs a promessa formal de poder exprimir livremente a minha opinião aos meus superiores, na Rússia, e aos meus amigos, na França, e o meu desejo de proceder a informações honestas e livres foi reforçado quando constatei como a incapacidade de compreender, o ódio contra a revolução, o preconceito de agradar Paris, mais do que informa-lo, o desejo de seguir a carreira mais que os interesses do país, viciassem profundamente as informações mandadas ao Governo pela maior parte de nossos diplomatas. Decidi, portanto, informar e informei sem poupar coisas nem pessoas, obedecendo á única preocupação de escrever somente quando julgava corresponder a verdade. Durante mais de um ano, o capitão Sadoul seguiu dia a dia os acontecimentos russos, referindo-os fiel e honestamente aos seus superiores. (...) Posso assegurar-vos que o atentado cometido contra Lenine reforçará, mais que abaterá, a Revolução Russa. Os soviets nunca estiveram tão sólidos como agora. Sempre admirei vivamente a estupefaciente força revolucionaria dos maximalistas e pensei que o seu movimento, ainda se percesse, constituiria um exemplo sem precedentes, uma experiência fecunda da qual o socialismo internacional largamente aproveitaria. E mesmo só por isso Lenine e Trotsky teriam direito à nossa gratidão e o seu período deveria ser considerado pela historia como o grande período da Revolução. (...).<sup>258</sup>

Ao lermos os principais jornais anarquistas nos primeiros anos após a conquista de poder pelos marxistas russos, fica explícita a empolgação dos militantes libertários

---

<sup>257</sup> A *Plebe* (05/04/1919).

<sup>258</sup> A *Plebe* (29/03/1919).

com a revolução liderada por Lênin. Tais periódicos interpretaram-na como uma revolução libertária que finalmente findou o capitalismo na Rússia.

### **AS GREVES E A INSURREIÇÃO ANARQUISTA DE 1918**

Em 1918 o movimento operário ainda vivia as consequências da greve geral do ano anterior. As autoridades e patrões ficaram traumatizados com a mobilização operária do ano anterior. Na capital da República, vitrine do país, qualquer possibilidade de agitação operária preocupava o chefe de polícia Aurelino Leal, que ficava de sobreaviso. O ano de 1918 trouxe grandes expectativas para os operários, pois agora o maior país do mundo era governado pelo proletariado. Correspondendo, em parte, a essas expectativas, o ano de foi de grandes agitações operárias no Brasil. O sindicalismo revolucionário ganhava cada vez mais força, pois o movimento operário brasileiro acreditou que a Rússia estava legando ao mundo o exemplo de que era possível acabar com o capitalismo e libertar o ser humano dos grilhões da exploração material. Seria questão de organização e mobilização do proletariado.

Em todo o Brasil o custo de vida estava oneroso para os trabalhadores. O custo de vida aumentava e o poder de compra dos baixos salários dos operários não o acompanhava. De 1914 a 1918 o poder aquisitivo dos salários caiu consideravelmente.<sup>259</sup> A respeito da carestia que atingiu os trabalhadores no ano de 1918, assim escreveu Astrojildo Pereira no segundo número do jornal anarquista *Crônica Subversiva*:

Não há escassez de produção. Ao contrário, há aumento sensível, segundo se verifica em estatísticas publicadas. Não é, pois, devido a escassez de gêneros que o preço destes tem subido a alturas jamais alcançadas até hoje. (...).<sup>260</sup>

Agravando ainda mais essa inóspita situação, a economia brasileira passava por um período de recessão econômica. Em parte a Primeira Guerra Mundial contribuiu indiretamente para a eclosão de uma crise econômica. A recessão econômica que atingiu o setor dos trabalhadores têxteis. Os trabalhadores da indústria têxtil tradicionalmente faziam parte de uma categoria bem organizada. Porém a recessão trouxe como

---

<sup>259</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 62.

<sup>260</sup> *Crônica Subversiva* n° 2 (08/06/1918).

consequência cortes nos salários dos operários. Outro fator que contribuiu ainda mais para o agravamento das condições de vida da classe trabalhadora foi o surto da famosa “gripe espanhola”. Em outubro de 1918 a cruel e devastadora gripe atingiu parte da população brasileira e ceifou as vidas de 12.221 pessoas. A maior parte da população atingida pela gripe foram pessoas pobres, operários que viviam em cortiços, submetidos à insalubres condições de vida, sem a mínima condição de assistência sanitária e condições de higiene adequadas para a sobrevivência em uma grande capital.<sup>261</sup>

Logo no dia 20 do primeiro mês do ano, anarquistas da capital federal se reuniram e criaram a Aliança Anarquista do Rio de Janeiro. Tinha por objetivo “congregar esforços na propaganda geral e básica da anarquia, sempre que isso se tornar oportuno e necessário”. Em seu processo de criação também ficou decidido que seria realizada uma “publicação mensal de um boletim, ao qual se dará uma feição serena e principalmente documentária”. Assim foi criado o *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro* com o objetivo de ser o instrumento de difusão da organização recém criada. Logo em seu primeiro número ficou claro o objetivo da Aliança Anarquista:

Atendendo o apelo de alguns camaradas, os militantes anarquistas residentes nesta cidade, em sua grande maioria, compareceram a uma reunião convocada para o dia 20 de janeiro ultimo, na qual se tratou de dar por terminadas as discussões estéreis travadas em torno do tema ‘anarquismo e sindicalismo’, constituindo-se, em consequência, a Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, organismo de espírito largo e amplo, genérico e fundamental. A Aliança Anarquista não é propriamente uma agrupação no sentido restrito e comum das agrupações libertárias: é antes um órgão de união, de entendimento, de aliança entre todos os anarquistas do Rio de Janeiro formados em grupos ou não. O seu fim é congregar esforços na propaganda geral e básica da anarquia, sempre que isso se tornar oportuno e necessário. Uma reduzida *comissão de relações* ficou logo escolhida, resolvendo-se também a publicação mensal deste BOLETIM, ao qual se dará uma feição serena e documentária.<sup>262</sup>

Após as festividades do carnaval, a partir do mês de março o movimento operário passou a se mobilizar efetivamente. O governo federal utilizou o estado de sítio para reprimir o movimento operário. Todas as federações operárias foram fechadas no país. A Federação Operária do Rio de Janeiro já havia sido fechada em agosto de 1917 pela repressão que atingiu o movimento operário após a greve de 1917. Devido a isso, foi

---

<sup>261</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 62 e 65.

<sup>262</sup> Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, n° 1, fevereiro de 1918.

criada a União Geral dos Trabalhadores, reunindo sindicatos da capital federal. Reuniu o Centro Operário dos Marmoristas, União Geral da Construção Civil, Sindicato dos Marceneiros, Liga Federativa dos Empregados em Padarias, Sindicato dos Vassoureiros, Sindicato dos Entalhadores. A UGT foi fundada em 19 de março de 1918 na sede da Federação Operária. Se tornou a nova referência de luta dos operários por melhores dias.<sup>263</sup> Foi uma mudança de nome, de denominação, mas na prática o funcionamento continuava como antes. O *Jornal do Brasil* assim informou o processo de transição nominal da Federação Operária do Rio de Janeiro para União Geral dos Trabalhadores:

A comissão federal da Federação Operária do Rio de Janeiro discutiu e aprovou todos os atos da comissão pró-unificação, dando por terminada a missão desse organismo (FORJ), por compreender que a nova União está de acordo com as aspirações dos trabalhadores conscientes.<sup>264</sup>

A mobilização e estratégia de luta continuavam anarquistas. A ação direta continuava a ser o principal método de atuação dessas organizações. Nela estavam incluídas diversas formas de luta como passeatas, comícios, greves, sabotagem, boicote e em algumas situações a utilização de bombas. O objetivo era a greve geral para a deflagração de um processo revolucionário. A mobilização dos trabalhadores e a radicalização do movimento operário preocupavam constantemente autoridades e patrões, pois poderiam chegar ao ponto de perder suas vidas através de atentados a bombas.<sup>265</sup>

Em abril aconteceu uma greve dos sapateiros na luta pelas 8 horas de trabalho diárias. Depois de 15 dias de greve os referidos trabalhadores conquistaram um novo regulamento estabelecendo 8 horas e meia de trabalho por dia. O Centro Cosmopolita aprovou integralmente as bases da União Geral dos Trabalhadores. Outras associações de trabalhadores também aderiram, com destaque para a União dos Alfaiates. Passaram a se organizar para as atividades referentes ao 1º de maio. A União dos Operários em Fábricas de Tecidos aumentou ainda mais seu trabalho de organização dos trabalhadores do setor. Começam a surgir rumores na imprensa e entre os operários a respeito de uma nova greve geral, sob o assombro da conquista de poder bolchevique. Tais boatos assustaram as

---

<sup>263</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 163.

<sup>264</sup> *Jornal do Brasil* (19/03/1918).

<sup>265</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 162 e 163.

autoridades que pressionaram o chefe de polícia Aurelino Leal para agir. Foi convocada uma reunião na sede da polícia com uma comissão do Centro Cosmopolita. Porém o chefe de polícia não conseguiu persuadi-los a acalmar os trabalhadores. O secretário do Centro, Raymundo Martins, afirmou de forma desafiadora, que seriam os trabalhadores que decidiriam pela possibilidade da greve geral. Três dias depois estava preso.<sup>266</sup>

Aurelino Leal abriu um inquérito sobre a União Geral dos Trabalhadores. Tinha por objetivo saber os objetivos e a ideologia que predominavam na organização. Era necessário investigar a ligação da FORJ com a UGT, se haviam estrangeiros integrando a nova organização operária e qual o tempo destes no Brasil. As autoridades entendiam a repressão como única resposta à mobilização operária.<sup>267</sup>

No Rio de Janeiro as comemorações do 1º de maio foram distintas das comemorações dos demais anos, pois não aconteceram somente os tradicionais protestos de trabalhadores e manifestações de solidariedade ao primeiro governo proletário russo. O governo brasileiro utilizou o Estado de Sítio para proibir o acesso de cidadãos às ruas. A determinação governamental, através do chefe de polícia, era de que a data fosse comemorada apenas entre quatro paredes. O objetivo era impedir a publicidade de manifestações públicas de trabalhadores no dia 1º de maio. Ainda mais após os trabalhadores conquistarem o poder na Rússia e colocarem uma pá de cal sobre o capitalismo naquele país. Porém várias organizações proletárias não respeitaram a determinação governamental e saíram às ruas para se manifestar na importante data.

A União Geral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro convocou os trabalhadores para se reunirem e se manifestarem nesse 1º de maio. Os operários atenderam a convocação, desafiaram tal proibição e se reuniram no teatro *Maison Moderne*<sup>268</sup>, localizado na Praça Tiradentes. Realizaram uma assembleia onde protestaram contra a exploração capitalista, declararam total solidariedade de classe aos trabalhadores ao redor do mundo, condenaram o genocídio causado pela ganância imperialista da Primeira Guerra Mundial, fizeram votos de uma paz firmada entre os trabalhadores do mundo e

---

<sup>266</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 137.

<sup>267</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 135 e 136.

<sup>268</sup> O teatro *Maison Moderne* estava localizado na rua Espírito Santo, esquina com a Praça Tiradentes. Propriedade da família de origem italiana Segretto. Pertencia a Paschoal Segretto, irmão de Gaetano Segretto. A família Segretto introduziu o cinema no Brasil e se dedicou ao ramo das diversões na capital da República no início do século passado. A rua Espírito Santo passou a se chamar Luís Gama e depois Pedro I. Atualmente a área do teatro é ocupada por um prédio de apartamentos chamado Gaetano Segretto.

manifestaram simpatia pelo povo russo em luta contra o Estado e o capitalismo. A fala de abertura foi feita por Carlos Dias que apontou para a necessidade da revolução social. Foram feitos discursos de apoio a Ferrer assassinado pelo governo espanhol alguns anos antes. Os mártires de Chicago foram lembrados. Também houve a declaração de que todos os presentes eram brasileiros, uma resposta direta à imprensa brasileira que fazia circular a ideia do movimento operário brasileiro como uma criação de trabalhadores estrangeiros anarquistas e desajustados. Aos poucos a massa de operários ficou inflamada. O acadêmico anarquista Álvaro Palmeira pediu a palavra e afirmou de onde estava que “a ideia perseguida é a que vence”. José Elias, um dos futuros fundadores do PCB, também agitou as massas presentes quando se declarou anarquista e brasileiro de nascimento. Durante sua fala, agentes policiais presentes tentaram tumultuar a assembleia. O comandante da Polícia Militar, major Bandeira de Melo foi vaiado pela multidão presente.<sup>269</sup>

Foram aprovadas moções de protestos contra a violência que ceifou a vida dos mártires de Chicago, de repúdio contra a guerra, apoio aos revolucionários russos e solidariedade operária. A reunião acabou por volta das 16 horas de forma pacífica.<sup>270</sup> No dia seguinte às manifestações do 1º de maio daquele ano, o jornal *A Razão* publicou uma mensagem do Centro Panifício, que representava os trabalhadores das padarias:

É hoje o dia do sufrágio universal de todo proletariado como protesto à brutalidade do capitalismo. A magia que toda a matilha (de patrões) sonhava está sendo banida; a aurora reivindicadora que se estende em toda a Rússia não tardará esse facho luminoso a chegar ao continente americano. O prosseguimento desta guerra é o fim dos castelos do capitalismo. Todas as nacionalidades têm de passar pela mesma fase da Rússia, que é o caminho nobilíssimo da grande caminhada.<sup>271</sup>

Mesmo com o decorrer do conflito mundial era marcante a independência de classe do proletariado brasileiro em relação a posição oficial do Itamarati. O movimento operário não respondeu positivamente aos apelos nacionalistas implementados pelo governo através dos meios de comunicação da época. A consciência e interesses de classe eram o que realmente importava para os trabalhadores. A postura pacífica do movimento

---

<sup>269</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 157 e 158.

<sup>270</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 143.

<sup>271</sup> *A Razão* (02/05/1918).

operário foi acusada de traição à pátria, como ficou registrada na nota que o Centro Industrial Gráfico emitiu a respeito: “traidores da pátria”.<sup>272</sup>

As manifestações do Primeiro de Maio aconteceram em diferentes regiões do Estado do Rio de Janeiro. Os operários de pedreiras saíram às ruas com bandeiras vermelhas da Praça Tiradentes até a Central cantando o hino da *Internacional*<sup>273</sup>, saudando os trabalhadores russos e gritando palavras de ordem de luta dos operários contra a exploração capitalista. Carregavam faixas pela jornada de trabalho de 8 horas de trabalho diário. Realizaram um comício em Madureira. Em Niterói, no Largo das Neves, houve tumulto entre trabalhadores e a polícia. Um soldado chamado Inocêncio Luís Rodrigues se solidarizou com os operários e feriu o comissário de polícia. A mobilização proletária alcançava até mesmo soldados. A Liga dos Sapateiros, a dos Cocheiros, a Resistência do Café, tecelões, carpinteiros navais, marceneiros, remadores e estivadores também realizaram manifestações públicas no dia 1º de maio.

Alguns deputados também participaram das comemorações do 1º de maio. Afirmaram que direitos trabalhistas eram necessários para a regulação das relações de produção no país e que a Revolução Russa era uma vitória do povo russo. O deputado federal Metelo Júnior compareceu na manifestação do 1º de maio convocada pela Liga dos Sapateiros e proferiu um discurso a favor dos trabalhadores, apontando a conquista de poder bolchevique como uma consequência da fome e da miséria. Afirmou que o Congresso Nacional aprovaria o Código do Trabalho, e assim as relações de trabalho seriam legalizadas, impedindo a intensa exploração do patronato. Segundo ele, somente dessa forma os interesses patronais e a repressão policial deixariam de ser as únicas regras nas relações de produção. Foi um projeto de lei criado pelo deputado Maurício de Lacerda, uma espécie de embrião da CLT, porém nunca foi votado. O deputado Maurício de Lacerda esteve presente na sede Beneficente 1º de Maio, onde fez um discurso elogiando a Revolução Russa, pois foi “a revolução que elevou os pequenos e deu à maioria operária o seu verdadeiro lugar na organização social das nações livres”.<sup>274</sup>

A principal bandeira de luta do movimento operário brasileiro no ano de 1918, continuava a ser a jornada de 8 horas de trabalho diário. Porém décadas de luta proletária

---

<sup>272</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 158.

<sup>273</sup> Hino conhecido com *A Internacional* foi criado em 1871 pelo francês Eugene Pottier, que havia participado da Comuna de Paris. Socialistas, anarquistas e comunistas o utilizam. A União Soviética o adotou como hino nacional até a década de 1940.

<sup>274</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 160 e 161.

já estavam surtindo resultado para algumas categorias de trabalhadores. A influência da revolução bolchevique era preocupante, pois os trabalhadores russos apoiaram os bolcheviques trabalhando apenas 42 horas semanais, imagina o que poderiam fazer os trabalhadores brasileiros, revoltados, trabalhando o dobro dessa carga horária? O prefeito do Rio de Janeiro, Paulo de Frontin, concedeu as 8 horas para os trabalhadores municipais. O presidente da República Venceslau Brás decidiu por 8 horas e meia de trabalhos diários para os trabalhadores de calçados. Os marítimos do Lóide também conquistaram a almejada carga horária, após constantes lutas contra seus patrões. Outros empregadores decidiram aceitar à insistente reivindicação dos operários por tal carga horária.<sup>275</sup>

A União Geral da Construção Civil e o Centro Cosmopolita, os dois mais importantes sindicatos representantes do sindicalismo revolucionário, tentaram influenciar a elaboração e aprovação do Código de Trabalho proposto por Maurício de Lacerda. Essas organizações operárias pressionaram a votação desse projeto de leis que regulariam as relações de produção, com o objetivo de que contemplassem algumas importantes reivindicações do movimento operário.<sup>276</sup> O referido projeto de lei também foi tema de um artigo de Astrojildo Pereira no jornalzinho que publicava sozinho, *Crônica Subversiva*:

É o grande assunto do momento. No parlamento e na imprensa, nas rodas grandes e nas pequenas, toda a gente burguesa reconhece e proclama a urgentíssima necessidade de se regulamentarem as condições de trabalho operário... É interessante notar que só agora tenha a burguesia do Brasil reconhecido essa necessidade. Há duas dezenas de anos que os anarquistas e alguns socialistas, incansavelmente, tem malhado e remalhado essa questão (...).<sup>277</sup>

Porém essas foram conquistas pontuais de algumas categorias de trabalhadores. A grande maioria dos empregadores permanecia insensível às inóspitas condições de vida e de trabalho da classe trabalhadora. Assim em meados de 1918 estavam em greve, lutando pelas 8 horas de trabalho diárias os gráficos da ilha do Viana, da firma Lage & Irmãos. Foi convocado um boicote desses produtos pelo sindicato. Prática comum no período. A

---

<sup>275</sup> Ibid., p. 161.

<sup>276</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 83.

<sup>277</sup> Crônica Subversiva n° 1 (01/06/1918).

mobilização operária estava crescendo. Na Cervejaria Brahma acontecia uma greve parcial. Os sapateiros estavam em confronto com os diretores das fábricas Cleveland e Colombo. Os trabalhadores da Light também entraram em choque com o patronato na luta por melhores salários e a tão almejada diminuição da jornada de trabalho.

Diante desse quadro de crise econômica e de recessão que assolava o país, o governo decidiu criar, em 12 de junho, o Comissariado de Alimentação Pública através do decreto 13.069. Mesmo assim os anarquistas continuam seu trabalho de mobilização operária. O Grupo Anarquista Germinal promoveu um festival de teatro, onde foram apresentadas as peças *Ferro em Brasa*, *Ninete e Naufrago*. Também foi realizado um baile familiar e uma conferência sobre a revolução bolchevique, proferida por Álvaro Palmeira, intitulada *a revolução maximalista e sua repercussão no mundo*. Também foi inaugurada uma sede da UGT no bairro carioca da Piedade. Foi criado o Sindicato Profissional da Indústria Têxtil. Também a União Geral dos Metalúrgicos ampliou seu trabalho de organização operária abrindo frentes na Piedade e em Niterói.<sup>278</sup>

Assim como a União Geral da Construção Civil criou uma sucursal suburbana. Em 26 de junho de 1918 a União Geral da Construção Civil, na qual militava Domingos Passos, mudou seu nome para União dos Operários da Construção Civil (UOCC).<sup>279</sup>

Nos últimos dias de junho os marceneiros entraram em greve reivindicando as almeçadas 8 horas de trabalho. Em julho chegam a um acordo com os patrões. Em julho dois mil tecelões da fábrica de tecidos Confiança Industrial entraram em greve. Suas principais exigências eram a redução da jornada de trabalho, aumento salarial, readmissão de 32 trabalhadores demitidos e suspensão dos serões. No dia 8 de julho a greve ganhou maiores proporções com outras fábricas aderindo ao movimento grevista. Trabalhadores de outras categorias também entraram em greve: operários marmoristas, carvoeiros, estivadores e chapeleiros da fábrica Botafogo. No dia 12 a União dos Operários em Fábricas de Tecidos e os industriais entraram em acordo para acabar com a greve. Ficou decidido que os serões seriam suspensos, os operários demitidos seriam readmitidos.<sup>280</sup> Assim registrou Astrojildo Pereira no periódico *Crônica Subversiva*:

---

<sup>278</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 144.

<sup>279</sup> SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. **Domingos Passos: o Bakunin brasileiro**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009, p. 5.

<sup>280</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 144 e 145.

Um movimento belo, pela rapidez e pela segurança, esse dos operários da fábrica de tecidos Confiança Industrial. Greve de solidariedade, a sai vitória absoluta, é uma vitória incontestada da força da solidariedade. Motivou a greve a despedida arbitrária e injusta de 32 operários. O restante do pessoal, solidário com os companheiros despedidos, paralisou o trabalho e exigiu a imediata readmissão de todos eles. (...).<sup>281</sup>

Em meados de julho circularam novos boatos de uma greve geral. Ela seria puxada pelos trabalhadores tecelões com adesão de todas as associações operárias filiadas a UGT. No dia 22 terminou a greve dos chapeleiros da fábrica Botafogo na qual foi conquistado aumento salarial. No dia 29 terminou a greve dos estivadores e também foi alcançado maior salário para a categoria. Assim escreveu Astrojildo Pereira no jornal *Crônica Subversiva*:

Greve dos tecelões. Greve de leiteiros. Greve de trapicheiros. Greve de carvoeiros. Greve nas oficinas Trajano de Medeiros. Greves, greves, greves... contínuas, diárias, crescentes, em todas as classes operárias, em todos os ramos de trabalho... É o sintoma decisivo para a caracterização do mal estar presente. Estas greves de agora são movimentos absolutamente espontâneos, surgidos irresistivelmente aqui e ali, num ponto e noutro: prova material da generalização da angústia e do descontentamento que minam as classes operárias. (...).<sup>282</sup>

Em agosto de 1918 aconteceu a famosa greve da Cantareira. A Companhia Cantareira e Viação Fluminense, de propriedade de ingleses, tinha o monopólio dos transportes de bondes e das barcas que cruzavam a Baía de Guanabara ligando o Distrito Federal a Niterói. Em julho os empregados que operavam os bondes receberam um aumento de 15% para os casados e 10% para os solteiros. Os empregados marítimos da companhia, haviam recebido um aumento salarial em fevereiro de 1918. Porém acreditaram que receberiam o novo aumento de julho. O custo de vida só crescia e as condições de vida dos trabalhadores só pioravam. Ao receberem seus salários sem o novo aumento, os trabalhadores marítimos se revoltaram por não terem sido contemplados e resolveram entrar em greve no início de agosto. A greve dos trabalhadores das barcas e trabalhadores urbanos de Niterói foi sufocada da mesma forma, com intensa violência pela Força Pública. A Brigada Policial do Distrito Federal e a Capitania dos Portos

<sup>281</sup> Crônica Subversiva n° 07 (13/07/1918).

<sup>282</sup> Crônica Subversiva n° 10 (03/08/1918).

passaram a operar as barcas e assim aliviar a pressão da greve dos marítimos. Porém trabalhadores de diversas categorias também resolveram entrar em greve exigindo aumento salarial e por solidariedade aos motorneiros e condutores dos bondes da Cantareira em Niterói. Aconteceram violentos confrontos entre a polícia e os trabalhadores grevistas. Várias lojas fecharam suas portas mais cedo por causa da pressão dos populares em apoio aos grevistas. Na noite de 6 de agosto foi necessário a cavalaria para dispersar a multidão com violência. Os trabalhadores insurgentes ganharam ainda mais força quando vários soldados do 58º Batalhão dos Caçadores do Exército passaram para o lado da população revoltada. O carro que trazia o comandante da polícia militar foi recebido por uma chuva de pedras. As autoridades correram para acusar os anarquistas de terem assediado os soldados do 58º Batalhão dos Caçadores do Exército. Na noite do dia seguinte uma enorme multidão de trabalhadores grevistas, populares revoltados e militares insurgentes do 58º Batalhão se concentrou na Rua da Conceição e lançou gritos anarquistas de morte à polícia, aos governos constituídos, de viva o anarquismo e o internacionalismo.

A cavalaria policial tratou de reprimi-los com violência e o confronto terminou em tiroteio a ponto de a munição da cavalaria se esgotar. Assim a cavalaria teve de ser substituída pela infantaria da polícia estadual. Doze policiais e um número desconhecido de trabalhadores e militares rebelados do exército saíram feridos. Houve duas mortes entre os subelevados: Nestor Pereira da Silva, soldado do 58º Batalhão e o civil José Oliveira do Amaral. Um ex-condutor de bondes da Cantareira entregou à policia uma carta endereçada a Astrojildo Pereira, com o número do telefone do Centro Cosmopolita. Assim dizia a carta: “Nem podes imaginar como vão as coisas. A polícia atacou indiscriminadamente soldados do 58º e populares. Amanhã eles farão somente o policiamento”. Astrojildo Pereira e vários anarquistas foram presos. A polícia militar ganhou reforço do Terceiro Regimento de Infantaria do Exército para reforçar as ruas de Niterói. No dia 8 de agosto a paz voltou para as ruas de Niterói, mas o comércio continuou fechado e luzes foram acesas em frente as fachadas dos prédios em homenagem aos mortos. Durante o cortejo fúnebre de Nestor Pereira os operários foram proibidos de discursar. Durante o enterro chegou a notícia de que outro militar do 58 havia falecido: o cabo Antônio Lara França. No dia 9 de agosto o comércio reabriu suas portas sob proteção das forças policiais. Os operários tentaram negociar o fim da greve, pedindo um aumento de 8 a 10 por cento e a empresa recusou o pedido. Mesmo assim os trabalhadores

encerram a greve e voltaram ao trabalho. Novamente os anarquistas foram acusados de estarem por trás do movimento grevista. Pessoas foram presas, entre elas vários militantes libertários, como João da Costa Pimenta, que havia sido padeiro em Campos, mudando-se depois para a capital federal, onde militou no Centro Cosmopolita. Era operário gráfico.<sup>283</sup>

A condição de vida da classe operária piorava cada vez mais. Em setembro o custo de vida continuava aumentando. Os preços dos gêneros alimentícios cresciam atingindo diretamente as famílias operárias. Os boatos a respeito da greve continuaram circulando. Patrões e governo se mobilizaram para impedir que uma nova greve geral não acontecesse. Alguns operários foram presos preventivamente a mando de Aurelino Leal. A grande imprensa publicou matérias em seus jornais com o intuito de acalmar o proletariado e criminalizar a militância sindical revolucionária.<sup>284</sup> Assim publicou o *Jornal do Brasil*:

(...) nesse grave momento que atravessa o mundo (...) são inconvenientíssimos quaisquer atritos entre patrões e operários(...). O fermento anarquista, que é sombra do operário laborioso e honesto, atua com um só objetivo: perturbar a ordem jurídica, a paz pública, separando cada vez mais os dois elementos que se devem aproximar numa íntima colaboração – o capital e o trabalho. Contra esse elemento subversivo agirá o Governo com energia na defesa da ordem.<sup>285</sup>

Porém o trabalho de organização do proletariado através de sindicatos continuou crescendo. Foi fundada a União dos Empregados em Tinturaria. Um artigo de Astrojildo Pereira, publicado na *Crônica Subversiva*, no final de setembro, registrou o aumento da organização do movimento operário:

Não só no Rio verifica atualmente, este promissor reerguimento das energias proletárias. Pelos estados fora, principalmente, como é natural, nas cidades mais industriais, vai a classe operária reforçando-se nas organizações de classe, sistemáticas e solidárias. Movimentos e agitações se manifestam, aqui e ali, demonstrando vitalidade e consciência. (...) Enfim: há que rejubilar-se ante a aura

<sup>283</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 64-66.

<sup>284</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 153.

<sup>285</sup> *Jornal do Brasil* (21/08/1918).

renovadora, a aura vivificante, a aura fecunda que perpassa, de norte a sul, pela massa proletária do Brasil... A grande hora se aproxima amigos!<sup>286</sup>

Em outubro a “gripe espanhola” se espalhou pelo país. A epidemia atingiu principalmente os trabalhadores e segmentos mais pobres da sociedade. No dia 15 o *Jornal do Brasil* publicou uma matéria sobre o Distrito Federal com o seguinte título: “*Pânico na cidade – indolência, imprevidência ou incompetência da Saúde Pública?*”<sup>287</sup>

O alastramento da epidemia dificultou o trabalho de mobilização operária. No fim de outubro diversas organizações operárias criaram o Comitê Pró-Combate à Epidemia com objetivo de organizar os trabalhadores para combater a peste. Com a chegada da epidemia a vida dos trabalhadores ficou ainda mais dura.<sup>288</sup> A epidemia atingiu todo o país. No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, surgiu a União Maximalista. Foi um dos primeiros grupos operários que buscou se aproximar da ideologia marxista no Brasil. A União Maximalista denunciou que as autoridades não se empenhavam em combater os efeitos da epidemia que acometia principalmente as pessoas pobres. Afirmou que o governo se empenhou para socorrer os ricos somente. Em Pernambuco a “gripe espanhola” acabou com a vida de duas mil pessoas em apenas uma semana, principalmente operários.<sup>289</sup>

Ao fim de 1918 a situação do proletariado brasileiro não poderia ser pior. Há décadas os operários eram intensamente explorados, a crise econômica, o aumento do custo de vida assediava os brasileiros, conseqüentemente os preços dos alimentos subiram e no fim do ano a gripe ampliou ainda mais a inóspita situação do proletariado. Nesse sofrido contexto a ideia de greve geral fazia sentido, já que as pessoas estavam submetidas a essa situação de penúria, miséria, exploração e desespero. Patrões diminuíram a produção devido à super estocagem das fábricas de algodão, e conseqüentemente os trabalhadores tiveram seus salários ainda mais reduzidos. Greves eclodiram em fábricas de tecidos. No dia 30 a União dos Operários em Fábricas de Tecidos encaminhou um ofício ao Centro Industrial solicitando o abono de 50% nos salários dos operários parados por causa da epidemia. Patrões e autoridades demonstraram grande despreparo e miopia em sua análise das condições materiais do proletariado, utilizando a polícia para reprimir

<sup>286</sup> Crônica Subversiva n° 13 (21/09/1918).

<sup>287</sup> *Jornal do Brasil* (15/10/1918).

<sup>288</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 158.

<sup>289</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 167.

e prender os trabalhadores que militavam no Comitê Pró-Combate à Epidemia. Não sabiam se relacionar de outra maneira com o movimento operário. Qualquer tipo de organização proletária deveria ser reprimida, mesmo que fosse criada para diminuir os efeitos da gripe espanhola. Com o uso da repressão contra Comitê Pró-Combate à Epidemia, as autoridades conseguiram piorar ainda mais esse contexto medonho.<sup>290</sup>

Dentro desse quadro de crise econômica e social, o Centro Industrial do Brasil promoveu uma reunião com os representantes das fábricas de tecidos. Enfatizaram que a conjuntura recessiva, crise do mercado fabril, o prejuízo financeiro ocasionado pela super estocagem das fábricas não lhes permitiam atender as reivindicações dos operários fabris encaminhadas pela UOFT.<sup>291</sup> Indignada com a ineficácia das negociações a União dos Operários em Fábricas de Tecidos declarou greve geral. Porém a greve não surtiu o efeito necessário, pois as fábricas estavam super estocadas e a recessão econômica criou a possibilidade de fechamento temporário das fábricas, reduzindo sua folha de pagamento em um momento tão delicado. A greve geral veio ao encontro dos interesses patronais.<sup>292</sup>

No dia 9 de novembro o Kaiser deixou de governar o país germânico. Alguns dias depois circularam notícias na grande mídia sobre a queda do Kaiser e a revolução na Alemanha. O *Jornal do Brasil* noticiou: “a Revolução Proletária vitoriosa na Alemanha”.<sup>293</sup> Com grande destaque também foi noticiado o fim da Primeira Guerra Mundial. A população do Rio de Janeiro foi para as ruas comemorar o fim do conflito mundial. Também era grande a expectativa em torno da posse do novo presidente da República Rodrigues Alves. No entanto, o presidente eleito estava enfermo e não pode tomar posse no dia 15 de novembro. Somente o vice presidente Delfim Moreira pode ser empossado.

No final de 1918 os anarquistas do Rio de Janeiro avaliaram o contexto político econômico e social como propício para a eclosão de uma greve geral que poderia culminar em um processo revolucionário. O mundo respirava a revolução russa. E o legado bolchevique mostrava o caminho para a derrubada do capitalismo. No Brasil o movimento operário sindicalista revolucionário acreditou que havia chegado a hora, era

---

<sup>290</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 158.

<sup>291</sup> *Ibid.*, p. 161.

<sup>292</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 138.

<sup>293</sup> *Jornal do Brasil* (11/11/1918).

possível o trabalhador se organizar para finalmente acabar com o capitalismo e criar uma sociedade libertária. Nesse momento os operários brasileiros acreditavam que a revolução bolchevique era libertária e se os russos a fizeram, os brasileiros também fariam.

Os militantes anarquistas preparavam a eclosão de um movimento revolucionário para a tomada de poder no coração da República assim como os russos haviam feito em São Petersburgo. Segundo Everardo Dias, ele seria iniciado no Rio de Janeiro para depois se espalhar por São Paulo e pelos estados onde houvesse movimento operário. Anarquistas, socialistas, líderes sindicais e até mesmo grupos democratas insatisfeitos com a situação do país se envolveram no planejamento do movimento revolucionário. Porém o 2º tenente do Exército Jorge Elias Ajus, infiltrou-se no movimento conspiratório e passou a informar diariamente a polícia os passos dos operários insurgentes. O jornal *Correio da Manhã* foi publicado o relatório do delegado auxiliar Nascimento Silva sobre o papel desempenhado pelo oficial infiltrado:

O 2º tenente do Exército, Jorge Elias Ajus, fingia-se conspirador e se intrometera nas reuniões sediosas com o fim preestabelecido de fazer chegar ao conhecimento do chefe de polícia quanto sucedia. (...) <sup>294</sup>

Em 18 de novembro os operários das fábricas de tecidos do Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis e Magé cruzaram os braços às 16 horas. Era o estopim para a eclosão do movimento revolucionário. Trabalhadores metalúrgicos e da União dos Operários em Construção Civil também aderiram ao movimento grevista. Em pouco tempo os operários convergiram em peso para o Campo de São Cristóvão. Por volta das 17 horas o local já estava tomado de trabalhadores. Autoridades tentavam controlar a situação. Assim registrou o *Jornal do Brasil*:

Ontem, cerca das 17 horas, foram chegando ao Campo de São Cristóvão grupos de operários, que em atitude pacífica, iam cada vez mais engrossando a onda. A Polícia do 19º Distrito que tivera conhecimento antecipadamente desta reunião estava a postos (...). <sup>295</sup>

---

<sup>294</sup> Correio da Manhã (29/12/1918).

<sup>295</sup> Jornal do Brasil (19/11/1918).

O local escolhido para a concentração operária foi o Campo de São Cristóvão por causa de sua proximidade com a Intendência de Guerra. Após ser conquistada pela massa operária, forneceria armamentos e fardamento para os insurretos. Fardados os operários esperavam angariar apoio de muitos soldados. Unidos iriam para a cidade onde a prefeitura seria dinamitada, depois atacariam o Palácio da Polícia e depois o Quartel General da Brigada Policial. Enquanto isso outro grupo de operários da Gávea e Jardim Botânico atacariam o Palácio do Catete e logo depois a Câmara onde prenderiam os deputados. As torres da Light seriam dinamitadas para deixar a cidade sem luz.<sup>296</sup>

A polícia recebeu autorização para dissolver a massa operária que se concentrava no Campo de São Cristóvão. Policiais tentaram prender os operários que ali estavam reunidos, fato que enfureceu ainda mais os insurretos. Houve enfrentamentos entre operários e policiais. Quando a repressão utilizou armas de fogo para reprimir a multidão, os operários mostraram que estavam preparados para o embate. Se defenderam explodindo bombas de dinamite e atirando com armas de fogo. Os tiros foram trocados de ambos os lados. O 10º Distrito Policial foi invadido pelos operários que o destruíram em fúria. O general Almada, chefe da Intendência de Guerra mandou atirar contra os amotinados que tentassem a invasão para tomar as armas do Exército. A cavalaria do exército libertou a delegacia policial e muitos operários fugiram pelos fundos, adentrando em casas adjacentes à delegacia. As torres da Light foram dinamitadas. Do morro de Santa Tereza os operários arremessavam petardos contra o quartel da Polícia Militar na Evaristo da Veiga. A Brigada Policial chegou para auxiliar o Exército e os operários a receberam com uma bomba. A delegacia já estava nas mãos da Polícia e do Exército. Muitos operários fugiram de forma desorganizada. Um grande número se dirigiu para a Rua Figueira de Mello. Porém os soldados do Exército dispersaram os operários que estavam em fuga. Foi preso José Oiticica como chefe do movimento revolucionário.<sup>297</sup>

O 55º Batalhão de Caçadores ocupou estrategicamente as esquinas das principais ruas da região. No cruzamento das principais ruas havia uma força de 25 praças comandada por um tenente. Bondes ficaram proibidos de circular nas ruas ocupadas. Botequins da região foram fechados para impedir aglomerações. Automóveis foram revistados. O Palácio do Catete reforçou sua segurança que já contava com um pelotão

---

<sup>296</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 162 e 163.

<sup>297</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 180.

do 9º de Caçadores e recebeu uma companhia de guerra do 56º Caçadores. O chefe de polícia Aurelino Leal foi elogiado pela burguesia por sua atitude enérgica contra os revoltosos. Tropas da Vila Militar ocuparam o centro têxtil de Bangu. A Marinha ocupou a Zona Portuária e as fábricas passaram a ser vigiadas pela Polícia Militar. Sedes de associações operárias foram invadidas e lacradas. Casas de militantes operários ou de suspeitos foram invadidas. Foram presos mais de cem operários com a possibilidade de serem enviados para a Ilha de Fernando de Noronha. A Marinha estava de sobreaviso com rebocadores vigiando a Baía de Guanabara com receio de algum atentado anarquista pelo mar. Os jornais da grande imprensa continuavam sua campanha xenófoba de associar o movimento operário com agitadores estrangeiros. Associavam os militantes anarquistas com agentes estrangeiros que supostamente haviam participado do levante. Assim publicou o *Jornal do Brasil*:

A polícia, devido aos últimos acontecimentos que alarmaram o país, colheu nas suas malhas quase 100 anarquistas, insistentes estimuladores dos desagradáveis movimentos por parte do nosso operariado. Entre esses homens, a mantenedora da ordem pública apenas encontrou um brasileiro, o que basta para deixar fora de dúvida que o anarquismo não encontra terreno propício no espírito dos trabalhadores nacionais”.<sup>298</sup>

Essa notícia foi vinculada com objetivo de confundir a população brasileira e criminalizar o movimento operário como fruto de desajustados estrangeiros sem qualquer ligação com a cultura nacional. Porém os líderes do movimento foram José Oiticica, Astrojildo Pereira, João da Costa Pimenta e Agripino José, ambos brasileiros. Estudantes do Colégio Pedro II e da Escola de Medicina exigiram a liberdade do professor José Oiticica. Mesmo com toda repressão violenta do governo e com o fracasso do levante anarquista, metalúrgicos, tecelões e parte dos trabalhadores da construção civil continuaram de braços cruzados. Eram 20630 tecelões em greve. A UOFT orientava os grevistas a manterem a greve até conseguirem liberdade de pensamento, seis dias de trabalho por semana, salário mínimo e 8 horas de trabalho por dia. No dia 22 de novembro, Delfim Moreira, presidente interino, assinou o decreto nº 13.295 que fechou a União Geral dos Trabalhadores, a União dos Operários em Fábricas de Tecidos, a União dos Operários Metalúrgicos e a União dos Operários em Construção Civil. As autoridades

---

<sup>298</sup> *Jornal do Brasil* (28/11/1918).

alegaram que a UGT induziu os operários ao ataque a Intendência de Guerra com o objetivo de estabelecer no Brasil o temido regime dos soviets russos. É notória a ignorância das elites brasileiras a respeito do que acontecia na Rússia, principalmente das autoridades policiais.<sup>299</sup>

Os trabalhadores em massa se organizaram e se mobilizaram para lutar pela absolvição dos militantes presos, acusados de serem os líderes da malograda insurreição. A pressão operária alcançou o objetivo almejado, pois seis meses depois foram libertados a tempo de participarem das manifestações do 1º de Maio do ano seguinte.<sup>300</sup>

O legado da Revolução Bolchevique, a recente greve da Cantareira, as notícias da revolução na Alemanha, a mobilização operária no rastro da greve geral de 1917 e as adesões de alguns militares de baixa patente em protestos populares moviam os operários em seu objetivo de concretizar a anarquia em uma realidade social. Porém os militares não aderiram ao movimento insurgente. Na verdade cumpriram fielmente seu papel de força repressora do Estado burguês. Os revolucionários tentavam trazer os militares para o lado operário com distribuição de boletins exortando-os a ficarem do lado do povo. Pois na Rússia os militares haviam se unido ao proletariado e esse seria um dos caminhos para a derrubada do capitalismo no Brasil. Porém muitos militantes operários foram presos antes de aproximar os militares do proletariado. Também foi um militar, José Elias Aju, que se infiltrou no movimento para vigia-lo e controla-lo. Os militantes operários pretendiam transformar a greve, em uma greve geral que se transformaria em uma revolução social. Tinham por objetivo concretizar a derrubada do poder constituído como havia acontecido na Rússia. Seriam criados conselhos de operários e soldados para pavimentar a construção de uma nova sociedade sem classes sociais, sem o Estado burguês que o massacrava em sua luta por melhores condições de vida.<sup>301</sup>

Com perplexidade percebemos que a revolução anarquista de 1918 tem sido pouco abordada pelos historiadores que estudam o movimento operário nesse período. Poucos historiadores deram a devida atenção a esse episódio. A violenta repressão e as medidas tomadas para impedir que outro evento operário dessa natureza se repetisse, demonstram a importância da revolução anarquista de 1918. As elites ficaram alarmadas com a grande mobilização operária e a elaboração de uma organizada estratégia para a tomada de poder

---

<sup>299</sup> BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 181-187.

<sup>300</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p. 54.

<sup>301</sup> ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 166 e 167.

no Distrito Federal. Essa tentativa revolucionária evidenciou que a conquista da Capital da República era possível. Demonstrou que a situação dos operários era tão opressiva que eles estavam dispostos a tomar o poder para melhorar sua situação material. O anarquismo amedrontava as elites como nenhuma outra ideologia havia feito até então. Mesmo no final da terceira década republicana, era o anarquismo a principal ideologia de combate proletário contra a exploração capitalista. Proporcionava meios eficientes dos operários interpretarem e entenderem a realidade material a qual estavam submetidos. Após a conquista de poder dos marxistas russos, o combativo sindicalismo revolucionário estava conjugado com a eficácia da revolução bolchevique. Entendemos que essa tentativa de insurreição anarquista representou novas perspectivas para o sindicalismo revolucionário no Brasil, proporcionadas pelo legado da Rússia Soviética. Deram mais força ao movimento operário, atingido pela constante violência de Estado e vitaminado pela selvagem exploração capitalista. A Rússia Soviética havia legado o caminho para a derrubada do capitalismo e abriu novas perspectivas para o movimento operário brasileiro.

#### **4. ANARQUISMO E A CRIAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL**

Nos últimos anos da segunda década do século XX as formas de reivindicação do movimento operário organizado através do sindicalismo revolucionário não estavam desgastadas. Podemos considerar que importantes greves aconteceram justamente entre o ano da revolução russa e a formação do Partido Comunista do Brasil. Como vimos, as organizações anarquistas ganharam maior vigor com o legado da revolução russa, quando os anarquistas acreditaram que a revolução bolchevique fora anarquista. Ao mesmo tempo, tal confusão assustou ainda mais as autoridades, que sentiram-se ameaçadas pelo

movimento operário. O recrudescimento dos mecanismos de repressão governamental tinha por objetivo extinguir definitivamente o sindicalismo revolucionário do movimento operário. O que acontecera na Rússia poderia acontecer em outros lugares como parecia estar acontecendo na Alemanha e na Hungria. A conquista do poder pelos bolcheviques representou a real possibilidade de fim do capitalismo, de finalmente os trabalhadores controlarem os meios de produção e construírem uma sociedade sem classes.

## **A CRIAÇÃO DA INTERNACIONAL COMUNISTA**

A história da Internacional Comunista remonta a 1864. Nesse ano foi criada a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). O mentor dessa organização foi Karl Marx. A repressão e as divergências internas entre marxistas e anarquistas enfraqueceram a organização, sendo extinta em 1876. Em 1889, foi criada em Paris a II Internacional dos trabalhadores. Sua direção seguia a doutrina marxista, porém em seu interior havia várias correntes do movimento operário. Os principais partidos socialistas europeus, que abrigavam marxistas em suas fileiras fizeram parte da II Internacional. Os mais importantes eram o Partido Social Democrata Alemão, o Socialista da França e o Trabalhista inglês. O crescimento da social democracia nos meios parlamentares europeus, entre os anos de 1871 a 1890, foi importante para a difusão do movimento operário. Na Alemanha havia alcançado um quarto dos votos dos eleitores alemães. O maior partido político que compunha a organização era o Partido Social Democrata Alemão. Os anarquistas não participaram dessa segunda tentativa de internacionalização do movimento operário, apesar das tentativas de participação de Elisée Reclus, Kropotkin, Paul Delesalle, Errico Malatesta, entre outros iminentes anarquistas. As divergências enfraqueceram a unidade da organização.<sup>302</sup>

A revolução bolchevique mostrou ao mundo que o modelo marxista poderia se espalhar entre os trabalhadores de diversos países. Em 1918 o partido bolchevique passou a ser chamado de Partido Comunista. O termo comunista não era sinônimo de marxismo, porém os marxistas russos passaram a utilizar essa nomenclatura, transformando o termo comunista como sinônimo de marxismo. Na virada da segunda para a terceira década do século XX eclodiram movimentos revolucionários inspirados no exemplo bolchevique na

---

<sup>302</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p.73-75.

Alemanha, Hungria, Bulgária e Japão. Grupos de revolucionários marxistas, influenciados pelo advento revolucionário bolchevique vislumbraram a criação de partidos comunistas locais inspirados no bolchevismo. A gênese dos partidos marxistas se deu através de rupturas dentro de partidos socialistas e social-democratas. Com o surgimento de diversos partidos comunistas, tornou-se importante a criação de um organismo internacional que coordenasse e organizasse os novos partidos comunistas. Porém a Guerra Civil na Rússia atrasou a criação desse organismo. Inicialmente surgiram partidos comunistas na Finlândia, Letônia, Hungria, Holanda, Polônia e Áustria. No final de 1918 foi criado o Partido Comunista Alemão. Lênin contava com o desprendimento de um ativo militante bolchevique conhecido pelo pseudônimo camarada Thomas para coordenar a internacionalização da Revolução Russa. A fundação e desenvolvimento da Internacional Comunista teve relevante contribuição do camarada Thomas. Era um comunista alemão, de origem judaica. Seu nome verdadeiro era I. Reich. Também usava o codinome Rubinstein.<sup>303</sup> Ele ficou encarregado por Lênin de enviar emissários para entrar em contato com esses partidos comunistas e convidá-los a participar de um congresso, através do envio e participação de delegados, para a fundação da Internacional Comunista. Assim em 2 de março de 1919, os revolucionários bolcheviques russos, liderados por Lênin, criaram a Internacional Comunista, também conhecida como III Internacional ou Komintern. Foi a terceira tentativa de internacionalizar o movimento operário em sua luta contra a exploração capitalista, dessa vez com o objetivo de unir os incipientes partidos comunistas ao redor do mundo através do modelo bolchevique de organização.<sup>304</sup>

O ativo militante libertário Antonio Bernardo Canellas, estava na Europa nesse período. Redigiu algumas considerações a respeito da Internacional Comunista em seu relatório intitulado *Viagem à Europa em missão da Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco, 21 de janeiro a 6 de setembro de 1919*, referente à sua primeira viagem à Europa:

Todavia a Terceira Internacional não é sindicalista. Os seus princípios são socialista-comunistas, aproximando-se mais do anarquismo que do socialismo parlamentar. Ela é, em síntese, uma Internacional Comunista e só poderão aderir

---

<sup>303</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 75-77.

<sup>304</sup> *Ibid.*, p. 20.

a ela as organizações sindicais que adotarem a doutrina comunista como seu complemento doutrinário, ou os partidos socialistas que, abandonando a tática parlamentar, reconheçam ser o comunismo a única forma viável de socialismo. (...) Aliás o princípio da ditadura do proletariado faz parte do programa da Internacional Comunista como simples arma de combate à burguesia, como medida ocasional e não como forma de organização definitiva da sociedade futura. Pois que, sendo o fim do comunismo a abolição das classes parasitárias e a fusão das classes úteis em uma organização de auxílio mútuo e deixando a burguesia de existir, sobre que se exerceria essa ditadura? É evidente, pois, que esse sistema da ditadura proletária que muitos, erradamente ou por má fé, supõem ser a própria essência do regime dos soviets, não é mais do que uma medida transitória destinada, apenas à consolidação desse regime. Essa ditadura não poderá sobreviver à consolidação dos soviets pela razão de que, não sobrevivendo também a ela as classes parasitárias, a sua razão de ser desaparecerá.<sup>305</sup>

Essa análise a respeito do bolchevismo, da Internacional Comunista e do papel da ditadura do proletariado demonstram a confusão teórica a cerca do marxismo bolchevique. O pensamento de Canellas, representou o pensamento da maioria dos anarquistas brasileiros nesses primeiros anos após os bolcheviques tomarem o poder na Rússia. O autor do relatório interpretou a revolução soviética como o catalisador que acabou com o capitalismo na Rússia, que estava desenvolvendo uma sociedade anarquista e conseqüentemente criando uma sociedade comunista, sem classes e gradativamente sem governo.

No Brasil os operários organizados através do sindicalismo revolucionário, interpretaram a Revolução Russa como libertária. Pois no início da revolução, bolcheviques e anarquistas foram fiéis aliados. Afinal os soviets eram em sua essência organizações com uma estrutura libertária que deveria substituir o governo provisório de Kerensky. A publicação das *Teses de Abril*, em abril de 1917, abriu a possibilidade de interpretação de que o líder bolchevique estava se afastando da ortodoxia marxista, pois Lênin afirmou que os soviets, inspirados na Comuna de Paris, deveriam substituir o parlamento, defendeu a transformação da guerra capitalista mundial em guerra revolucionária, nivelamento dos salários, abolição da polícia, do exército. Na prática eram bandeiras defendidas pelos militantes anarquistas.<sup>306</sup> Tal confusão ideológica terminou fortalecendo o movimento operário no Brasil.

---

<sup>305</sup> CANELLAS, Antonio Bernardo. **Viagem à Europa em missão da Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco, 21 de janeiro a 6 de setembro de 1919**. Pernambuco, 1920, p. 71.

<sup>306</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 55.

## A FORMAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DE 1919

A insurreição anarquista de 1918 representou um crescimento do movimento operário mesmo após a revolução marxista na Rússia e da intensa repressão governamental. A elite política e econômica precisava criar meios de se relacionar com o movimento operário além da violência policial, acalmá-lo e ao mesmo tempo manter seus privilégios. Antes de 1918, a maior parte da elite negava a existência da questão social no Brasil, como foi o caso do enfermo presidente Rodrigues Alves que morreu antes de tomar posse. Entenderam que os trabalhadores brasileiros arrasados pela exploração e pobreza estavam dispostos a pegar em armas para derrubar o capitalismo. O presidente afirmou que era necessário aperfeiçoar a legislação social e conciliar os interesses do capital e do trabalho. Em janeiro de 1919 foi promulgada a primeira lei de compensação para os trabalhadores. Alguns patrões anunciaram que concederiam a jornada de trabalho de 8 horas. Curiosamente muitas empresas, entre elas o *Jornal do Comércio*, deram folga para seus empregados no dia 1º de maio. Porém eram concessões isoladas, que dependiam da boa vontade do patrão. Não existia um conjunto de leis que regulassem as relações de produção no Brasil. O Congresso nada fazia para criá-lo e implementá-lo. Sempre o postergava. Essas pequenas concessões tinham o objetivo de acalmar os trabalhadores e afastá-los da militância anarquista. Porém muitos trabalhadores continuavam preferindo a militância anarquista e a ação direta para alcançar melhores condições de vida.

Mesmo com a forte repressão que se seguiu à insurreição anarquista de 1918, o movimento operário se fortaleceu e no ano de 1919 ocorreram inúmeras greves e mobilizações operárias. Após o fechamento de diversos sindicatos de resistência e da UGT, os trabalhadores criaram outras associações operárias para substituir aqueles fechados pelo governo. Na prática o movimento operário passou a se organizar em federações de trabalhadores em cada Estado. Assim como era no Rio de Janeiro com a FORJ, antes da criação da UGT, que a substituiu. Essas novas nomenclaturas tiveram o termo “operário” substituído por “trabalhadores”. No Distrito Federal surgiu a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (FTRJ). Vários membros da União dos Operários em Construção Civil, entre outras associações de resistência, participaram da criação dessa nova organização federativa operária.

Os trabalhadores do setor fabril realizaram uma nova greve de grandes proporções. Os da construção civil realizaram uma greve que conseguiu a tão almejada

jornada de 8 horas diárias. O Sindicato da Construção Civil decidiu, após constantes assembleias lotadas e debates internos, decretar por conta própria o dia de 8 horas de trabalho em todas as obras da construção. Tal decisão terminou sendo efetivada no dia 2 de maio. Por ser um poderoso sindicato, com grande respaldo da categoria e lutar por tal objetivo em um momento de grande força do movimento operário, a tão sonhada jornada de trabalho com 8 horas diárias foi conquistada.<sup>307</sup>

Outro importante fato que nos ajuda a entender o processo de mudança dentro de setores do movimento operário, de influência anarquista, foi a criação de uma organização anarquista intitulada “Partido Comunista do Brasil”. O nome já representa a força, influência e esperança que a revolução bolchevique provocou nos anarquistas brasileiros.

Influenciados pela Revolução Russa e de sua vitória sobre o capitalismo, Astrojildo Pereira e José Oiticica, com mais outros 20 militantes anarquistas fundaram um primeiro partido comunista brasileiro, em 1919. Apesar do nome, não era marxista.

Tratava-se, na realidade, de uma organização tipicamente anarquista, e a sua denominação de ‘Partido Comunista’ era um puro reflexo, nos meios operários brasileiros, da poderosa influência exercida pela revolução proletária triunfante na Rússia, que se sabia dirigida pelos comunistas daquele país. O que não se sabia ao certo é que os comunistas que se achavam à frente da Revolução Russa eram marxistas e não anarquistas. (...)”<sup>308</sup>

O planejamento para a criação de um grupo anarquista com nome de “partido comunista” nasceu nos primeiros meses de 1919, no rastro da tentativa de revolução anarquista do final do ano anterior. Segundo Astrojildo Pereira reuniões foram realizadas entre os militantes mais ativos e combativos do movimento operário para elaborar medidas que fizessem funcionar a organização anarquista como um grupo bem organizado. Ao invés de estatutos foram criadas “bases de acordos”. O objetivo desse “partido comunista” era “promover a propaganda do Comunismo Libertário, assim como organização de núcleos comunistas em todo o país”.<sup>309</sup>

Quando militantes anarquistas tomaram a decisão de criar o ‘partido comunista’, José Oiticica estava em Alagoas, recém saído de sua segunda prisão causada pelos

---

<sup>307</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p. 55.

<sup>308</sup> Ibid., p. 72.

<sup>309</sup> Ibid., p. 71.

acontecimentos de fins de 1918. Oiticica estava muito visado pela repressão, considerado o ideólogo e organizador da insurreição de 1918. Sua formação, profissão, intensa militância anarquista e influência sobre os operários brasileiros assustavam as autoridades. Após sair da prisão ficou um tempo entre familiares no Nordeste, deixando a poeira baixar. Ao retornar ao Rio de Janeiro aceitou a indicação como representante da seção do Rio de Janeiro no “Congresso Comunista”.

Em abril de 1919 os organizadores do partido convocaram representantes de outros grupos anarquistas, que se intitulavam comunistas, para participarem da Conferência Comunista que ocorreria em fins de junho no Distrito Federal. Foi realizada entre os dias 21 e 23 de junho e compareceram 22 delegados dos estados do Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais, Paraíba, São Paulo e Rio Grande do Sul. Entre os delegados eram 17 brasileiros natos, 3 mulheres e o restante eram estrangeiros que viviam há muito tempo no Brasil. Essa conferência também foi considerada como congresso de fundação da organização libertária. Segundo Edgard Leuenroth foi uma “assembleia de todo o movimento anarquista do Brasil”. A primeira reunião ocorreu no Centro Cosmopolita e foi acompanhada por centenas de operários. Porém a repressão policial interrompeu a Conferência Comunista e seu prosseguimento foi em Niterói, na antiga sede da Federação Operária local, localizada no Largo de São João. Foi aprovado um programa do partido, redigido por José Oiticica, intitulado *Princípios e fins do comunismo*. Um longo documento, muito bem organizado, dividido em itens no qual a organização defendia a necessidade da extinção do Estado, de toda autoridade religiosa, da propriedade privada e das leis. Os meios de produção, como as fábricas, pertenceriam aos operários. As necessidades gerais é que ditariam o tempo de trabalho. A produção seria armazenada e distribuída a cada indivíduo de acordo com suas necessidades. As decisões políticas seriam decididas em assembleias públicas. Com base nesse documento, José Oiticica publicou seu *Catecismo Anarquista*.

O “partido” promoveu algumas manifestações operárias nas sedes de sindicatos. Conseguiu atrair grande número de operários. Assim registrou o periódico *A Plebe* sobre uma reunião do incipiente partido comunista:

Realizou-se no dia 10, à noite, na sede da União dos Operários em Fábrica de Tecidos, mais uma reunião de propaganda do Partido Comunista do Brasil, que foi extraordinariamente concorrida. Falou, em primeiro lugar, o camarada José Romero. (...) Começou ele demonstrando que o comunismo foi sempre uma

tendência de organização humana, a qual os dominadores, os exploradores, através dos séculos, tem procurado abafar, visando o seu proveito (...). Prosseguindo a sua dissertação sobre o comunismo, refere-se à produção, cujo o principal objetivo não é o conforto nem o bem estar da coletividade, mas os lucros e as vantagens para os tubarões que representam a minoria burguesa. Refere-se ao avanço do comunismo na Europa (...). Fez, então, um apelo aos trabalhadores em geral, para que se tornem coesos, uma só força e se convençam de que são capazes de organizar e administrar a riqueza social produzida pelas suas próprias mãos. Ao terminar, as palmas dos presentes demonstraram o entusiasmo pela nossa causa. Em seguida, tomou a palavra o camarada José Elias da Silva, que falou durante duas horas, fazendo uma síntese perfeita do que é o comunismo na prática (...) A conferência de José Elias foi uma das mais empolgantes palestras que se tem realizado nas associações operárias. Compareceram a esta palestra muitas pessoas estranhas ao movimento operário, entre as quais notei o deputado Maurício de Lacerda e alguns acadêmicos que tiveram a ocasião de constatar que o P.C. do B não se intromete em política.<sup>310</sup>

As manifestações e mobilizações do 1º de maio foram preparadas em meio a intensa repressão policial e euforia pelos últimos acontecimentos na Rússia e no Brasil. Os sindicatos de resistência organizaram diversas manifestações para o dia. Assim registrou *A Plebe*:

Por iniciativa do Partido Comunista do Brasil, reuniram-se os delegados das associações operárias e acordaram em comemorar-se o 1º de Maio com brilhantismo. Assim foram contratadas várias bandas de música, as quais estão instrumentando os hinos *A Internacional* e *Os Filhos do Povo*. Também grupos de moças e meninas cantarão em coro.<sup>311</sup>

Visando as manifestações do 1º de Maio, o partido criou a Liga Comunista Feminina e reuniões abertas a todas as pessoas. Em uma reunião de comemoração da abolição da escravidão, o partido convidou o advogado criminalista Evaristo de Moraes para fazer uma conferência. Em São Paulo Helio Negro e Edgard Leuenroth publicaram um livreto de 128 páginas intitulado: *O Que É o Maximalismo ou Bolchevismo: Programa Comunista*. Descrescia como seria uma sociedade comunista de acordo com os ideais do anarquismo. Afirmavam que a Rússia estava construindo gradativamente uma sociedade libertária. Em maio surgiu o núcleo do Partido Comunista de São Paulo.

No Rio de Janeiro 60.000 trabalhadores se reuniram na Praça Mauá para ouvir os líderes operários com seus discursos inflamados contra o Estado burguês. Cantaram o

---

<sup>310</sup> A Plebe (19/04/1919).

<sup>311</sup> A Plebe (19/04/1919).

hino da Internacional e outros hinos revolucionários. Marcharam pela Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, até a Praça Floriano Peixoto, atual Cinelândia, onde outros líderes operários proferiram discursos denunciando a exploração capitalista e saudaram a Revolução Russa nos degraus da Biblioteca Nacional e do Teatro Municipal.<sup>312</sup> Foi aprovada a seguinte moção:

O proletariado do Rio de Janeiro, reunido em massa na praça pública e solidário com as grandes demonstrações dos trabalhadores neste 1º de Maio, envia uma saudação especial aos proletariados russo, húngaro e germânico e protesta solenemente contra qualquer intervenção militar burguesa tendo por fim atacar a obra revolucionária tão auspiciosamente encetada na Rússia.<sup>313</sup>

Em agosto foi publicado um novo jornal anarquista, *Spartacus*, por José Oiticica e Astrojildo Pereira. Era o veículo de informações do núcleo carioca do partido comunista. Seu início não foi fácil, por causa da constante repressão policial. Assim registrou o periódico *Spártacus*:

Na impossibilidade momentânea de publicar Spártacus diariamente, como já fora anunciado, resolvemos, de acordo com o camarada Oiticica, constituir-nos em Grupo Editor de Spártacus semanário, até que ele possa tornar-se cotidiano. Não pouparemos esforços para que isso se realize o mais cedo possível. As dificuldades nos estimulam. Falhou a primeira tentativa, mercê da tratangem burguesa, falhou a segunda pelos mesmos motivos. Faremos terceira, quarta, quinta tentativas, por outros meios, com outra gente. E Spártacus, vespertino e diário, sairá...<sup>314</sup>

Foram publicadas 24 edições até janeiro de 1920, alcançando grande circulação entre os trabalhadores. O quarto número, publicado em 23 de agosto de 1919, anunciou que as tiragens do periódico estavam crescendo gradativamente.

4.000, 6.000 e 8.000 exemplares. Aqui estamos no 4º n. de Spártacus, com uma promissora tiragem de 8.000 exemplares. Isso prova que Spártacus, embora

<sup>312</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 140 e 141.

<sup>313</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p. 53.

<sup>314</sup> Spártacus (02/08/1919).

modestamente, sabe exprimir o etos de revolta e os anseios de esperança das massas proletárias. (...)<sup>315</sup>

Depois do surgimento do periódico *Spártacus* houve uma grande greve dos trabalhadores gráficos. A greve paralisou as atividades de cinco dos mais importantes estabelecimentos gráficos do Rio de Janeiro. O Centro Industrial e Comercial Gráfico que reunia os proprietários de 56 oficinas gráficas considerou inaceitáveis as exigências dos trabalhadores em greve. As autoridades reforçaram a repressão contra o anarquismo e contra o comunismo, embora o último termo fosse apenas uma confusão de nome com o anarquismo. Os periódicos anarquistas foram os principais alvos da repressão. Em setembro a polícia retirou os exemplares de *A Plebe* de estações ferroviárias e dos correios. O jornal *Spártacus* também foi apreendido, por causa da acusação de que um artigo feito por um colaborador, incitou o assassinato do primeiro ministro inglês Lloyd George, propagava a revolução imediata e também utilizava linguagem indecorosa ao se referir às autoridades. O jornal inglês *Times of Brazil* exigiu providências do governo brasileiro contra a propaganda anarquista de *A Plebe* e *Spártacus*.<sup>316</sup>

Além da repressão aos dois jornais anarquistas, a polícia invadiu as sedes da União dos Sapateiros e da União dos Operários em Construção Civil. Mais de 30 operários foram presos e grande quantidade de material considerado subversivo foi apreendido. No dia 9 de setembro a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro convocou uma manifestação de protesto no largo de São Domingos contra a repressão aos dois jornais anarquistas e a violência policial. Durante o protesto, vários oradores convocaram a multidão para uma nova manifestação no dia seguinte. A manifestação seguinte, no dia 10 de setembro, foi encerrada abruptamente devido à intensa repressão policial. A polícia alegou que estrangeiros estavam organizando a manifestação e os discursos incentivavam os brasileiros à desordem. Apesar da interrupção violenta, a multidão se deslocou para a sede da UOCC, na Praça da República, cantando *A Internacional* e palavras de ordens revolucionárias. A polícia não se deu por satisfeita em ter encerrado a manifestação e partiu para a Praça da República com o intuito de desmobilizar a nova concentração de operários que se formava. O Terceiro Delegado Auxiliar, Nascimento Silva, direcionou um destacamento para o local e foi em pessoa conferir a repressão policial. Ao chegar ao

---

<sup>315</sup> *Spártacus* (23/08/1919).

<sup>316</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 92-93.

local encontrou um operário discursando com sotaque espanhol e grande entusiasmo, da sacada da sede da União dos Operários em Construção Civil. As salas da organização ficavam no segundo andar. O delegado enviou um oficial da polícia para intimar o orador e interromper o discurso. Tal atitude revoltou os trabalhadores que estavam no segundo andar. Eles arremessaram uma cadeira que atingiu em cheio o oficial da polícia, que caiu sem sentidos. A polícia partiu com violência contra os operários que reagiram atirando pedras e objetos contra os policiais. A Praça da República se transformou em uma batalha campal. As autoridades anunciaram a prisão de 30 operários “estrangeiros” e oito brasileiros. Três policiais e três operários ficaram feridos no confronto.<sup>317</sup>

Após todas as turbulências de setembro de 1919 as autoridades se mobilizaram para reprimir a agitação operária. O cenário para as elites era ameaçador, pois mesmo com toda a repressão ao temido movimento insurrecional anarquista do final de 1918, as greves e manifestações operárias estavam crescendo e inflamando a massa proletária. Medidas repressivas foram tomadas pelos governantes. O Chefe de Polícia Geminiano da França se reuniu com o ministro da Justiça para discutir uma maneira de acabar com as greves e revoltas operárias que estavam ganhando força, principalmente na Capital Federal. O fantasma da revolução bolchevique tirava o sono da burguesia e das autoridades.

A Comissão de Justiça e Legislação do Senado analisou um novo projeto de lei apresentado por Adolfo Gordo. Nascimento Silva, que ficara responsável pela investigação da insurreição anarquista de 1918, foi responsável por reprimir manifestações operárias. Se dedicou a investigação de anarquistas com objetivo de bani-los, interrogou os operários presos em setembro. Afirmou que um deles havia confidenciado um plano anarquista de ataque a polícia. Também disse que outros haviam dito que um dos oradores da União dos Operários em Construção Civil havia pregado abertamente a revolução e derrubada do governo. Essas “confissões” serviram de pretexto para que o delegado Nascimento Silva invadisse as casas de conhecidos anarquistas a procura de qualquer evidência que legitimasse suas prisões ou deportações. O objetivo era encontrar bombas ou matéria subversivo. Na casa de um padeiro que havia trabalhado para a Companhia Light and Power foram encontrados 40 bombas de dinamite,

---

<sup>317</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 92 e 93.

propaganda e um retrato de Lênin. As autoridades não conseguiam distinguir as diferenças ideológicas entre anarquismo e marxismo. Exibiram para a imprensa a prisão do “anarquista bolchevista” com seu arsenal revolucionário.

No dia 6 de outubro as autoridades cariocas conduziram 6 militantes anarquistas para um navio e anunciaram que no dia 9 seriam deportados mais cinco. No dia 14 mais outro grupo de anarquistas foi mandado para fora do Brasil. José Oiticica denunciou as expulsões como arbitrárias e afirmou que alguns dos deportados sequer estavam militando no movimento operário, como Ricardo Correia Perpétua. Afirmou que a expulsão de outro anarquista, José Romero, era ilegal pois o mesmo vivia há 29 anos no Brasil. No final de outubro foi aprovado o novo projeto de lei de autoria de Adolfo Gordo. Ao mesmo tempo o delegado Nascimento da Silva estabeleceu contato com a polícia de São Paulo. A redação e oficinas tipográficas de *A Plebe* foram invadidas e destruídas.<sup>318</sup>

No dia 19 de outubro uma bomba explodiu na casa do militante anarquista José Prol no bairro do Brás, em São Paulo. Morreram quatro operários anarquistas, entre eles o dono da casa. Ele já havia sido preso anteriormente por fazer propaganda fixando panfletos do “partido comunista” de 1919 pelo bairro. O fato foi utilizado pelas autoridades brasileiras para se livrarem definitivamente de Gigi Damiani, um dos editores de *A Plebe*. Damiani estava resguardado pela lei, pois o Supremo Tribunal Federal o havia livrado da expulsão em meados de 1917, mas as autoridades atropelaram a decisão do Supremo Tribunal. Damiani foi preso, conduzido para a estação ferroviária do Brás com destino ao Rio de Janeiro. Foi levado trancafiado em um vagão especial, na companhia de outros três militantes anarquistas: Manuel Perdigão Saavedra, Sílvio Antonelli e Alessandro Zanella. Foram levados sob vigilância policial com 24 soldados armados com carabinas. Ficaram presos por pouco tempo na Casa de Detenção do Rio de Janeiro e embarcaram no navio *Principessa Mafalda* para a Itália. Ao chegar na Itália Gigi Damiani denunciou a situação do proletariado brasileiro nos periódicos *Il Libertario*, *Umanità Nova* e *Guerra di Classe* e escreveu o livro *O País para o qual não se deve emigrar: A Questão Social no Brasil*.

Em outubro uma greve geral foi declarada em Santos motivada pela repressão com grande número de prisões dos militantes operários que trabalhavam como motorneiros.

---

<sup>318</sup> Ibid., p. 95-99.

Em 23 de outubro eclodiu na cidade de São Paulo a greve contra Companhia Light and Power e a Companhia do Gás e no dia 24 do mesmo mês a Federação Operária de São Paulo decretou greve em todo Estado de São Paulo. A imprensa burguesa noticiou que grupos mal intencionados de líderes grevistas, pretendiam fazer atos de sabotagem e que a greve não tinha o objetivo de alcançar melhorias para os trabalhadores e sim manipular os operários em uma trama de ataque contra o governo. A repressão associada com ameaças de demissão, fez o movimento perder a força. No dia 30 a greve acabou com o sabor amargo de derrota para os operários. O governo de São Paulo fechou as Escolas Modernas de João Penteadó e de Adelino de Pinho. Os anarquistas brasileiros foram deportados para o Rio Grande do Sul e os estrangeiros para fora do país.

Everardo Dias foi preso em 27 de outubro e levado para Santos com José Righetti e João da Costa Pimenta, ambos brasileiros. Ficaram nus, em solitárias por dias, sem comer e nem beber, para depois serem torturados. José Righetti e João da Costa continuaram presos em Santos sem comer, sem água e sem comida, por cinco dias, até chegarem ao Rio Grande do Sul.<sup>319</sup>

Everardo Dias foi levado de trem para o Rio de Janeiro em 29 de outubro, com 10 militantes anarquistas e vigiados por 25 policiais armados. Ficou 4 dias sem comer, beber ou dormir. Em 30 de outubro, e mais 22 anarquistas, para o porto, para serem deportados no navio *Benevente*. Astrojildo Pereira relatou a expulsão e torturas sofridas pelo seu futuro sogro no periódico *Spártacus*:

A carta que Everardo Dias escreveu de bordo do *Benevente* a um amigo de S. Paulo, lida na Câmara dos Deputados pelo Sr. Maurício de Lacerda e na qual aquele camarada conta o martírio de que foi vítima – é um desses documentos decisivos, que definem uma época e mancham para sempre, com a negra e sinistra mancha de uma vergonha histórica, o país onde semelhantes fatos se verificam. (...) Pois a um homem destes, digno entre os mais dignos, honra da espécie, exceção rara nesta terra de azinhavrado Lages da grande imprensa e de Altinos beatos da alta ladroagem governamental, a um homem destes pega-se pela gola, como a um ladrão, joga-se à enxovia, como a um mal feitor, tortura-se à fome e à sede, como a uma fera, chibatêa-se, como a um vagabundo, e expulsa-se como a um bandido! Miséria das misérias. Isto com efeito é demasiado. Não há serenidade, não há prudência, não há brandura de ânimo, que se contenham e que se refreiem, diante de imensa vileza desta infâmia. A revolta nos sacode as

---

<sup>319</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 101 e 102.

entranhas e o clamor dos protestos nos irrompe veemente da garganta como uma maldição eterna: - Covardes! Canalhas! Assassinos!...<sup>320</sup>

Os processos de expulsão foram contestados por intelectuais como o romancista Afonso Schmidt. O cônsul espanhol questionou a nacionalidade espanhola de muitos dos deportados, provavelmente por receber a orientação de impedir a chegada de indivíduos considerados indesejáveis na Espanha e se recusou a emitir os vistos para Everardo Dias, Manuel Perdigão Saavedra e Francisco Ferreira.<sup>321</sup>

O fato é que as autoridades brasileiras desrespeitavam as leis constantemente na repressão ao movimento operário. Uma petição de *habeas-corpus* a favor de Everardo Dias foi feita alegando sua deportação como ilegal, pois havia fixado residência há 33 anos no Brasil, era naturalizado brasileiro, tinha seis filhas e o emprego fixo de guardador de livros. Mas o Supremo Tribunal negou a petição, devido ao clima de insegurança e intensa repressão que o país vivia. O anarquismo era tratado pela grande imprensa e pelas autoridades como uma ideologia exótica à cultura brasileira e associada ao terrorismo por causa da utilização esporádica de bombas para alcançar seus objetivos. Dias foi embarcado com anarquistas alemães que haviam sido feitos prisioneiros na captura de navios daquele país, durante a Primeira Guerra Mundial.

O navio *Benevente* passou por Recife, pela Ilha da Madeira, desembarcou anarquistas portugueses em Lisboa, foi até Roterdã desembarcar os alemães, a Vigo, entregar os deportados espanhóis e para a surpresa de todos Everardo Dias não foi desembarcado e recebeu a notícia de que retornaria no mesmo navio para o Brasil. O governo de São Paulo reconsiderou o pedido de Dias e ele pode retornar. Em 25 de janeiro de 1920, em Recife, Everardo Dias foi recepcionado por uma multidão de operários. Entre eles estavam Antonio Bernardo Canellas, os representantes do periódico *Hora Social* e das organizações operárias da cidade. Os operários levaram Everardo Dias para uma manifestação de apoio na sede da União dos Operários em Construção Civil. Ele ficou três dias na capital pernambucana, onde foi homenageado em encontros nos sindicatos, com discursos proferidos por Antonio Bernardo Canellas, Cristiano Cordeiro e o

---

<sup>320</sup> Spártacus (22/11/1919).

<sup>321</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 103.

professor Joaquim Pimenta. Durante os dias que passou em Recife ficou na casa de Cristiano Cordeiro.<sup>322</sup>

### **A GREVE DE 1920 NA LEOPOLDINA RAILWAY**

O ano de 1920 mostrou que o movimento operário continuava forte, principalmente na Capital Federal. Nessa nova década, as organizações operárias mais vigorosas eram O Centro Cosmopolita, a União dos Operários em Construção Civil, a Federações dos Condutores de Veículos, Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro. Essas combativas organizações tinham entre seus militantes operários anarquistas organizados no sindicalismo revolucionário. Sua principal ferramenta de luta continuava a ser a greve geral.<sup>323</sup>

Em março eclodiu a greve da Leopoldina. Os operários que lá trabalhavam, representados pela Liga Operária de São José de Além Paraíba, divulgaram um manifesto exigindo aumento salarial e pagamento em dobro pelas horas extras. A direção da empresa se manifestou negativamente a respeito das reivindicações dos trabalhadores, cujo prazo estabelecido para uma resposta foi o de 15 de março. Milhares de operários cruzaram os braços e a empresa precisou contratar funcionários às pressas para suprir a carência gerada pela greve, porém eram funcionários sem experiência alguma. As autoridades vieram em socorro à empresa fornecendo funcionários municipais, foguistas e maquinistas da Marinha. Foram enviados soldados para proteger os comboios. Devido à falta de preparo desses novos funcionários, houve acidentes constantemente, que a imprensa noticiou.

No dia 23 de março a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro e a Federação dos Condutores de Veículos declaram greve geral para o dia seguinte em apoio aos ferroviários. Patrões e governo acreditavam que a greve perderia força com o tempo, mas a greve ganhou força com a adesão dos metalúrgicos, alfaiates, padeiros, foguistas, choferes de táxi, membros do Centro Cosmopolita, boa parte dos trabalhadores da Construção Civil entre outras categorias. A greve se radicalizou e no dia 24 de março foi realizado um enorme comício, com depredações de vagões de trens, explosões de bombas

---

<sup>322</sup> Ibid., p. 104 e 105.

<sup>323</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 145 e 146.

em trilhos, trânsito paralisado pelos grevistas, apedrejamento de automóveis.<sup>324</sup> Um anarquista português foi preso em flagrante, colocando dinamite sobre um trilho de bonde. O anarquista era membro da União dos Operários em Construção Civil e a polícia descobriu em sua casa um revólver e livros maximalistas.<sup>325</sup>

Como a falta de conhecimento e confusão entre anarquismo, comunismo e maximalismo era grande nesse período, fica difícil saber realmente quais tipos de livros foram encontrados na casa do militante anarquista português. No dia 25 de março a greve ganhou ainda mais força com a entrada dos operários em tecidos, empregados do Loyd Brasileiro e sapateiros. As empresas ficaram extremamente preocupadas com o crescimento da greve geral. A Light solicitou proteção policial. Nas edições de 25 e 26 de março o jornal *O Paiz* afirmou que o governo precisava agir o quanto antes pois a greve estava crescendo e aumentava a solidariedade entre as organizações operárias.<sup>326</sup>

Geralmente as negociações entre operários e empregadores não eram levadas em consideração como um meio eficaz para tentar acabar com as greves e voltar à normalidade das relações de produção capitalista. A violência era a resposta tradicional do governo às reivindicações operárias. O governo afirmou que a greve fora provocada por estrangeiros que haviam sido expulsos de seus países de origem por má conduta. O movimento operário respondeu a acusação de forma irônica, afirmando que realmente eram agitadores estrangeiros que dirigiam a Leopoldina Railway e responsáveis pela greve geral. A repressão policial foi violenta, o governo deixou em estado de alerta todas as Forças Armadas do Distrito Federal. O 3º Regimento de Infantaria e o 1º de Cavalaria foram para as ruas e derrotaram a resistência dos grevistas que estava concentrada na Praça da República.

As sedes das associações operárias foram invadidas pela polícia e os operários foram presos em grande número. Somente no Centro Cosmopolita, mais de 400. A polícia afirmou que ao todo 1600 trabalhadores foram aprisionados. Os presídios ficaram lotados e um armazém das docas precisou ser adaptado como prisão para dar conta do excessivo número de operários presos. Entre eles estavam Octávio Brandão, José Oiticica, Fábio Luz. Somente com violência o Estado conseguiu encerrar a greve. A direção da

---

<sup>324</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 108 e 109.

<sup>325</sup> *O Paiz* (29/03/1920).

<sup>326</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 108 e 109.

Associação Comercial, a Federação das Associações Comerciais e a elite patronal agradeceram a enérgica ação do governo. Foram enviados telegramas e mensagens ao Palácio do Catete, elogiando a postura de Epitácio Pessoa.<sup>327</sup>

## A UNIÃO MAXIMALISTA

Para alcançarmos o entendimento a cerca do processo de criação do Partido Comunista do Brasil é necessário analisar o papel da União Maximalista dentro do movimento operário no Rio Grande do Sul. O nome de Abílio Nequete está intimamente ligado à organização, pois foi um dos seus fundadores. Nequete era libanês nascido em 1888. Muito novo perdeu seus pais e ficou sob os cuidados de uma irmã mais velha. Em 1903, aos 14 anos de idade, imigrou para o Brasil em um navio cargueiro. Rodou por algumas cidades gaúchas trabalhando como mascate. Alguns anos mais tarde, provavelmente em 1908, se mudou para Porto Alegre onde aprendeu o ofício de barbeiro e estabeleceu contato com operários e sindicatos. Militou no movimento operário em 1918 ao lado de anarquistas na União Operária Internacional. Residiu perto da Agência de Propaganda para a América do Sul da Terceira Internacional e foi nomeado seu representante, participando do congresso da entidade em Montevidéu. Acabou se desentendendo com seus companheiros anarquistas e fundou a União Maximalista com Francisco Merino e Otávio Heingst, em 1º de novembro de 1918. Quando foi fundada, a organização publicou um manifesto em que chamava a classe proletária a seguir o exemplo dos bolcheviques. Porém não existiam subsídios doutrinários para dar o justo suporte ao marxismo no Brasil. Nenhum livro de Marx fora publicado até então e pouquíssimos intelectuais tiveram acesso a sua obra. Alguns jornais publicavam partes da doutrina marxista. O contato do proletariado com o bolchevismo se dava através de jornais operários anarquistas que faziam confusão com bolchevismo e maximalismo. Mesmo com a criação da União Maximalista, entendemos que essa doutrina não tinha penetrado suficientemente nos meios operários. No entanto é notório o esforço de Abílio Nequete em se aproximar do marxismo e introduzi-lo no Rio Grande do Sul.<sup>328</sup>

---

<sup>327</sup> MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 146 e 147.

<sup>328</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 143 e 144.

A União Maximalista atuou nos sindicatos e em greves operárias ao lado dos anarquistas. Porém era um grupo minoritário. Participou ativamente na greve geral de 1919 e ficou responsável em deflagrar uma greve geral nas cidades gaúchas de Pelotas e Rio Grande, o que demonstra alguma importância da organização no movimento operário gaúcho. Abílio Nequete aproveitou a viagem para tais cidades e tentou buscar literaturas marxistas na Argentina, pois o país portenho possuía um partido comunista desde 1917. Em pouco tempo a União Maximalista entrou em divergência com a União Operária Internacional.

Curiosamente o primeiro grupo operário brasileiro a tentar se aproximar do marxismo estava localizado no Rio Grande do Sul. Era presumível que os primeiros grupos operários a se organizarem através da doutrina marxista estariam localizados no Rio de Janeiro e São Paulo, os dois principais centros urbanos industriais. As divergências com os anarquistas gaúchos, o legado bolchevique e a aproximação geográfica com a Argentina são fatores que podem ter estimulado gradativamente a criação da União Maximalista. Outro fato que comprova a importância da União Maximalista dentro do movimento operário gaúcho, foi a participação da entidade nas reuniões da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), na qual a hegemonia era de anarquistas da União Operária Internacional.

Em 1920 o movimento operário no Distrito Federal ainda respirava a greve geral da Leopoldina Railway, enquanto muitos líderes anarquistas brasileiros foram presos em São Paulo e deportados para o Rio Grande do Sul. Entre eles estava Deoclécio Fagundes, redator do periódico *O Grito Operário*, de São Paulo. Assim como aconteceu com Everardo Dias, ficou preso em Santos, durante 15 dias, em situação desumana. Em Porto Alegre estava para ocorrer o Congresso Operário Regional do Rio Grande do Sul. A União Maximalista foi convidada para participar dos preparativos do encontro operário ao lado da Federação Operária do Rio Grande do Sul. Foi de Deoclécio Fagundes o discurso de abertura. Nesse congresso apareceram divisões entre anarquistas e admiradores do marxismo. Durante um debate a respeito das relações entre sindicatos, federações, confederações e a Internacional Comunista, Abílio Nequete divergiu dos anarquistas e apresentou uma proposta de adesão da FORGS à Internacional Comunista. O militante anarquista alemão Friedrich Kaniestedt se opôs à proposta e a de Nequete foi derrotada. Tal fato levou a União Maximalista a se retirar do congresso e conseqüentemente da Federação Operária do Rio Grande do Sul. Em sua tentativa de se

aproximar do marxismo, Nequete estabeleceu contato com alguns grupos comunistas de países platinos.<sup>329</sup>

### **O TERCEIRO CONGRESSO OPERÁRIO DE 1920**

Os preparativos para a realização do III Congresso Operário Brasileiro começaram a 23 de abril na sede da União dos Operários em Fábricas de Tecidos no Rio de Janeiro, localizada na Rua Acre, nº 19. Participaram da reunião 116 delegados que nomearam uma comissão para coordenar os temas das seções do congresso. Fizeram parte dessa comissão José Elias da Silva, Edgard Leuenroth, Alberto Lauro, José Alves Diniz e João da Costa Pimenta. O congresso ocorreu no Distrito Federal de 25 a 30 de abril de 1920. Alguns militantes que estiveram presentes ao Congresso Operário Regional do Rio Grande do Sul compareceram ao III Congresso Operário Brasileiro, como foi o caso de Deoclécio Fagundes. A seção inaugural do congresso foi marcada para o dia 25 de abril e foi presidida por João da Costa Pimenta. O congresso durou cinco dias, com seis seções regulares. Participaram 150 delegados, representantes de 75 associações sindicais dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Pará, Amazonas e Pernambuco. Astrojildo Pereira compareceu como representante do jornal *Voz do Povo*, com direito a expressar suas opiniões, pois foi aprovada a proposta de representação e palavra para a imprensa proletária.<sup>330</sup>

Domingo Passos participou como delegado, da famosa e combativa União dos Operários em Construção Civil, organização da qual era o 1º Secretário, em um período de intensa repressão. Outro fato que demonstra a importância de Domingo Passos no movimento operário era a maneira como era conhecido por seus contemporâneos: “Bakunin brasileiro”, como já dissemos.<sup>331</sup>

Assim como nos congressos anteriores, foi aprovado o tradicional método federativo de organização “compatível com o irreprimível espírito de liberdade”.<sup>332</sup> Os dois congressos anteriores foram realizados em contextos sociais de ascensão do movimento operário. Porém o congresso de 1920 aconteceu em um contexto de intensa

---

<sup>329</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 113.

<sup>330</sup> *Ibid.*, p. 113.

<sup>331</sup> SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. **Domingos Passos: o Bakunin brasileiro**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009, p. 5 e 6.

<sup>332</sup> Comissão Executiva do 3º Congresso Operário, Boletim I, nº 1, p. 20.

repressão policial, que tentava conter a crescente combatividade do movimento operário estimulada pela revolução bolchevique. Vários líderes anarquistas, que estavam entre os preparadores do evento, não puderam participar pois foram deportados para seus países de origem. Eram comuns as invasões e destruições das sedes das associações operárias por parte da polícia. As lideranças anarquistas eram presas constantemente. O ativo militante operário Plácido de Albuquerque, delegado do congresso representando o Pará, morreu devido aos maus tratos na Central de Polícia onde foi preso ao desembarcar no Rio de Janeiro para participar do III Congresso Operário. Os congressistas se manifestaram contra a violência governamental. Os debates a cerca do contexto internacional marcaram o congresso.<sup>333</sup>

Os dois congressos operários anteriores delegaram poderes para a Confederação Operária Brasileira executar as demandas proletárias. O III Congresso criou a Comissão Executiva do Terceiro Congresso (CETC) com o fim de colocar em prática as resoluções aprovadas até a realização do Quarto Congresso Operário Brasileiro marcado para 1921. A CETC seria sustentada pelas associações operárias a ela associadas. Existiria um secretariado geral no Distrito Federal composto pelo secretário geral, tesoureiro e cinco secretários itinerantes representando as cinco regiões geográficas nas quais o país era dividido. Edgard Leuenroth foi eleito secretário geral, Domingos Passos representante da Região Centro, José Elias da Silva da Região Norte, Jorge Adalberto de Jesus da Região Extremo Norte e Teófilo Ferreira da Região Sul e Alberto Lauro da Região do Extremo Sul.<sup>334</sup>

A Liga Operária da Construção Civil de São Paulo, representada por Deoclécio Fagundes e Teófilo Ferreira levantou a proposta de adesão do congresso à Internacional Comunista. Mas Edgard Leuenroth rechaçou a proposta alegando que a IC não era uma organização sindical. Astrojildo Pereira endossou as palavras de Leuenroth e José Elias também. Assim ficou decidido que o Terceiro Congresso Operário Brasileiro declararia “votos de felicidades ao importante acontecimento de Moscou, cujos princípios gerais correspondem às aspirações de liberdade e igualdade dos trabalhadores de todo

---

<sup>333</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 283.

<sup>334</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 116.

mundo”.<sup>335</sup> Os delegados aprovaram moções de repúdio contra a repressão aos operários em Portugal e Espanha, contra o domínio inglês na Irlanda, contra o assassinato de Rosa Luxemburgo e Liebkecht.<sup>336</sup>

Também foi aprovado no congresso que a CETC entraria em contato com as associações de trabalhadores marítimos e ferroviários para arrancar-lhes um compromisso de que não transportariam operários deportados. Foi aprovado que seria realizado um Congresso Operário Sul-Americano em pouco tempo. Da mesma forma, decidiu-se a criação de redes de contato com federações internacionais que concordassem com as resoluções aprovadas no III Congresso Operário Brasileiro. Com o encerramento do congresso, a CETC se reuniu com representantes da Federação Operária do Estado do Rio e do periódico *Voz do Povo* para organizar uma viagem de Domingos Passos, como representante da Região Centro, pelo Estado do Rio de Janeiro. Passos foi viajou munido de todas as credenciais da organização, visitou quatro cidades e foi preso pela polícia estadual. José Elias da Silva o substituiu em seu cargo.<sup>337</sup> Tal fato, entre inúmeros outros, representou a força da militância anarquista, aceitação e atuação da massa operária através do sindicalismo revolucionário nos últimos anos da década de 1920.

## **AUMENTO DA REPRESSÃO GOVERNAMENTAL CONTRA O ANARQUISMO**

Os meses que se seguiram ao Terceiro Congresso Operário Brasileiro foram marcados por duas importantes greves e conseqüentemente intensa repressão governamental. O governo de Epitácio Pessoa se empenhou em reprimir a influência anarquista dentro do movimento operário. Sedes de organizações operárias estavam sendo invadidas sistematicamente pela polícia, líderes operários eram presos, torturados e deportados. Jornais operários eram empastelados. Em outubro de 1920 a polícia dissolveu a bala uma passeata operária na Avenida Rio Branco e em seguida invadiu a sede da visada União dos Operários em Construção Civil. Ali foram presos 28 operários, sendo 8 deportados posteriormente e cinco trabalhadores foram feridos.<sup>338</sup>

---

<sup>335</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 113.

<sup>336</sup> *Ibid.*, p. 113.

<sup>337</sup> *Ibid.*, p. 116.

<sup>338</sup> SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. **Domingos Passos: o Bakunin brasileiro**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009, p. 6.

No final de 1920 e início de 1921 ocorreram greves que potencializaram ainda mais a preocupação das autoridades com o aumento da mobilização proletária. Era necessário domesticar os sindicatos e associações operárias a qualquer custo. Com a violenta repressão estatal, o governo fechou ainda mais o cerco ao sindicalismo revolucionário sancionando duas leis para recrudescer o intenso ataque à militância libertária.

Em 6 de janeiro de 1921 foi aprovado o Decreto N° 4.247 de autoria de Arnolpho Azevedo, deputado federal por São Paulo. Essa lei estipulava que poderia ser expulso do Brasil o estrangeiro que vivesse no Brasil há menos de cinco anos ou se fosse provado que sua conduta colocasse em perigo a ordem pública ou a segurança nacional. No dia 17 de janeiro foi sancionado o Decreto N° 4.269, conhecido como a nova lei Adolfo Gordo e tinha o objetivo de aumentar a repressão ao anarquismo. Estabelecia as penas de prisão para os crimes de subversão da ordem e da organização social e para aqueles que contribuíssem para a eclosão desses “crimes” através de participações em reuniões ou produzindo qualquer instrumento de propaganda com esse fim. As autoridades alcançaram o respaldo jurídico para fechar por tempo indeterminado sindicatos ou quaisquer associações civis que participassem de manifestações prejudiciais à segurança pública.<sup>339</sup>

As novas leis colocadas em prática surtiram o efeito desejado pelas autoridades. Em dezembro de 1920 houve a greve dos trabalhadores das Docas de Santos. Não aceitavam a extenuante jornada de trabalho de 10 horas diárias com o recebimento de baixos salários. Os trabalhadores cruzaram os braços. A repressão governamental encarnada no delegado Ibraim Nobre prendeu muitos grevistas, entre eles Deoclécio Fagundes e Florentino de Carvalho. Preparou uma lista com deportação de vários anarquistas estrangeiros, que visava a expulsão do imigrante espanhol Manuel Campos, embora residisse no Brasil desde menino. Era um anarquista conhecido, um dos administradores de *A Plebe* e participante de greves. Foi preso em São Paulo em 29 de dezembro de 1920, sendo transferido para Santos onde foi torturado e mantido incomunicável. O advogado Benjamin Mota tentou impetrar um *habeas-corpus* para Campos, porém o juiz de Pernambuco o rejeitou. No início de março de 1921 foi deportado para a Espanha a bordo do navio *Avon*.

---

<sup>339</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 117.

Outro militante que sentiu os horrores do recrudescimento da repressão estatal foi Deoclécio Fagundes. Assim como ocorreu com Manuel Campos, também foi preso, porém deportado para o sul. Foi descoberto em Santa Catarina e o periódico operário *A Vanguarda* publicou sua amarga experiência da deportação e encarceramento:

Nunca pensei que todos horrores desabariam sobre mim... Fomos embarcados a bordo do vapor *Itaúba*... Prisioneiro, eu fui barbaramente espancado e metido numa cela úmida e escura, onde permaneci 11 dias totalmente nu, obrigado a dormir todas as noites sobre o cimento.<sup>340</sup>

A greve paralisou as atividades das docas de Santos, embora alguns operários não tenham aderido. Pouco antes de derrotada, a greve incomodou de tal forma que a diretoria do Loyd chegou a considerar a possibilidade de levar para o porto do Rio de Janeiro os navios que estavam paralisados em Santos.<sup>341</sup>

Outra greve importante foi decretada pelos marítimos do Rio de Janeiro contra o Loyd Brasileiro. Os trabalhadores de outras companhias de navegação aderiram à greve que contou com manifestações de solidariedade de outras categorias de trabalhadores do Distrito Federal. O movimento se radicalizou a ponto de um cozinheiro chamado José Leandro, que aderiu ao movimento grevista, ter matado um policial com golpes de faca. Em 4 de fevereiro de 1921 um policial tentou expulsá-lo das docas, ele não aceitou a expulsão e puxou sua faca resistindo a ordem policial. O policial tentou atirar no cozinheiro, que avançou em sua direção. Pessoas no local tentaram intervir temendo o pior, no entanto saíram feridas no conflito. A confusão ficou generalizada e o cozinheiro fugiu. Outros policiais dispararam, atingindo-o, mas acertaram fatalmente um conferente do estabelecimento. Muito ferido José Leandro se entregou. A repressão quis usar o caso como exemplo para intimidar os trabalhadores a voltarem a trabalhar normalmente e Leandro foi condenado 30 anos de prisão. Recuperou a saúde na cadeia e se tornou um herói entre os operários, aumentando ainda mais a disposição dos grevistas. Um único associado da Associação dos Marinheiros e Remadores que ameaçou abandonar a greve quase foi linchado na sede da organização por mais de 200 grevistas enfurecidos. Os ânimos estavam acirrados. Quando tudo levava a crer que o movimento sairia derrotado,

---

<sup>340</sup> *A Vanguarda* (23/03/1921).

<sup>341</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 118.

no dia 7 de fevereiro a temida União dos Operários em Construção Civil decidiu entrar na greve em solidariedade à Associação dos Marinheiros e Remadores.<sup>342</sup>

Dentro do rastro de intensa repressão estatal ao movimento operário, a polícia mantinha constante vigilância sobre a União dos Operários em Construção Civil. Era considerada a fortaleza do anarquismo na cidade, um centro de agitadores profissionais, terroristas, dos quais 80% seriam de estrangeiros com o único objetivo de estimular e promover a desordem, o caos. Tais rótulos eram necessários para tentar diminuir a influência da organização entre os operários da construção. Ao invés de negociar as demandas operárias, as autoridades só faziam criminalizar a organização. Um de seus principais militantes e dirigente, Domingos Passos, o Bakunin negro, era intensamente vigiado, perseguido e preso constantemente pelas forças policiais. No dia 8 de fevereiro a polícia cercou o prédio da associação com agentes da segurança e soldados. Os operários estavam reunidos planejando os próximos passos da greve e não aceitaram a entrada das forças policiais, pois estavam acostumados com as prisões arbitrárias e a destruição promovida pelos agentes da lei. O delegado Nascimento Silva precisou pedir reforços do corpo de bombeiros para invadir o prédio. Os bombeiros usaram suas escadas para invadir o prédio pelas janelas e abrir as portas por dentro. Com a invasão o tiroteio começou e o delegado precisou requisitar reforço da cavalaria. O confronto terminou com três feridos e 20 operários presos na Polícia Central. A polícia afirmou que a maioria dos operários grevistas ali reunidos era composta por portugueses e que na sede da associação foram encontradas armas, pedras e material subversivo com tópicos de um programa do comunismo anarquista. Nascimento Silva afirmou que também foram descobertos planos para um “movimento sedicioso”. Porém a UOCC continuou a reunião interrompida na sede da Associação de Resistência dos Chauffeurs e Carroceiros. Novamente o delegado cercou a sede com 24 soldados e 20 cavalarianos e interrompeu a reunião. Os operários saíram pacificamente. Após examinar a sede da Associação de Resistência dos Chauffeurs e Carroceiros, a polícia afirmou ter encontrado material subversivo. A resistência dos operários ficou ainda mais forte. No dia 9 de fevereiro uma bomba explodiu no prédio da Bolsa de Valores. Assim que a polícia chegou no local, uma

---

<sup>342</sup> Ibid., p. 119 e 120.

segunda bomba explodiu no Palácio do Itamarati, na época o prédio do Ministério das Relações Exteriores. Horas depois a UOCC se declarou em greve.<sup>343</sup>

O presidente da República estava em Petrópolis e foi informado da radicalização da greve dos marítimos, fortalecida pela UOCC. O presidente deu ordem para reprimir energicamente a mobilização. Utilizando a nova lei Adolfo Gordo o Ministro da Justiça Alfredo Pinto ordenou que todos operários ligados a União Operária em Construção Civil seriam processados e ordenou o fechamento da associação por seis meses. A polícia prendeu dois espanhóis, dois brasileiros e os acusou de planejarem explodir a caixa d'água de Santa Teresa. Apesar da repressão governamental a mobilização operária crescia cada vez mais. A Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro marcou uma greve geral para o dia 15 de fevereiro em solidariedade aos trabalhadores marítimos do Loyd Brasileiro. No mesmo dia uma bomba explodiu no Clube Naval. Os dirigentes da UOCC se reuniram para organizar o enfrentamento contra os trabalhadores que estavam substituindo os grevistas e aqueles que quisessem retornar ao trabalho desrespeitando o que foi decidido na associação. A Associação dos Marinheiros e Remadores aumentou sua lista de reivindicações: passou a exigir 8 horas de trabalho diárias, aumento salarial, o desembarque de todos os trabalhadores contratados para substituir os trabalhadores grevistas e o reembarque dos grevistas.

A possibilidade dos trabalhadores de diversas categorias aderirem à greve geral assustou as autoridades. Temendo uma possibilidade de tomada de poder por parte dos trabalhadores grevistas, as autoridades ordenaram que o Batalhão Naval fosse enérgico na repressão aos trabalhadores do Loyd Brasileiro. Grande número de operários foi preso. A greve não obteve a adesão esperada pelas lideranças do movimento operário. Muitas associações de trabalhadores se recusaram a aderir. E parte dos operários das associações que decidiram aderir, resolveu continuar trabalhando. No dia 16 de fevereiro os líderes operários transferiram a greve geral para outra oportunidade.

A direção do Loyd Brasileiro enviou uma proposta para a Associação dos Marinheiros e Remadores, que a recusou. Então o Loyd Brasileiro declarou que a greve não existia e que toda a frota estava funcionando normalmente, embora os funcionários continuassem de braços cruzados até o mês de junho, quando a direção da empresa propôs um acordo para encerrar a greve. Os operários voltaram para o trabalho, mas reclamaram

---

<sup>343</sup> Ibid., p. 121.

de suas parcas conquistas nesse acordo costurado pelos dirigentes sindicais amarelos, que chegaram a agradecer o presidente Eptácio Pessoa.

O navio *Demerara* embarcou deportando cinco anarquistas portugueses e cinco anarquistas espanhóis para os seus países de origem. Eram acusados de serem dinamitadores e agitadores. . A polícia afirmou que encontrou na casa de Alexandrino Valente Coutinho, secretário da União de Empregados em Padarias, um enorme retrato de Kropotkin, nove bombas, 74 cartuchos de dinamite, panfletos e livros de propaganda anarquista. Os diferentes mecanismos de repressão ao anarquismo, fortalecidos pela legalidade jurídica, começavam a surtir o efeito desejado pelas autoridades.<sup>344</sup> Em seu livro *Formação do PCB* Astrojildo Pereira interpretou a greve dos marítimos da seguinte maneira:

A greve dos marítimos, no fim de 1920, quando o surto grevista estava em declínio, fracassou lamentavelmente, mas, apesar de tudo, constituiu indiscutível demonstração de combatividade por parte dos trabalhadores marítimos.<sup>345</sup>

O anarquismo enquanto ideologia que mobilizava os trabalhadores na luta contra o capitalismo não estava em declínio no Brasil, pois o recrudescimento dos ataques governamentais aos anarquistas demonstram justamente o contrário. O grande número de deportações por causa de militância anarquista representa o temor das elites com a força do anarquismo. Acredito que o declínio ao qual se refere Astrojildo se deveu ao aumento, desenvolvimento e fortalecimento das inúmeras ferramentas de repressão governamental contra a militância anarquista através do sindicalismo revolucionário. No entanto a militância libertária estava restrita aos sindicatos. Com o gradativo desenvolvimento de mecanismos repressivos governamentais contra o sindicalismo revolucionário, os anarquistas não perceberam que estavam perdendo o único espaço de atuação. Não tiveram a sagacidade de complementar o sindicalismo revolucionário com outros instrumentos de atuação libertária.

A partir da segunda metade de 1921 os sindicatos amarelos e as cooperativas começaram a ganhar força entre algumas categorias de trabalhadores a ponto de disputar a hegemonia de alguns sindicatos com o sindicalismo revolucionário. Ao mesmo tempo,

---

<sup>344</sup> Ibid., p. 120-123.

<sup>345</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p. 54.

uma parte dos anarquistas brasileiros começou a se questionar a respeito da eficácia dos métodos anarquistas de mobilização operária, enquanto outra encontrou a desilusão com a revolução bolchevique, devido a chegada de notícias sobre a perseguição aos anarquistas no país dos soviets.

## DESILUSÃO COM A REVOLUÇÃO RUSSA

Como já vimos, durante os primeiros anos que se seguiram à Revolução Russa os anarquistas brasileiros a saudaram com entusiasmo. Durante a Guerra Civil na Rússia denunciaram os abusos do imperialismo, o apoio material e militar aos contrarrevolucionários em sua tentativa de abortar o governo proletário. Edgard Leuenroth exortou no periódico *A Plebe*, os anarquistas e os operários brasileiros que apoiassem a revolução bolchevique em sua luta contra a burguesia.<sup>346</sup>

O jornal proletário a *Voz do Povo*, reproduziu a entrevista de Trotsky ao *Chicago Daily News*, na qual o segundo homem da revolução explicou a necessidade da ditadura do proletariado:

...é quase inteiramente uma consequência da guerra em que estamos empenhados (...), tão logo o conflito acabe, será restabelecida a liberdade de imprensa, assim como todas as outras liberdades.<sup>347</sup>

As notícias expondo abusos e violências do governo bolchevique contra seus opositores chegavam ao Brasil através das agências internacionais e levavam os anarquistas a acreditar que eram manipuladas propositalmente pela mídia burguesa com o intuito de descaracterizar o primeiro governo proletário da história. Mas nem todas as notícias que chegavam eram falsas. Os anarquistas se aliaram aos bolcheviques na revolução e durante a Guerra Civil lutando a favor do Exército Vermelho pela manutenção do governo proletário. Mas os anarquistas russos começam a perceber que haviam lutado pela revolução errada quando os bolcheviques se apoderaram das instituições criadas durante a revolução. Após a consolidação do poder bolchevique, os

---

<sup>346</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 55.

<sup>347</sup> *Voz do Povo* (16/02/1920).

soviets passaram a ser submetidos ao Comitê Executivo Central dos Sovietes, controlado pelos bolcheviques.

De forma parecida, os Comitês das Fábricas, que na teoria deveriam proporcionar a autogestão das fábricas para os operários, uma ideia anarquista também passaram a ser subordinados pelo Conselho do Controle Operário controlado pelos bolcheviques. A perseguição aos opositores do regime também atingiu os anarquistas russos. Os partidários de Lênin criaram uma polícia política, a Tcheka que perseguia qualquer cidadão suspeito de ser opositor ao regime leninista. Até mesmos antigos bolcheviques foram perseguidos pela temida polícia política. Em 12 de abril de 1918 a Tcheka invadiu 26 sedes de associações operárias anarquistas em Moscou.<sup>348</sup> Foram presos 500 anarquistas e 40 ficaram feridos. Os anarquistas tentaram resistir à agressão bolchevique. E em setembro de 1918 colocam uma bomba na sede do Partido Bolchevique, que matou grande número de pessoas. Porém a Guerra Civil (1918-1921) trouxe novamente os anarquistas para o front ao lado dos bolcheviques lutando pelo Exército Vermelho contra o Exército Branco apoiado pelas potências capitalistas. Um exército camponês de 25 mil homens, reunido em *Gulyai Polie* e organizado pelo anarquista ucraniano Nestor Mackhno (1889-1935), foi fundamental para a vitória do Exército Vermelho na Guerra Civil. Apesar do crucial apoio militar de Mackhno, os bolcheviques o temiam. Sua fama de gênio militar, sua grande influência sobre os camponeses e os planos para criar uma sociedade libertária assustavam os comandantes da revolução. Com o objetivo de anular sua força e influência, deram-lhe ordens para deslocar seu exército para o front polonês. O líder ucraniano não aceitou tal ordem e o governo bolchevique o declarou fora da lei. O Exército Vermelho recebeu a missão de destruir as tropas de Mackhno, que organizou a resistência, porém foi derrotado definitivamente em 1921. Escapou com vida pelo interior do país, por causa da ajuda dos camponeses e morreu na miséria em Paris no ano de 1935.

Em 23 de março de 1921 eclodiram várias greves operárias no Porto de Kronstadt. Soldados e marinheiros apoiaram os operários. Exigiam liberdade de reunião, de imprensa, de opinião e o fim dos privilégios dos dirigentes bolcheviques. Os bolcheviques

---

<sup>348</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 59.

enviaram o Exército Vermelho, comandado pelo General Tukachevsky, para arrasar os focos de rebeldia e Petrogrado foi bombardeada pela aviação soviética.<sup>349</sup>

Alguns anarquistas russos, estabelecidos nos Estados Unidos da América, retornaram à Rússia para lutar pela revolução soviética. Entre eles estavam Emma Goldman e Alexander Berkman. A morte por fuzilamento da poeta anarquista Fanya Baron os levou a abandonar a Rússia e ambos denunciaram o terror bolchevique.<sup>350</sup>

As denúncias de Emma Goldman e Alexander Berkman foram publicadas no Brasil pelo periódico *A Plebe*.<sup>351</sup> As notícias a respeito do massacre de Kronstadt, em março de 1921, levaram muitos anarquistas no Brasil a se desiludirem com a revolução soviética. O massacre representou o fim da esperança de parte dos anarquistas de diversas partes do mundo na Revolução Bolchevique.<sup>352</sup>

Informações da Rússia chegaram gradativamente ao Brasil. Notícias a respeito da perseguição bolchevique a anarquistas russos chocaram parte dos militantes brasileiros, desmistificando a revolução russa como libertária. O primeiro a criticar a revolução russa e negar seu caráter libertário foi Florentino de Carvalho no jornal *A Plebe* em 1920:

Mas, se, em qualquer parte, um movimento maximalista ou sindicalista se produzir para derrubar a burguesia, ali estarão os anarquistas, certos de que, ao menos, lutarão para destruir as forças reacionárias; e se, finalmente, puderem dar a esses movimentos uma tendência anarquista, ou realizar uma revolução essencialmente libertária, não o deixarão de fazer. Não é verdade que os anarquistas sejam partidários da ditadura, da lei, do Estado. Na Rússia, por exemplo, tanto não estão conformes com a ditadura do proletariado, que chegaram a sustentar, contra os maximalistas, verdadeiras batalhas nas ruas de Petrogrado e Moscou.<sup>353</sup>

## CANELLAS NOVAMENTE NA EUROPA

Quando retornou ao Brasil de sua primeira viagem à Europa, Canellas continuou sua incansável militância no movimento operário. Se dedicou a implantação de Colmeias pelo Brasil. Ao mesmo tempo passou a elaborar um projeto para conhecer a Rússia

<sup>349</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 56-61.

<sup>350</sup> *Ibid.*, p. 60.

<sup>351</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 161.

<sup>352</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 60.

<sup>353</sup> *A Plebe* (20/03/1920).

Soviética. O termo Colmeia se refere à escola libertária dentro do sistema desenvolvido por Sebastien Faure, com objetivo de alfabetizar, ensinar e educar os filhos de operários dentro dos valores anarquistas. Everardo Dias assim registrou o projeto educacional de Canellas:

Retornando ao Brasil, ele dedicou-se algum tempo a querer implantar um núcleo educativo libertário, no sistema Ruche de Sebastien Faure, fazendo conferências e editando brochuras para esse fim.<sup>354</sup>

Em pouco tempo tornar-se-ia o primeiro brasileiro a conhecer o país governado pelos bolcheviques. Canellas visitou vários estados fazendo propaganda do referido sistema de educação libertária. A viagem à Europa e pelo Brasil mostrou-lhe a necessidade de centralizar a organização do combativo movimento operário brasileiro. Entendeu que faltava ao proletariado nacional maior contato com os movimentos operários de outros países. Os brasileiros teriam muito a aprender com a experiência de militantes operários de outros países. Assim como estava acontecendo em diversas partes do mundo, os militantes operários brasileiros estavam empolgados com a Revolução Russa e Canellas passou a elaborar a hipótese de que a Internacional Comunista seria a organização que poderia fazer a ligação entre os movimentos operários de diversos países. Tal concepção não significou uma guinada de Canellas para o marxismo e sim o vislumbre de adaptar o anarquismo ao modelo bolchevique de organização e combate ao capitalismo. Ele deixou em segundo plano o seu projeto de implantação de Colmeias pelo país e de edição de jornais operários, para planejar a viagem para o país dos bolcheviques.<sup>355</sup>

Em setembro de 1920, Canellas viajou pela segunda vez, com poucos recursos, para a França, com o objetivo de conhecer a Rússia bolchevique. Como já vimos, percebeu que seu objetivo não seria facilmente alcançado, pois a Rússia estava mergulhada em uma sangrenta guerra civil. Passou a escrever artigos, sendo que um deles foi publicado pelo *Temps Nouveaux*, o mais conhecido jornal anarquista francês. Utilizou o pseudônimo *Guarany* onde afirmou que o anarquismo era a ideologia que organizava os trabalhadores brasileiros. Ressaltou o papel da imprensa anarquista, destacando os

---

<sup>354</sup> DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1977, p.189.

<sup>355</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 66.

periódicos *Vanguarda* e *Voz do Povo* como importantes veículos da imprensa operária brasileira. Afirmou que os dirigentes operários brasileiros eram simpáticos ao legado bolchevique:

O raciocínio dos libertários é o seguinte: se for possível ir diretamente ao anarco-comunismo, iremos, se for necessário, antes, passar pela ditadura do proletariado, passaremos.”<sup>356</sup>

Tal afirmação nos permite entender a tentativa de Canellas, provavelmente de muitos anarquistas brasileiros, em adaptar o legado bolchevique ao anarquismo que era tão forte entre os operários brasileiros. Em outros documentos produzidos pelo militante libertário, essa confusão doutrinária aparece. No relatório de sua primeira viagem à Europa tentou interpretar o marxismo russo através do seu ponto de vista anarquista:

O bolchevismo é uma fórmula prática de aplicação do socialismo, é uma teoria socialista surgida na prática. Ela é portanto a mais exata de todas as teorias socialistas e a única que pode verdadeiramente tomar o nome de socialismo científico porque, só sendo cientificamente exato o que for praticamente demonstrável, ele o é, visto a sua exatidão, a justeza de seus princípios, estar sendo praticamente demonstrada desde alguns anos. O ponto de origem do bolchevismo, é certo, foi o marxismo, mas o bolchevismo só foi um partido rigorosa marxista até as vésperas do seu triunfo. Depois desse dia ele tem se modificado de tal forma pela influência de outras escolas socialistas, especialmente a anarquista, que o partido bolchevista, hoje, não tem com o de 1905 outras relações além daquelas que lhe advém da tradição. A prática introduziu nas teorias bolchevistas uma infinidade de métodos que elas não preconizavam nem previam antes da revolução.<sup>357</sup>

O pensamento de Antonio Bernardo Canellas a respeito do bolchevismo mostrava a confusão teórica que os anarquistas brasileiros tinham a respeito do marxismo. Ainda no mesmo relatório, Canellas afirmou:

O bolchevismo, pois, não é uma simples teoria, é um conjunto de lições práticas. Dessas lições, o proletariado de cada país deverá aproveitar as que se aplicarem aos seus casos especiais. Que ninguém tenha a pretensão de sustentar que em cada país se possa copiar fielmente o regime russo, por isso é contrário ao próprio materialismo da história. E sobre o bolchevismo russo, eu sou de opinião que, a

<sup>356</sup> Temps Nouveaux, n° 17 (15/11/1920).

<sup>357</sup> CANELLAS, Antonio Bernardo. **Viagem à Europa em missão da Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco, 21 de janeiro a 6 de setembro de 1919**. Pernambuco, 1920, p. 72.

respeito dele, manifestemos a mais viva simpatia e o ajudemos a se aperfeiçoar – ajudando-o a se libertar dos inimigos externos que o atacam e lhe prejudicam o seu livre desenvolvimento.<sup>358</sup>

Curiosamente, o entusiasmo de Canellas com o bolchevismo não desagradou os editores de *Temps Nouveaux*, pois em março de 1921 foi convidado a participar de uma edição comemorativa em homenagem ao famoso anarquista russo Kropotkin que havia falecido no mês anterior em Moscou. Canellas não era um representante do movimento operário brasileiro expressivo. Era um desconhecido internacionalmente, provavelmente foi escolhido por ser um único militante anarquista brasileiro que os editores tiveram acesso naquele momento após a morte do importante anarquista russo. Canellas aproveitou a oportunidade para associar o legado do anarquista russo ao movimento operário no Brasil. Teve o privilégio de ter seu artigo publicado ao lado de Max Nettlau, Pierre Reclus, Elisée Faure, Rudolf Rocker, Errico Malatesta, Romain Rolland e Albert Thomas, os anarquistas mais famosos de seu tempo. Assinou o artigo com seu próprio nome. Assim homenageou Kropotkin:

Entre todos os filósofos da Anarquia, Pedro Kropotkin foi aquele cujas concepções mais largamente penetraram na consciência dos operários do Brasil. Quando a dolorosa notícia do desaparecimento do nosso amigo chegou ao Brasil, estou certo de que o pensamento de todos os explorados que vivem sob o Cruzeiro do Sul voou para a longínqua Moscou, onde morreu o filósofo de *A conquista do pão*. Mas Kropotkin pertencia a plêiade de homens cuja a morte é a consagração da vida, e que morrendo se imortalizam. Ele morreu mas sua obra continua viva e crescerá sempre mais em um futuro que parece muito próximo, resplenderá na glória da Comuna Universal dos Trabalhadores.<sup>359</sup>

Também publicou um artigo na famosa revista francesa *Revue Du Travail* sobre o sindicalismo em Portugal. Nesse artigo defendeu com fervor o bolchevismo. Seu artigo rendeu uma nota do editor da revista, ironizando sua defesa do marxismo russo:

Nosso colaborador, um bom e sincero sindicalista, é um bolchevique apaixonado, que não esconde a sua admiração pela ditadura do proletariado. Treme de alegria à ideia de que a CGT portuguesa possa impor a todo país a censura de Moscou. Assim, só um homem teria nas mãos e de maneira absoluta o direito de imprensa,

---

<sup>358</sup> Ibid., p. 74 e 75.

<sup>359</sup> Temps Nouveaux, n° 19 a 21, numéro special consacré a Pierre Kropotkine, mars 1921.

de liberdade de opinião e pensamento. Mas o que nos interessa ao publicar este artigo é o esforço do proletariado português por constituir a república.<sup>360</sup>

É notório que o editor da revista francesa tinha informações mais claras do que os brasileiros, sobre o que estava acontecendo na Rússia. Canellas deu prosseguimento ao seu projeto de conhecer o país marxista e se apresentou ao Partido Comunista Francês com o intuito de conseguir emprego como linotipista em Moscou. Seria a chance de conhecer o país dos soviets. Provavelmente não foi aceito por causa da sua participação em duas publicações que não eram marxistas. Solicitou que seu caso fosse examinado por Pierre Monatte e Alfred Rosmer, dois dirigentes do PCF que eram oriundos do sindicalismo revolucionário e haviam militado no anarquismo. Os dois afirmaram que ficaram satisfeitos com as respostas de Canellas e que não se opunham à sua contratação, porém as vagas não existiam mais em Moscou.<sup>361</sup>

## **PARTIDO OPERÁRIO NO BRASIL**

No Brasil as notícias de que alguns líderes operários, influenciados pela revolução bolchevique estavam dispostos a organizar os trabalhadores através de partidos operários estavam circulando. A Comissão Executiva do Terceiro Congresso afirmou que esse tipo de organização proletária dividiria os trabalhadores, envolvendo-os em intrigas eleitorais e podendo desvirtuar o proletariado de revolução social. Parte dos militantes de algumas organizações anarquistas no Brasil e socialistas pelo mundo estava dividida em relação ao legado bolchevique. Frações de entusiastas do legado bolchevique, de vários países, estavam dispostos a aderir ao marxismo como a ferramenta para acabar com o capitalismo.

Em setembro de 1920 Florentino de Carvalho denunciou que alguns anarquistas do Rio de Janeiro estavam planejando criar um partido maximalista, com o objetivo de substituir o Estado burguês pelo Estado bolchevique através de eleições. Afirmou que dispunha de documentos que comprovavam que o governo soviético era contrário aos ideais anarquistas. Afirmou que o governo bolchevique se opunha aos princípios anarquistas. Pois os anarquistas deveriam derrubar o capitalismo para criar uma sociedade

---

<sup>360</sup> Revue Du Travail, n° 4, ano 1921, coleção do Institut d'Histoire Sociale.

<sup>361</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 66-69.

livre, sem classes sociais, onde os trabalhadores controlariam diretamente os meios de produção e não uma ditadura do proletariado. Florentino afirmou que a intenção de militantes operários do Rio de Janeiro dispostos a criar um partido maximalista iria contra os ideais libertários e uma traição ao objetivo de emancipação humana.<sup>362</sup>

Até esse momento Florentino de Carvalho foi um dos poucos anarquistas brasileiros a refutar a Rússia bolchevique. Porém Enrrico Malatesta também se posicionou contra o regime bolchevique em uma entrevista para o jornal *El Libertário*, de Buenos Aires. Essa entrevista foi reproduzida no periódico *A Plebe*. O anarquista italiano afirmou que os marxistas “pretendem construir um governo forte, centralizado, despótico.”<sup>363</sup>

Gradativamente parte dos anarquistas brasileiros começou a se distanciar do bolchevismo. Em 27 de novembro de 1920 o jornal *A Plebe* publicou artigos contrários ao bolchevismo, como o intitulado “*Pela Revolução Anarquista contra a Burguesia e contra o Bolchevismo*”<sup>364</sup>. Os editores do jornal afirmaram nesse número que o apoio dado pelos anarquistas russos aos bolcheviques havia levado à confusão entre anarquismo e bolchevismo, porém os anarquistas estavam percebendo essa confusão. Para boa parte dos militantes libertários a revolução soviética estava deixando de ser encarada como uma conquista do proletariado e passando a ser encarada como a constituição de uma ditadura.<sup>365</sup> No periódico *A Plebe* Manuel Campos criticou os ex-anarquistas que estavam se aproximando do marxismo:

Os homens podem perverter-se, mas as ideias permanecem. Aos anarquistas de ontem, hoje políticos, damos os nossos sinceros pêsames; eles se suicidaram, cuspiendo sobre um passado de lutas e de glórias.<sup>366</sup>

Everardo Dias se sentiu atingido pelo artigo de Manuel Campos e publicou um tipo de resposta na *Voz do Povo*, depois reproduzido em *A Plebe*, em que afirmava ser anarquista, porém considerava positiva uma ditadura do proletariado transitória, pois seria necessária a disciplina, orientação e organização dos operários. Octávio Brandão, que

---

<sup>362</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 133 e 134.

<sup>363</sup> *A Plebe* (13/11/1920).

<sup>364</sup> *A Plebe* (27/11/1920).

<sup>365</sup> *A Plebe* (27/11/1920).

<sup>366</sup> *A Plebe* (23/10/1920).

trabalhava como farmacêutico no Rio de Janeiro, se referiu a Lênin como um “truão” e Trotsky de “tarimbeiro”.<sup>367</sup> Astrojildo Pereira afirmou que continuava anarquista no jornal *Voz do Povo*:

Continuo e mantenho-me intransigente no meu ponto de vista libertário, e combatarei com todas as minhas forças as tendências oportunistas, moderadas, parlamentares que alguns camaradas pretendem imprimir à ação proletária.<sup>368</sup>

Antes de ser atingido pela repressão, ser preso e deportado, Manuel Campos continuou seu ataque contra os bolcheviques em *A Plebe*:

Se o governo de Lênin ordena o desarme de todos os anarquistas, se procura abafar no fundo dos cárceres, ou com uma carga de chumbo, a voz dos sedentos de justiça, nós declaramos guerra a mais esse inimigo... Avante, pois pela Anarquia!<sup>369</sup>

O poeta operário Lírio Resende foi um dos primeiros anarquistas a se posicionar contra o bolchevismo de forma poética. O periódico *A Plebe* publicou o seu poema:

Cheio de autoritarismo,  
anda o mundo há dez mil anos!...  
sou contra o maximalismo  
que incensa novos tiranos,  
propago o bem, o Anarquismo,  
meta dos ideais humanos!<sup>370</sup>

A partir de 1921 os periódicos operários *A Vanguarda* e *A Plebe* deixaram de lado os ataques à Revolução Bolchevique. Edgard Leuenroth concluiu que os ataques entre anarquistas e os antigos militantes libertários que apoiavam o bolchevismo seriam prejudiciais à classe operária. Os editores de *A Vanguarda* entenderam que era melhor

---

<sup>367</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 134.

<sup>368</sup> *Voz do Povo* (05/11/1920).

<sup>369</sup> *A Plebe* (11/12/1920).

<sup>370</sup> *A Plebe* (15/04/1922).

constituir uma frente fortalecida contra a burguesia. Assim se aproximaram da Revolução Soviética. Em *A Vanguarda* os artigos libertários foram cedendo espaço para aqueles escritos sobre a realidade na Rússia. Em *A Plebe*, Astrojildo Pereira escreveu artigos chamando a atenção para a necessidade de análises dos erros cometidos pelo movimento operário brasileiro, organizado pelo sindicalismo revolucionário. Essa postura nos permite afirmar que Astrojildo estaria vislumbrando a possibilidade dos trabalhadores brasileiros se organizarem através de organismos centralizados e disciplinados seguindo o modelo bolchevique. Pois os revolucionários marxistas russos teriam comprovado a eficácia desse método de luta contra a burguesia na Rússia.<sup>371</sup> No livro *Formação do PCB* Astrojildo Pereira afirmou:

O que não se sabia ao certo é que os comunistas que se achavam à frente da Revolução Russa eram marxistas e não anarquistas. Só mais tarde estas diferenças se esclareceram, produzindo-se então a ruptura entre os anarquistas ditos ‘puros’ e ‘intransigentes’, que passaram a fazer críticas e restrições aos comunistas russos, chegando por fim à luta aberta contra o Estado soviético, e os anarquistas que permaneciam fiéis à classe operária, os quais chegariam finalmente a compreender que no marxismo é que se encontra a definição teórica justa da ideologia do proletariado. E estes últimos é que viriam a fundar, em 1922, o verdadeiro Partido Comunista do Brasil.<sup>372</sup>

## **FORMAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL**

A possibilidade real do proletariado alcançar o poder através do legado bolchevique e novas possibilidades de mobilização operária proporcionadas pela criação de um partido comunista realmente marxista levou um grupo de antigos militantes anarquistas a questionar os métodos do sindicalismo revolucionário. A atuação anarquista dentro de sindicatos com um satisfatório nível de organização abriu a possibilidade do desenvolvimento de perspectivas de mobilização operária centralizada e disciplinada.

Dentro desse contexto de intensa militância através do sindicalismo revolucionário à luz do rico legado da Revolução Russa houve uma mudança enfática da concepção ideológica de muitos militantes libertários. Era louvável o surgimento de um governo que havia extinguido as relações de produção capitalistas, no qual os operários

---

<sup>371</sup> DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 136 e 137.

<sup>372</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p.72.

estavam no poder. Muitos militantes ficaram entusiasmados com o fértil legado da revolução bolchevique. Militantes operários adeptos do bolchevismo surgiram em diversas partes do mundo e no Brasil não foi diferente.

Na segunda metade de 1921 uma catástrofe natural levou a seca para dez férteis províncias russas. Fato que levou os admiradores da revolução de todo o mundo a criar uma rede internacional de ajuda aos russos. No Brasil foi criado um Comitê de Socorro aos Flagelados Russos, do qual Astrojildo Pereira foi secretário. O jornal da entidade se chamava *Solidariedade*. Só teve um número e nele tinha um artigo de Antonio Bernardo Canellas redigido em Paris conclamando os brasileiros a ajudar a Rússia bolchevique. Mesmo com as divergências entre os anarquistas e os neófitos do marxismo, alguns libertários participaram da campanha de socorro ao país eslavo. O médico anarquista Fábio Luz assumiu o posto de tesoureiro do Comitê. Astrojildo Pereira organizou uma reunião do Comitê de Socorro aos Flagelados Russos na sede da União dos Empregados em Padarias, no Rio de Janeiro, com o objetivo de arrecadar donativos. José Oiticica e outros anarquistas também prestaram ajuda, porém marcaram posição: “... já não nos iludíamos com Lênin, Trotski, e outros ‘revolucionários’ dessa espécie”.<sup>373</sup>

Ao retornar dias depois à União dos Empregados em Padarias, Oiticica encontrou Astrojildo reunido a vários operários. José Elias da Silva perguntou a Astrojildo se não seria melhor contar a Oiticica o motivo daquela reunião e Astrojildo concordou. José Elias, na sua linguagem de homem simples, afirmou “Oiticica, conosco agora é na exata.” O velho professor se retirou indignado, entendendo a situação como uma postura oportunista de Astrojildo Pereira nas associações operárias para assediar operários para o bolchevismo.<sup>374</sup> Desde a metade do ano de 1921 que Astrojildo Pereira estava organizando várias reuniões entre os militantes operários, com o intuito de criar grupos comunistas. Segundo Astrojildo Pereira:

As grandes greves e agitações de massa do período 1917-1920 puseram a nu a incapacidade teórica, política e orgânica do anarquismo para resolver os problemas da direção de um movimento revolucionário de envergadura histórica, quando a situação objetiva do país, (em conexão com a situação mundial criada pela guerra imperialista de 1914-1918 e pela vitória da revolução operária e camponesa na Rússia) abriu perspectivas favoráveis a radicais transformações na ordem política e social dominante. A constatação desse fato – resultante de um

---

<sup>373</sup> Ação Direta n° 10, março de 1957.

<sup>374</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 142.

processo estratégico e a bem dizer instintivo de autocrítica, que se acentuou principalmente durante a segunda metade de 1921, sob a forma de acaloradas discussões nos sindicatos operários – é que levou diretamente à organização dos primeiros grupos comunistas, que se constituíram como passo inicial para a fundação do Partido Comunista.<sup>375</sup>

Precisamos analisar se realmente o anarquismo estava dando claros sinais de declínio e de incapacidade teórica na organização do movimento operário, ou se uma parte de militantes anarquistas vislumbrou a promissora possibilidade de organizar o proletariado nacional através do método bolchevique. A afirmação de incapacidade do anarquismo em mobilizar os trabalhadores brasileiros não tem fundamento se analisarmos as diversas documentações a esse respeito. Era notória a força da ideologia anarquista na organização e mobilização do movimento operário brasileiro, chegando ao ponto de serem planejadas insurreições anarquistas com o objetivo de tomar o poder no Distrito Federal. Como explicar a mobilização, quantidade e a força das greves gerais organizadas pelo sindicalismo revolucionário? Por que as autoridades precisaram recrudescer a repressão contra essas organizações operárias, criando novas leis e transformando a legislação, com o intuito de acabar com a influência anarquista dentro do movimento operário? O próprio Astrojildo Pereira reconheceu a força do sindicalismo revolucionário na mobilização do movimento operário nos últimos anos da década de 1920:

Em 1918, 1919, 1920, no Rio, de novo em São Paulo, em Santos, Porto Alegre, Bahia, Pernambuco, Juiz de Fora, Petrópolis, Niterói e outras cidades de norte a sul do país, as greves operárias se alastravam com ímpeto avassalador.<sup>376</sup>

Em 7 de novembro de 1921, no Centro Cosmopolita, Astrojildo Pereira ao lado de 11 militantes criou o Grupo Comunista do Rio de Janeiro. Foram seus fundadores Sebastião Figueiredo, Antônio Branco, Luís Peres, Manuel Abril, Olgier Lacerda, Antônio de Carvalho, João Valentim Argolo, José Alvez Diniz, Antônio Cruz Júnior, Aurélio Durães, Francisco Ferreira e Astrojildo Pereira. O principal objetivo do grupo era defender o programa da Internacional Comunista. Astrojildo concentrou seus esforços para encontrar outros grupos proletários pelo país que se identificassem com o marxismo,

<sup>375</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p.55-56.

<sup>376</sup> *Ibid.*, p.53.

recomendando que se transformassem em grupos comunistas e aceitassem as 21 cláusulas impostas pela Internacional.

Astrojildo Pereira organizou um quadro demonstrativo da trajetória do processo que culminou na fundação do PCB, em *Dados para a história do PCB*:<sup>377</sup>

- Antecedentes imediatos. Influência anarquista, anarcossindicalista.
- Guerra 1914-1918.
- Revolução Russa 17 (metalúrgicos: classe (operária) 1/5/29).
- Ascensão do movimento operário. Greves 17, 18, 19, 20.
- 1920: declínio. A reação.
- 1921 – Falência, bancarrota do anarcossindicalismo.
- Discussões, divergências.
- Cisão.
- O Grupo C(omunista). 7/11/21.<sup>378</sup>

No início de 1922 surgiram grupos comunistas em Recife, Juiz de Fora e Cruzeiro (São Paulo). Em Recife o grupo comunista foi organizado por Cristiano Cordeiro, em 1º de janeiro de 1922. Reuniu mais de 30 operários em sua casa e todos aprovaram as 21 cláusulas. Em São Paulo Astrojildo encontrou dificuldades, pois somente seis pessoas atenderam à sua convocação. Em Porto Alegre a conhecida a União Maximalista de Abílio Nequete, considerada a primeira organização bolchevista do Brasil, foi convidada por Astrojildo a mudar sua nomenclatura para Grupo Comunista de Porto Alegre.<sup>379</sup>

Em janeiro de 1922 o Grupo Comunista do Rio lançou a revista *Movimento Comunista*. Em seu primeiro número foram publicados artigos libertários de Oiticica e Octávio Brandão. Seus editores apresentaram a revista como órgão dos grupos comunistas do Brasil com o objetivo de propagar o programa da Internacional Comunista. Seus editores enfatizaram a necessidade da organização partidária proletária e a necessidade de centralização dos métodos de organização do movimento operário.

---

<sup>377</sup> Ibid., p. 92.

<sup>378</sup> Arquivo Astrojildo Pereira, 1932. in CARONE, Edgard. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo: Editora Ática, 1989, p.92.

<sup>379</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 142-144.

Com referência à organização partidária, desejamos e preconizamos a união, solidamente baseada num mesmo programa ideológico, estratégico e tático, das camadas mais conscientes do proletariado. As experiências próprias e alheias nos aconselham unidade e concentração de esforços e energias, tendo em vista coordenar, sistematizar, metodizar a propaganda, a organização e a ação do proletariado.<sup>380</sup>

Astrojildo Pereira passou a concentrar seus esforços na preparação de um congresso que reunisse os grupos comunistas que surgiram pelo país com o objetivo de criação de um partido comunista centralizado a nível nacional.

Simultaneamente, os comunistas sustentavam campanha ideológica de esclarecimento e definição de princípios, em luta aberta e cerrada contra a ideologia anarquista até então predominante.<sup>381</sup>

Em fevereiro de 1922 o Grupo Comunista de Porto Alegre entrou em contato com o Grupo Comunista do Rio de Janeiro por causa da necessidade de realizar o mais rápido possível um congresso de fundação de um partido comunista no Brasil. Pois poderiam participar do Quarto Congresso da Internacional Comunista, que seria realizado em julho daquele ano. Em seu livro *Formação do PCB*, Astrojildo Pereira afirmou que: “O Congresso de fundação do partido não foi coisa realizada de improviso, mas resultou de um trabalho de preparação que durou cerca de cinco meses...”<sup>382</sup>

Em 16 de março a União dos Operários em Construção Civil publicou um documento em oposição ao Grupo Comunista, refutando o bolchevismo e afirmando a incompatibilidade entre libertários e os “comunistas de estado”. Provavelmente o documento teve a participação de Domingo Passos. Durante toda a década de 1920, os militantes libertários da Construção Civil foram opositores ferrenhos do bolchevismo.<sup>383</sup>

O congresso de fundação do partido comunista foi marcado para os dias 25, 26 e 27 de março. O Partido Comunista do Brasil (PCB) foi fundado em 25 de Março de 1922. Inicialmente o congresso ocorreu no Rio de Janeiro, no dia 25, na sede da União Operária do Distrito Federal. Compareceram nove delegados entre intelectuais, operários, estrangeiros e brasileiros. Os sete delegados brasileiros eram Astrogildo Pereira,

<sup>380</sup> Movimento Comunista. Janeiro de 1922.

<sup>381</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p.80.

<sup>382</sup> Ibid., p.79.

<sup>383</sup> SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. **Domingos Passos: o Bakunin brasileiro**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009, p. 6.

jornalista do Rio de Janeiro, Cristiano Cordeiro, contador do Recife, Hermogênio Silva, eletricitista e ferroviário de Cruzeiro (SP), João da Costa Pimenta, gráfico em São Paulo, Joaquim Barbosa, alfaiate no Rio de Janeiro, José Elias da Silva, sapateiro pernambucano, e Luís Peres, vassoureiro do Rio de Janeiro. Os dois delegados estrangeiros eram o libanês Abílio Nequete, barbeiro e o espanhol Manuel Cendon, alfaiate<sup>384</sup>.

Segundo o testemunho de O. Brandão, um dos líderes dos sindicalistas revolucionários, no começo procuraram conciliar as ideias do marxismo com as do anarquismo, traçando entre elas algo próximo de uma linha mediana. (...) O. Brandão disse posteriormente que como resultado deslinde ideológico em um pólo estava o grupo de anarquistas ‘puros’, enquanto no outro se concentrava o grupo de partidários do bolchevismo (...).<sup>385</sup>

Os grupos comunistas de Porto Alegre, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro, Cruzeiro (SP) e Niterói foram representados pelos nove delegados presentes no congresso de fundação. Os grupos comunistas de Santos e de Juiz de Fora não puderam enviar seus representantes. Abílio Nequete representou o Grupo Comunista do Rio Grande do Sul, o Partido Comunista do Uruguai e a Agência de Propaganda para a América do Sul da Terceira Internacional. Segundo a revista *Movimento Comunista* o Grupo Comunista do Rio de Janeiro estava:

Da troca de correspondência do Grupo Comunista do Rio com os diversos centros obreiros do país surgiram desde logo outros grupos congêneres nas seguintes localidades: Recife, Juiz de Fora, Cruzeiro. Isso, além da antiga União Maximalista de Porto Alegre, transformada em Grupo Comunista, em concordância com o Grupo do Rio. Noutras muitas cidades do interior do país, vários elementos revolucionários, embora esparsos, se manifestaram de acordo com a obra do Grupo. Este último ia, ao mesmo tempo, criando raízes no Rio, conquistando pouco a pouco a adesão dos militantes dos melhores, mais conhecidos sindicatos revolucionários. Assim, os doze iniciadores do grupo se foram multiplicando, semana a semana, contando já, por ocasião da abertura do Congresso, com 70 aderentes seguros, selecionados entre os trabalhadores conscientes, mais ativos e mais influentes em nosso meio.<sup>386</sup>

<sup>384</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 147.

<sup>385</sup> KOVAL, Boris. **A Grande Revolução de Outubro e a América Latina**. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1980, p. 154 e 155.

<sup>386</sup> *Movimento Comunista*. Junho de 1922.

No dia 25 de março ocorreu a primeira seção do Congresso Constituinte do Partido Comunista do Brasil. Astrojildo Pereira achou melhor transferir as outras seções do Congresso para Niterói, por causa da intensa repressão governamental. As seções seguintes foram realizadas em Niterói, na rua Rio Branco 651, casa de parentes de Astrojildo Pereira, nos dias 26 e 27. Duas seções foram realizadas no dia 26 e outras duas no dia 27. Durante as seções foram aprovadas das 21 condições impostas para a admissão do partido à Internacional Comunista, os estatutos do Partido Comunista Argentino serviram de modelo para a elaboração dos estatutos do PCB, eleita a Comissão Central Executiva, aprovada a ajuda aos flagelados do Volga, entre outros assuntos.

Nos Estatutos aprovados pelo congresso precisava-se que o Partido Comunista do Brasil tem por objetivo promover o entendimento, ação internacional dos trabalhadores e a organização política do proletariado como partido de classe, para a conquista do poder e a transformação política e econômica consequente da sociedade capitalista em uma sociedade comunista.<sup>387</sup>

Foi aprovado que a revista *Movimento Comunista* seria o veículo oficial de propaganda do partido. Foram publicados 24 fascículos, 13 datados de 1922 e 11 datados de 1923. O último número de *Movimento Comunista* foi em 10 de junho de 1923.<sup>388</sup>

Um problema com que o PCB se defrontou foi a impossibilidade de doutrinar os militantes comunistas através de literaturas marxistas. Não existiam livros dos principais autores marxistas traduzidos para o português no Brasil. Apoiar a Revolução Bolchevique, aceitar os 21 pontos impostos pela Internacional Comunista, vislumbrar novos paradigmas de mobilização operária, distintos daqueles do sindicalismo revolucionário não bastava para criar um movimento operário organizado através da militância marxista. Era preciso conhecer a doutrina de Karl Marx e Friederich Engels. Astrojildo Pereira possuía alguns livros de autores marxistas na língua francesa: *O Manifesto Comunista*, *Terrorisme – Communisme*, de Trotsky, *Chez Lenine et Trotsky*, de A. Morizet, trabalhos de Lênin. Livros com alguma importância, porém não ajudavam muito as pessoas que não tivessem o domínio da língua francesa.<sup>389</sup> Outros livros

<sup>387</sup> KOVAL, Boris. **A Grande Revolução de Outubro e a América Latina**. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1980, p. 159.

<sup>388</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p.84.

<sup>389</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 150.

importantes de Marx vão demorar décadas para serem traduzidos integralmente para o português e editados no Brasil, como foi o caso de *O Capital*. Porém mesmo com essa carência, os fundadores do PCB entenderam que o partido precisava ser criado naquele momento. Edgard Carone assim interpretou o surgimento do PCB:

A fundação do Partido Comunista é acontecimento *sui generis* no movimento operário. Pela primeira vez tenta-se superar, com novo arcabouço de organização e nova formulação ideológica, os limites do passado. Abandona-se a ideia do espontaneísmo, da adesão livre e sem obrigações partidárias rígidas, para a defesa de um objetivo cuja realização está estruturalmente ligada a um partido, que é rigorosamente disciplinado e é posto em ação monoliticamente.<sup>390</sup>

O Estado de Sítio, decretado em 5 de julho, pelo presidente Epitácio Pessoa, após movimento tenentista do Forte de Copacabana, forneceu os meios necessários para o governo promover uma repressão implacável e atingir o movimento operário. Apenas 15 dias após sua fundação, o PCB foi colocado na ilegalidade e experimentou a clandestinidade que iria acompanhar o partido por muitos anos. Inicialmente a sede do partido estava localizada no Distrito Federal em uma pequena sala na Praça da República, nº 40, esquina da rua da Constituição, mas foi fechada rapidamente devido à repressão.<sup>391</sup>

Três dos fundadores do PCB haviam sido companheiros de Canellas durante sua militância anarquista no movimento operário: Astrojildo Pereira, José Elias da Silva e Cristiano Cordeiro. Mesmo ausente, pois estava em Paris, Canellas foi votado como dirigente do partido ao ser eleito para a Comissão Central Executiva. Por sugestão de Astrojildo Pereira foi indicado para representar o PCB no IV Congresso da Internacional Comunista e reivindicar a entrada do partido na organização. Provavelmente foi escolhido representante do partido no referido congresso da IC por já estar na Europa. Antonio Bernardo Canellas recebeu a notícia em Paris com alegria e pouco tempo depois passou a enviar os primeiros artigos para a revista *Movimento Comunista*. Os artigos enviados por Canellas continham ataques aos anarquistas, principalmente a Kropotkin, Malatesta, Jean Grave, Emma Goldman e Alexander Berkman.<sup>392</sup>

---

<sup>390</sup> CARONE, Edgard. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo: Editora Ática, 1989, p.93.

<sup>391</sup> <sup>391</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p.84.

<sup>392</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 70 e 71.

Em abril foi publicado um artigo de Canellas em *Movimento Comunista* criticando a postura de importantes anarquistas em relação a Primeira Guerra Mundial:

No começo da guerra, dezenas de milhares de anarquistas correram, a alistar-se porque Malato, Grave e Kropotkin disseram que se fossem moços assim fariam. Esses desventurados seguiram os conselhos dos intervencionistas como as meninas seguem a moda. E hoje em dia o mesmo se observa com relação a Revolução Social na Rússia.<sup>393</sup>

Os redatores de *A Plebe* responderam aos ataques de Canellas afirmando que se ele tivesse conhecido a Rússia teria voltado desolado com o que testemunharia, fato que aconteceria com todos aqueles que visitassem a Rússia Bolchevique.<sup>394</sup>

Em junho e julho *Movimento Comunista* publicou outros dois artigos de Canellas criticando os anarquistas. Um sobre o caso de Jean Grave, que lutou no conflito mundial, afirmando que sua postura prejudicou a campanha pacifista. No outro artigo Canellas criticou a postura dos anarquistas russos Emma Goldman e Alexander Berkman.

Goldman, Berkman e centenas de outros anarquistas, nos começos de 1920, foram pelo governo norte-americano, postos a bordo dum navio e expulsos para a Rússia. Os operários e camponeses russos, como é natural, acolheram entusiasticamente esses hóspedes. Uns entraram na administração dos soviets, outros empregaram-se na agricultura e na indústria, mas Emma Goldman e Alexander Bekman entenderam que a sua situação de *leaders* lhes dava direto a uma posição privilegiada. Esse cidadão e essa cidadã (...), pretendiam nem mais nem menos, arvorar-se, na Rússia, em mentores do movimento social de 140 milhões de operários e camponeses. Que ou se faria o que eles queriam ou eles combateriam a Revolução. O operariado russo, é claro, mandou-os à tábua. Que fossem dar ordens na casa do diabo!...”<sup>395</sup>

O jornal *A Plebe* novamente rebateu os ataques de Canellas aos anarquistas russos. Afirmou que Emma Goldman e Alexandre Berkman nunca almejaram trabalhar para os bolcheviques.<sup>396</sup>

---

<sup>393</sup> Movimento Comunista. Abril de 1922.

<sup>394</sup> A Plebe (15/04/1922).

<sup>395</sup> Movimento Comunista. Junho de 1922.

<sup>396</sup> A Plebe (16/08/1922).

A notícia de fundação do PCB não foi bem recebida pelos líderes anarquistas do movimento operário. O médico Fábio Luz se posicionou da seguinte maneira:

Os anarquistas que aderiram ao bolchevismo tinham as mesmas e firmes convicções que os atuais partidários da autoridade e da ditadura no Rio de Janeiro; e, até bem poucos dias atrás, ainda teimavam em se dizer anarquistas; eram o que Lênin muito bem denominou rabanetes – vermelhos por fora e branquinhos por dentro. Boas ovelhas para pastorear.<sup>397</sup>

Outro que não aceitou a criação do Partido Comunista do Brasil foi Octávio Brandão. Em um artigo publicado no periódico a *Voz do Povo*: “Bolchevistas, deixai em paz os anarquistas. Quem assim vos fala continua na mesma atitude. Não aderi aos bolchevistas. Não concordo com a ditadura”.<sup>398</sup> Até meados de 1922 era um crítico ferrenho do bolchevismo. Mostrou toda a sua ferrenha oposição a Lênin em um artigo publicado em a *Voz do Povo*, em que dizia:

Certamente os que me conhecem não confundirão meu antileninismo com o dos literatos burgueses, pagos a tanto por linha, para escrever descomposturas contra o mongol marxista. Há uma profunda diferença: eles atacam Lênin por ser um revolucionário; eu o combato por julga-lo um revolucionário *manqué*.<sup>399</sup>

Em apenas seis meses, Octávio Brandão se declarou comunista em uma carta enviada ao PCB, datada de 15 de outubro de 1922. Para ingressar no partido precisou assinar um documento em que aceitava as 21 condições da Internacional Comunista. Rapidamente se tornou um dos seus principais dirigentes. Astrojildo Pereira afirmou que Brandão era um homem que valia por dez. Antes da conversão de Brandão ao bolchevismo, era amigo do professor Oiticica desde que se conheceram em Alagoas. Oiticica lamentou que o amigo tenha se transformado em um apologeta do marxismo. Acreditou que a causa da mudança repentina de Brandão tinha sido causada pela atitude artilosa e desprovida de ética de Astrojildo Pereira, que ficava assediando anarquistas para atraí-los para o marxismo. Afirmou que a aproximação ao marxismo mudou até mesmo a personalidade do amigo. Enquanto militante anarquista, Brandão era o senhor

---

<sup>397</sup> A Plebe (12/08/1922).

<sup>398</sup> *Voz do Povo*. Apud. RODRIGUES, Edgard. **Novos rumos**. Rio de Janeiro: Ed. Mundo Livre, 1979, p. 109.

<sup>399</sup> *Voz do Povo* (26/10/1920).

do seu destino, não se submetia ao mando de ninguém, depois de seu ingresso na militância marxista se tornou servil ao partido, às imposições de cima e passou a dar ordens para os subordinados. Octávio Brandão chegou a mandar seus livros e artigos para Lênin.<sup>400</sup>

Em 1923 Octávio Brandão, neófito do marxismo, traduziu o *Manifesto Comunista* para o português. Foi a primeira tradução de um livro de Marx para a língua portuguesa. O clássico livro marxista se tornou acessível para os brasileiros 75 anos depois de lançado na Europa. Em 1924 publicou *Rússia Proletária* e em 1926 escreveu o livro *Agrarismo e industrialismo* no qual se esforçou para analisar a formação histórica e a realidade brasileira através do materialismo histórico.<sup>401</sup>

Assim como Astrojildo Pereira, Octávio Brandão tornou-se adversário ideológico de seu antigo amigo José Oiticica. Mesmo a idade avançada de Oiticica, em 1957, não impediu que Brandão o detratasse, como se esquecesse de sua própria militância no anarquismo, de sua longa amizade com o velho mestre libertário<sup>402</sup> e de ter sido prefaciado por Oiticica em seu primeiro livro *Cannaes e Lagoas*.

Um fator que deve ser levado em consideração para entendermos algumas conversões de anarquistas brasileiros ao marxismo pode ter sido também a insatisfação desses militantes com as tentativas frustradas de derrubada do capitalismo através das greves gerais e insurreições do sindicalismo revolucionário. Os marxistas russos haviam conquistado o poder na Rússia e os anarquistas não conseguiram o mesmo êxito. Mas não concordo com a ideia de declínio do anarquismo dentro do movimento operário. As mobilizações operárias, greves gerais, tentativas de revoluções que se sucederam de 1917 até 1921 mostram a força da ideologia libertária, mesmo em longos períodos de intensa repressão e estados de sítios.

O governo aproveitou a repressão que se seguiu à revolta dos tenentes do Forte de Copacabana para atacar o movimento operário. Um dos alvos preferenciais das autoridades foi a UOCC de Domingos Passos. Seu jornal *O Trabalho* foi fechado e a

---

<sup>400</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 151.

<sup>401</sup> FILHO, Evaristo de Moraes. A proto-história do marxismo no Brasil. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **História do marxismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991, p. 48 e 49.

<sup>402</sup> OITICICA, José. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Econômica, 1983, p. 5.

perseguição contra o “Bakunin brasileiro” era constante e implacável. Temendo prejudicar os trabalhos da UOCC, Passos afastou-se da Comissão Executiva, órgão dirigente da entidade, passou a se dedicar ao trabalho de organização federativa e colaboração com sindicatos de resistência. No ano seguinte passou algum tempo no Paraná e se tornou um dos principais articuladores da refundação da Federação Operária do Rio de Janeiro, já que a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro estava agonizando, sob influência dos bolchevistas e chegando ao ponto de se associar a sindicatos colaboracionistas e instituições reformistas como a Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira. As divergências entre anarquistas e comunistas resultaram na criação de uma nova federação operária que representasse os sindicatos revolucionários. Os comunistas acreditavam que a criação de uma nova federação iria trazer uma nova divisão entre os trabalhadores, era necessário que os operários se organizassem e se unissem em torno da FTRJ. Uma situação cômoda pois os comunistas estavam à frente da referida federação.

Em agosto de 1923 os anarquistas criaram a “Comissão Reorganizadora da Federação Local” com o intuito de pavimentar o caminho para o surgimento de uma nova federação operária. As associações operárias foram convocadas para uma assembleia onde seriam debatidos os termos para a criação da nova Federação. A Federação Operária do Rio de Janeiro foi novamente criada em 19 de agosto de 1923. Seria organizada de acordo com os princípios do sindicalismo revolucionário.<sup>403</sup>

Quando a FORJ foi refundada Domingos Passos foi eleito para o Comitê Federal. A FORJ foi refundada por seis importantes associações operárias: Construção Civil, Sapateiros, Tanoeiros, Carpinteiros Navais, Gastronômicos e Sindicato de Ofícios Vários de Marechal Hermes. Em 1924 recebeu a adesão de outras cinco importantes associações de resistência. Foram elas: Fundidores, Ladrilheiros, Ferradores, Metalúrgicos e Operários em Pedreiras. Mesmo com a intensa repressão governamental e o assédio do PCB, o sindicalismo revolucionário continuava com forte atuação entre o proletariado nacional através da atuação da FORJ. Em julho de 1924 a repressão governamental contra o proletariado organizado foi ainda mais agressiva, no rastro às novas revoltas tenentistas. As sedes sindicais foram invadidas, fechadas e destruídas. Centenas de militantes

---

<sup>403</sup> SAMIS, Alexandre. Anarquismo, “bolchevismo e a crise do sindicalismo revolucionário. In **História do anarquismo no Brasil. (Volume2)**. Rio de Janeiro: achiamé, 2009, p. 44.

anarquistas foram presos e os estrangeiros deportados. Domingos Passos passou 20 dias de intenso sofrimento na Polícia Central e depois ficou encarcerado durante três meses no navio prisão Campos, atracado na Baía de Guanabara. Foram dias de intenso sofrimento e constrangimentos. Foi transferido para o navio Comandante Vasconcelos, onde passou por mais 22 dias de torturas e depois foi enviado para a Colônia Agrícola da Clevelândia, localizada no Amapá, também conhecida como Inferno Verde. Depois de meses aprisionado na Clevelândia, onde contraiu algumas doenças tropicais, conseguiu fugir para a Guiana, dali retornou ao Brasil chegando na cidade de Belém, onde o proletariado o ajudou a retornar para o Distrito Federal. Continuou a militar no movimento operário através do sindicalismo revolucionário. Nos últimos anos da década de 1920 foi preso novamente. Os militantes anarquistas presos passavam por diversos suplícios em seus encarceramentos, muitos chegavam a falecer devido aos maus tratos e péssimas condições de sobrevivência. Depois de prisões e torturas, Domingos Passos foi colocado em um trem para desaparecer nas matas da região do Paraná. Sua militância e constantes prisões representam a intensidade da militância anarquista através do sindicalismo revolucionário, inclusive na terceira década do século XX e a violenta repressão governamental com o objetivo de extinguir definitivamente a militância libertária.<sup>404</sup>

Logo no início de sua existência, o PCB passou uma cisão interna. O primeiro secretário geral do partido foi Abílio Nequete. Assim que ingressou no partido, Octávio Brandão disparou suas munções contra o dirigente libanês. Afirmou que Nequete menosprezava e humilhava os militantes comunistas devido suas origens anarquistas e por causa da falta de domínio das ideias marxistas. Perguntava se eles haviam lido Lênin. Brandão acusava a diminuta contribuição da organização gaúcha no movimento operário. Saliava que a organização era tão inexpressiva que não chegava a possuir nem dez membros. A prova da diminuta importância do grupo gaúcho era que o próprio Nequete nunca tinha sido preso. Afirmou que a União Maximalista só ganhou alguma importância após se unir ao Grupo Comunista do Rio de Janeiro no processo de formação do PCB.

Os militantes operários do Rio de Janeiro já estavam calejados em lidar com a violência policial, que era intensa na capital da República. Nequete não tinha experiência

---

<sup>404</sup> SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. **Domingos Passos: o Bakunin brasileiro**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009, p. 6-9.

em viver no Distrito Federal como um militante do movimento operário visado. Devido a esse fato, procedia como se o PCB fosse uma entidade legal. Durante uma reunião do partido aconteceu uma invasão da polícia. Abílio Nequete foi preso por ser o secretário geral do PCB, torturado e ameaçado pelas autoridades. Devido a esse fato, renunciou ao cargo de dirigente máximo após sentir na pele a violência policial carioca contra o movimento operário.<sup>405</sup> Foi substituído por Astrojildo Pereira e o caminho para Octávio Brandão ascender à direção do partido ficou mais fácil. Outro dirigente do PCB, Antonio Canellas estava em Paris, esperando para embarcar rumo ao país de Lênin, Trotsky e Zinoviev.

### **ANTONIO BERNARDO CANELLAS E O IV CONGRESSO DA INTERNACIONAL COMUNISTA**

Nas vésperas de sua viagem para Moscou, ainda em Paris, Canellas pediu informações a respeito do PCB para representa-lo no IV Congresso da Internacional Comunista. Provavelmente o brasileiro deve ter entrado em contato com o camarada Thomas na Europa, pois o agente alemão da IC era o homem da revolução na Europa. Delegados e representantes que precisavam chegar à Rússia para participar dos congressos da Internacional Comunista passavam pelos esquemas de viagens desenvolvidos pelo camarada Thomas para driblar os obstáculos criados pelos países capitalistas.<sup>406</sup>

Canellas embarcou no navio *Silésia* rumo a Moscou no dia 15 de setembro de 1922. Saiu do porto de Settin na Alemanha, chegando em seu destino ainda no mesmo mês. Ficou três meses na Rússia. Chegou no outono e saiu no inverno. Foi o primeiro brasileiro a conhecer a Rússia Bolchevique. Foram convidados 350 delegados, porém alguns países enviaram mais representantes do que o número de convites feitos. Alguns partidos comunistas possuíam mais de uma delegação, cada uma querendo ser a verdadeira representante do comunismo em seu país, como foi o caso das delegações argentinas, iranianas, coreanas e iugoslavas.

---

<sup>405</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 149.

<sup>406</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 18.

O representante brasileiro tinha apenas 24 anos, era o mais jovem dos 394 delegados, representando 62 países, credenciados para o congresso. Seu objetivo era conhecer a terra onde o proletariado tinha alcançado o poder, como representante do recém fundado PCB. Assim que chegou apresentou suas credenciais à Comissão de Mandatos, que decidiria se ele teria direito a voto, pois o PCB ainda não era membro da Internacional Comunista. O caso brasileiro foi analisado e a Comissão entendeu que o delegado brasileiro teria direito a voto, pois o partido possuía 500 membros. Curiosamente, outras seis delegações não tiveram esse direito. Além de representar o partido, também tinha a missão de pleitear a entrada do PCB na organização marxista internacional.<sup>407</sup>

Canellas ficou alojado no quarto 14 do Hotel Lux. Provavelmente esbarrou nos corredores do hotel e no restaurante com os principais nomes do marxismo internacional. Depois de instalado e apresentado passou a aproveitar a programação destinada aos delegados do congresso: teatro, óperas, balé e paradas militares. Porém essa não era a programação que esperava usufruir na terra dos soviets, queria conhecer a Rússia, escrever suas impressões a respeito para a revista *Movimento Comunista*, como fazia em Paris. Chegou com antecedência e ficou encantado com a beleza da cidade coberta de neve, as belas cúpulas do Kremilin. A Rússia estava arrasada pela Guerra Civil.

Um dos seus objetivos era conhecer o país dos bolcheviques, visitar as fábricas, conversar com as pessoas, no entanto percebeu que não teria um trânsito livre e seu intuito não seria alcançado facilmente. As autoridades bolcheviques tinham receio de que observadores internacionais noticiassem a situação russa após a Guerra Civil. A Nova Política Econômica de Lênin estava começando a ser implementada, deixando para trás o comunismo de guerra. Os vestígios do violento conflito não desapareceram. Daí programações artísticas para entreter os delegados internacionais e desviar a atenção para a reconstrução da Rússia. O problema é que Canellas chegou com antecedência justamente para conhecer a realidade soviética.<sup>408</sup>

Tal situação o aborreceu e para ocupar o tempo até o início do congresso, passou a escrever artigos sobre a realidade brasileira. Já que não conseguia informar os leitores de *Movimento Comunista* sobre a Rússia bolchevique, achou que seria importante informar a Internacional Comunista a respeito do movimento operário brasileiro e sobre

---

<sup>407</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 102.

<sup>408</sup> *Ibid.*, p. 97.

o PCB. Homem dinâmico que era, produziu em pouco tempo quatro textos sobre a realidade brasileira e os entregou à direção da I.C. Foram eles: *Aspectos da vida social no Brasil; Relatório do PCB ao Executivo da Internacional Comunista; Episódios da luta política no Brasil e tendências das classes dominantes; Considerações de ordem geral sobre a questão agrária no Brasil.*<sup>409</sup> Tais documentos foram traduzidos para o russo, inglês, alemão, tcheco e representam a maioria dos primeiros comunistas brasileiros, entusiasmados com a Revolução Russa, com ampla experiência de militância no sindicalismo revolucionário e desprovidos dos princípios ou leis da ideologia marxista. Em seu relatório sobre a sua experiência na Rússia e no IV Congresso da IC, registrou ingenuamente as limitações doutrinárias da maioria dos primeiros representantes do marxismo no Brasil:

Os fenômenos históricos tem, nos puristas do marxismo, denominações dispostas em série, catalogadas. Quando os fatos extravasam os limites desses moldes, lima-se um pouco a realidade, força-se a lógica e a razão. Prefiro deixar o pensamento livre e depois ver se o que ele produziu confere ou não com o que Marx disse.<sup>410</sup>

Canellas conheceu a Seção Latina da Internacional, responsável pelos partidos comunistas da América Latina reconhecidos pela IC. Fez amizade com uma francesa chamada Lucie Leiciague, presidente da seção e alta dirigente da Internacional. Percebeu que os comunistas de outros países e a direção da IC não estavam muito interessados no PCB e que naquele momento o Brasil não era uma das prioridades da organização. O Partido Comunista Argentino era muito valorizado na Seção Latina da Internacional, pois era um dos mais antigos, fundado em 1917.

Os problemas de Canellas começam justamente com os camaradas do Partido Comunista Argentino. Afirmou que os delegados daqueles países menosprezavam o PCB. O delegado brasileiro não aceitou a postura soberba dos argentinos que afirmavam ser a referência do movimento comunista sul americano. Outro fator que aborreceu Canellas foi a afirmação de que a constituição do PCB se dera nos moldes do PCA. O próprio

---

<sup>409</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 98.

<sup>410</sup> CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido**. Rio de Janeiro : [s.n.], 1923, p. 19.

Astrojildo Pereira registrou livro *Formação do PCB* que a elaboração dos estatutos do PCB teve como parâmetro os estatutos do partido argentino:

Os estatutos do novo partido, inspirados nos do Partido Comunista da Argentina, e tendo em conta as condições especiais da situação brasileira, foram elaborados, discutidos e aprovados, a título provisório, pela unanimidade dos delegados.<sup>411</sup>

Canellas desconhecia esse fato por não estar presente na fundação do partido e provavelmente não recebeu essa informação, daí sua indignação com a afirmação argentina. Outro fator que pode ter contribuído para a oposição de Canellas aos camaradas argentinos foi a falta de informações a respeito da repentina cisão dentro do PCB que culminou com a renúncia de Nequete. A origem dos desentendimentos entre o delegado brasileiro e os comunistas vizinhos estava na cisão interna do Partido Comunista Brasileiro. Abílio Nequete e a União Maximalista já haviam desenvolvido relações com os partidos comunistas do Uruguai e da Argentina anos antes de Astrojildo Pereira organizar a criação o PCB. Abílio se aproximou do marxismo através dos contatos com comunistas argentinos e uruguaios. Assim, esses teriam desenvolvido um sentimento de desprezo aos comunistas brasileiros após a saída de Nequete da direção do PCB. Rivalidades continentais históricas também podem ter contribuído para a dificuldade de relacionamento entre os delegados sul americanos.<sup>412</sup>

Um fato agravou ainda mais a situação entre os argentinos e o brasileiro: a chegada de dois argentinos que haviam sido expulsos do partido. O PCA também estava com problemas internos. Os dois argentinos vieram pedir a intervenção da IC para que o PCA reconsiderasse os processos de expulsão. A presidente da Seção Latina da Internacional, Lucie Leiciague, solicitou que Canellas atuasse como intérprete para os dois argentinos expulsos. Ao tomar ciência caso, o brasileiro se posicionou a favor dos dois, acreditando que haviam sido vítimas de sectarismo do Partido Comunista Argentino. Os dirigentes da IC não deram atenção ao caso dos dois expulsos e o caso foi julgado com a decisão de manter a expulsão de ambos.

O IV Congresso da Internacional Comunista estava previsto para julho de 1922, porém foi transferido para novembro para coincidir com o quinto aniversário da

---

<sup>411</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p. 74.

<sup>412</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 110.

revolução. Festas marcaram a abertura do congresso e os delegados foram levados para Petrogrado onde seriam os festejos. As expectativas do IV Congresso estavam em torno da participação de Lênin, mas sua saúde estava comprometida. No dia 3 de agosto de 1918 havia sido vítima de um atentado, alvejado por dois tiros disparados por Dora Kaplan, do Partido Socialista Revolucionário. As notícias sobre sua recuperação nas vésperas do congresso eram contraditórias. Para piorar sua situação, em maio, a arteriosclerose o atingiu. Tinha 52 anos de idade. Estava escalado para abrir os trabalhos no dia 13 de novembro, com uma conferência sobre a Nova Política Econômica (NEP). Ao entrar no recinto, com o salão lotado, todos os presentes se levantaram e cantaram *A Internacional*. Lênin sentou-se à mesa acompanhado por Trotsky, Kamenev, Bukharin, Zinoviev e Karl Radek. Ali estavam os famosos revolucionários bolcheviques à frente de Canellas.

Em seu discurso sobre a NEP, Lênin deu claros sinais de dificuldades de debilidade, tinha dificuldades em se expressar. O líder russo também lamentou as revoltas de Kronstadt e Mackno contra o governo bolchevique. Coube a Radek continuar a explicação sobre a importância da NEP para a recuperação econômica da Rússia. O líder bolchevique foi ovacionado em sua última participação em um congresso da Internacional. Lênin morreu um ano depois.<sup>413</sup>

Acostumado com os congressos e reuniões anarquistas, Canellas sentiu-se à vontade em pedir a palavra e participar dos debates. O brasileiro tentou participar pedindo a palavra várias vezes, mais do que o recomendado naquelas circunstâncias. Ele não sabia que no centralismo democrático da IC, sua função como delegado do partido comunista de um país periférico, que ainda não fora admitido na IC, seria o de aproveitar os debates e votar junto com os delegados.

Sua tenra idade, empolgação de participar de um congresso ao lado dos líderes bolcheviques e a sua formação na tradição anarquista de reuniões e debates, onde havia maior liberdade na troca de ideias e participação dos presentes, podem ter contribuído para sua intensa vontade de participar solicitando várias vezes o direito à palavra. Logo percebeu que as seções dos congressos marxistas eram por demais centralizadas, monótonas, extremamente formais e os votos deveriam ser unânimes. Tal centralização

---

<sup>413</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 110 e 111.

tinha razão de ser, pois o número de participantes era demasiadamente grande, e os pedidos dos delegados à palavra deveriam ser feitos por escrito.

Canellas percebeu que alguns delegados tinham o acesso à fala com maior facilidade, enquanto outros tinham seus pedidos negados. Aqueles que compunham a mesa das seções escolhiam os oradores e assim conduziam o debate da maneira que achavam conveniente. Eram as comissões que preparavam as teses que seriam votadas na plenária do congresso. O acesso às comissões não era livre, apenas os escolhidos previamente faziam parte delas. Os demais delegados se limitavam a assistir as seções e aprovar as teses elaboradas pelas comissões. O brasileiro percebeu que os 394 delegados estavam divididos em três categorias: em primeiro lugar os famosos bolcheviques russos, que discursavam a vontade e se indicavam para as comissões de seus interesses; depois os delegados de partidos comunistas importantes, com as mesmas prerrogativas dos bolcheviques e por último os delegados que tinham a função meramente decorativa nas assembleias, sendo que dificilmente conseguiam o direito a voz. Tal situação passou a incomodar Canellas.<sup>414</sup>

A barreira linguística não era problema para Canellas, pois dominava o idioma francês, que era uma das línguas oficiais do congresso - além do russo, alemão e inglês. Inicialmente o delegado brasileiro pediu a palavra após o discurso de Lênin. Foi negado, assim como as solicitações seguintes. Percebendo que não teria como participar dos debates, resolveu utilizar o seu direito ao voto de acordo com suas opiniões, independente da unanimidade. O brasileiro não avaliou que tal atitude seria considerada um pecado capital pelos dirigentes da Internacional Comunista, podendo prejudicar a admissão do partido na IC. Como delegado do PCB, esse deveria ser o seu real objetivo no congresso.

A primeira vez que Canellas ousou votar sozinho contra a unanimidade da plenária da IC foi em uma votação sobre o projeto de Hugh Eberlein a respeito da reestruturação da organização. Pretendia unificar os partidos comunistas, centralizando-os de acordo com as orientações da IC para acabar com resquícios de autonomia e o não cumprimento das decisões votadas pela organização. Inclusive permitia a IC intervir diretamente nos partidos comunistas e verificar se as 21 condições estavam sendo cumpridas. Canellas foi o único voto contrário. Explicou os seus motivos em seu relatório:

---

<sup>414</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 115-117.

Esta interferência destrói o caráter democrático do centralismo comunista, dando margem ao corruptor sistema de cooptação que conduziria os militantes ao seguinte raciocínio: para que ralar-me com trabalho prático, contato com as massas, para que conquistar o apoio de meus camaradas através de trabalho sistemático anos seguidos, para que escutar conselhos de prudência, ou poupar recursos e efetivos do partido ou esforçar-me para respeitar as massas se, para chegar ao que me proponho, basta ter a confiança do Executivo da IC?<sup>415</sup>

É notória a dificuldade do militante formado dentro da prática anarquista de liberdade e ação direta com o centralismo democrático marxista representado pela intervenção direta da Internacional Comunista nos partidos comunistas. De acordo com a prática das seções da IC, Canellas enviou um pedido por escrito para falar sobre o referido projeto. Foi ignorado. Insistiu novamente em falar, porém descobriu que não teria esse direito pois as falas sobre essa questão já estavam encerradas. O único meio encontrado pelo delegado brasileiro foi votar contra o projeto, fato que espantou todos os presentes que não estavam acostumados com votos contrários. Dentro da dinâmica de votação da Internacional Comunista, os votos unânimes eram importantes para demonstrar coesão de pensamento, centralização, disciplina e unidade marxista.<sup>416</sup>

Outra polêmica protagonizada por Canellas no referido congresso foi sobre a chamada “questão francesa”. O Partido Comunista Francês estava dividido - era o terceiro mais importante do mundo, ao lado do russo e do alemão. Uma facção liderada por Pierre Monatte tinha suas reservas contra a atuação da IC dentro do partido, embora saudasse e apoiasse a Revolução Bolchevique. Eram sindicalistas e se intitulavam sindicalistas revolucionários. O grupo de Monatte atribuía ao sindicato um protagonismo no processo revolucionário e o partido comunista teria um papel auxiliar, não seria o dirigente da revolução proletária. Era o maior grupo dentro do PCF. Outro grupo liderado por Boris Souvarine havia aceitado as 21 condições impostas pela organização, era muito próximo de Trotsky. O sindicalismo revolucionário era atuante em países como o Brasil, Itália, França, Holanda, Estados Unidos, Suécia, com forte oposição à ideia de organização partidária do proletariado. Assim como acontecera na Associação Internacional dos Trabalhadores, a antiga questão partidária voltou a ser o centro das discussões, porém nesse momento o peso da revolução leninista pesava a favor dos adeptos da organização

---

<sup>415</sup>CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido.** Rio de Janeiro : [s.n.], 1923, p. 44.

<sup>416</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 120.

através de partidos. A “questão francesa” trazia para a plenária da Internacional Comunista, a velha polêmica que havia sido travada entre anarquistas e marxistas, ainda no seio da AIT. Canellas acreditava que o passado libertário de alguns membros do PCF contribuía para a divergência interna. Em seu relatório, o delegado brasileiro fez severas críticas ao grupo de Souvarine e acreditava que somente com a intromissão da Internacional poderia chegar à direção do partido.<sup>417</sup>

Com o intuito de intervir no PCF a favor do grupo de Souvarine, os dirigentes da IC criaram a “questão da maçonaria”. O grupo de Souvarine, liderado por Trotsky, colocou essa questão habilmente na ordem do dia. Poderia um comunista ser maçom? A maçonaria havia participado com alguma relevância de lutas sociais desde o século XVIII, no entanto era composta por indivíduos das mais variadas matizes. Havia burgueses, conservadores, revolucionários, policiais, militares e comunistas etc. O objetivo era derrotar o grupo de Monatte e expurgar o partido francês da influência do sindicalismo revolucionário, porque muitos militantes do grupo de Monatte faziam parte da organização secreta.

Trotsky utilizou o periódico *Bolshevik*, órgão da Internacional Comunista, para levantar a questão: maçons poderiam fazer parte dos partidos comunistas? Os delegados foram convocados para dar suas opiniões e todos responderam conforme a orientação da Internacional - menos Canellas. Essa questão atingiria seus companheiros e amigos Cristiano Cordeiro e Everardo Dias, comunistas e maçons que faziam parte do PCB. Poderiam ser suspensos ou até mesmo expulsos do partido que ajudaram a criar. Canellas também afirmou no *Bolshevik*, que o PCB contava com bons camaradas maçons, cuja ação revolucionária era notória e que a maçonaria teve participação destacada nos principais processos revolucionário europeus, inclusive na Comuna de Paris e na guerra civil russa.<sup>418</sup>

A resposta de Canellas desagradou os dirigentes da organização. Durante a votação a respeito da questão francesa, Trotsky proferiu um longo discurso com horas de duração analisando a crise no PCF, propondo uma solução que reforçasse o grupo de Souvarine em detrimento da linha sindicalista de Monatte. O delegado brasileiro interrompeu o discurso de Trotsky solicitando o direito de um aparte. Para surpresa de

---

<sup>417</sup> Ibid., p. 123.

<sup>418</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 166 e 167.

todos o direito foi concedido e Canellas afirmou que Trotsky estava fazendo lavagem cerebral nos delegados presentes e utilizou a expressão francesa *bourrage de crâne*. O problema é que a expressão foi mal traduzida de tal forma que dava a entender que Canellas estava insultando Trotsky. Os delegados do Partido Comunista Francês que faziam parte do grupo de Souvarine ficaram indignados com a postura do brasileiro Eram 24 delegados franceses presentes, boa parte era do grupo de Souvarine. Canellas estava desagradando muitos presentes com sua postura, pois além dos delegados franceses, os dirigentes da IC e a delegação argentina também estavam irritados com a postura do delegado brasileiro, que não soube se comportar dentro dos padrões das assembleias bolcheviques. Provavelmente nem sabia como deveria proceder em tal situação. Como dissemos antes, sua formação fora entre os militantes anarquistas, onde as pessoas não seguiam certos padrões comportamentais rígidos, centralizados e eram livres para intervir e expor suas opiniões.<sup>419</sup>

Após a tentativa de intervenção de Canellas, os dirigentes do congresso aprovaram uma proposta que impedia outros delegados de se manifestarem. Alegaram que o tempo para os debates e aprovações dos trabalhos era curto. Novamente Canellas discordou da proposta, votou sozinho e contrário ao direcionamento da mesa.

Em seguida foi votada a questão específica a respeito do PCF. O intuito era expurgar do partido francês os quadros que impediam um alinhamento com a IC. A presença da maçonaria no interior do partido era condenada. Os comunistas maçons deveriam ser expulsos e aqueles que fizeram parte da organização secreta suspensos por dois anos. A questão sindical era outro entrave para o desenvolvimento do PCF. O partido se deixou influenciar por sindicatos anarquistas na questão do assassinato dos quatro operários em Havre, quando nesse caso deveria ter sido o partido a protagonizar a liderança do movimento operário francês. A IC também orientou o isolamento das tendências que defendiam a autonomia nos sindicatos, pois acreditava que tais tendências levariam os sindicatos a desenvolverem ações descentralizadas e anárquicas.

A mesa havia decidido que a questão seria votada sem discussão e não seria permitida a declaração de voto. Quando foi aberta a votação, Canellas se levantou, desobedecendo a todas as regras e afirmou:

---

<sup>419</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 127.

Considerando que a questão do partido francês foi relatada no congresso de maneira unilateral e tendenciosa; considerando que aos delegados que sustentavam opinião diversa do Executivo e da maioria do congresso não foi permitido manifestar seu parecer, o delegado brasileiro protesta contra essa prática inadmissível e vota contra as resoluções apresentadas à aprovação do congresso.<sup>420</sup>

De todos os 394 delegados foi o único que votou contra. Sua manifestação trouxe grande tumulto ao congresso. Foi vaiado e zombado pelos delegados presentes. O chamavam de forma pejorativa de amigo de Pierre Dumas, o editor da *Revue Du Travail*, por causa de sua participação na revista enquanto esteve na França. Com o mesmo teor pejorativo foi chamado de *jouhauxista*, por causa do famoso sindicalista francês de origem anarquista Leon Jouhaux, defensor da autonomia dos sindicatos e ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1951.<sup>421</sup> Canellas afirmou, em seu relatório, que a mesa tentou acalmar os ânimos dos delegados:

Mas não traduziu minha declaração para conhecimento de outras delegações. E mais, deliberou que não fosse esse voto, com a respectiva declaração, incluído nas atas do congresso. Era-lhe preciso uma unanimidade e o meio de obtê-la era cassar o mandato do delegado que votou contra. Assim se fez. Mas sucede que tendo o estenografa captado a minha declaração, pôde ela, por um descuido da redação, sair irreverentemente no boletim do congresso, com certo despontamento do Presidium.<sup>422</sup>

Em seguida o Presidium decidiu votar em Moscou os nomes que iriam compor um novo Comitê Central do Partido Comunista Francês. Seria composto por dez nomes do grupo de Monatte e nove do grupo de Souvarine. Canellas ficou espantado com a intromissão da IC em uma decisão que deveria ser dos comunistas franceses. Votou contra novamente e dessa vez acompanhado por Renaud Jean, liderança de um dos grupos que compunham o PCF. Renaud entendia que a escolha do Comitê Central do PCF em Moscou abria um perigoso precedente. Fernand Lorient, um dos fundadores do PCF preferiu se abster.

---

<sup>420</sup> CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido.** Rio de Janeiro : [s.n.], 1923, p. 38-39.

<sup>421</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 128.

<sup>422</sup> CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido.** Rio de Janeiro : [s.n.], 1923, p. 39.

A postura divergente de Canellas, terminou impossibilitando, naquele momento, o intuito do PCB de ser reconhecido pela Internacional Comunista como membro efetivo. O episódio deve ser analisado sob o aspecto do centralismo democrático e da intolerância do comunismo russo que comandava a IC. Os revolucionários bolcheviques haviam vivido décadas na clandestinidade, atacados por diversas tendências políticas, vivendo com preocupações constantes de estarem sendo infiltrados pela polícia política czarista. A Rússia acabara de sair de uma violenta guerra civil, as conquistas da revolução precisavam ser asseguradas. Tal contexto em parte explica a postura dos dirigentes da IC, o direcionamento das votações, as propostas apresentadas para aprovações e a postura intolerante da organização com a postura do delegado brasileiro.

Apesar de se posicionar contra os heróis bolcheviques e toda uma plenária da IC, composta por quase 400 delegados presentes, Canellas agiu de acordo com suas ideias. A postura do delegado brasileiro causou suspeitas de que era um simpatizante do sindicalismo revolucionário e do anarquismo. O problema era que Canellas estava no IV Congresso da Internacional Comunista representando o Partido Comunista do Brasil que sequer fazia parte da organização e pleiteava justamente essa aceitação. Não estava se representando. Sua postura adiu o objetivo principal de sua viagem e do partido. Assim sua postura enquanto representante do partido refletiu no PCB, pois a trajetória de Canellas não era muito diferente da dos primeiros membros do PCB. Eram oriundos de organizações anarquistas, estavam impregnados da postura e métodos anarquistas de ação, organização e comportamento. A origem anarquista do partido vai ser utilizada pelos dirigentes da IC como explicação para o comportamento desagradável do delegado brasileiro e para o partido não ser aceito naquele momento. Canellas não estava para representar um partido comunista recém criado, sendo que não havia participado da sua criação e conseqüentemente não estava preparado para o modelo bolchevique de organização, de centralização e disciplina.

Ao se preparar para retornar ao Brasil, o delegado brasileiro foi informado de que foram formadas comissões para discutir problemas pendentes de alguns partidos comunistas. Uma dessas comissões havia ficado responsável pelos partidos comunistas da América do Sul e uma das questões a ser discutida era justamente o seu comportamento no congresso. A comissão foi composta por comunistas renomados internacionalmente: o húngaro Eugeny Varga, o japonês Sen Katayama, o suíço Stirner (pseudônimo de Edgard Wood), o francês Boris Souvarine, o italiano Antonio Gramsci, delegados

argentinos e uruguaios. Estranhou que não havia fora convidado para reunião alguma.<sup>423</sup>

Canellas afirmou:

Se não houvesse diligenciado para descobrir data, hora e local, a reunião teria se efetuado à minha revelia. Digo à minha revelia porque, nas questões sul-americanas, estava incluído o 'caso do Brasil'. A minha atitude independente no congresso requeria sanções, na opinião dos que consideram crime imperdoável ousar um comunista ter ideias próprias.<sup>424</sup>

Ao chegar na reunião foi surpreendido pelo convite de Eugeny Varga, que presidia a reunião, para fornecer informações sobre o Partido Comunista do Brasil. Canellas falou a respeito do seu partido quando um delegado argentino afirmou que o PCB era inexpressivo, composto por alguns militantes anarquistas e social-democratas entusiastas da Revolução Russa. O delegado brasileiro afirmou que tal informação era incorreta, pois o argentino havia se confundido com o partido comunista criado por anarquistas em 1919. Outro delegado argentino o interrompeu afirmando que nunca havia existido um partido comunista em 1919 no Brasil. O argentino José Penelón, tentou desqualificar Canellas afirmando que ele não era representante de nenhum partido comunista no Brasil, muito menos militante do movimento operário brasileiro, pois estava vivendo há anos na França. Em seguida Penelón desacreditou as informações fornecidas por Canellas sobre o número de militantes do PCB. O delegado brasileiro afirmou que eram 132 militantes comunistas quando o partido foi fundado e que nove meses depois era possível supor que tivesse quinhentos membros. Tal informação foi questionada e Canellas acusado de inflacionar tal número.

Em seguida um delegado uruguaio afirmou que conhecia o movimento operário brasileiro e que o Centro Comunista do Rio Grande do Sul, dirigido por Abílio Nequete, era o único grupo comunista atuante no Brasil. Canellas afirmou que realmente Abílio Nequete estava entre os fundadores do partido e que se afastara da direção por motivos pessoais. Boris Souvarine esperou o momento certo para desqualificar Canellas, questionando sua militância marxista, por causa da sua colaboração com a sindicalista

---

<sup>423</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 132.

<sup>424</sup> CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido**. Rio de Janeiro : [s.n.], 1923, p. 47.

anti-bolchevique *Revue du Travail* e com o periódico anarquista *Temps Nouveaux*. O ataque de Souvarine fez Canellas desconfiar de que os delegados haviam estudado a sua trajetória, pois tais detalhes não eram tão conhecidos. Conjecturou um possível contato de Souvarine com Alfred Rosner, um dos líderes do grupo de Souvarine, a quem Canellas havia recorrido quando esteve na França e pediu um emprego de linotipista em Moscou.<sup>425</sup>

Canellas explicou que havia militado no anarquismo antes de se tornar marxista e da fundação do PCB. Afirmou que tais artigos eram a favor dos bolcheviques. Porém Souvarine desferiu um segundo ataque ao afirmar que *Revue du Travail* era anti-semita. O delegado brasileiro se defendeu de tais acusações, mas percebeu que seus acusadores estavam dispostos a tudo para desqualificá-lo, até mesmo caracterizá-lo como anti-semita. Entendeu que os dirigentes da IC não iriam medir esforços para manter a ordem e o centralismo democrático da organização. Além de se defender, o delegado brasileiro preparou uma explicação melhor elaborada sobre o PCB. Porém Souvarine o interrompeu e encerrou a seção abruptamente. A moção a respeito do ‘caso do Brasil’ deveria ter sido redigida pelo presidente da comissão. Canellas registrou:

Ao Camarada Varga, presidente da Comissão, caberia redigir a moção. Varão austero, de grande saber, certamente teria feito uma resolução baseada nos fatos. Sucede que teve que deixar Moscou por aqueles dias e incumbiu uma personalidade secundária de fazê-lo. Imagine quem poderia ser? Precisamente o camarada Souvarine que, pela sua posição nos debates e merecida reputação de teólogo intolerante, era decerto um dos menos indicados para esse papel de árbitro. Uma resolução redigida por Souvarine só poderia ser o que adiante se vai ver, um monumento de sectarismo, casuística e insolência.<sup>426</sup>

Após o encerramento das atividades da comissão encarregada para as questões sul-americanas, a entrada do PCB como partido membro da Internacional Comunista foi recusada. A comissão afirmou que o PCB deveria ser aceito na Internacional Comunista como “partido simpatizante” e que a Agência de Propagandas para a América do Sul (futuro Bureau Sul-Americano da IC) trabalharia com os brasileiros para ajudá-los a construir um partido realmente marxista.<sup>427</sup> Ficou decidido que a aceitação do partido

<sup>425</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 134.

<sup>426</sup> CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido**. Rio de Janeiro : [s.n.], 1923, p. 57.

<sup>427</sup> PEREIRA, Astrojildo. **O processo de um traidor**. Rio de Janeiro: PCB, 1924, p. 46.

brasileiro estaria condicionada à aceitação da Agência de Propaganda para a América do Sul, controlada pelo Partido Comunista da Argentina.

O comportamento do delegado brasileiro foi atribuído ao passado anarquista e à consequente confusão teórica dos fundadores do Partido Comunista do Brasil. Foi declarado que:

O Comitê Executivo da Internacional Comunista, depois de discutido o relatório do representante do Partido Comunista do Brasil, estabelece que este partido não é ainda um verdadeiro Partido Comunista. Ele conserva restos da ideologia burguesa, sustentados pela presença de elementos da maçonaria e influenciados por preconceitos anarquistas, o que explica a estrutura descentralizada do partido e a confusão reinante entre a teoria e a tática comunista. É possível, no entanto, fundar no Brasil um bom e forte Partido Comunista. O núcleo deste novo partido deverá ser formado pelos grupos atualmente existentes. Das ideias do delegado Canellas conclui-se que este camarada não está liberto da confusão ideológica de seu partido. O Comitê Executivo da Internacional Comunista decide:

1. O partido Comunista do Brasil deve ser aceito provisoriamente na IC como partido simpatizante.
2. A Agência de Propaganda para a América do Sul é convidada a trabalhar pela organização do PCB, de acordo com os camaradas brasileiros.<sup>428</sup>

Canellas enviou uma resposta ao Comitê Executivo da Internacional solicitando que o relatório fosse reconsiderado, pois nele haviam “erros de apreciação”, “julgamentos injustos” e estava imbuído de “dose de insensatez”. Afirmou que o relatório fosse alterado para que o PCB não tivesse prestígio diminuído entre os brasileiros.<sup>429</sup>

## O PARTIDO EXPULSA CANELLAS

Em 9 de janeiro de 1923 Antonio Canellas desembarcou no cais do Rio de Janeiro. Foi recebido com alegria, discursos e aplausos pelos camaradas de partido. Todos queriam saber a respeito da Rússia bolchevique. Foi escolhido para o cargo de diretor da Editora e Livraria do PCB, participou de reuniões, preparou as instalações da nova editora e escreveu artigos para o periódico *Movimento Comunista*. A não aceitação do partido como membro da IC era o incômodo detalhe no retorno de Canellas ao Brasil. Em abril o

<sup>428</sup> CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido**. Rio de Janeiro : [s.n.], 1923, p. 58.

<sup>429</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 167.

PCB foi informado de que viria ao Brasil o comunista argentino Rodolfo Ghioldi, com mandato especial da executiva da IC para trabalhar com os comunistas brasileiros algumas “questões pendentes”. Na prática a IC estava mandando um interventor argentino para o partido. Os dirigentes do PCB perceberam que a vinda de um representante da IC poderia sinalizar a possibilidade de aceitação do partido na organização marxista internacional.<sup>430</sup>

A notícia do envio de um emissário da IC ao Brasil e a condenação da postura de Canellas no IV Congresso da IC coincidiram com um período de intenso atrito entre os neófitos do marxismo e anarquistas. Os fundadores do PCB afirmavam que a campanha anarquista de críticas à revolução bolchevique, vinculada em jornais libertários de grande aceitação entre os operários brasileiros, como *A Plebe*, era contrarrevolucionária. Os anarquistas consideravam desleais as atitudes dos novos bolchevistas brasileiros. Leuenroth enfatizou que os novos marxistas haviam sido anarquistas por anos e portanto não era correto a campanha antianarquista. Em *A Plebe* registrou:

A alegação de que somos contrarrevolucionários por que continuamos a ser anarquistas é, positivamente, desleal.<sup>431</sup>

Astrojildo Pereira solicitou aos anarquistas cessarem a campanha contrarrevolucionária em seus periódicos. Fábio Luz rebateu ridicularizando a militância comunista e a mudança radical de Astrojildo do anarquismo para o marxismo.

... Espero que minha imprudente controvérsia com o mais alto dirigente do PCB não exponha minha cabeça à guilhotina quando a tal ditadura do proletariado chegar ao país.<sup>432</sup>

O debate se transformou em ataques pessoais com a troca de adjetivos agressivos entre Astrojildo Pereira e Fábio Luz. Tais divergências se transformaram em violência física. Elvira Boni, presidente da União das Costureiras afirmou: “A partir de 1921 não houve reunião que não acabasse em discussão ou violência.”<sup>433</sup> Em maio de 1923 o

---

<sup>430</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 142.

<sup>431</sup> *A Plebe* (27/01/1923).

<sup>432</sup> *A Plebe* (23/09/1922).

<sup>433</sup> RODRIGUES, Edgard. **Alvorada operária**. Rio de Janeiro: Ed. Mundo Livre, 1979, p. 218.

jornalista Marques da Costa foi agredido após denunciar no jornal *A Pátria* as perseguições impostas aos anarquistas em Moscou. Edgard Leuenroth identificou o agressor e o denunciou em *A Plebe*. Era o militante do PCB, Olgier Lacerda, esposo de Elvira Boni. Em seguida a vítima foi o operário Isidoro Augusto, que foi atacado por vários comunistas, após criticar o regime soviético de Moscou. Em *Novos Rumos*, Edgard Rodrigues afirmou que os anarquistas brasileiros denunciaram a criação de uma “Tcheka brasileira” por parte do PCB e deu o nome de alguns dos agressores comunistas: Eusébio Manjon, Pedro Bastos, Joaquim Silva, Antonio Silva e novamente Olgier Lacerda. Rodrigues chegou a esses nomes após depoimento de Diamantino Augusto.<sup>434</sup>

Em meio a esses ataques verbais e físicos entre os militantes de ambas ideologias, o PCB se preparava para receber o delegado da Internacional. A Comissão Central Executiva do PCB (CCE) afirmou que Canellas não tinha conhecimento suficiente sobre o partido, pois estava na Europa quando o PCB foi criado, não tendo participado de sua fundação. Também orientou seus dois únicos membros pertencentes à maçonaria, Everardo Dias e Cristiano Cordeiro, a se decidirem entre a maçonaria e o partido. Ambos preferiram o partido. Em 6 de junho de 1923 a CCE adotou uma resolução que negava qualquer influência da “ideologia maçônico-burguesa” no partido. Essa resolução afirmava que o partido estava livre do anarquismo e seus componentes passaram por um programa de educação marxista através do estudo da obra *Programa Comunista* de Bukharin. A respeito da estrutura partidária, afirmaram que o partido se guiava justamente pelo modelo argentino. Ao fim do documento Canellas não foi poupado por seus antigos companheiros. Segundo a resolução, Canellas havia fornecido informações errôneas sobre o PCB. O documento também condenou a postura do representante brasileiro, sendo considerada equivocada e enfatizou que a visita de um dos delegados argentinos era bem vinda.<sup>435</sup>

O objetivo dos dirigentes do partido era a aceitação pela Internacional Comunista. Foram realizadas reuniões durante todo o mês de maio para resolver a situação do PCB perante a IC e a postura de Canellas no IV Congresso da organização. Cinco membros da CCE se reuniram com Canellas. Representando a cúpula do PCB estavam Astrojildo Pereira, Joaquim Barbosa, Manuel Cendon, A. Carvalho e Luis Peres. Canellas não

---

<sup>434</sup> RODRIGUES, Edgard. *Novos rumos*. Rio de Janeiro: Ed. Mundo Livre, 1979, p. 35 e 298.

<sup>435</sup> DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 168.

admitia culpa alguma. Afirmou que havia expressado livremente a sua opinião e que isso não era motivo de culpa. Foi acusado de não representar os interesses do PCB e sim os de grupos fora de sintonia com a IC, como a facção de Monatte dentro do PCF e dos dissidentes argentinos. Canellas afirmou que considerava correta a solidariedade a esses grupos. Os dirigentes do PCB não aceitaram as razões de Canellas e este não facilitava o diálogo, pois não estava disposto a ceder de modo algum. Canellas não concordou com uma postura de passividade e renúncia. Ambos não estavam dispostos a abrir mão de suas posições antagônicas.

Como não se alcançou um denominador comum, o partido convocou uma seção ampliada da CCE para o dia 20 de maio. Mais cinco dirigentes foram convocados: José Elias da Silva, Everardo Dias, J. Diniz, Octávio Brandão e Rodolfo Coutinho. O relatório de Canellas sobre sua participação em Moscou foi lido pelos participantes durante 16 dias. O partido elaborou duas acusações contra Canellas: equívoco em participar no caso dos dissidentes argentinos e a exposição gratuita de sua fragilidade teórica no caso da discussão sobre a maçonaria no *Bolchevik*, dando a impressão de que o PCB desconhecia marxismo. Outra questão que deveria ser julgada foi a sua postura referente a “questão francesa”, durante a plenária da IC, quando apartou Trotsky e afirmou que ele estava manipulando os delegados presentes usando termos inadequados para ser referir ao segundo homem da Revolução Bolchevique.

Durante as reuniões, Octávio Brandão se destacou entre os dirigentes presentes, com sua postura agressiva contra seu antigo amigo e companheiro de militância libertária em Alagoas. Caracterizou Canellas como um militante iludido. Afirmou que Canellas não deveria opinar no congresso enquanto não dominasse a doutrina marxista:

Não se trata de negar o direito de manifestar opinião contrária, mas sim de saber se essa opinião é marxista. Canellas não soube desfazer as falsas acusações a nosso respeito. Não teve serenidade bastante para tratar das questões do partido.<sup>436</sup>

Curiosamente, quando o PCB foi criado e Brandão militava no anarquismo, atacava com agressividade boa parte dos fundadores do PCB, os quais chamava de “os 12 astrojildistas”. Em seis meses se tornou marxista, ingressou no PCB e passou a atacar

---

<sup>436</sup> PEREIRA, Astrojildo. **O processo de um traidor**. Rio de Janeiro: PCB, 1924, p. 6-7.

os anarquistas. Enquanto dirigente do PCB desferiu golpes contra Abílio Nequete, o primeiro secretário-geral do PCB e agora atacava seu antigo amigo Antonio Bernardo Canellas.<sup>437</sup>

Indignado com os ataques de Octávio Brandão, percebendo a ausência de qualquer tipo de apoio pelos seus companheiros, Canellas se revoltou e se retirou da sala da reunião. Sua retirada e conseqüente ausência levantaram as seguintes questões: a reunião poderia continuar sem ele? Ele voltaria a participar da reunião? Se não, por qual motivo? José Elias da Silva foi conversar com o amigo para tentar obter respostas para algumas dessas questões. Canellas informou que se retirou por se achar indisposto, mas que responderia a todas as questões por escrito, caso a CCE assim desejasse. A executiva ampliada decidiu que seria formada uma comissão de três membros para elaborar uma resolução sobre o relatório de Canellas e que esta seria enviada para Moscou. Os três dirigentes escolhidos foram Octávio Brandão, Astrojildo Pereira e José Elias da Silva. Também ficou decidido que Canellas teria acesso à resolução antes de ser enviada para a IC. No documento ficou registrado que suas atitudes na terra dos soviets e seu relatório foram equivocados. Sua postura na Rússia não fora referendada pela direção do partido. Acreditou que o objetivo da resolução era agradar a Internacional, visando a aceitação do PCB como membro efetivo da organização.

Após a elaboração da resolução, Canellas teve acesso a ela e concluiu que o partido não estava lhe dando o apoio algum. Percebeu que o partido ratificou todas as acusações de que fora vítima em Moscou e que foi julgado pelo PCB da forma parecida como fora pela Internacional Comunista.

A resolução confirmou que realmente Canellas havia sido escolhido como o delegado representante do PCB. O partido assumiu a culpa pelos erros da informação a respeito do número de militantes do partido e que dois militantes do partido eram maçons, porém haviam escolhido abandonar a maçonaria. A resolução assumiu a origem libertária do PCB, devido a predominância da ideologia libertária no movimento operário brasileiro, no entanto enfatizou que seus militantes estavam livres de quaisquer resquícios da ideologia ácrata. Enfatizou a essência marxista do partido e que os dirigentes da IC teriam uma outra opinião quando tivessem um acesso real ao partido e logo seria aceito

---

<sup>437</sup> RODRIGUES, Edgard. **Alvorada operária**. Rio de Janeiro: Ed. Mundo Livre, 1979, p. 219.

como membro efetivo da organização. Encerra o documento afirmando que esperavam ansiosamente pela visita dirigente argentino.<sup>438</sup>

Preliminarmente é de notar-se que o Relatório peca por um sério inconveniente de forma – pela demasiada extensão do seu texto; pelo acúmulo de pormenores incidentes, secundários, alguns meramente pitorescos, e, por seu tom apaixonado, polêmico, personalíssimo – o que tudo dificulta sobremaneira a apreciação de seu conteúdo real e de interesse para o caso. Fora essa questão de forma, a impressão geral que deixa o Relatório é que o camarada Canellas não soube conduzir-se com serenidade de ânimo e a firmeza de critério que se faziam mister para levar em bom termo a sua missão. Informações falseadas ou tendenciosas – ao que conjecturamos, partidas, aliás irregularmente do Centro de Porto Alegre – criaram, no Executivo e especialmente entre as delegações da Argentina e do Uruguai, um ambiente prevenido e desfavorável a respeito de nosso partido. Canellas, ao invés de tentar esclarecer a situação e desfazer esse ambiente injusto, mas o agravou ainda, por sua falta de tato, por um mal entendido e pior aplicado espírito de independência, bem como por sua atitude irritadiça e pelo critério errôneo ou confuso manifestado acerca de várias questões doutrinárias e de fato.

<sup>439</sup>

A resolução desaprovou a postura de Canellas em relação aos debates sobre a questão francesa, o aparte a Trotsky usando termos franceses desapropriados para um congresso da IC e o seu distanciamento do Partido Comunista Francês quando esteve em Paris.

A opinião do camarada Canellas sobre a questão francesa – sua opinião particular – causou-nos a maior surpresa. Residindo na França por mais de dois anos seguidos, Canellas tinha a obrigação de a conhecer a fundo, em todos os seus aspectos. Mas, segundo a sua própria declaração, ele nem sequer procurava manter-se em contato com os camaradas franceses. Sua fraseologia a respeito dos líderes da esquerda francesa e do próprio Executivo não raro se assemelha à usada pelos falsos comunistas do centro, os excluídos de toda cor, de Fabre a Frossard, uma fraseologia corrente entre os piores inimigos da Internacional, do *Temps Nouveaux* ao *Libertaire* e isso nos causou, dizemo-lo francamente, uma decepção penosíssima.<sup>440</sup>

Canellas escreveu um documento de 28 laudas, à mão, a seus companheiros, refutando o conteúdo da resolução que ficou registrado no livreto lançado pelo partido

<sup>438</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 149-150.

<sup>439</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Resolução sobre o relatório do delegado do P.C.B. ao IV Congresso da I.C., adotada em seção do 6.6.1923**. Rio de Janeiro: PCB, 1923, p. 1.

<sup>440</sup> *Ibid.*, p. 2-3.

em 1924 com o título *O processo de um traidor*: Interpretou o conteúdo da resolução como um ataque pessoal.

A não aprovação às minhas atitudes em Moscou equivale a me matar, me destruir como revolucionário e como homem. (...) Ora, eu ainda estou muito novo para morrer e muito menos para me suicidar. Quem pretender o contrário poderá arrepende-se amargamente. Com vocês, sem vocês, ou contra vocês, eu seguirei o meu caminho.”<sup>441</sup>

O documento do PCB intitulado *Resolução sobre o relatório do delegado do P.C.B. ao IV Congresso da I.C., adotada em seção do 6.6.1923* condenando sua postura no IV Congresso da Internacional Comunista foi aprovado em 6 de junho de 1923. No dia seguinte Canellas foi preso, acusado de participar dos preparativos para a eclosão de um processo revolucionário contra Artur Bernardes. Também foram presos do PCB Everardo Dias, Octávio Brandão, Luis Peres, Antonio Oliveira, Astrojildo Pereira e Joaquim Silva. A maioria dos militantes do PCB foi solta dias depois, somente Canellas e Luis Peres continuaram presos. Canellas foi quem ficou mais tempo encarcerado - 90 dias. Durante sua prisão Canellas enviou dois bilhetes para seus companheiros. Registrou que estava mofando na prisão, abandonado pelo partido. Solicitou a contratação de um advogado para o seu caso, percebendo que seus companheiros estavam deixando a prisão e ele continuava. Acusou os companheiros de partido de desinteresse com sua prisão. Acusou o PCB de abandona-lo no cárcere e acusou alguns dirigentes do partido de possuírem fama de revolucionário incompatível com uma prática de omissão.”<sup>442</sup>

Ao sair da prisão em 30 de agosto de 1923, Canellas compareceu a uma reunião do partido. Octávio Brandão exigiu que ele reconhecesse os bilhetes enviados da prisão, Canellas os reconheceu e solicitou demissão da CCE e do partido. O PCB preferiu suspende-lo e transferir a decisão do caso para o próximo congresso. Na nota de suspensão, os dirigentes comunistas refutaram as acusações de Canellas. Afirmaram que outros militantes comunistas, entre eles dois dirigentes do partido, também estiveram presos e nenhum deles havia reclamado da postura do partido.”<sup>443</sup>

---

<sup>441</sup> PEREIRA, Astrojildo. **O processo de um traidor**. Rio de Janeiro: PCB, 1924, p.8-9.

<sup>442</sup> *Ibid.*, p.20-21.

<sup>443</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 152.

Em novembro de 1923 Canellas publicou o *Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido*. Era o relatório explicando sua viagem à Moscou, sua participação no IV Congresso da Internacional Comunista e seu processo de saída do partido. Afirmou que jamais tentou influenciar companheiros a seu favor, apenas redigiu uma declaração para responder a Internacional e que abandonaria o partido, caso a CCE não a aprovasse. Criticou a submissão do PCB à Internacional Comunista, a aceitação cega da resolução da IC e da vinda de um interventor estrangeiro para decidir o futuro do partido. Expressou sua solidariedade à revolução bolchevique ao afirmar: “O que nada altera meu devotamento à revolução russa e à minha admiração pela obra dos bolchevistas, com os quais mais uma vez me manifesto solidário”.<sup>444</sup>

Diante da publicação do relatório de Canellas e com a proximidade da chegada do interventor da IC, os dirigentes do PCB marcaram uma reunião sobre o assunto, pois era necessário o partido se posicionar sobre esse novo ato de rebeldia do dirigente suspenso, rebater as críticas registradas no *Relatório da Delegacia à Rússia* e mostrar força, punindo-o. Era uma oportunidade para expulsar o dirigente problemático para o partido que insistia em não abaixar sua cabeça para o centralismo democrático marxista. Canellas foi expulso do partido em 30 de novembro de 1923, por unanimidade da CCE e uma nota sobre os motivos que acarretaram sua expulsão do partido foi publicada nos jornais.

Um mês depois da expulsão de Canellas, o emissário da Internacional chegou no Brasil. O argentino Rodolfo Guioldi, delegado da Comissão Executiva da Internacional Comunista, chegou em janeiro de 1924. Em seu informe, datado em 9 de janeiro, o emissário solicitou à organização marxista internacional uma nova chance para o Partido Comunista do Brasil. Afirmou que o partido é organizado de acordo com as teses aprovadas no III Congresso da IC, aceita sem reservas todas resoluções da IC, o partido condenou os informes do delegado Canellas, votando sua expulsão após a publicação de seu relatório, se colocou a favor da Internacional em todas as questões decididas no IV Congresso, não existia nenhuma influência pequeno-burguesa anarquista e sua orientação e táticas estavam de acordo com os princípios da IC.<sup>445</sup>

---

<sup>444</sup> CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido**. Rio de Janeiro : [s.n.], 1923, p. 4.

<sup>445</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 156-157.

O delegado Rodolfo Ghioldi finalizou seu relatório afirmando que o PCB era realmente um partido marxista. Cinco meses depois o partido foi reconhecido formalmente como um partido membro da Internacional Comunista.

... uma poderosa e digna seção da IC, esforço que requer inteligência elástica e tenacidade irreduzível, por que deve ter sido realizado num regime de semi-ilegalidade e de perseguições governamentais. A IC tem confiança em que o PCB saberá seguir cumprindo o seu dever.”<sup>446</sup>

O livro de Canellas alcançou boa recepção entre os anarquistas, por isso o partido precisava dar uma resposta ao antigo militante. Durante o processo de expulsão de Canellas, marxistas e anarquistas estavam disputando espaço no movimento operário. Era necessário que a versão de Canellas não fosse a única entre os operários. Em junho de 1924 o PCB publicou o livro “*O Processo de um traidor. O caso do ex-comunista A. B. Canellas*”. O livreto foi publicado um mês antes da aceitação oficial do PCB como membro da Internacional Comunista. Nele foram expostos os motivos da expulsão de Canellas e ataques contra ele, já no título. Canellas não havia traído ninguém, muito menos o partido, agiu de forma equivocada no IV Congresso da IC, porém foi fiel ao seu senso de justiça e havia tentado proteger os companheiros maçons. Sua postura foi interpretada como presunção, autossuficiência e arrogância. A postura de Canellas enquanto dirigente da CCE foi questionada, assim como seu comportamento na prisão. A acusação de Canellas de que o partido obedecia mecanicamente todos os direcionamentos da Internacional também foi refutada. A lealdade às decisões da IC sobre as questões votadas no IC Congresso fica evidente no decorrer do livreto. Afirmam que Canellas não dominava o socialismo científico, pois não tinha o hábito de ler nada, nunca havia lido quaisquer livro marxista, no entanto gostava de escrever sobre tudo. Foi ironizado e retratado com o um sujeito frágil e desequilibrado, egoísta que pretendia fazer sua resolução ser aprovada por todos como pré-requisito para continuar no partido. Em seguida o partido tentou se defender da acusação de covardia política, afirmando que covardia era estar fora da IC, combatendo o comunismo e os comunistas. O PCB marcou posição contra as acusações de Canellas e deu uma resposta para os operários que acompanharam a polêmica interna do partido:

---

<sup>446</sup> PEREIRA, Astrojildo. **O processo de um traidor**. Rio de Janeiro: PCB, 1924, p.84-86.

A questão está para nós morta e liquidada, como liquidado e morto para o movimento revolucionário está Bernardo Canellas, traidor indigno e vil. Mas é necessário a dissecar este cadáver. É preciso desnudá-lo, rasgar-lhe o couro mau, desfibrar-lhe as carnes ruins, pôr-lhe as vísceras ao sol, espremer-lhe o fígado esgorgitado de torpeza. Temos o punho rijo e o ferro é de qualidade.<sup>447</sup>

Ao final do *Processo de um traidor*, o partido afirmou que Canellas não pediu demissão do partido, foi expulso como desertor e traidor e que na Internacional Comunista os casos de traição e deserção eram julgados em conselhos de guerra. O livro foi finalizado enfatizando a aceitação do PCB pela IC e o suposto ostracismo de Canellas:

Suas declarações (Rodolfo Guioldi) constituem um documento honroso e alentador para o PCB, e valem ao mesmo tempo como última pá de cal sobre o cadáver revolucionário do ex-comunista Antonio Bernardo Canellas.<sup>448</sup>

## **OS DESTINOS DOS PRIMEIROS DIRIGENTES DO PCB**

A medida que Stálin consolidou sua posição dentro do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), os seus oponentes dentro do partido foram sendo eliminados gradativamente, inclusive os grandes nomes da revolução russa. As rivalidades e expurgos no interior do Partido Comunista da União Soviética terminaram atingindo lideranças comunistas de todo o mundo, inclusive do PCB. Dos 56 principais nomes da revolução bolchevique, trinta foram fuzilados ou assassinados, três morreram de forma suspeita, outros três se suicidaram, três caíram em desgraça e apenas sete continuaram vivos como aliados do ditador georgiano. Dez morreram antes das perseguições stalinistas. O historiador italiano Aldo Agosti elaborou 75 biografias de importantes dirigentes comunistas da IC em seu livro *La Terza Internazionale*. Concluiu que desse grupo, 11 foram fuzilados, 10 desapareceram ou morreram nas prisões stalinistas, 23 foram expulsos de seus partidos e 12 se afastaram para escapar das perseguições. Desse

---

<sup>447</sup> Ibid., p.30.

<sup>448</sup> Ibid., p. 84.

grupo 13 morreram antes dos expurgos, se aliaram a Stálin ou se afastaram de suas ocupações partidárias. Curiosamente apenas três morreram lutando contra a burguesia.<sup>449</sup>

No final da década de 1920 o núcleo dos primeiros dirigentes do PCB ficou reduzido praticamente a Astrojildo Pereira e Octávio Brandão. As divergências internas, atritos contra os anarquistas, motivações pessoais e o fiel cumprimento das orientações da Internacional contribuíram para um esfacelamento do primeiro núcleo dirigente do partido. Aqueles que haviam expulsado Canellas do partido, passaram por situações parecidas, principalmente Octávio Brandão e Astrojildo Pereira.<sup>450</sup>

Em 1928 três operários anarquistas foram assassinados a tiros por militantes comunistas em uma reunião de operários na União dos Gráficos. Uma multidão compareceu ao enterro do sapateiro Antonino Dominguez, outro operário convertido ao anarquismo após a leitura de *A conquista do pão* de Kropotkin. O operário Synval Borges, militante operário da Aliança dos Operários em Calçados e Classes Anexas, discursou em frente ao cadáver do militante morto.

É a primeira vez que, no Brasil, a ambição de meia dúzia de indivíduos arma o braço de um trabalhador contra o outro. É a primeira vez que, no Brasil, a ideologia serve de pretexto à eliminação, pelo assassinato, de operários que não se deixavam dominar pela ditadura de um grupo de companheiros. Tudo isto em nome da emancipação dos trabalhadores e do advento de uma ‘ditadura proletária’ cujas primeiras vítimas são os próprios trabalhadores. Não, se esta é a emancipação prometida pelos bolcheviques aos trabalhadores, preferimos ficar com a tirania burguesa que, pelo menos, permite que os acusados se defendam.<sup>451</sup>

João da Costa Pimenta resolveu se afastar do PCB após a morte dos operários anarquistas. Acreditava que a direção do PCB provocou a tragédia, ao fazer um julgamento público de um operário em uma reunião presidida por Octávio Brandão.<sup>452</sup>

Joaquim Barbosa se afastou do partido por discordar da política sindical adotada. Acusou os dirigentes de manipularem os sindicatos conforme orientação eleitoral do partido. Saiu acompanhado de 40 militantes e fundou a Oposição Operária. Discordou da postura da direção do PCB. Ambos discordavam da política eleitoral do PCB.

<sup>449</sup> AGOSTI, Aldo. *La Terza Internazionale*, Volume 2. Roma: Editori Riuniti, 1974. Apud. SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 178-179.

<sup>450</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 185.

<sup>451</sup> RODRIGUES, Edgard. **Novos rumos**. Rio de Janeiro: Ed. Mundo Livre, 1979, p. 302.

<sup>452</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 185.

Acreditavam que a busca por melhor desempenho eleitoral em 1928 estava fazendo com que o partido perdesse seu objetivo de emancipar os trabalhadores e também o deixava vítima de operários oportunistas.

Outro destacado membro do partido expulso foi o pernambucano Rodolfo Coutinho. Não estava entre os fundadores do PCB, mas ingressou em seguida e se tornou um de seus dirigentes. Havia participado do V Congresso da Internacional Comunista em 1924 com Astrojildo Pereira na Rússia. Em Moscou se aproximou das ideias de Trotsky. Com a ascensão de Stálin e a perseguição a Trotsky e seus seguidores, tornou-se vítima da orientação moscovita para que os partidos comunistas se livrassem dos seguidores de Trotsky. Tal orientação foi deliberada em 1928 através da resolução do VI Congresso da IC.<sup>453</sup>

Luis Peres e Joaquim Barbosa foram expulsos no mesmo período. José Elias da Silva se afastou do PCB por motivos pessoais. Cristiano Cordeiro, companheiro de Canellas foi expulso do partido nos anos 30. A luta interna dentro do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) terminou atingindo o PCB. Stálin, via Internacional Comunista, criou a política de substituição de intelectuais por operários nas direções dos partidos comunistas. Essa política ficou conhecida como “obreirismo”. Tinha o objetivo de acabar com influência de Trotsky no movimento comunista mundial.<sup>454</sup> Essa orientação moscovita atingiu em cheio Octávio Brandão e Astrojildo Pereira que não eram operários.

Octávio Brandão foi o primeiro a cair em desgraça. Em uma reunião do Secretariado Sul Americano da IC em Buenos Aires foi o alvo de 16 discursos críticos. Precisou fazer diversas auto-críticas para continuar militando no partido.<sup>455</sup> Passou por situação parecida com o processo de expulsão de Canellas do PCB. Passou a atacar Astrojildo e os dirigentes da Internacional. O secretário geral do PCB foi acusado de se render cegamente a uma Internacional Comunista infiltrada de trotkistas. Astrojildo reagiu taxando-o de oportunista. Momentaneamente Octávio Brandão abandonou o PCB. Anos depois foi para a Alemanha e posteriormente para a União Soviética onde viveu até 1946, trabalhando na Seção Latina da Internacional. Em 1935 participou da delegação brasileira presente no VII Congresso da IC, que atacou duramente Astrojildo Pereira,

---

<sup>453</sup> DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 287.

<sup>454</sup> *Ibid.*, p. 340.

<sup>455</sup> *Ibid.*, p. 341.

acusando-o de “renegado e traidor”. Brandão retornou ao Brasil em 1946, sendo ignorado pelo PCB, pois não tinha função no partido. Para piorar sua situação, Octávio Brandão passou por seguidos acidentes físicos, nos quais fraturou o fêmur, ficou meses na cama e nunca recebeu a visita ou ajuda de nenhum dirigente do partido.

Octávio Brandão novamente criticou Astrojildo Pereira, quando o ex-companheiro retornou ao PCB em 1946, mediante a mais uma autocrítica por ter ajudado a criar a União Democrática Nacional (UDN).

Expulso do partido como um oportunista, Astrojildo só voltou na hora da maré enchente. Começou com Marx, e tornou-se partidário do brigadeiro Eduardo Gomes, chefe da UDN – o partido da grande burguesia, mascarada de ‘democrática’. Tomou, pois, uma atitude política vergonhosa. Fez uma autocrítica formalista, de autoflagelação. E voltou ao Partido Comunista Brasileiro.<sup>456</sup>

Mesmo esquecido pelo partido, Octávio Brandão participou do IV Congresso do PCB em 1954. Sua militância no partido completava 32 anos e foi obrigado a fazer mais uma autocrítica e depois o ignoraram novamente. Viajou novamente para o exterior e retornou ao Brasil no final da década de 1960.<sup>457</sup>

Astrojildo Pereira se livrou do expurgo partidário em um primeiro momento, porém não se enquadrava dentro do perfil do dirigente comunista do “obreirismo”. O secretário geral do PCB era filho de comerciantes, intelectual e crítico de literatura. Em novembro de 1930 Astrojildo foi afastado do cargo de dirigente máximo do partido, foi obrigado a fazer inúmeras autocríticas e depois encaminhado para um trabalho de reeducação marxista em São Paulo. Como se não bastasse, o Comitê Central do PCB o expulsou por unanimidade. Astrojildo Pereira voltou para o Rio Bonito, onde se dedicou à crítica literária, as amizades com intelectuais e retornou ao partido somente em 1946, após nova autocrítica. No retorno de Astrojildo Pereira, lhe foi negado o direito de ocupar cargos importantes no partido, porém foi encarado com o respeito destinado ao fundador do partido.<sup>458</sup>

---

<sup>456</sup> Imprensa Popular (26/10/1956).

<sup>457</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 190-191.

<sup>458</sup> *Ibid.*, p. 191.

## A MILITÂNCIA DE CANELLAS APÓS A EXPULSÃO DO PCB

Alguns meses após sua expulsão do PCB, Canellas participou ativamente do movimento operário, trabalhando no que sabia de melhor: imprensa operária. Podemos supor que Everardo Dias deve ter se solidarizado ao amigo expulso, pois meses depois passou a editar com Canellas o jornal *5 de Julho*. O jornal se apresentava como “porta-voz da revolução brasileira”. Canellas e Dias enxergaram na revolta dos jovens oficiais do Exército o potencial revolucionário para derrubar o governo. Inclusive o nome de seu jornal era uma homenagem aos heróis do Forte de Copacabana, que saíram às ruas em 5 de julho de 1922 para a tomada de poder. Canellas e Everardo Dias perceberam, anos antes do PCB, que naquele momento, com o declínio do movimento operário, Luís Carlos Prestes era o homem mais indicado para liderar a revolução no Brasil. Colocou o seu jornal a serviço da Coluna Prestes.

Assim como fez em seus periódicos anteriores, o jornal *5 de Julho* continuou denunciando as injustiças sociais, as tragédias humanas, defendendo os trabalhadores e desvalidos. Seu jornal, apesar de clandestino, se tornou o mais importante na resistência ao governo de Artur Bernardes. O país estava sob estado de sítio e a polícia estava caçando militantes operários visados pelo governo, entre eles os editores do referido jornal. Qualquer indício de organização do movimento operário era reprimido com violência governamental legitimada pelo Estado de Sítio. Canellas gradativamente se afastou do bolchevismo e três fatos demonstram tal postura: a expulsão de Canellas do PCB, a participação episódica do professor José Oiticica no jornal *5 de Julho*<sup>459</sup> e um artigo publicado em *A Pátria* denunciando a prisão de 140 anarquistas na Rússia, embora tenha se identificado como comunista.

Que autoridade podemos ter, daqui por diante, para protestar contra o encarceramento arbitrário, maus tratos a presos e perseguidos, se tais normas que degradam e envergonham já não digo um regime político mas a própria espécie humana, reproduzem-se também no país onde nós, comunistas, estamos procurando por em prática nossas doutrinas?<sup>460</sup>

<sup>459</sup> SAMIS, Alexandre – Anarquismo, ‘bolchevismo’ e a crise do sindicalismo revolucionário. In **História do anarquismo no Brasil. (Volume 2)**. Rio de Janeiro: achiamé, 2009, p. 47.

<sup>460</sup> *A Pátria* (24/05/1924).

A tipografia do jornal, em sua fase clandestina, ficava inicialmente em uma chácara no Méier, onde moravam Canellas e Everardo Dias. Devido à constante repressão, transferiram-na para uma casa na rua Dias da Cruz, no mesmo bairro. A fase clandestina do jornal durou dois anos. Com a entrada de Prestes na Bolívia e o fim da Coluna Prestes em 1927, o jornal saiu da clandestinidade e se tornou um jornal legal. No início da década de 1930, Canellas ficou desiludido com o tenentismo, ao ver muitos participantes da Coluna Prestes ingressarem no governo Vargas. No entanto Canellas continuou acreditando na revolução proletária e assim registrou em seu jornal:

Se o destino não nos deu coisa melhor não podemos fazer como os muçulmanos, cruzar os braços ante a fatalidade: se o ocupante do Catete já foi substituído uma vez, por que não outra vez?<sup>461</sup>

O periódico *5 de Julho* deixou de circular no final da década de 1920 e voltou às atividades em 1930. Sobre a revolução constitucionalista Canellas escreveu que os rebeldes deveriam se aproximar do movimento operário. A tipografia foi transferida para Niterói, na rua Visconde de Rio Branco, 385, 1º andar.

Curiosamente Canellas voltou à sua terra natal, depois de rodar o mundo, passando pela capital da República, Nordeste, países da Europa e a Rússia bolchevique. Estava com 34 anos, sua militância e o seu periódico *5 de Julho* continuavam fiéis aos ideais de sua juventude. Não existem registros a respeito de Canellas após 1932. Pode ser que apareçam novas informações, documentos ou depoimentos de amigos e parentes para completar a lacuna incompleta sobre a vida de Canellas.<sup>462</sup>

Everardo Dias foi preso em 1927, novamente em 1935. Morreu em 1966 aos 83 anos de idade. Em 1961 Everardo Dias escreveu sobre as lutas operárias no Brasil em seu livro *História das lutas sociais no Brasil*. Na parte “Página da Saudade” homenageou os militantes operários falecidos que dedicaram à sua vida a lutar pelo proletariado brasileiro, propagar o socialismo e o anarquismo no Brasil. Seleccionou 48 militantes e Antonio Bernardo Canellas é o 35º, ao lado de Fabio Luz, Oreste Ristori, José Oiticica, entre outros.

---

<sup>461</sup> 5 de Julho (13/06/1932).

<sup>462</sup> SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 193-196.

Nossa convivência era um polemizar ininterrupto sobre teorias e métodos de luta, arte, filosofia, política. Esse era Canellas que comigo conviveu vários anos, talvez os mais agitados de sua vida.<sup>463</sup>

Em homenagem aos homens que dedicaram suas vidas para emancipar o proletariado no Brasil, independente da ideologia, Everardo Dias enfatizou a necessidade histórica de conhece-los e conseqüentemente o movimento operário brasileiro. Assim poderemos entender nosso povo, nossa sociedade e nós mesmos.

Seus nomes serão sempre lembrados com respeito e cálida simpatia por todo trabalhador consciente, por todo militante sincero. E aqueles que faltam nesta lista, nomes perdidos no torvelinho das ásperas lutas travadas, nem por isso deixam de estar presentes em nossas mentes, em nossos corações.<sup>464</sup>

---

<sup>463</sup> DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1977, p. 187-189.

<sup>464</sup> *Ibid.*, p. 318.

## CONCLUSÃO

O presente estudo a respeito da entrada, desenvolvimento e relacionamento de ideologias que mobilizaram os trabalhadores brasileiros na luta contra o capitalismo nas primeiras décadas do regime republicano no Brasil me levou a concluir que não existiu, nesse primeiro momento, supremacia do marxismo sobre o anarquismo. Não concordo com a afirmação de Astrojildo Pereira que no Brasil o anarquismo estava fadado a declinar e conseqüentemente a ascensão do marxismo no Brasil seria uma necessidade histórica. O anarquismo não havia deixado de mobilizar os trabalhadores quando o Partido Comunista do Brasil foi fundado. Ambas as ideologias conviveram durante alguns anos dentro do movimento operário de maneira conflituosa. Porém o surgimento do Partido Comunista do Brasil aconteceu justamente em um período de intensa repressão ao movimento anarquista, que o desarticulou, levando-o ao declínio. As elites dominantes no Brasil gradativamente criaram eficientes mecanismos de repressão contra o proletariado organizado pela ideologia ácrata. Tais mecanismos alcançaram seu auge no governo de Epitácio Pessoa. O anarquismo não estava enfraquecido enquanto ideologia organizadora da causa operária. Pelo contrário. Devido a sua grande penetração entre os trabalhadores, uma violenta repressão burguesa foi necessária.

Gradativamente o governo republicano fechou o cerco contra a vigorosa militância anarquista. Vários mecanismos repressivos alcançaram êxito e contribuíram

efetivamente para o início de um refluxo do sindicalismo revolucionário: a criação e o recrudescimento de leis que legitimavam a repressão aos militantes libertários, as deportações de lideranças anarquistas estrangeiras, as cotidianas perseguições, invasões de casas e prisões de líderes anarquistas brasileiros, o banimento contínuo de associações operárias, invasões e destruições das sedes dos sindicatos e de seus principais veículos de informação, os jornais operários. Portanto discordo da concepção de parte dos historiadores, brasileiros ou estrangeiros, de que o anarquismo estava em declínio e conseqüentemente o surgimento de um partido marxista no Brasil seria uma necessidade histórica. Essa interpretação histórica foi desenvolvida por Astrojildo Pereira em seu livro *Formação do PCB*:

A bancarrota do anarquismo fora total e com ela ficou encerrado um largo período da história do movimento operário brasileiro. O conseqüente surgimento do Partido Comunista, ao mesmo tempo em que assinalava o início de um novo período, era a revelação de que as lutas precedentes haviam produzido um rápido amadurecimento político da classe operária brasileira, que assim mostrava compreender qual o papel histórico que lhe caberia à frente da revolução social e nacional em marcha. Eis por que dizemos que a existência do Partido Comunista do Brasil corresponde a uma necessidade histórica que os fatos do passado demonstraram e é confirmada pelos fatos do presente (...).<sup>465</sup>

Porém mais adiante, no mesmo livro, Astrojildo Pereira enfatizou que nas três primeiras décadas republicanas o marxismo não tinha qualquer representatividade entre os trabalhadores brasileiros. O *Manifesto Comunista* só foi publicado entre nós, sob a forma de livro, em 1924, graças a tradução realizada por Octávio Brandão. O anarquismo continuava sendo a mais combativa ideologia do movimento operário.

... a ausência de uma tradição marxista havia de tornar ainda mais difícil, nas condições do nosso país, a tarefa de extirpação das influências reformistas e anarquistas, que perduravam no movimento operário em geral, mesmo depois das experiências de 1917-1920, e se refletiam desastrosamente no Partido e, sobretudo, em sua direção.<sup>466</sup>

---

<sup>465</sup> PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p. 56.

<sup>466</sup> *Ibid.*, p. 156.

O próprio Astrojildo afirmou que o sindicalismo revolucionário mobilizou o proletariado nos anos que antecederam a criação do PCB. A militância libertária estava em um período de grande atividade de resistência operária. A revolução bolchevique aumentou e inflamou ainda mais a militância os operários brasileiros. A enorme quantidade de greves, constante eclosão de greves gerais, a aprovação de propostas anarquistas no III Congresso Operário Brasileiro, a tentativa de insurreição anarquista inspiradas no bolchevismo em 1918 e a violenta repressão governamental, em diversas partes do país, mostram a força do sindicalismo revolucionário nos últimos anos da segunda década do século XX.

Porém esse vigor revolucionário teve como consequência ações repressivas intensas e efetivas que asfixiaram quaisquer possibilidades de resistência do movimento operário. Os anarquistas conseguiram desenvolver uma ativa militância exclusivamente dentro dos sindicatos e assim tornaram-se dependentes desse espaço para atuação em nossa sociedade. Os libertários não criaram outros espaços de atuação e mobilização. Gradativamente a repressão ao sindicalismo revolucionário sufocou a militância anarquista restrita a esses ao meio sindical.

Não existiram necessidades históricas para a criação do PCB, pois a criação do partido aconteceu devido a decisão e mobilização de alguns militantes anarquistas, estimulados pelo êxito revolucionário dos marxistas russos, decepcionados com as tentativas infrutíferas de insurreição e greves gerais do sindicalismo revolucionário. Esses militantes ousaram criar um partido comunista, realmente marxista, no Brasil e conseqüentemente entraram em rota de colisão com seus antigos companheiros de militância anarquista. Partidos comunistas estavam surgindo em diversas partes do mundo e com o Brasil não foi diferente. Os partidos comunistas, em sua maioria, surgiram de frações de organizações operárias locais estimuladas pelo legado soviético, fossem partidos políticos socialistas, sindicatos revolucionários que combatiam ou se opunham à ordem capitalista. Nos países europeus grupos marxistas surgiram principalmente da social democracia, influenciados e empolgados com a conquista de poder do proletariado na Rússia através da revolução bolchevique.

Como o próprio Astrojildo reconheceu, a ausência de literatura marxista no Brasil não proporcionava meios para que indivíduos entendessem plenamente o marxismo. Se nem mesmo os fundadores do PCB tiveram acesso direto às obras de Marx, é claro que

teriam dificuldades nesse primeiro momento, de mobilizar e organizar o proletariado brasileiro através do marxismo.

O surgimento do Partido Comunista do Brasil foi singular, pois inicialmente os setores da classe operária dispostos a se libertar dos grilhões capitalistas se mobilizaram através do sindicalismo revolucionário, de inspiração anarquista. Alguns militantes libertários resolveram criar o primeiro partido político marxista. Não havia social democracia em nosso país. Os partidos socialistas não conseguiram se enraizar entre o proletariado brasileiro. A maioria deles acabou em pouco tempo, teve uma existência efêmera. Portanto o surgimento de um grupo disposto a criar um partido comunista no Brasil veio do anarquismo, em um momento de grande mobilização operária através do sindicalismo revolucionário e conseqüentemente de grande repressão governamental.

O anarquismo não deixou de organizar os operários após a criação do PCB. A repressão estatal aos anarquistas continuou acontecendo sistematicamente nos anos seguintes. Entendemos que no início da terceira década do século XX, o proletariado não tinha a necessidade de criar um partido marxista para organizar sua luta. Ele estava organizado combativamente pelo sindicalismo revolucionário.

Alguns fatores representam a continuidade da militância anarquista mesmo após a criação do partido comunista. Logo após a sua fundação, os dirigentes do PCB precisaram atuar dentro das associações organizadas pelo sindicalismo revolucionário, atrair operários para o partido. Como já vimos foram inúmeras críticas, vinculadas nos jornais anarquistas, acusando tal assédio do Partido Comunista do Brasil. Algumas dessas críticas foram proferidas por anarquistas que tempo depois passaram a militar no PCB, como foi o caso de Octávio Brandão.

O anarquismo conseguiu mobilizar, organizar as lutas operárias nas primeiras décadas republicanas e assim contemplou as demandas do proletariado. No entanto os militantes libertários não conseguiram implementar uma política libertária que se fizesse presente dentro e fora dos sindicatos. A repressão estava atingindo e debilitando o sindicalismo revolucionário e conseqüentemente o anarquismo restrito unicamente a esse meio de atuação. O surgimento do Partido Comunista do Brasil confrontou tal modelo com suas limitações e representou o fim do monopólio libertário na organização do movimento operário. A criação do PCB não significou o fim da ideologia anarquista enquanto vetor organizador do movimento operário e sim uma confrontação de seus acertos e insucessos. Os anarquistas perderam parte de seu espaço político para os

comunistas. A Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (FTRJ) havia sido fundada por anarquistas em 1920, porém passou ao controle dos comunistas. Assim marxistas e anarquistas passam a se enfrentar pelo comando da importante organização proletária.

Em 1923 os anarquistas refundaram a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ) sob os princípios organizacionais do sindicalismo revolucionário. Foi formada por sete associações operárias recebendo a adesão de outras nos meses posteriores. A FTRJ não findou suas atividades, embora os anarquistas a considerassem uma federação operária moribunda. O número de sindicatos associados à FORJ se tornou superior, em pouco tempo, ao número de sindicatos filiados à FTRJ. Ambas as federações passaram a se atacar utilizando os periódicos *A Pátria* e *O País*. Enfrentamentos com agressões físicas também aconteceram entre os militantes de ambas as ideologias. A proximidade de organizações anarquistas e marxistas, mesmo imbuída de rivalidade, agressões e intolerância levou a alguns anarquistas refletirem sobre os insucessos do sindicalismo revolucionário e a descentralização organizacional de entidades sindicais libertárias quando comparadas com a centralização das organizações marxistas. Uma ideologia influenciou a outra, mesmo que tal convivência fosse desprovida de harmonia e tolerância. Com a mão pesada da repressão sobre o movimento anarquista, se tornou necessária uma análise dos métodos de mobilização anarquistas, pois precisavam se organizar para superar um modelo totalmente descentralizado que estava sendo duramente atingido pelo governo. Além do que a militância anarquista não poderia atuar somente no viés do sindicalismo, precisava desenvolver outros vetores de atuação. Florentino de Carvalho registrou a força do anarquismo no início da década de 1920 no periódico *A Plebe*:

Precisamente nesta hora de trágica derrocada do regime burguês (...) em que o anarquismo triunfa por toda a parte, derrubando testas coroadas, fazendo rolar democracias sob o impulso iconoclasta das avalanches revolucionárias; neste momento em que a revolução social está em marcha acelerada para a Anarquia (...).<sup>467</sup>

José Oiticica tentou se aproximar dos comunistas com o intuito de entender métodos marxistas organizacionais e confronta-los com os libertários. Seu objetivo era evolução de métodos organizacionais anarquistas, que superassem a descentralização e o

---

<sup>467</sup> A Plebe (20/03/1920).

individualismo libertários.<sup>468</sup> No final de 1923 Oiticica interrompeu tal aproximação, provavelmente por causa das perseguições bolcheviques aos anarquistas na Rússia e das agressões de comunistas aos anarquistas no Rio de Janeiro. Assim restringiu sua aproximação aos comunistas ao contato com Antonio Bernardo Canellas na redação do jornal *5 de Julho*. Apesar da continuidade da atuação de Canellas no movimento operário, torna-se difícil classificar Canellas como comunista ou anarquista após sua expulsão do partido e de sua atuação no importante periódico.

Em 1924 Oiticica foi preso novamente dentro da sala de aula do Colégio Pedro II. Foi levado à Polícia Central, onde passou alguns dias, encaminhado para o cárcere na Ilha Rasa e depois para a Ilha das Flores. No ambiente de clausura e péssimas condições de estadia Oiticica conseguiu escrever parte do importante livro *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos* em papel de embrulho. Após a prisão foi para a Alemanha onde lecionou português e literatura na renomada Universidade de Hamburgo entre 1929 e 1930. Oiticica retornou ao Brasil em 1931, trabalhou novamente como professor de português do Colégio Pedro II e fundou a Liga Anti-Clerical ao lado de outros anarquistas. Foi preso em 1937, junto com alguns libertários, pela polícia getulista. Fato que acabou com as atividades da Liga Anti-Clerical.<sup>469</sup> Eram os dias sombrios da ditadura do Estado Novo. Foi aposentado compulsoriamente do cargo de professor do Pedro II aos 70 anos de idade.<sup>470</sup> Faleceu em junho de 1957, quando se preparava para publicar o número 118 do jornal anarquista *Ação Direta*.

Outras fontes também nos permitem comprovar a continuidade da militância anarquista após a fundação do PCB. Os registros do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) a respeito das atividades anarquistas nos fornecem indícios da continuidade da militância ácrata. O DOPS foi criado em dezembro de 1924, durante o governo de Arthur Bernardes (1922-1926). Durante seu governo aconteceu a preparação e efetivação de uma política estatal de vigilância, repressão e controle político de setores da sociedade, principalmente o movimento operário e tenentista.<sup>471</sup> Pretendia reprimir os

---

<sup>468</sup> SAMIS, Alexandre – Anarquismo, ‘bolchevismo’ e a crise do sindicalismo revolucionário. In **História do anarquismo no Brasil. (Volume 2)**. Rio de Janeiro: achiamé, 2009, p. 47.

<sup>469</sup> RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 312 e 313.

<sup>470</sup> OITICICA, José. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Econômica, 1983, p. 2.

<sup>471</sup> ROMANI, Carlo – A revolta de 1924 em São Paulo: uma história malcontada. In **História do anarquismo no Brasil. (Volume 2)**. Rio de Janeiro: achiamé, 2009, p. 60-63.

delitos considerados crimes políticos e sociais. Seus alvos eram lideranças operárias, políticas, capoeiristas, pobres, negros, entre outros. Era na prática uma polícia investigativa, voltada exclusivamente para extração de informações e consequente repressão aos trabalhadores organizados, considerando suas estratégias de luta como crimes políticos e sociais. Os documentos do DOPS comprovam vigilância e repressão também aos anarquistas desde sua criação. Existe documentação do DOPS a respeito do anarquismo até a década de 1940. Os jornais anarquistas mais perseguidos pelo DOPS foram *A Lanterna* e *A Plebe*.<sup>472</sup>

A Revolução de 1930 domesticou os sindicatos, que passaram a ser incorporados pelo Estado varguista. A militância anarquista restrita ao sindicalismo revolucionário perdeu seu único meio de atuação. Os anarquistas não haviam criado outros espaços e mecanismos de militância. Assim o meio de se alcançar a revolução proletária foi confundido com a própria ideologia anarquista. O sindicalismo revolucionário era um meio para a derrubada do capitalismo e não o fim em si. A ausência de outros espaços de atuação libertária resultou em um gradativo desaparecimento da militância anarquista, criando a possibilidade de entendimento que a criação do PCB se tornou uma necessidade proletária mediante a crise, enfraquecimento e declínio da ideologia anarquista no Brasil.

O marxismo e o anarquismo permitiram que pessoas exploradas e sem esperanças sonhassem com melhores dias. Através dessas ideologias, pessoas exerceram sua liberdade, interpretaram a inóspita realidade material em que estavam inseridos, vislumbraram um mundo livre da exploração capitalista, se organizaram e lutaram para melhorar suas vidas e a sociedade em que estavam inseridas.

---

<sup>472</sup> SILVA, Rodrigo Rosa da – As ideias como delito: a imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945). In **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 16.

## BIBLIOGRAFIA

ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986.

\_\_\_\_\_ e Deminicis, Rafael (organizadores). **História do anarquismo no Brasil (2º volume)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

ARENDDT, Hannah. **Da revolução**. Brasília: EDUNB/Ed. Ática, 1990.

BANDEIRA JÚNIOR, Antonio Francisco. **A indústria no estado de São Paulo**. São Paulo: Editora Typ. Do Diário Oficial, 1901, p. 8.

BAKUNIN, Michael Alexandrovich. **Textos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BASBAUM, Hersch W. **Cartas ao Comitê Central**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

BATALHA, Cláudio H. M. **Dicionário do movimento operário**. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

\_\_\_\_\_. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, N. e PASQUINO G. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

BRENER, Jayme. **O jornal do século XX**. São Paulo: Ed. Moderna, 1998.

CANELLAS, Antonio Bernardo. **Viagem à Europa em missão da Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco, 21 de janeiro a 6 de setembro de 1919**. Pernambuco, 1920.

\_\_\_\_\_. **Relatório da delegacia à Rússia como representante do Partido Comunista do Brasil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão do C.C.E. do Partido**. Rio de Janeiro : [s.n.], 1923.

CARONE, Edgard. **O PCB – 1922/1943 (1º volume)**. Ed. Bertrand Brasil: São Paulo, 1ª Edição

\_\_\_\_\_. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Movimento operário no Brasil (1877-1944)**. São Paulo: Ed. DIFEL, 1982.

CARR, Edward Hallett. **A Revolução Russa de Lênin a Stalin (1917-1929)**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. **O que é História ?** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

CHACON, Vamireh. **História dos partidos políticos**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Ed. Brasiliense, s/d.

CHILCOTE, M. **Partido Comunista Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982.

CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011.

- COSTA, Caio Túlio. **O que é anarquismo?**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1977.
- DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Trabalho urbano e conflito social**. São Paulo: Difel, 1976.
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília Neves. **O Brasil republicano (4º volume)**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2004.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil, 1880-1920**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- FERRO, Marc. **O Ocidente diante da revolução soviética**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- FILHO, Michel Zaidan. **PCB 1922-1929. Na busca das origens de um marxismo nacional**. São Paulo: Ed. Global Universitária, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O P.C.B. e a Internacional Comunista 1922 a 1929**. São Paulo: Editora Vértice, 1988.
- FÜCHTNER, Hans. **Os sindicatos brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1980.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- GARAUDY, Roger. **Les sources françaises du socialisme scientifique**. Paris: Editeurs Réunis, 1949.
- GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1988.
- GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel: a política e o estado moderno**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_ e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991.
- HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. **História do marxismo I: o marxismo no tempo de Marx**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1983.
- \_\_\_\_\_. **História do marxismo II: o marxismo na época da Segunda Internacional**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1982.
- \_\_\_\_\_. **História do marxismo III: o marxismo da Terceira Internacional**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1982.

- JÚNIOR, Caio Prado. **A revolução brasileira**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1966.
- KONDER, Leandro. **A questão da Ideologia**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2002.
- KROPOTKIN, Piotr Alexeyevich. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 2011.
- LEVAL, Gaston. **Bakunin: fundador do sindicalismo revolucionário**. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2009.
- LINHARES, Hermínio. **Contribuição à história das lutas operárias no Brasil**. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1977.
- LINHARES, Maria Yedda (organizadora). **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1990.
- LOPES, Milton. **Crônica dos primeiros anarquistas no Rio de Janeiro (1888-1900)**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 2013.
- LOWY, Michael (organizador.). **O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos nossos dias**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999.
- MALATESTA, Errico. **Entre camponeses**. São Paulo: Hedra, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Escritos revolucionários**. São Paulo: Novos Tempos Editora, 1989.
- MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista: 150 anos depois**. São Paulo: Ed. Contraponto, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A ideologia alemã**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.
- MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade**. Rio de Janeiro: edUERJ, 1996.
- OITICICA, José. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Econômica, 1983.
- PEREIRA, Astrojildo. **O processo de um traidor**. Rio de Janeiro: PCB, 1924.
- \_\_\_\_\_. **Formação do PCB**. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Resolução sobre o relatório do delegado do P.C.B. ao IV Congresso da I.C., adotada em seção do 6.6.1923**. Rio de Janeiro: PCB, 1923.
- PROUDHON, Pierre Joseph. **A propriedade é um roubo**. Porto Alegre: L&PM, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O que é a propriedade?**. Lisboa: Estampa, 1997.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **História do marxismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_ e DEMICINIS, Rafael Borges (organizadores). **História do anarquismo no Brasil. (1º volume)**. Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.

\_\_\_\_\_ e MORAES, João Quartim de (organizadores). **História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções (1º volume)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

RÉMOND, René. **O século XX: de 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1981.

RODRIGUES, Edgard. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969.

\_\_\_\_\_. **ABC do sindicalismo revolucionário**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1987.

\_\_\_\_\_. **Novos rumos**. Rio de Janeiro: Ed. Mundo Livre, 1979.

\_\_\_\_\_. **Alvorada operária**. Rio de Janeiro: Ed. Mundo Livre, 1979.

\_\_\_\_\_. **Socialismo, uma visão alfabética**. Rio de Janeiro: Ed. Porta Aberta, 1980.

ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori: uma aventura anarquista**. São Paulo: Annablume, 2002.

SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SAMIS, Alexandre. **Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil**. São Paulo: Ed. Imaginário, 2002.

\_\_\_\_\_. **Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos**. Lisboa: Letra Livre, 2009.

\_\_\_\_\_ e RAMOS, Renato. **Domingos Passos: o Bakunin brasileiro**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009.

SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

SCHMIDT, Michael e VAN DER WALT, Lucien. **Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos do materialismo dialético**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004.

ULAM, Adam B. **Os bolcheviques**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1976.

Vários autores. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea (4º volume)**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998.

VINHAS, Maurício. **Estudos sobre o proletariado brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1970.

WOODCOK, Geroge. **História das ideias e dos movimentos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2002.